

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO**  
**PONTIFÍCA FACULDADE DE TEOLOGIA**  
**NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

**VANDERLEI BERVIAN**

**Um estudo sobre a missão e os Missionários  
Combonianos na Província Brasil Sul (1953-2006)**

**São Paulo - SP**  
**2007**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO**  
**PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA**  
**NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

**VANDERLEI BERVIAN**  
**Padre Missionário Comboniano**

**Um estudo sobre a missão e os Missionários**  
**Combonianos na Província Brasil Sul (1953-2006)**

**Dissertação apresentada como exigência**  
**para obtenção do título de mestre em**  
**teologia sistemática à comissão julgadora**  
**da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa**  
**Senhora da Assunção, sob a orientação do**  
**Prof. Dr. Ney de Souza.**

**São Paulo -SP**

**2007**

## **SIGLAS E ABREVIações**

**AM:** Amazonas.

**BA:** Bahia.

**CEBs:** Comunidades Eclesiais de Base.

**CENFI:** Centro Cultural Missionário.

**CNBB:** Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

**CIMI:** Conselho Indigenista Missionário.

**CPT:** Comissão Pastoral da Terra.

**CRB:** Conferência dos Religiosos do Brasil.

**DF:** Distrito Federal.

**ES:** Espírito Santo.

**INCRA:** Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

**JPIC:** Justiça e Paz e Integridade da Criação.

**MA:** Maranhão.

**MG:** Minas Gerais.

**MST:** Movimento dos Sem Terra.

**ONG:** Organização Não Governamental.

**PR:** Paraná.

**RJ:** Rio de Janeiro.

**RN:** Rondônia.

**RR:** Roraima.

**SC:** Santa Catarina.

**SEPAM:** Secretariado de Pastoral e Animação Missionária.

**SP:** São Paulo.

# SUMÁRIO

<b>SIGLAS E ABREVIACÕES</b> .....	<b>3</b>
<b>SUMÁRIO</b> .....	<b>4</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO I - DANIEL COMBONI E OS COMBONIANOS NA PROVÍNCIA BRASIL SUL</b> .....	<b>10</b>
<b>1 DANIEL COMBONI NO SEU CONTEXTO HISTÓRICO E ECLESIAL</b> .....	<b>10</b>
1.1 CONTEXTO MISSIONÁRIO DA ÉPOCA .....	10
1.2 CONTEXTO AFRICANO .....	11
1.3 O PERSONAGEM DANIEL COMBONI .....	11
1.4 O LEMA DE COMBONI: ÁFRICA OU MORTE .....	12
1.5 O CONCEITO DE MISSÃO DE DANIEL COMBONI .....	13
1.6 PLANO DE COMBONI: SALVAR A ÁFRICA COM A ÁFRICA .....	14
1.7 COMBONI: FUNDADOR .....	17
1.8 COMBONI: ANIMADOR MISSIONÁRIO .....	18
1.9 COMBONI: LUTA CONTRA A ESCRAVIDÃO .....	19
1.10 ESPIRITUALIDADE COMBONIANA .....	20
1.11 LENTO MARTÍRIO DE COMBONI .....	22
1.12 CONTINUIDADE DO TRABALHO DOS COMBONIANOS .....	23
<b>2 A PRESENÇA DOS COMBONIANOS NA PROVÍNCIA BRASIL SUL</b> .....	<b>24</b>
2.1 INTRODUÇÃO .....	24
2.2 I FASE: 1953 – 1967 – EXPANSÃO .....	25
2.2.1 A PRÉ HISTÓRIA DA PRESENÇA COMBONIANA NO BRASIL .....	25
2.2.2 O INÍCIO DA PRESENÇA COMBONIANA NO SUL DO BRASIL .....	26
2.2.3 CRIAÇÃO DA DIOCESE DE SÃO MATEUS .....	28
2.3 II FASE – 1967 - 1980 – RENOVAÇÃO .....	30
2.3.1 A PASSAGEM DA PRIMEIRA FASE PARA A SEGUNDA .....	30

2.3.2 AS MUDANÇAS OCORRIDAS NO SEGUNDO MOMENTO .....	31
2.3.3 OS CONFLITOS INTERNOS E EXTERNOS .....	33
2.3.4 RONDÔNIA: NOVOS ARES .....	35
2.3.5 COMUNHÃO CONTINENTAL .....	36
2.3.6 FORMAÇÃO DOS NOVOS MISSIONÁRIOS .....	36
2.3.7 ORGANIZAÇÃO PASTORAL .....	38
2.4 III FASE 1980 – 2006 – RESTAURAÇÃO .....	39
2.4.1 QUESTIONAMENTOS LEVANTADOS PELO GRUPO .....	40
2.4.2 ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA .....	41
2.4.3 PASTORAL COM OS AFRO BRASILEIROS .....	42
2.4.4 PASTORAL INDIGENA .....	44
2.4.5 ENTRAVES QUE DIFICULTAM A CAMINHADA DO GRUPO .....	45
2.4.6 PERSPECTIVAS PARA O FUTURO .....	47
<b>CAPÍTULO II - FUNDAMENTOS BÍBLICOS E ECLESIOLOGICOS</b>	
DA MISSÃO .....	51
1 INTRODUÇÃO .....	51
2 CONCEITO DE MISSÃO NA BÍBLIA .....	52
2.1 MISSÃO NO ANTIGO TESTAMENTO .....	52
2.1.1 A ELEIÇÃO DO POVO DE DEUS .....	53
2.1.2 A UNIVERSALIDADE DA MENSAGEM SALVÍFICA .....	54
2.2 MISSÃO NO NOVO TESTAMENTO .....	57
2.2.1 MISSÃO DE JESUS CRISTO .....	58
2.2.2 MISSÃO DOS PRIMEIROS CRISTÃOS .....	65
3 MISSÃO NOS DOCUMENTOS DA IGREJA .....	70
3.1 CONCEITO DE MISSÃO NO DECRETO <i>AD GENTES</i> .....	71
3.2 CONCEITO DE MISSÃO NA <i>EVANGELII NUNTIANDI</i> .....	73
3.3 CONCEITO DE MISSÃO NA <i>REDEMPTORIS MISSIO</i> .....	77
3.4 CONCEITO DE MISSÃO NA <i>NOVO MILLENNIO INEUNTE</i> .....	83
3.5 CONCEITO DE MISSÃO NA AMÉRICA LATINA .....	87
3.5.1 CONCEITO DE MISSÃO NA CONFERÊNCIA DE MEDELLIN .....	88
3.5.2 CONCEITO DE MISSÃO NA CONFERÊNCIA DE PUEBLA .....	90
3.5.3 CONCEITO DE MISSÃO NA CONFERÊNCIA DE STO DOMINGO .....	93

<b>3.5.4 CONCEITO DE MISSÃO NA IGREJA NO BRASIL .....</b>	<b>96</b>
<b>CAPÍTULO III - DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA MISSÃO COMBONIANA</b>	
<b>HOJE NO BRASIL .....</b>	<b>105</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>105</b>
<b>2 PRINCIPAIS ENTRAVES .....</b>	<b>105</b>
<b>2.1 DIVERSIDADE NO CONCEITO DE MISSÃO .....</b>	<b>106</b>
<b>2.2 PROJETOS PESSOAIS ACIMA DOS PROJETOS COMUNITÁRIOS.....</b>	<b>108</b>
<b>2.3 ESPIRITUALIDADE DEBILITADA .....</b>	<b>110</b>
<b>2.4 CRISE DE IDENTIDADE ENTRE OS MEMBROS .....</b>	<b>112</b>
<b>2.5 MISSÃO BASEADA EM RECURSOS FINANCEIROS .....</b>	<b>112</b>
<b>2.6 ABANDONO DAS PRIORIDADES .....</b>	<b>114</b>
<b>2.7 PROMOÇÃO VOCACIONAL E FORMAÇÃO DEFICITÁRIA .....</b>	<b>116</b>
<b>2.7.1 PROMOÇÃO VOCACIONAL .....</b>	<b>117</b>
<b>2.7.2 A FORMAÇÃO DOS FUTUROS MISSIONÁRIOS COMBONIANOS .....</b>	<b>118</b>
<b>2.8 INCULTURAÇÃO DEFICIENTE .....</b>	<b>119</b>
<b>3 LUZES PARA O FUTURO .....</b>	<b>120</b>
<b>3.1 DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE MISSÃO COMBONIANA .....</b>	<b>121</b>
<b>3.2 ELABORAÇÃO DO PROJETO MISSIONÁRIO COMBONIANO .....</b>	<b>124</b>
<b>3.3 RETORNO ÀS FONTES DA ESPIRITUALIDADE COMBONIANA .....</b>	<b>127</b>
<b>3.4 VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE COMBONIANA .....</b>	<b>130</b>
<b>3.5 MISSÃO POBRE, COM OS POBRES, COMO OS POBRES .....</b>	<b>131</b>
<b>3.6 REVITALIZAÇÃO DA ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA .....</b>	<b>133</b>
<b>3.7 MUDANÇA DE PARADIGMA NA FORMAÇÃO .....</b>	<b>135</b>
<b>3.7.1 PROMOÇÃO VOCACIONAL .....</b>	<b>135</b>
<b>3.7.2 NOVO PARADIGMA NA FORMAÇÃO .....</b>	<b>135</b>
<b>3.8 INCULTURAÇÃO DA FÉ E DO CARISMA .....</b>	<b>137</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>143</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>149</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>154</b>

## INTRODUÇÃO

O presente estudo sobre a missão e os missionários combonianos, na província Brasil Sul (1953 – 2006), tem como objetivo principal aprofundar o tema da missão na Igreja, a partir de um grupo concreto (os missionários combonianos), contextualizado no tempo (estes 53 anos) e no espaço (o território que compreende a província Brasil Sul).

O tema da missão é amplo e complexo. Depois de dois mil anos de cristianismo, apesar de todo o trabalho realizado, de tantas iniciativas e estruturas montadas, ainda hoje, mais da metade da população mundial não conhece Jesus Cristo. Entre aqueles que o conhecem, poucos praticam seus ensinamentos.

A Igreja recebe do filho de Deus a tarefa de fazer todos os povos seus discípulos, construtores do seu reino. No entanto, constata-se que muito ainda deve ser feito e que o ideal pensado por Cristo está longe de ser realizado. Onde estariam as causas desse aparente fracasso? Por que os cristãos não conseguem transformar-se em ‘sal do mundo’ e ‘fermento na massa’ como pediu Jesus? Os missionários falham em sua metodologia? O que está faltando? São essas e outras indagações que motivam a elaboração dessas páginas de reflexão.

Para poder aprofundar o objeto de estudo, opta-se por uma delimitação do mesmo. Não é o intuito deste trabalho fazer uma análise de toda a dimensão missionária da Igreja, durante toda a sua história. Pelo contrário, a escolha dos missionários combonianos recai justamente para focalizar alguns problemas concretos encontrados no dia-a-dia da missão. Isto é, parte-se da realidade existencial de um grupo específico de missionários, e não de conceitos teológicos abstratos sobre a missão, para poder compreender um pouco mais a problemática da missão contemporânea. De fato, ao ler essas páginas, pode-se perceber que, embora falando de um grupo, as questões tratadas dizem respeito a toda Igreja.

O primeiro capítulo trata sucintamente sobre o fundador do instituto dos missionários combonianos, São Daniel Comboni, no qual, são descritos, sua vida, seu

ideal e principalmente sua atividade missionária. Em seguida, passa-se para alguns dados históricos sobre a presença dos combonianos na província Brasil Sul. Aparecem as discussões, as contradições, os desafios e também os avanços na ação evangelizadora do grupo. Esse capítulo constitui a primeira parte do método utilizado nesse estudo: ver, julgar e agir.

No segundo capítulo, também de forma sucinta, procura-se ir às fontes da fé cristã que é a Palavra de Deus e o magistério da Igreja pretendendo entender como o conceito de missão vai sendo elaborado no decorrer da história. Em poucas páginas, busca-se uma compreensão teórica daquilo que faz parte da essência da Igreja: a missão. Observa-se como já no Antigo Testamento o povo de Deus indaga seriamente sobre sua vocação no mundo. Com Jesus Cristo dá-se a revelação completa de Deus, onde é elucidado seu desígnio, dando assim uma definição clara daquilo que o Pai espera de seus filhos e filhas.

Com a ascensão de Jesus, a tarefa de continuar a construção e a implantação do Reino de Deus é deixada aos seus discípulos que assumem com seriedade essa missão. Vê-se que, desde o início da Igreja, surgem controvérsias, questionamentos, dúvidas, incertezas, disputas, mas ao mesmo tempo permanece o desejo ardente de preservar a unidade dando continuidade ao trabalho recebido do Mestre.

Nesse capítulo utilizam-se, também, alguns documentos eclesiásticos que tratam da missão e observa-se como toda a Igreja procura atualizar a mensagem do Evangelho para as situações reais e atuais em que se vive. Verifica-se a elaboração, por parte da hierarquia, de diretrizes bem definidas que orientem toda a ação pastoral. Assim, o capítulo segundo constitui o momento do julgar.

No terceiro e último capítulo buscam-se pistas concretas para a ação, tendo em vista o desenvolver histórico da evangelização dos missionários combonianos na província Brasil Sul, nesses 53 anos de atuação. É feita uma análise com o intuito de individuar alguns elementos que são verdadeiros entraves na missão. É um diagnóstico elaborado a partir do estudo dos documentos produzidos pelos combonianos aqui no Brasil, das assembléias e encontros realizados no decorrer desses 53 anos de presença no país. Leva-se em consideração, também, os depoimentos colhidos entre vários membros da província, que partilham sua visão de missão, expressando as dificuldades, os desafios e também as vitórias conseguidas no campo da missão.

A intenção desse estudo é fazer uma reflexão teológica pastoral a partir da realidade vivida na missão. Por isso, foi feito também um trabalho de campo. Quinze missionários foram convidados a responder a pergunta: 'Qual é o teu conceito de missão?' Na escolha dos entrevistados procurou-se contemplar a diversidade do grupo (idade, nacionalidade, mentalidade). As respostas colhidas estão contidas nos anexos no final do trabalho e comprovam a multiplicidade de conceitos de missão existente entre os combonianos e, conseqüentemente, explicam a diversidade na prática pastoral dos mesmos.

O trabalho não consiste apenas em elencar limites e desafios na ação evangelizadora dos combonianos em particular e da Igreja em geral. Procura-se igualmente, apontar alguns raios de luz para tentar dissolver certos empecilhos que ainda imperam no cotidiano da missão. Não são receitas mágicas caídas do céu e sim orientações obtidas a partir das fontes da fé cristã, bem como, da intuição carismática do fundador São Daniel Comboni e, evidentemente, a partir da realidade concreta em que se vive.

O presente trabalho não tem a pretensão de responder a todas as indagações referentes à missão da Igreja, tampouco pretende encontrar as soluções para todos os desafios contemporâneos nesse campo. Tenta, sim, ajudar na reflexão sobre algumas situações concretas inerentes à missão, não somente dos combonianos, mas de toda a Igreja.

Vários aspectos serão examinados, começando pelo conceito de missão que cada missionário traz em seu coração, pois é a teoria que ilumina a prática. Assim, conhecendo o conceito de missão que o missionário tem, entende-se melhor sua ação pastoral. Serão abordadas também a problemática da continuidade dos trabalhos iniciados, a espiritualidade debilitada, a formação dos futuros missionários, a falta de um projeto comum, enfim, vários elementos que constituem a vida do missionário e, portanto, da missão.

O objetivo almejado nessas páginas é de poder, de uma certa forma, contribuir na reflexão na área da missiologia, a partir de uma análise da prática pastoral, reconhecendo lacunas, valores e indicando pistas para o futuro. Espera-se, assim, que isso possa ajudar ao grupo dos missionários combonianos e a toda Igreja a aproximar-se cada vez mais da Missão de Jesus Cristo.

# **CAPÍTULO I - DANIEL COMBONI E OS COMBONIANOS NA PROVÍNCIA BRASIL SUL**

## **1 DANIEL COMBONI NO SEU CONTEXTO HISTÓRICO E ECLESIAL**

### **1.1 CONTEXTO MISSIONÁRIO DA ÉPOCA**

Para entender o missionário Daniel Comboni, em toda sua amplitude e importância na história da Igreja no campo missionário, sobretudo na África, deve-se levar em consideração as idéias vigentes na época. Não se quer entrar, aqui, em detalhes sobre a história do século XIX, no entanto julga-se importante no início do presente trabalho fazer, de forma sucinta uma síntese histórica desse período:

Em meados de 1800, uma época de renascimento missionário estava começando. Os jesuítas, depois de sua expulsão, retomavam seu trabalho de evangelização. A congregação pela Evangelização dos Povos reorganizava seus programas desde 1622. As irmãs de São José de Cluny enviavam freiras para as missões e providenciavam a formação de sacerdotes africanos. Paulina Jaricot de Lião, na França, sensibilizava missionariamente os cristãos fundando a Obra da Propagação da Fé para recolher fundos e ajudar os missionários. Gregório XVI dava normas para que os cristãos de todos os continentes tivessem seus próprios padres e líderes. O padre Libermann dedicava sua vida à formação do clero africano. Na Itália, frei Ludovico de Casória e outros padres estavam abrindo colégios para formar padres e líderes africanos. Em Verona o padre Nicolau Mazza acolhia em seu colégio meninos e meninas africanos, para prepará-los para o apostolado entre seus irmãos de raça, ao mesmo tempo em que enviava missionários para o continente negro. Contemporaneamente os Lazaristas, Franciscanos sacerdotes das missões estrangeiras de Milão e Paris desbravam o duro campo da China, Maristas, Beneditinos e Passionistas chegam às ilhas da Oceania, os Padres Brancos, as missões africanas de Lião, os Capuchinhos, os missionários belgas da Congregação do Espírito Santo e os do Verbo Divino, se expandem pelo continente africano.<sup>1</sup>

Se de um lado, a Igreja, nos diversos países e Institutos, preocupava-se com a Evangelização das áreas onde o Evangelho ainda não havia sido anunciado e organizava-se para levar a fé cristã a todas as nações; do outro lado, as potências européias começavam a penetrar progressivamente nos assim chamados continentes ‘não civilizados’ (África, América, regiões da Ásia), inicialmente com interesses comerciais e, por fim, com a ocupação militar.

---

<sup>1</sup> SANTANGELO, Enzo. **Daniel Comboni Corajoso & Provocador**. São Paulo: Loyola, 1996. p. 21.

Essas informações ajudam a entender o momento histórico da Igreja universal no tempo de Daniel Comboni. É importante também analisar, em poucas palavras, a situação concreta da África que atrai a atenção e a paixão de Comboni.

## 1.2 CONTEXTO AFRICANO

Nesse momento, focaliza-se o estudo no continente africano, de maneira especial na África Central, região que compreende hoje os países do Sudão, Egito, Etiópia, que foi o palco da atuação de Daniel Comboni e seus predecessores, companheiros e sucessores.

As primeiras tentativas de evangelizar o Sudão haviam sido levadas a cabo no século VI. Os missionários enviados de Constantinopla conseguiram converter ao cristianismo numerosos sudaneses e fundaram na região da Núbia (entre o Egito e Cartum) três reinos cristãos, que floresceram durante dez séculos, decaindo mais tarde devido a pressões externas dos muçulmanos e às discórdias internas dos cristãos.<sup>2</sup>

A região permanece esquecida pela Igreja por um longo período e somente no século XIX são retomadas as expedições missionárias. “Quando os missionários do Colégio de Propaganda Fide chegaram a Cartum no dia 11 de Fevereiro de 1848, o Sudão, compreendia as regiões setentrionais habitadas pelos árabes e pelas tribos arabizadas”.<sup>3</sup>

As adversidades são incontáveis. Tanto logísticas (sem meios de transporte, infra-estrutura), como culturais (línguas desconhecidas, hábitos diferentes) religiosas (religião tradicional, presença dos muçulmanos). Também o clima torna-se um grande inimigo, pois é demasiadamente quente e seco no norte, por causa do deserto, e úmido no sul devido às impenetráveis florestas e pântanos. A taxa de mortalidade no sul mostra-se elevada devido a desnutrição, clima insalubre, doenças tropicais e, sobretudo, pelas constantes investidas dos negociantes de escravos (favorecidas pelos europeus sem escrúpulos), pela crueldade dos chefes locais e pela falta de comunicações.

## 1.3 O PERSONAGEM DANIEL COMBONI

---

<sup>2</sup> TESCAROLI, Cirillo. **San Daniel Comboni**. Disponível em <http://comboni.org/cont/PT/10220/100940>  
Acesso em: 18 dezembro 2006, 10:45.

<sup>3</sup> Ib.

Nesse contexto, no dia 15 de março de 1831, nasce Daniel Comboni em Limone, no lago de Garda, norte da Itália. Filho de Domenica Pace e Luigi Comboni. Casal pobre que teve oito filhos, dos quais apenas Daniel sobrevive.

Desde criança expressa seu desejo de ser padre e, assim, seus pais o encaminham para estudar em Verona no instituto fundado pelo padre Nicolau Mazza. Esse instituto, além de acolher jovens pobres e inteligentes, preocupa-se em formar padres missionários para a África. Ao mesmo tempo, são acolhidos ali meninos negros, que, depois de uma séria preparação, são enviados para a própria terra, como padres e leigos, para evangelizar o continente africano.

No início de sua formação Comboni pensava em ser missionário no Japão, pois havia lido livros sobre os mártires das terras nipônicas. Contudo, depois que teve a oportunidade de conviver com o pe. Ângelo Vinco, que regressava da África, após um período de missão, mudou de idéia e se apaixonou visceralmente pela “Nigricia” (é assim que Comboni carinhosamente chamava o novo e definitivo amor de sua vida). Comboni é radical.<sup>4</sup>

Com o compromisso de dedicação total à promoção humana e à salvação espiritual dos povos mais necessitados, Daniel é ordenado sacerdote aos 23 anos, na catedral da cidade de Trento, no dia primeiro de Janeiro de 1854.

#### **1.4 O LEMA DE COMBONI: ÁFRICA OU MORTE**

Pe. Daniel Comboni, que desde sua juventude estava preparando-se para a missão, não vê a hora de embarcar rumo ao seu destino: a África. Assim, após três anos de ordenado, com apenas 26 anos de idade, recebe o convite do Pe. Nicolau Mazza para fazer parte do primeiro grupo de seis missionários que seu instituto estava enviando para o vicariato apostólico da África Central.

Após os preparativos antes da viagem Pe. Mazza reúne seus missionários que se ajoelham para receberem a sua bênção: “Ide, meus filhos, em nome de Deus. Recordai-vos que a obra a que vos consagrais é obra d’Ele. Amai-vos e respeitai-vos mutuamente. Buscai e promovei sempre a glória de Deus”.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Io non ho che la vita per consacrare alla salute di quell’anime; ne vorrei aver mille per consumarle a tale scopo. Carta de Daniel Comboni a Propaganda Fide, abril 1870 COMBONI, Daniele. **Gli scritti**. .Bologna: Emi, 1991. n. 2271, p. 704.

<sup>5</sup> TESCAROLI, Cirillo. Op.cit.

No dia 10 de Setembro de 1857, a pequena comitiva saiu do porto de Trieste dirigindo-se para Alexandria, no Egito. Depois de uma breve parada em Cairo e uma peregrinação à Terra Santa, embarcaram numa embarcação no rio Nilo. Foram necessários mais de 40 dias para chegarem a Korosko e mais dois meses, a dorso de camelo pelo deserto, para ir de Korosko a Cartum. Em Fevereiro de 1858, depois de uma outra viagem, navegando no rio Nilo, desembarcaram em Santa Cruz, a estação missionária fundada quatro anos antes pelo alemão Pe. Mozgan.<sup>6</sup>

Apesar de todo o ânimo e disposição que trazem em seus corações, este grupo de pioneiros, encontra inúmeras dificuldades, inclusive o martírio. Um mês após a chegada à missão de Santa Cruz, morre o Pe. Francisco Oliboni, com apenas 33 anos de idade.

Pe. Francisco, já em agonia no seu humilde leito, teve ainda a força de dizer estas palavras proféticas: Eu morro, irmãos, e morro contente porque Deus assim o quer; mas vós não desanimeis por causa disso nem recueis nos vossos propósitos; continuai a obra iniciada e, mesmo que fique um só de vós, não perca a esperança nem se retire. Deus quer a missão africana e a conversão dos negros. Eu morro com esta certeza.<sup>7</sup>

O Pe. Comboni recolhe essas palavras como um testamento sagrado e sobre o túmulo do companheiro falecido pronuncia o seu juramento: «África ou morte!».

## 1.5 CONCEITO DE MISSÃO DE DANIEL COMBONI

Comboni é um apaixonado incondicional pela missão africana, “à qual consagrei toda a minha alma, o meu corpo, o meu sangue e a minha vida!”.<sup>8</sup> Mas qual seria seu conceito de missão? Pelas inúmeras cartas que ele escreve chega-se a uma compreensão daquilo que estava na mente e no coração desse grande missionário.

A definição primeira de Comboni é: “continuar a missão do Filho de Deus”.<sup>9</sup> Realmente, Comboni estava convencido de que ele fora chamado para dar prosseguimento ao trabalho de Jesus Cristo e por isso mesmo não mede esforços para alcançar tal façanha. “Temos cem milhões de infiéis para ganhar para Cristo. Ali deixaremos a pele; mas, unidos em grupos compactos, ganharemos aquelas para a Igreja. Acaso São Pedro e São Paulo não deixaram a pele em Roma para a conquistar? Foi o seu sangue o que fez de Roma a rainha do universo”.<sup>10</sup>

O fato de saber que na África Central havia tantas pessoas ainda não evangelizadas, as quais chama de pagãos e infiéis, faz com que Comboni torne-se um

---

<sup>6</sup> TESCAROLI, Cirillo. Op.cit.

<sup>7</sup> Ib.

<sup>8</sup> COMBONI, Daniel. *Os Escritos*. Lisboa: Além-mar, 2003, n. 5256, p. 1599.

<sup>9</sup> Ib. n. 4383, p. 1378.

<sup>10</sup> Ib. n. 4767, p. 1473.

incansável operário da vinha do Senhor: “Não viveremos nem respiraremos a não ser por Jesus e para lhe ganhar almas”.<sup>11</sup>

Anunciar o Reino de Cristo àqueles que ainda não o conhecem: esse é o objetivo da missão de Comboni. É uma missão difícil que requer muita abnegação “teremos que trabalhar, suar, morrer, porém, a idéia de que se sua e se morre por amor de Jesus Cristo e pela salvação das almas mais abandonadas do mundo é demasiado doce para desanimarmos de levar a cabo a grande empresa”.<sup>12</sup>

A visão missionária de Comboni amadurece com o passar dos tempos. Seus estudos teóricos na Itália, seus contatos com missionários vindos da África e sua própria experiência no campo de missão na África faz com que seu conceito de missão tome uma forma consistente e orgânica. Comboni percebe que a evangelização da África Central não é algo fácil e questiona a si mesmo e aos padres que iriam participar do Concílio Vaticano I o motivo pelo qual “só a Nigéria do interior se encontra ainda nas trevas e sombra da morte, sem pastor, sem apóstolos, sem Igreja, sem fé?”.<sup>13</sup>

Eis a razão pela qual Comboni decide elaborar um plano concreto e detalhado de ação missionária conjunta, englobando todos os aspectos e todas as forças disponíveis para levar adiante esse desafio: tornar a África cristã.

## **1.6 PLANO DE COMBONI: SALVAR A ÁFRICA COM A ÁFRICA**

Comboni entende que o trabalho missionário não consegue os frutos esperados porque está mal organizado. É necessário muito mais empenho para poder ter êxito em situações tão adversas. Por isso ele quer descobrir novos caminhos. É vital encontrar rumos diferentes, pois a Congregação para Propagação da Fé não está mais disposta a investir forças na África, depois de tantos fracassos (em 16 anos 44 missionários morreram vítimas das doenças tropicais).

Então Comboni pára, estuda tudo quanto fora escrito sobre a África e com coragem e ousadia pronuncia um grito profético. Para ele é fundamental desviar da trilha até agora seguida, mudar o antigo sistema, e criar um novo plano, que leve mais eficazmente ao fim desejado.

---

<sup>11</sup> COMBONI, Daniel. Op. cit. n. 1493, p. 461.

<sup>12</sup> Ib. n. 297, p. 87.

<sup>13</sup> Ib. n. 2301, p. 751.

“Resolve então preparar um projeto que aponte, nos mínimos detalhes, uma estratégia eficaz para realizar a ação missionária entre os negros: colocar na África os africanos como protagonistas de sua própria evangelização”.<sup>14</sup>

No dia 15 de Setembro de 1864, enquanto estava em oração na Basílica de São Pedro, em Roma, Deus inspirou-lhe um novo e audacioso projeto: «Salvar a África com a África». Ao chegar em casa, fechou-se num quarto durante 60 horas quase consecutivas e escreveu o seu «Plano para a Regeneração da África». Deus deu-lhe a entender, através de constantes e duras experiências, que os missionários europeus na África não conseguiam resistir. Era necessário preparar sacerdotes e evangelizadores indígenas. Se os negros não conseguiam sobreviver na Europa devido ao clima e ao ambiente, era conveniente abrir escolas e colégios em determinadas zonas da África onde a vida era possível tanto para os europeus como para os africanos.<sup>15</sup>

O plano de Comboni parte da constatação dos fracassos obtidos até então, nas diversas tentativas efetuadas no intuito de evangelizar a África. Falência em ambas direções: com os europeus que vão para o continente africano e ali não conseguem sobreviver e também na tentativa de levar os africanos para a Europa para serem formados lá e depois enviados de volta à terra natal. “O Plano era algo muito prático: um projeto de cercar o continente com estruturas de apoio para a missão. Nessas estruturas Europa e África encontrariam-se. Os europeus levariam seus recursos, seus conhecimentos, suas iniciativas e os africanos viriam adquirir a bagagem que serviria para que eles mesmos, voltando, mudassem o destino do continente”.<sup>16</sup>

Para concretizar esse plano está prevista uma série de iniciativas:

Era preciso fundar institutos, escolas de artes e ofícios, seminários e pelo menos quatro universidades ‘teológico-científicas’ em zonas periféricas de toda a África, em zonas o mais possível adequadas à penetração em direção ao interior e onde o ‘Africano pode viver e não degenera e o Europeu trabalha e não sucumbe’. Destes institutos, seminários e universidades haveriam de sair grupos de africanos educados e instruídos na religião católica e na civilização cristã. Estes grupos, gradualmente enviados para o interior, assistidos primeiramente pelos missionários europeus e sucessivamente autônomos, com autoridades e clero africanos, haveriam de tornar-se pólos de irradiação de cristianismo e da civilização.<sup>17</sup>

Comboni tem um ‘coração católico’. Não quer missões nacionais, ou apenas de um instituto. Ele é um homem eclesial e universal; pensa em somar forças. Seu sonho é reunir todos os institutos missionários sob a coordenação de um “Comitê composto por

---

<sup>14</sup> SANTANGELO, Enzo. Op.cit. p. 71.

<sup>15</sup> TESCAROLI, Cirillo. Op.cit. p. 3.

<sup>16</sup> <http://www.combonianos.org.br/index.php?refmenu=12&pag=244> Acesso em: 31 dezembro 2006, 20:03.

<sup>17</sup> **DOCUMENTOS Fundacionais** Daniel Comboni. Lisboa: Além-mar, 1995. p. 13.

capazes e ativos prelados, eclesiásticos e seculares distintos, dependente da Sagrada Congregação de Propaganda Fide, com tarefas bem definidas”.<sup>18</sup>

Entre as iniciativas previstas no plano pode-se elencar:

Iniciar uma confederação entre os diversos institutos que operavam em África, para estudar em conjunto as experiências realizadas e tentar tornar cada vez mais eficiente a atividade missionária.  
Fundar seminários e escolas de artes e ofícios na Europa para preparar aqueles que, sem desejarem pertencer a qualquer ordem ou congregação especial, pretendessem exercer o apostolado em África.  
Interessar todo o mundo católico no problema africano.<sup>19</sup>

Aparentemente as idéias são muito claras para Comboni e a eficácia do plano é praticamente inquestionável. No entanto, a passagem do nível teórico para o prático sempre encontra muitas resistências. Tanto a nível local, entre seus confrades, como também a nível eclesial hierárquico.

Comentando o plano para a regeneração da África o cardeal Barnabó escreve a Comboni dizendo: “O plano apresenta muitas dificuldades para a sua execução; é preciso que os superiores das várias missões das costas africanas se ponham de acordo e façam o Plano para o centro da África e não se vê a necessidade ou utilidade de um novo comitê”.<sup>20</sup>

O prefeito da *Propaganda Fide* questiona a necessidade desse comitê, pensando ingenuamente que os diversos institutos chegariam espontaneamente a um consenso sobre a metodologia missionária a ser empregada no continente africano. Embora a realidade já demonstrasse que cada instituto andava por conta própria, faltava mesmo essa aglutinação de forças. Comboni está convencido que sem uma intervenção e coordenação de Roma o impasse não seria resolvido. Necessita-se da autoridade pontifícia para colocar fim as divergências práticas entre os diversos institutos missionários.

Por isso Comboni insiste com o prefeito da *Propaganda Fide* respondendo claramente que ele está consciente da dificuldade em solucionar a questão sobre a evangelização na África: “O problema que ousou abordar é por si mesmo muito difícil: dezoito séculos ainda não o resolveram”.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> DOCUMENTOS Fundacionais. Op. cit. p. 14.

<sup>19</sup> Ib. p. 14.

<sup>20</sup> COMBONI, Daniel. Op. cit. n. 1010, p. 306.

<sup>21</sup> Ib. n. 1011, p. 306.

É justamente essa dificuldade que deixa Comboni ainda mais animado na procura de luzes. Ele sabe que as obras de Deus nascem e crescem nos pés da cruz, por isso não se amedronta diante das dificuldades, das incompreensões e escreve ao mesmo cardeal:

Não espero nunca ver um plano para a conversão da África Central que não ofereça grandes dificuldades. Se todos os projetos das grandes obras são, como demonstra a história, sempre acompanhados de alguma utopia, hei de esperar ver um projeto sobre a África, problema difícilíssimo, livre dela? Parece-me que para uma obra de tanta envergadura não é inoportuno tentar algo, mesmo através de grandes dificuldades.<sup>22</sup>

Além dos problemas inerentes a missão em si, que já seriam muitos, existe a real dificuldade de reunir forças, de organizar um trabalho de conjunto. Portanto, para Comboni, torna-se indispensável um comitê ‘neutro’ coordenado pela Santa Sé para liderar todo o trabalho de evangelização. Por isso volta a insistir na necessidade deste comitê:

Se os superiores das missões africanas pudessem pôr-se de acordo e unir-se espontaneamente, e fizessem um plano, não haveria nada melhor no mundo. Porém, eu temo que esses superiores, que já têm bastantes problemas com as suas próprias missões, em cuja gestão concentram os seus mais generosos pensamentos, não se unirão nunca espontaneamente sem serem convidados a isso por V. Ema Ver.ma e pela Propaganda”.<sup>23</sup>

A concretização das primeiras etapas do plano obriga Comboni a realizar diversas viagens à França, à Alemanha, à Áustria, à Polônia e à Rússia para sensibilizar pessoas interessadas na evangelização do continente africano e para criar grupos de apoio.

Comboni quer comprometer todos os católicos na responsabilidade missionária, antecipando as motivações do Vaticano II, ou seja: “A Igreja é por sua natureza missionária”.<sup>24</sup>

## **1.7 COMBONI: FUNDADOR**

Em 1865, o Pe. Nicolau Mazza morre em Verona, deixando Comboni sozinho com os seus projetos, pois a nova direção do instituto Mazza não quer prosseguir com a iniciativa africana por causa das dívidas e de certas divergências internas.

---

<sup>22</sup> COMBONI, Daniel. Op. cit. n. 1012, p. 307.

<sup>23</sup> Ib. n. 1012, p. 307.

<sup>24</sup> COMPENDIO DO VATICANO II. **Decreto Ad Gentes** n. 2. Petrópolis: Vozes, 1967. p. 352.

Daniel Comboni encontra, então, um grande protetor no bispo de Verona, D. Luís de Canossa. Com o apoio do bispo, Comboni funda, em 1867, o Instituto para as Missões da África Central, os Missionários Combonianos e confia a direção do mesmo ao Pe. Alexandre Dal Bosco, um dos seus primeiros companheiros de missão em Santa Cruz.

Nas primeiras regras do Instituto, no que se refere à natureza do mesmo, é enunciado o seguinte:

O objetivo deste Instituto não sai da órbita das obrigações estritamente sacerdotais; é o cumprimento da ordem dada por Cristo aos seus discípulos de pregar o Evangelho a todas as gentes; é a continuação do ministério Apostólico, pelo qual o mundo participou dos benefícios inefáveis do Cristianismo e tem por objeto especial a regeneração dos povos africanos que são os mais necessitados e abandonados do universo. Este instituto torna-se como um pequeno cenáculo de apóstolos para África, um ponto luminoso que manda até ao centro da Nigéria tantos raios quantos são os zelosos e virtuosos missionários que saem do seu seio, e estes raios que resplandecem ao mesmo tempo revelam necessariamente a natureza do centro do qual emanam.<sup>25</sup>

Cinco anos depois, funda em Verona a Congregação das Missionárias Combonianas, dedicadas unicamente ao apostolado missionário na África.

## **1.8 COMBONI: ANIMADOR MISSIONÁRIO**

Comboni além de ser um zeloso missionário na África, entre os mais necessitados e abandonados do mundo, busca com a mesma criatividade e paixão motivar e animar toda a Igreja nessa aventura missionária.

Em 1870 ele teve uma outra idéia. “Aproveitar o Santo Concílio Ecumênico (Vaticano I) para sensibilizar toda a Igreja sobre os problemas da África [...] o bispo de Verona o convidou para ir como seu assessor e Comboni preparou um documento. Chegando a Roma, passou-o a todos os bispos que encontrou. Conseguiu a assinatura de 70 deles. Pedia que toda a Igreja assumisse a responsabilidade missionária e fizesse algo para os ‘cem milhões’ de africanos esquecidos e abandonados por todos. Queria que a África voltasse a ocupar o lugar central nas preocupações da Igreja. Que fosse prioridade na evangelização. O papa também mostrou-se simpático à idéia de Comboni e decidiu que a questão entraria na pauta do Concílio. Só que, por causa das turbulências políticas da época, o Concílio teve que ser interrompido.<sup>26</sup>

Durante seu ministério missionário Comboni tem uma vida agitada, dividindo seu tempo entre a missão propriamente dita, na África, e outra parte na Europa fazendo

---

<sup>25</sup> **REGRA de Vida** constituições e diretório geral. In. Regras 1871 cap. 1, p. 186.

<sup>26</sup> <http://www.combonianos.org.br/index.php?refmenu=12&pag=244> Acesso em: 30 dezembro 2006, 20:03.

contatos com as lideranças eclesiais e políticas de seu tempo, bem como com tantas outras pessoas simples do povo que colaboravam com seu empreendimento. Comboni viaja muito; fala em reuniões internacionais, faz contatos, escreve. Nos primeiros cinco meses de 1871 ele consegue escrever 1.347 cartas, tirando tempo ao sono, entre uma viagem e outra, muitas vezes lutando contra as febres. Funda até uma revista a fim de passar a paixão missionária que lhe ardia no peito.

O plano idealizado por Comboni não faz somente renascer as esperanças da missão no interior da África, mas contribui igualmente para suscitar, ou pelo menos aumentar, o interesse missionário da Europa cristã para com a África.

Até à data do Plano (1864), na Europa havia unicamente a Sociedade Missionária de Viena (a Marienverein), que ajudava diretamente a missão do interior africano, e mesmo esta sociedade, depois das últimas trágicas vicissitudes da missão, diante do desencanto geral, se tinha retraído bastante no seu interesse direto. Depois da viagem européia de Comboni realizada nos últimos meses de 1864 e primeiros de 1865 exatamente a seguir aos contatos havidos, reacendeu-se um pouco por toda a parte o interesse pela missão africana, não apenas na Áustria (Viena), e na Itália (Turim) como também na Alemanha, com a entusiástica e concreta adesão da Sociedade de Colônia e na França, com uma mais prudente mas, em última análise decisiva participação da Obra da Propagação da Fé de Paris e de Lião. Outras adesões, embora menos documentadas deram-se em Espanha e na Inglaterra. Numa palavra, a Europa cristã intensificava o seu interesse missionário pela África, exatamente em seguida ao Plano de Comboni, do qual foram feitas diferentes edições em diferentes línguas.<sup>27</sup>

Comboni insiste que a missão é de toda a Igreja, compromisso que cada cristão assume ao ser batizado conforme se pode observar em seus escritos:<sup>28</sup>

Essa vivacidade, paixão e radicalidade pela missão são reconhecidas não apenas pelos seus colegas que convivem e trabalham junto com ele na África, mas também pela hierarquia da Igreja. Entre vários documentos que atestam esse fato pode-se citar esse comentário do cardeal Francis Arinze.<sup>29</sup>

## 1.9 COMBONI: LUTA CONTRA A ESCRAVIDÃO

---

<sup>27</sup> **DOCUMENTOS Fundacionais.** Op.cit. p. 19.

<sup>28</sup> L'opera dev'essere cattolica, non già spagnola o francese o tedesca o italiana. Tutti i cattolici devono aiutare i poveri Neri, perché una nazione sola non riesce a soccorrere la stirpe nera. COMBONI, Daniele. **Gli Scritti.** Bologna: Emi, 1991. n. 944, p. 274.

<sup>29</sup> Per Daniele Comboni, consumato dal desiderio di condividere la Buona Novella di Gesù Cristo con tutti gli africani, l'evangelizzazione del continente africano è affare di tutta la Chiesa. <http://comboni.org/index.php?Lingua=IT&ca=10121&CodNews=100017&s=1> Acesso em: 18 dezembro 2006, 10:40.

Nas suas numerosas cartas, dirigidas aos benfeitores e amigos da Europa, Comboni descreve a dramática situação em que viviam os povos do Sudão, dizimados pelo comércio dos escravos:

Algumas vezes por mês saem de Cartum grupos de «jilabas» (negociantes árabes), armados de espingardas e vão às tribos mais próximas e até às mais afastadas, arrebatam violentamente às famílias muitos rapazes, meninos e jovens mães, matando quase sempre os pais e aqueles que tentam defender-se. Depois de conseguirem juntar mil, dois mil ou cinco mil escravos, vão-se embora para os vender nos mercados do mar Vermelho e do Egito.

Por toda a parte se encontram cadáveres de escravos mortos ao longo do caminho. São tantos os corpos, que as hienas não conseguem devorá-los a todos.

As missões de Cartum e de outros centros transformaram-se imediatamente em refúgios para muitos escravos que conseguiam escapar. Alguns eram resgatados pelos próprios missionários, que gastavam grandes quantias de dinheiro para este fim.<sup>30</sup>

Comboni luta contra o comércio de escravos e por várias vezes enfrenta problemas com esses mercadores. Em uma ocasião, um rapaz, que os negreiros capturaram juntamente com a mãe e três irmãs, pula o muro da missão de El Obeid, pedindo asilo. Comboni paga seu resgate, dá-lhe o batismo e manda-o para Roma estudar filosofia e teologia e mais tarde esse jovem, Daniel Sorur, é ordenado sacerdote, (o primeiro comboniano africano) e torna-se um dos alicerces da Igreja no Sudão, a primeira grande realização do plano comboniano: “Salvar a África com a África”.<sup>31</sup>

## 1.10 ESPIRITUALIDADE COMBONIANA

Uma característica marcante da vocação missionária de Comboni é o amor ao sofrimento, aceito com alegria pelo Reino de Deus. O preço a ser pago para evangelizar a África central é alto, incluía calúnias, difamações e até o martírio. “Eu sou feliz na cruz, que, levada com alegria por amor a Jesus Cristo, gera o triunfo e a vida eterna”.<sup>32</sup> Longe de ser um masoquismo, é sim fruto de uma experiência espiritual profunda e pessoal de Cristo, o Bom Pastor do coração trespassado.

---

<sup>30</sup> TESCAROLI, Cirillo. Op.cit. p. 4.

<sup>31</sup> Comboni fu anche di fatto il primo vescovo dell’Africa centrale. Lottatore indomito contro la tratta orientale degli schiavi, lamentò sia la politica di sfruttamento coloniale, sia l’ambiguità di alcuni atteggiamenti di politici ed ecclesiastici d’allora in rapporto alle missioni.

(<http://comboni.org/index.php?Lingua=IT&ca=10121&CodNews=100014&s=1> Acesso em: 18 dezembro 2006, 10:10.

<sup>32</sup> COMBONI, Daniel. Op.cit. n. 7246, p. 2192.

Para se ter uma idéia da intimidade de Comboni com as cruzes, basta ouvir este relato contido na última carta por ele escrita (dia 27 de setembro de 1881) 13 dias antes de morrer. As suas palavras:<sup>33</sup>

Eu mesmo estou doente. Mas o que mais me aflige não é isso senão as notícias que me chegam da Itália. Eu já não tenho mais forças para escrever, e agora que não preciso mais me defender dos assaltantes tenho que me defender das calúnias que estão levantando contra mim. Estou desesperado porque não sei mais como pagar as contas aqui no Sudão e me comunicam que também lá em Verona estou cheio de dívidas. Cheguei ao ponto que, enquanto estava celebrando missa de corpo presente por um irmão falecido, tive que deixar o altar para ir socorrer outro que morreria uma hora depois. O que me conforta é que, se não tiver consolação na terra, a terei no céu.<sup>34</sup>

Outro aspecto que marca a espiritualidade comboniana é a figura do coração trespassado de Jesus. Comboni faz referência a esse ícone como exemplo de amor e doação total e sem medida. Isto serve de modelo a ele, em primeiro lugar, e depois a todos aqueles que querem consagrar-se ao trabalho missionário entre os mais pobres do mundo:<sup>35</sup>

A radicalidade com que Comboni assume a missão é a mesma que ele vê em Jesus Cristo, em seu coração trespassado, em uma entrega total à humanidade. Da mesma forma, ele espera o mesmo para todo aquele que quer ser membro do seu instituto. São quatro as dimensões constitutivas do carisma comboniano:

"*Ad gentes*", porque se dirige àqueles povos, ambientes e situações ainda não ou não suficientemente evangelizadas.

"*Ad pauperes*", porque dá preferência aos mais pobres e abandonados na fé e na dimensão social.

"*Ad extra*", porque visa o trabalho além das fronteiras, aonde o Evangelho de Jesus Cristo ainda não é conhecido; sem barreiras pessoais, familiares, culturais, geográficas, sociais e religiosas.

"*Ad vitam*", porque é uma consagração a Deus e à missão por toda a vida.

---

<sup>33</sup> Gesù ci bastona e dà la Croce. Questi giorni tre volte il catafalco senza muoverlo dal posto per l'ufficio e messa da requiem. L'altro ieri per D. Mattia Moron, ieri per D. Antonio Dobale, oggi per Suor Maria Colpo. Sia sempre benedetto Gesù. Sulla Croce si fonda solidamente la nostra santa Opera...Pregate sempre Gesù e il suo s.mo cuore per me, che son crocifisso, affinché ami sempre più davvero la Croce e le spine, che convertiranno la Nigrizia. COMBONI, Daniel. Op.cit. n. 7155, 7156, p. 2035.

<sup>34</sup> <http://www.combonianos.org.br/index.php?refmenu=12&pag=244> Acesso em: 31 dezembro 2006, 20:03.

<sup>35</sup> Preghe e faccia pregare per la conversione delle anime più abbandonate della terra, i poveri neri dell'Africa centrale. Mi sembra che nel tempo in cui i cristiani cospirano contro il Signore e il Suo Cristo, il cuore di Gesù si deve effondere con un raddoppiamento d'amore verso quelli che sono ancora avvolti nelle tenebre e nell'ombra della morte. COMBONI, Daniel. Op.cit. n. 1736, p. 550.

Para descrever sua metodologia missionária, Comboni usa a expressão ‘fazer causa comum’. Sentir compaixão, sofrer com aqueles que sofrem, estar junto com seu povo, amá-lo a ponto de dar sua vida por cada um e por todos os seus filhos e filhas. Esse aspecto é claramente abordado em sua primeira homilia como bispo em Cartum.<sup>36</sup>

Comboni escreve nas regras do seu novo instituto (1871) que somente um missionário com profunda experiência de Deus poderá levar adiante a obra de Jesus Cristo.<sup>37</sup>

Seu sucessor, o arcebispo de Cartum, no Sudão, Gabriel Zubeir, reconhece com gratidão o imenso trabalho desenvolvido por Comboni em seu país, dizendo que, se não fosse ele, a Igreja de Cristo ainda não teria firmado suas raízes profundas como se vê hoje. Zubeir se expressa assim falando de Comboni.<sup>38</sup>

## 1.11 LENTO MARTIRIO DE COMBONI

Com apenas 50 anos de idade, o físico robusto do vigário apostólico encontra-se já seriamente desgastado por tantos sofrimentos. As febres, a insônia, a falta de apetite e outras doenças consomem suas últimas energias.

Aos sofrimentos físicos juntam-se as dores morais, não menos penosas, tais como a morte repentina de missionários e religiosos, o abandono de alguns colaboradores receosos de uma trágica situação.

---

<sup>36</sup> Tra voi lasciai il mio cuore [...] e oggi finalmente lo riacquisto ritornando fra voi. Ritorno fra voi per non mai più cessare di essere vostro [...]. Il giorno e la notte, il sole e la pioggia mi troveranno egualmente sempre pronto ai vostri spirituali bisogni: il ricco e il povero, il sano e l’infermo, il giovane e il vecchio, il padrone e il servo avranno sempre uguale accesso al mio cuore. Il vostro bene sarà il mio, e le vostre pene saranno pure le mie. Io prendo a far causa comune con ognuno di voi, e il più felice dei miei giorni sarà quello in cui potrò dare la vita per voi.  
<http://comboni.org/index.php?Lingua=IT&ca=10121&CodNews=100015&s=1> Acesso em: 18 dezembro 2006, 10:15.

<sup>37</sup> Gli occhi fissi continuamente in Cristo senza mai distoglierli da Lui, può essere anche parte delle fondamenta d’un opera missionaria che è per la gloria di Dio... La sua vocazione missionaria fu un fatto accaduto in circostanze concrete, attraverso incontri e in rapporti intensi con volti molto precisi. Il messaggio di Comboni che coincide con tale dono di se può sintetizzarsi nella sua effettiva convinzione che soltanto dall’abbraccio di Cristo può rinascere l’uomo, qualsiasi uomo, pur nelle situazioni più degradanti e disperate, maltrattato dalla storia e dagli uomini. Ecco per cui Comboni parla continuamente del bisogno ininterrotto di “guardare Cristo”, perché ogni cosa sia riportata esplicitamente a Cristo perché possa trovare la sua consistenza.  
<http://comboni.org/index.php?Lingua=IT&ca=10121&CodNews=100017&s=1> Acesso em: 18 dezembro 2006, 10:40.

<sup>38</sup> Noi cristiani africani siamo i figli e le figlie di Daniele Comboni. Senza di lui oggi non ci sarebbero vescovi, sacerdoti, diaconi, fratelli, suore, cristiani [...]. Ma la sua spinta missionaria non nacque da un progetto semplicemente esteriore; fu frutto della sua obbedienza ecclesiale alla Grazia dello Spirito Santo. Ecco per cui, nel momento della prova suprema, momenti prima di morire poté dire ai suoi missionari: “Io muoio, ma quest’opera [la missione africana] non morirà” [...]. Le opere di Dio nascono ai piedi della croce. <http://comboni.org/index.php?Lingua=IT&ca=10121&CodNews=100017&s=1> Acesso em: 18 dezembro 2006, 10:40.

As febres atormentam o bispo durante três dias. Comboni tenta confortar os outros, mas a sua voz é débil e seus olhos cansados. No dia 10 de outubro 1881, um pouco antes de morrer, ergue sua mão, abençoa seus confrades presentes junto ao seu leito e lhes diz: “Não temais, eu morro, mas a minha obra não morrerá”.<sup>39</sup>

“Ao receber a notícia da morte de Comboni, o Papa Leão XIII exclama: Pobre África, que perda tão grande tiveste!”<sup>40</sup>

## 1.12 CONTINUIDADE DO TRABALHO DOS COMBONIANOS

Pouco depois da morte de Comboni, o Sudão sofre uma sangrenta revolução política-religiosa, iniciada por um fanático muçulmano, Mohammed Ahmed el-Mahdi, que se proclama como o novo profeta, enviado por Deus (el-Mahdi) para reconduzir o islã à sua pureza original.

O Sudão permanece durante 15 anos sob o domínio dos guerrilheiros do Mahdi e seus colaboradores, até a reconquista de Cartum por parte das tropas anglo-egípcias, ocorrida em 1898.

Durante a perseguição muçulmana, a obra de Comboni foi aniquilada. As florescentes missões de Cartum, Delen e Malbes foram destruídas pelos fanáticos seguidores do novo profeta. Os sacerdotes e as religiosas que não conseguiram refugiar-se no Egito foram encarcerados. Alguns deles morreram na prisão ou em consequência dela; outros conseguiram salvar-se. Após muitos anos de tentativas, infortúnios e realizações, a missão da África central parecia ser definitivamente um fracasso.

Mas, em 1899, quando tudo fazia pensar que não havia já qualquer esperança, o missionário Pe. José Ohrwalder, um dos poucos que tinham conseguido escapar aos horrores do cativeiro mahdista, regressava a Cartum e celebrava aí a santa missa com a participação dos poucos cristãos que ficaram. Finalmente: depois da morte, a vida; depois da destruição, a restauração; depois do calvário, a ressurreição da Igreja do Sudão.<sup>41</sup>

A cruz tem força para transformar a África central numa terra de bênçãos e de salvação, escreve Daniel Comboni, um dos raros homens que, nessa altura, teve a força de acreditar nos africanos e no futuro daquele continente.

A nova realidade, florescida no princípio do século XIX e que se estende até aos dias de hoje, está recheada de acontecimentos maravilhosos e de grandes sofrimentos e contrastes. Prossegue, portanto, a obra profética de Comboni e dos seus filhos espirituais.

---

<sup>39</sup> TESCAROLI, Cirillo. Op.cit. p. 5.

<sup>40</sup> Ib. p. 5.

<sup>41</sup> Ib. p. 6.

Além das duas famílias religiosas de sacerdotes, irmãos e irmãs missionárias, forma-se uma nova família de Missionárias Seculares, e, recentemente, uma quarta: os Leigos Missionários Combonianos, que se dedicam generosamente às diversas atividades missionárias. Este florescimento de obras significa além de um novo testemunho da perene juventude da Igreja, também o reconhecimento do valor insubstituível da cruz para a redenção do mundo.

Após essa breve explanação sobre a vida do fundador do instituto dos missionários combonianos, deseja-se acompanhar mais de perto como esse grupo de missionários chega até o Brasil e quais são suas principais preocupações e ações. Ao mesmo tempo, procurar-se-á analisar as respostas concretas que os combonianos procuram dar aos diferentes desafios que surgem no cotidiano da vida missionária, sua relação com os demais agentes de pastoral e, sobretudo, os grandes questionamentos que permanecem à espera de respostas. Para isso, utilizar-se-á das informações colhidas junto às atas das assembléias e dos conselhos provinciais.

## **2 A PRESENÇA DOS COMBONIANOS NA PROVÍNCIA BRASIL SUL<sup>42</sup>**

### **2.1 INTRODUÇÃO**

Para entender a atuação do grupo dos missionários combonianos no Brasil, deve-se levar em conta alguns dados e datas históricas que relatam e explicam o desenvolvimento da ação missionária dos combonianos no Brasil.

O intuito desse trabalho não é fazer uma análise histórica ou missionária da presença dos combonianos em todo Brasil, mas apenas na Província Brasil Sul. Isto é, delimita-se o estudo somente ao grupo que trabalha na parte sul do país, tendo em vista que outros missionários se dirigem ao estado do Maranhão, prelazia de Balsas e que posteriormente vão formar a província Brasil Nordeste. Eis o motivo pelo qual, cronologicamente esse trabalho não inicia com a chegada do primeiro comboniano no Brasil, em 1951. A data inicial escolhida é 1953, ano em que se decide assumir

---

<sup>42</sup>Província Brasil Sul é uma terminologia eclesiástica territorial. Várias congregações religiosas, masculinas e femininas, usam o termo 'província' para determinar uma certa área geográfica de atuação do grupo onde concentram-se algumas comunidades religiosas que são coordenadas por um provincial que é um membro escolhido pelos próprios confrades com o ministério de governo por um determinado período. No nosso caso o termo Província Brasil Sul refere-se ao território geográfico que no início compreendia os estados do Espírito Santo e São Paulo. Com o passar dos tempos as comunidades espalharam-se por outros estados. Em 2006 a província compreendia os estados de Roraima, Rondônia, Distrito Federal, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

concretamente a região norte do estado do Espírito Santo, (diocese de São Mateus). Nesse momento histórico o instituto comboniano aceita o novo desafio de evangelizar essa área geográfica enviando vários missionários para tal finalidade. Esses, se organizando vão formar aquilo que hoje é chamado Província Brasil Sul.

Em março de 1951, chega ao Rio de Janeiro o primeiro missionário comboniano, pe. Rino Carlesi, vindo de Portugal. Sua missão inicial não visava compromissos pastorais e sim de visitar a colônia portuguesa, no Rio de Janeiro, para arrecadar fundos para a construção do seminário de Viseu. Ou seja, o objetivo primeiro da vinda dos combonianos não é a missão propriamente dita, e sim a procura de recursos financeiros para ajudar na formação dos seus candidatos em Portugal.

Pode-se dividir a presença comboniana na província Brasil Sul em três fases:

- 1) 1953 – 1967 – Expansão
- 2) 1967 – 1980 – Renovação.
- 3) 1980 - 2006 - Restauração

## **2.2 I FASE: 1953 – 1967 – EXPANSÃO**

### **2.2.1 A PRÉ HISTÓRIA DA PRESENÇA COMBONIANA NO BRASIL**

Para entender o motivo da presença dos combonianos no Brasil, é necessário voltar aos tempos logo após a Segunda Guerra Mundial, quando as congregações religiosas italianas e alemãs são expulsas de algumas ex-colônias na África. Diante dessa situação, como também perante uma profunda crise de identidade, que afeta várias congregações missionárias, Pio XII, convocando as congregações missionárias, pede que revisem as regras e os textos a fim de mudar os rumos missionários para o mundo moderno. O papa pede, então, que se leve em consideração a abertura para a Igreja da América Latina, em função da falta de padres, do avanço do Protestantismo e do Espiritismo e de uma ameaça real da expansão do comunismo na América Latina.

Diante desse apelo do papa, os Missionários Combonianos dividem-se formando dois grupos: ‘os africanos’, que querem continuar o trabalho missionário exclusivamente na África, conforme a posição de Daniel Comboni; e o outro grupo ‘latino-americano’ que, por sua vez, concorda com a orientação do Papa e aceita o

desafio de buscar novos rumos na América Latina. Após longas discussões, prevalecem os ideais do grupo latino-americano e os combonianos aceitam a proposta de Pio XII.

### **2.2.2 O INÍCIO DA PRESENÇA COMBONIANA NO SUL DO BRASIL**

“Em abril de 1951, estando no Brasil, pe. Rino recebeu uma carta do então padre geral, Antonio Todesco, pedindo-lhe que sondasse junto à Nunciatura Apostólica a possibilidade dos combonianos assumirem uma missão no Brasil”.<sup>43</sup>

Nesse encontro pe. Rino é informado que, no sul do estado do Maranhão, o bispo da diocese de Caxias estava propondo a divisão de sua diocese, disposto a entregar a parte sul, que permanecia sem assistência religiosa por falta de clero e estruturas eclesiais. A região oferecida poderia constituir-se em uma prelazia, e era justamente isso que o padre geral estava procurando.

Meses após, o núncio chama o pe Rino e lhe diz que o Superior Geral pede, além de uma missão (prelazia) no interior, um ponto de apoio no litoral. Esse lugar, segundo o núncio, poderia ser no estado do Espírito Santo e, assim, o envia até o bispo de Vitória D. Luis Scortegagna, que também estava precisando de missionários.

“No giro de dois ou três meses tudo se concretizou; a região de Balsas, no sul do estado do Maranhão para se criar uma prelazia a ser confiada aos combonianos e Serra no Espírito Santo para o ponto de apoio”.<sup>44</sup>

Os primeiros meses de 1953 o novo bispo de Vitória D. José Joaquim Gonçalves, preocupado com a situação religiosa do norte do Espírito Santo pede aos combonianos que aceitem toda esta região prometendo a ereção duma Prelazia autônoma. A Congregação aceita a proposta e encarrega o pe. Rino de ir ver “in loco” como estão as coisas. Após sua viagem pe. Rino escreve: ‘A impressão é triste: de povo semi-abandonado e enfraquecido na fé por causa da ignorância, do espiritismo e da infiltração protestante’.<sup>45</sup>

“Dia 29 de setembro 1953, pe. Rino tem um encontro com o bispo de Vitória a quem relata suas impressões: ‘A área é uma verdadeira missão e das mais difíceis’. Os superiores da Congregação esboçam uma espécie de contrato que o bispo aceita”.<sup>46</sup> Assim, no começo de dezembro já chegam os primeiros combonianos destinados para a nova região missionária, que mais tarde vai se tornar a diocese de São Mateus. Nova

---

<sup>43</sup> FURBETTA, Carlos. **História dos Combonianos no Brasil**. s.d. (mimeografado). p. 3.

<sup>44</sup> *Ib.* p. 4.

<sup>45</sup> *Ib.* p. 4.

<sup>46</sup> *Ib.* p. 5.

Venécia foi a primeira paróquia a ser assumida pelos combonianos. Depois dela, com a chegada de mais missionários, outras foram sendo criadas e assistidas.

A disponibilidade em aceitar e até procurar as 'áreas mais difíceis' faz parte do carisma comboniano. Sempre foi e, continua sendo até hoje, a grande bandeira que identifica os combonianos. O padre geral, Antonio Todesco, escreve a todos os superiores provinciais da congregação lembrando desse aspecto específico e constitutivo do carisma comboniano, o que dá a todos os confrades a certeza de estar trilhando no caminho certo, em coerência com os caminhos percorridos pelo fundador.<sup>47</sup>

Quando os combonianos falam em ponto de apoio no litoral pensam em uma base, ou no Rio de Janeiro ou em São Paulo, para facilitar o acolhimento dos recém chegados vindos da Europa e também para facilitar os trabalhos burocráticos junto às autoridades civis. Por isso, a oferta de Serra no Espírito Santo não agrada muito, pelo fato de estar distante dos grandes centros. No entanto, mais tarde este desejo de estar na capital é realizado. De fato, em 1955, os combonianos assumem a paróquia de Santo Antonio de Caxingui, em São Paulo. Essa paróquia passa a ser o ponto de apoio para as obras da congregação no Brasil.

Em março de 1956, vem ao Brasil o Superior Geral, padre Antonio Todesco. Na ocasião, oficializa a escolha de Ibirapu como sede do primeiro seminário comboniano no Brasil, a ser construído logo em seguida. Fruto da visita do padre geral ao Brasil foi a ereção de duas circunscrições religiosas: a do Maranhão e a do Espírito Santo, agora conhecidas como província Brasil Nordeste e Província Brasil Sul.

A primeira fase da presença comboniana na província Brasil Sul é marcada pela coordenação do pe. Rino Carlesi, que por 15 anos é o superior regional. Ele é o líder do grupo. Mantém contatos diretos com a direção geral em Roma e torna-se o porta-voz desta junto às autoridades eclesiásticas aqui no Brasil. Pe. Rino tem uma visão missionária bem definida e os confrades que chegam ao Brasil adaptam-se muito bem ao seu estilo. Isto é, realizar trabalhos na construção das estruturas paroquiais, igrejas, casas paroquiais, escolas, seminários, hospitais, obras sociais. Enfim, é um período marcado por uma atuação consistente e compacta. O grupo mostra-se coeso. Caminham

---

<sup>47</sup> Il Comboni visse e morí in un combattimento incessante per i diritti della Chiesa e per la conquista spirituale di territori a Dio; noi, suoi figli, dobbiamo seguirlo nel medesimo combattimento, ed imitarlo nello stesso metodo di conquista... Noi pure sentiamoci generosamente amanti della croce, disposti a cadere per la difesa delle medesime missioni e per la santificazione delle anime a noi affidate. Carta circular do pe. Geral Antonio Todesco aos superiores provinciais 23 de julho de 1956, p. 2.

todos na mesma direção, guiados pelo mesmo líder. Não há nem mesmo divergência entre o grupo vindo diretamente da Europa e aqueles que vinham da África, pois aqui no Brasil se faz praticamente o mesmo que estava sendo feito na África, ou seja, a ‘implantação da Igreja’ com todas suas estruturas físicas, a educação religiosa, catecismo, sacramentos.

Pode-se constatar este fato lendo os textos históricos da Província e vendo como as mudanças de pessoas nas paróquias não mudam a linha de trabalho. As obras continuam do mesmo jeito; o sucessor dá continuidade aos trabalhos iniciados pelo seu antecessor.

Essa é a idéia também da administração geral: ter uma certa uniformidade no ser e no fazer missão. Conforme se lê em uma carta escrita pelo padre geral Todesco em 1956:<sup>48</sup>

### **2.2.3 CRIAÇÃO DA DIOCESE DE SÃO MATEUS**

No dia 13 de abril de 1958, a Santa Sé cria a nova diocese de São Mateus, confiando-a à congregação dos missionários combonianos. É um gesto de confiança do santo padre na congregação e uma significativa responsabilidade para o pequeno grupo dos missionários ali presentes até então.

A ereção da diocese encontra o pessoal assim distribuído: São Mateus: Pe. Furbetta e pe. Gerna; Nova Venécia: pes. Carlesi, Milesi e Roncador; Montanha: pes. Cordioli e Di Prisco; Conceição da Barra: pe. Semionato; São Gabriel da Palha: pes. Civallero e Montemanni. A população da época era estimada em 170.000 habitantes, dos quais 30.000 eram protestantes. No ano de 1957 foram realizados 7.000 batismos.<sup>49</sup>

No dia 21 de setembro de 1959, toma posse o primeiro bispo diocesano de São Mateus: Dom José Dalvit, missionário comboniano.

Em maio de 1960 chega ao Brasil o Superior geral: pe. Gaetano Briani. Ele faz uma visita a todas as comunidades combonianas. Após encontrar todos os missionários e visitar pessoalmente as atividades por eles desenvolvidas, ele escreve uma carta a todos dizendo:

---

<sup>48</sup> Il Revmo. Superiore Generale consiglia pure che vi sia possibilmente in tutte le nostre parrocchie e case una certa uniformità in Chiesa, nelle organizzazioni, metodo di apostolato, modo di trattare certe classi di persone, preghiere, canti, ecc... Così che si possa dire: ‘I comboniani fanno così.’ Carta do padre pe. Geral Antonio Todesco a província – 14 de maio de 1956, p. 1.

<sup>49</sup> FURBETTA, Carlos. Op.cit. p. 8.

Caríssimos confrades [...] pude ver a abnegação de todos, o zelo incansável que os anima, apesar das dificuldades. Vi o grande bem que fizeram e estão fazendo ao povo de Deus [...] sejam fiéis, com todo aquele empenho que Deus merece, aos votos de pobreza, castidade e obediência [...] Estejam em comunhão com os seus superiores eclesiásticos e religiosos [...] Troquem idéias e projetos de apostolado: partilhem entre si alegrias e tribulações do ministério [...] Fiquem alheios à política. Sigam, a este respeito, as orientações que lhes vierem dos Superiores eclesiásticos ou religiosos. Política partidária nunca dá certo. [...] Vi com muito prazer que está surgindo em São Mateus o seminário diocesano. [...] Reparei também em algumas paróquias uma pastoral voltada para despertar no povo o espírito missionário. Somos membros de uma congregação missionária e faz parte do nosso carisma despertá-lo em todos.<sup>50</sup>

Com estas palavras pode-se perceber a mentalidade da época pré-conciliar. Observa-se a ênfase dada à disciplina, à vida religiosa, à observância rígida dos conselhos evangélicos e à obediência às autoridades eclesiásticas. Indicam também o interesse sempre presente de fazer com que a Igreja local cresça. Os combonianos vieram com a finalidade de organizar e criar condições para que as lideranças locais assumissem sua própria história, por isso o interesse no seminário diocesano deve ser prioritário para que, o quanto antes possível, tenha-se o clero autóctone. Ainda percebe-se a aversão quanto à dimensão social da fé. O padre geral insiste para que seus confrades não se envolvam no campo político, o que mais tarde será uma das características principais do grupo comboniano, ou seja, a conscientização política, luta pelos direitos humanos.

Nesse período as paróquias vão constituindo-se. Obras sociais, escolas, creches, hospitais, cooperativas vão sendo construídas, cursos de formação para as lideranças sendo ministrados. Enfim as estruturas estão aparecendo e se solidificando. Em 1961 é inaugurado o jornal 'O comboniano', como instrumento de animação missionária. O conselho regional decide incrementar a 'obra do redentor', em prol da manutenção do seminário.

No dia 28 de outubro de 1962, o padre Ângelo Dell'Oro toma posse como reitor do santuário de São Judas Tadeu, em São José do Rio Preto, e logo em seguida começa, ao lado do santuário, a obra social com o mesmo nome.

Em 1963, o bispo diocesano D. José Dalvit viaja para Roma para participar do Concílio Ecumênico Vaticano II.

---

<sup>50</sup> FURBETTA, Carlos. Op.cit. p.13. Carta do padre Geral Gaetano Briani do dia cinco de julho de 1960.

Em 1965, o grupo dos missionários combonianos é composto de 65 confrades: um bispo, e os demais padres e irmãos. Estão presente no estado do Espírito Santo, de maneira especial na diocese de São Mateus, nas paróquias de São Mateus, no seminário diocesano de São Mateus, em Conceição da Barra, em Montanha, em Ecoporanga, em Água Doce, em Guararema, em Nova Venécia, em São Gabriel da Palha (paróquia e seminário); em Ibirapu (paróquia e seminário) e no estado de São Paulo, em São José do Rio Preto e na capital na paróquia de Santo Antônio de Caxingui.

As atividades assumidas são: a direção do santuário de São Judas Tadeu em São José do Rio Preto, a obra social São Judas (escola de modelagem, marcenaria), os seminários (diocesano de São Mateus, comboniano menor em São Gabriel da Palha e o postulante de Ibirapu); as escolas em Ibirapu, João Neiva, Montanha, onde funcionam o ginásio e escola normal, em São Gabriel da Palha (ginásio e curso), técnico, em Vinhático, Nova Venécia, Mucurici e em Sobrado (apenas o ginásio). Além disso, já tinham sido fundadas cooperativas agrícolas em São Gabriel da Palha, Jaguaré, Mantenópolis, Ecoporanga, Nova Venécia, Vinhático e Guararema (todas no estado do Espírito Santo). Percebe-se como até esse momento todos os compromissos pastorais assumidos pelo grupo são essencialmente eclesiais. Não se fala ainda em comunidades que assumam pastorais específicas no campo social, fora das paróquias e seminários.

Em 1966, parte para Florença, o primeiro grupo de seis seminaristas brasileiros que vão fazer o noviciado na Itália.

Em 1967, o pe. Rino Carlesi, que havia sido desde o início o superior regional dos combonianos no Sul, é nomeado bispo da prelazia de Balsas no Maranhão. Pode-se dizer que com a saída do pe. Rino termina a primeira fase da história dos combonianos na província Brasil Sul, etapa caracterizada pelas construções e expansão em larga escala.

## **2.3 II FASE – 1967 - 1980 – RENOVAÇÃO**

### **2.3.1 A PASSAGEM DA PRIMEIRA FASE PARA A SEGUNDA**

A primeira fase da presença dos combonianos na província Brasil Sul é marcada, como se viu acima, pela liderança forte do pe. Rino Carlesi, que é, sem dúvida alguma, o grande pioneiro, organizador e animador dos combonianos nesses primeiros anos de

atuação comboniana nessas terras. Com sua consagração episcopal, como bispo diocesano de Balsas, no Maranhão, ele se despede da província do Sul e parte para a do Nordeste.

A história continua e toma novos rumos. É isso que se estudará agora.

É importante lembrar que nesse momento histórico dá-se o Concílio Vaticano II, e com ele, todas as mudanças na Igreja. Logo em seguida vem a conferência de Medellín que expressa um novo modo de ser Igreja. É tempo de muitas incertezas, dificuldades, desistências, mas, sobretudo, um novo espírito de renovação está sendo gerado.

As idéias renovadas do Concílio Vaticano II e de Medellín geram uma mudança de paradigma teológico, ocasionando uma renovação no aspecto pastoral (utilizando-se novos métodos) e o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Começa-se a organizar as pastorais específicas, a valorizar mais os leigos e os ministérios. É organizada a pastoral do dízimo, a interação Fé X Vida, a participação nas lutas sociais, etc. Esse momento é chamado de renovação justamente porque leva a mudanças profundas no modo de fazer missão e de ser missionário. Para comprovar isso basta constatar as mudanças ocorridas na pastoral da diocese de São Mateus, que coincidem praticamente com a mudança de bispo, sai D. José Dalvit e assume D. Aldo Gerna (1971).

Aos poucos os combonianos assumem esse novo modo de ser missionário; os mais jovens, com certa facilidade entram no novo ritmo, ao passo que os mais velhos, têm maior dificuldade em assumir a nova postura. Alguns dos missionários presentes no Brasil vêm da África, onde a realidade é bem diferente da latino-americana. Todavia, os missionários começam a entender o ponto de vista da ‘nova teologia’ e passam a trabalhar com os leigos como protagonistas da missão. A atuação pastoral deixa de ser apenas ‘*ad intra*’ e começa a cruzar as fronteiras do sacro e religioso, inserindo-se no campo social. Esse engajamento, para os combonianos, não é somente fruto da Teologia da Libertação, mas também, parte do pensamento do fundador Daniel Comboni.<sup>51</sup>

### **2.3.2 AS MUDANÇAS OCORRIDAS NO SEGUNDO MOMENTO**

---

<sup>51</sup> Sono riuscito a formare competenti maestri e catechisti neri, piú calzolai, muratori, falegnami, ecc. E di fornirne le Stazioni di Chartum e Cordofan. Indigeni così formati sono indispensabili per l’esistenza di una Missione; poiché fu appunto la mancanza di tale personale che dopo la morte di Knoblecher ridusse la Missione al punto di perire[...] COMBONI, Daniele. Op. cit. n. 3409, p. 1022.

No que se refere ao grupo comboniano, além dessas mudanças teológicas e pastorais, dão-se também as mudanças geográficas: o grupo abre-se para outras áreas além do estado do Espírito Santo, de modo especial para Rondônia.

Para assumir a coordenação da província, após a saída do pe. Rino, é escolhido como provincial o padre André Pazzaglia, em março 1967. Apenas eleito ele organiza um curso de formação de três dias para todos os confrades com assessores vindos de Belo Horizonte. O objetivo é sincronizar o trabalho dos combonianos com as reflexões da Igreja no Brasil. De fato, o plano de conjunto do episcopado brasileiro exigia uma coordenação de trabalho entre os vários regionais, em que foi dividido o Brasil, e uma corajosa revisão dos métodos de apostolado. Começa, com este encontro, uma nova fase no trabalho pastoral, com uma visão mais aberta às experiências de outras dioceses. O encontro serve também para dialogar e aprofundar os temas conciliares e aplicá-los à realidade brasileira.

Em 1968, a diocese de São Mateus organiza a pastoral batismal, conscientizando a população da importância do sacramento do batismo e das suas exigências. Começa-se a falar em comunidades eclesiais de base.

Os combonianos passam a dedicar-se mais ao trabalho em conjunto com outros agentes de pastorais que atuam no Brasil. Assim, os formadores atendem cursos de formação para os mesmos. O próprio padre André participa da assembléia geral da conferência dos religiosos do Brasil (CRB), no Rio de Janeiro, onde é debatido e aprovado o texto: 'Vida Religiosa no Brasil hoje'.

Em 1970, chega o padre geral Tarcisio Agostoni e, depois da visita, deixa claro aos confrades que nossa região tem duplo campo de trabalho: formação e apostolado direto. Esse fato exige que o confrade que vem saiba e aceite o campo para o qual é destinado. Declara isso oficialmente, pois sabe que são poucos os confrades que aceitam o trabalho na formação. É grande a dificuldade de encontrar formadores para os três seminários menores (Ibiraçu, São Gabriel da Palha e Jerônimo Monteiro). Além disso, passa-se a questionar a necessidade de partir para outras áreas mais ricas em vocações. Por outro lado, não é satisfatória a prática de enviar os noviços para a Europa (Itália e Espanha), afinal ambos os lugares não produzem os frutos esperados. Por isso, se pensa em reestruturar as casas formativas, criando um noviciado no Brasil, após o curso de filosofia.

Em 1971, é nomeado bispo de São Mateus, D. Aldo Gerna, assumindo o lugar de D. José Dalvit. Também neste ano abre-se a comunidade de Taguatinga (DF) com a finalidade de apoio logístico para as duas províncias (Brasil Sul e Brasil Nordeste).

Em 1972, é lançado o primeiro número da revista Sem Fronteiras com 20 mil exemplares, o diretor é o padre Manuel Rouxinol.

### **2.3.3 OS CONFLITOS INTERNOS E EXTERNOS**

A abertura para outras frentes e a convivência com outros agentes de pastoral traz novas idéias ao grupo. Esta diversidade de experiências e trabalhos vai aos poucos ameaçando a ‘uniformidade’ de pensamento existente no início. Isso gera um mal estar entre os confrades. Alguém pode sentir-se de primeira classe, ou de segunda, conforme o trabalho que exerce. Por isso mesmo, alguns membros levantam a voz para denunciar esse ‘perigo’ dentro do grupo:

“Não cair na ingenuidade de fazer diferença entre pessoal de primeira categoria (os da periferia) e de segunda categoria (os do meio rural). Nós estamos a serviço do Reino; não importa onde trabalhamos. A especificação está na maneira própria de cada um prestar melhor serviço ao Reino de Deus”.<sup>52</sup>

Em 1973, visita o Brasil o vigário geral da congregação, padre Otorio Sinas, e no seu relatório final destaca que:

No conjunto a Região é viva e cheia de iniciativas pastorais e missionárias: está profundamente comprometida com o povo e a Igreja do Brasil. Este comprometimento favorece uma busca incessante de novas pistas que põe em crise o passado. Isto pode ser um bem, desde que não leve a atitudes não suficientemente maduras e a ignorar realidades que estão na essência das coisas e sempre devem ser levadas em conta, embora de maneira atualizada.<sup>53</sup>

Com estas linhas, pode-se entender a situação pela qual estão passando os membros combonianos. É tempo de questionamentos das estruturas do passado e uma procura ativa e criativa de alternativas. Conseqüentemente, isso gera problemas, atritos, e aquela ‘paz’ encontrada no primeiro período dá lugar a uma certa ‘divergência’ de idéias e de atitudes. A uniformidade do primeiro momento deixa de existir e aparece uma diversidade ideológica e pastoral muito grande ocasionando conflitos entre os confrades.

---

<sup>52</sup> NOTICIÁRIO Boletim Provincial – Província Brasil Sul, Número especial. Outubro 1981, p. 4.

<sup>53</sup> FURBETTA, Carlos. Op. cit. p. 48.

No entanto, o aspecto positivo é a vitalidade desse time de evangelizadores, todos estão animados e motivados para o trabalho missionário. Embora não esteja claro o modo de fazer, como atuar e o que priorizar na atividade missionária. No entanto, o ardor missionário permanece vivo e a vontade de assumir mais compromissos pastorais vai além das próprias forças. Assim, a insistência com a direção geral de enviar mais confrades para dar conta de todos os pedidos dos bispos, que escreviam e pediam insistentemente a presença comboniana em suas dioceses.

Em 1974 após ter recebido sinal verde da direção geral em ampliar o campo de atuação missionária no Brasil o superior regional, em nome do conselho, entra em contato com a CNBB declarando que os combonianos estão dispostos a novos campos de trabalho, desejam não assumir responsabilidades de prelazia exclusivamente comboniana, mas, sim, enviar pequenas comunidades para colaborar com outros grupos de sacerdotes atuantes naqueles campos. Recordando que o nosso carisma missionário nos impele a trabalhar entre os povos mais pobres, também em sentido material, e nos lugares mais difíceis.<sup>54</sup>

Os líderes combonianos perguntam à CNBB se deveriam considerar prioritário o trabalho nas periferias das grandes cidades ou aquele nas regiões estritamente missionárias, como na Amazônia. “O secretário da CNBB, D. Ivo Lorscheider respondeu oficialmente que deveriam ser preferidas as Igrejas da Amazônia Legal, porque era mais difícil encontrar grupos de missionários dispostos a ir para aquela região. Apresentou três propostas: Prelazia de Porto Velho (RN), Prelazia de Humaitá (AM) e Diocese da Lapa (BA)”.<sup>55</sup>

Antes da escolha, os padres Pazzaglia, Camaioni e Laera vão ver ‘*in loco*’ a realidade das três alternativas, e relatam ao conselho, que com base nas informações opta por Porto Velho. Constata-se assim, a preocupação de discernir comunitariamente e procurar realmente as situações missionárias mais urgentes, envolvendo no processo todo o grupo e ouvindo o parecer da Igreja local. Esta nova fase é marcada não mais pelo protagonismo comboniano, mas sim uma tentativa de trabalhar em conjunto, somando forças com outros agentes pastorais não combonianos.

No entanto, essa decisão não é bem aceita pela nunciatura, pois o Núncio apostólico havia oferecido aos combonianos uma área geográfica para uma futura prelazia com um bispo comboniano. Essa idéia é rejeitada pelos combonianos, já que os mesmos não querem mais compromissos exclusivos em uma área e sim colocar-se a

---

<sup>54</sup> FURBETTA, Carlos. Op. cit. p. 48.

<sup>55</sup> Ib. p. 48.

serviço da Igreja local, sob a orientação de bispos diocesanos, possivelmente brasileiros. Esse impasse pode ser visto a partir da troca de cartas entre o provincial do Brasil Sul e a direção geral:<sup>56</sup>

### **2.3.4 RONDÔNIA: NOVOS ARES**

Após esse processo de discernimento interno, com a nunciatura e a CNBB, finalmente os primeiros combonianos deixam o litoral para adentrar-se nas selvas amazônicas.

A presença comboniana, em Rondônia, começa em 1974, aceitando uma área missionária de tipo geográfico (movidada pela pressão dos bispos da região, pela falta de outros agentes pastorais). Dá-se aos poucos uma progressiva conscientização das razões da presença comboniana naquele setor.

Para o bem da verdade, não se tinha muito claro qual seria o projeto missionário comboniano em Rondônia. Chegando lá, o grupo vai observando a realidade e, aos poucos, estruturando uma linha de trabalho junto aos agentes que lá já estavam trabalhando. Assim, poder-se-ia dizer que, nos anos de 75-76 dá-se à descoberta do fenômeno migratório, com suas conseqüências e implicações devido aos projetos de colonização promovidos pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Milhares de pessoas migram para lá, à procura de melhores condições de vida. Motivados pelas conclusões da Conferência de Puebla os missionários fazem uma clara opção pelos pobres e oprimidos. Unem-se ao trabalho coordenado pela CPT (Comissão Pastoral da Terra). Nas paróquias encaminham-se as atividades rumo às CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) com forte empenho para a formação de lideranças e ministérios. Aos poucos, cresce o interesse e o envolvimento dos combonianos pela causa Indígena.

---

<sup>56</sup> Un problema che sta crescendo, e dobbiamo stare attenti che non ci sfugga di mano, cioè che ci troviamo in mano una Prelazia. Penso tuttavia che dobbiamo evitare anche noi quello che evitano gli altri, e cioè che i nostri confratelli siano dislocati e isolati fra di loro. D'altronde siamo assolutamente contrari ad una posizione di questo genere. Carta do padre geral Agostoni ao provincial André Pazzaglia, 04 de julho de 1974, p.2.

Ho ribadito le linee dei nostri documenti capitolari con chiarezza e fermezza, ma non so fin dove la Nunziatura capisca questa linea o in nome della S. Sede voglia imporre un territorio e così risolvere poi con un prelado comboniano tutta la faccenda. Le posso dire che la Conferenza Nazionale dei Vescovi alla quale ci siamo rivolti per le nostre scelte concorda pienamente con la nostra linea e ammira il nostro spirito ed ho avuto l'impressione che la Nunziatura non abbia molto gradito che le scelte da noi fatte sono state orientate dalla Conferenza Episcopale [...]" Carta do padre provincial André Pazzaglia ao pe. Geral Agostoni, 20 de agosto de 1974, p.1.

“No grupo comboniano aparecem divergências ideológicas, causando duas atitudes pastorais: de um lado, o apoio ao sistema vigente para ajudar o povo de maneira paternalista e assistencial, de outro lado, um grupo que faz opção pelos pobres, tomando distância frente ao poder”.<sup>57</sup> Essas dificuldades pessoais determinam a abertura de novas paróquias.

### **2.3.5 COMUNHÃO CONTINENTAL**

Os combonianos articulam-se também em nível de continente. Em 1974, acontece o encontro pan-americano no México, onde são assumidos, em conjunto com os confrades que trabalham nos outros países latino-americanos, estes pontos comuns:

Que os combonianos continuem a verificação dos campos de trabalho que devem obedecer ao nosso carisma missionário:

Na nossa pastoral se deve dar prioridade à formação das CEBs;

Não se identifique promoção humana com evangelização. Devemos, sim, ter coragem de nos posicionarmos ao lado do pobre e do oprimido, mas tudo seja amadurecido na oração e no diálogo comunitário a fim de evitar gestos demagógicos e individuais;

Necessidade de aprofundar a religiosidade popular para aproveitar-lhe as potencialidades;

Não esquecermos nossa provisoriidade, procurando criar comunidades eclesiais dotadas de energia própria;

Prioridade: formação de líderes;

Renovação dos combonianos baseada, sobretudo, em renovado espírito comunitário, oração para descobrir juntos a vontade de Deus, partilha dos bens, trabalho empenhado;

Obediência a comunidade religiosa não se baseia no modelo da comunidade civil, mas deve inspirar-se na fé e construir-se na reflexão sobre a Palavra de Deus.<sup>58</sup>

Em 1974, começa também a fase de entregas das primeiras obras. Decide-se fechar um seminário no Espírito Santo para abrir um no sul, mais precisamente em Curitiba.

### **2.3.6 FORMAÇÃO DOS NOVOS MISSIONÁRIOS**

A formação é uma das prioridades dos combonianos no Brasil, isso vale para as lideranças leigas e também para os futuros padres, tanto para a congregação como para a Igreja local. Por isso, como vimos, desde o início o grupo comboniano investe recursos econômicos e pessoais para desenvolver as atividades de promoção vocacional e formação.

---

<sup>57</sup> NOTICIÁRIO Boletim Provincial. Op. cit. p. 3.

<sup>58</sup> FURBETTA, Carlos. Op. cit. p. 49.

No campo da formação, as palavras do fundador, Daniel Comboni, servem como inspiração e, ao mesmo tempo, como orientação para o trabalho formativo e pedagógico. O fundador opta pela missão difícil, seus seguidores continuam na mesma opção e, portanto, os seminários devem formar novos missionários bem preparados, santos e capazes.<sup>59</sup>

Tendo essa convicção em mente, os confrades da província, com a visita do padre geral Tarcisio Agostoni em 1975, decidem modificar a estratégia de promoção vocacional e rever as estruturas formativas. Como consequência disso, muda-se o esquema tradicional de acolher adolescentes nos seminários menores. A partir de então, os adolescentes seriam acompanhados em casa, junto às suas famílias e somente aqueles que concluem a sexta série seriam encaminhados para o seminário.

O número de combonianos aumenta. No entanto, são poucos aqueles dispostos a assumir a formação. Pode-se constatar essa realidade em uma carta do provincial padre André ao padre Geral:<sup>60</sup>

Com o passar dos anos, as estruturas montadas pela província, no que se refere à formação, entram em crise. Os grandes seminários de Ibirapu, São Gabriel da Palha, Jerônimo Monteiro, Campo Erê e São José do Rio Preto não satisfazem as expectativas. São necessários muitos recursos, humanos e financeiros, para mantê-los funcionando, e os frutos são quase inexistentes. Por isso começa-se uma revisão radical dessas estruturas formativas e aos poucos se decide pelo fechamento das mesmas. O primeiro seminário a ser fechado foi o de São Gabriel. Em 1980 fecha-se o de Ibirapu; em 1981 decide-se a venda do seminário de Jerônimo Monteiro; em 1982 é a vez do de Campo Erê ser fechado.

Assim, com o fechamento das ‘velhas e grandes’ estruturas, começa a nova fase, a fase das pequenas casas. Em 1978 inicia o postulante de Curitiba, no primeiro ano com sede numa casa da arquidiocese, e depois é construída uma pequena casa com capacidade para 12 postulantes.

---

<sup>59</sup> Sono Capo Fondatore dell’Opera piú difficile di apostolato, che deve formare dei santi e delle sante per convertire l’Africa [...]. COMBONI, Daniele. Op. cit. n. 6877, p. 1954.

<sup>60</sup> Non ho che da ringraziare per il personale destinato alla nostra regione, il guaio sarà che tutti vorranno apostolato diretto e noi restremo sempre con la difficoltà per le opere della congregazione nella formazione e animazione. Carta do padre provincial André Pazzaglia ao pe. Geral Tarcisio Agostoni, 18 de abril de 1974, p.1.

O noviciado em poucos anos de história da província mudou de sede várias vezes. Primeiro em Florença na Itália, depois para São José do Rio Preto, em seguida para Moncada na Espanha, mais tarde para Ecoporanga (ES), Contagem (MG) e atualmente no Peru.

Uma das preocupações da congregação é com a formação teológica de seus candidatos e se pensa em internacionalizar as casas de formação colocando-as em vários continentes. Um dos centros teológicos, escolasticado, é destinado para São Paulo.

Os confrades da província Brasil Sul foram convidados a responder a esta pergunta: ‘O que a província espera do escolasticado de São Paulo?’ As respostas colhidas foram sintetizadas desta forma: a) Que os escolásticos possam ter toda a possibilidade de uma verdadeira encarnação na realidade humana e religiosa do Brasil e da América Latina; b) Que tal encarnação aconteça também em relação ao grupo comboniano, suas opções e caminhada para realizá-las; c) Que possa enriquecer nossa experiência de internacionalidade e ser ponto de referência para os jovens que pretendam assumir nosso ideal de vida.<sup>61</sup>

Em 1978, chega ao Brasil o primeiro grupo de escolásticos para estudar teologia em São Paulo. A sede provisória é na casa provincial no bairro Caxingui, zona sul; porém dois anos após, o grupo transfere-se para a zona leste no setor Sapopemba, onde até hoje se encontra o escolasticado.

### **2.3.7 ORGANIZAÇÃO PASTORAL**

Com o desenrolar da história, o grupo amadurece novas perspectivas e frentes de trabalho. Há uma movimentação de forças para diversas áreas geográficas, chegando à divisão em três setores: (Espírito Santo, Rondônia e Sul) e ao mesmo tempo em diferentes campos específicos: as periferias, os índios, os negros.

Assim, nasce uma preocupação no grupo de articular-se melhor, unir forças, ‘puxar para o mesmo lado’. O desejo de uma pastoral de conjunto é sentido pela maioria. Comprova-se isso nessas linhas da ata da assembléia provincial de 1976:

A nossa atuação na região se realiza atualmente, dentro de uma realidade complexa, com tarefas específicas e diferenciadas no campo da pastoral, da animação missionária da Igreja local e da formação. Existe o perigo do crescimento e da expansão destas atividades se desenvolverem nos vários setores de forma paralela e desvinculada uma da outra e da mesma realidade de Igreja e do povo onde estão inseridas. Uma ação integrada e interdependente na programação dos três setores torna-se indispensável para uma definição do sentido da nossa presença e atuação missionária no Brasil.<sup>62</sup>

---

<sup>61</sup> FURBETTA, Carlos. Op. cit. p. 58.

<sup>62</sup> ATA DA ASSEMBLÉIA PROCINCIAL 1976, p. 6.

Com o objetivo de ir ao encontro dessa intuição, de articular melhor as atividades e iniciativas pastorais dos confrades, surge em 1976 o SEPAM (Secretariado de Pastoral e Animação Missionária).

O SEPAM é um organismo a serviço do grupo comboniano, para estudo, reflexão, estímulo e assessoria à programação das atividades missionárias. Funciona como órgão consultivo do Conselho Regional, visando a participação de todos na dinamização dos nossos serviços pastorais e de animação da Igreja local. Pretende também promover a integração e interdependência das nossas atividades nos setores da pastoral, animação missionária e formação, definindo o sentido de nossa presença e atuação missionária no Brasil.<sup>63</sup>

O SEPAM é uma tentativa concreta de responder aos desafios pastorais de toda a ação evangelizadora dos combonianos e também um mecanismo que poderia auxiliar no aprofundamento de certas temáticas emergentes na época. Sua finalidade:

Favorecer o estudo da realidade e os problemas missionários do Brasil, sugerindo meios e oportunidades para uma autêntica aculturação e inserção no ambiente e na pastoral brasileira. Animar, com as demais forças missionárias, as Igrejas locais para um engajamento em âmbito nacional e universal. Assessorar a programação das nossas atividades e a escolha dos campos de atuação, sempre em conformidade com o nosso carisma, com as exigências da realidade local e de um pluralismo de formas de vida e de atuação missionária. Ajudar o amadurecimento do sentido de provisoriedade da nossa presença como grupo, não só em termos de tempo, mas, sobretudo, de programas e de metodologia que vise a co-responsabilidade e a auto-suficiência da Igreja local e seus agentes de pastoral.<sup>64</sup>

A mudança de estilo pastoral, o fato de um grupo ter deixado as paróquias rurais tradicionais e se inserido nas periferias de grandes cidades, gera divergências e às vezes até atritos, sobretudo pelo fato de o primeiro grupo permanecer nos moldes do passado (*ad intra*) e o segundo voltar-se mais ao campo social (*ad extra*). Esse mal-estar pode ser visto nesse relato da assembléia provincial de 1978:

Opção pela periferia é fruto do capítulo geral de 75 e da assembléia provincial de 76. O conceito de periferia: periferia não é só uma situação geográfica, mas é, sobretudo, um estado de 'marginalização' das pessoas, a nível econômico, sócio-político e religioso. Pastoral de periferia é atuação 'na' periferia, nos moldes 'da' periferia, assumindo toda a problemática 'da' periferia, a partir de uma verdadeira encarnação. O trabalho de periferia exige especialização, encarnação, despojamento, opção política clara e uma pedagogia libertadora.<sup>65</sup>

## 2.4 III FASE 1980 – 2006 – RESTAURAÇÃO

---

<sup>63</sup> FURBETTA, Carlos. Op. cit. p. 8.

<sup>64</sup> ATA DA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL 1976, p. 8-9.

<sup>65</sup> ATA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL 1978, p. 6.

#### 2.4.1 QUESTIONAMENTOS LEVANTADOS PELO GRUPO

Os combonianos espalham-se pelos estados (ES, SP, DF, RN, PR, SC, MG, RJ), “Estamos presentes em 23 dioceses. Não seria uma presença por demais dispersa?”<sup>66</sup> Embora sendo um grupo relativamente pequeno (uns 70 confrades), multiplicam-se atividades, iniciativas e frentes de trabalho. Parece que o grupo sente-se responsável por resolver todos os problemas da Igreja no Brasil. “Será que Cristo confiou aos combonianos a salvação do mundo?”<sup>67</sup>

Constatamos que durante estes últimos anos o grupo comboniano despertou para certas ‘situações missionárias’, como a dos índios, da periferia e dos marginalizados, chegando até a fazer novas opções concretas. Admitimos, porém, que tais opções não foram suficientemente assumidas pelo grupo e por isso, sentimos a necessidade de uma nossa melhor tomada de consciência neste sentido na lógica da redefinição das opções, achamos necessário nos orientar também para o problema dos afro-brasileiros, por eles pertencerem à faixa dos marginalizados, por se acharem em sintonia com o carisma comboniano e porque a própria Igreja local está lhes proporcionando mais atenção. Nestes sentido sugerimos que os combonianos, a partir de agora, se sensibilizem mais para este problema nas áreas onde já estão atuando. Prioridades para o triênio: 1) periferias; 2) afro-brasileiros; 3) índios.<sup>68</sup>

“O grupo comboniano deve fazer uma opção clara pelos pobres, sem medo das conseqüências. O nosso papel não é abranger tudo dentro da Igreja, mas é específico: aquele de sermos profetas com critérios de muito amor pelos pobres”.<sup>69</sup>

O movimento da Igreja no mundo, em especial aqui no Brasil, inquieta a todos, e a sensação que algo novo está nascendo, que as sementes do Reino estão crescendo, dá ao grupo um ânimo e uma ousadia. Entretanto, ao mesmo tempo constata-se que o grupo não está preparado para responder aos apelos dos novos tempos. Assim, surge a urgência das especializações:

“Devemos procurar especialização e revisão das prioridades. A especialização não é só problema de estudo, mas também de encarnação e de amor. Entra então a questão da valorização das pessoas, da revisão das estruturas [...]. Formação não é apenas comboniana, mas entendida como serviço a Igreja local (ministérios)”.<sup>70</sup>

No entanto, permanece a dificuldade de focalizar um ponto. Para onde realmente os combonianos querem ir? Quais são de fato as prioridades, as verdadeiras urgências

---

<sup>66</sup> ATA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL 1982, p. 18.

<sup>67</sup> *Ib.* p. 18.

<sup>68</sup> ATA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL 1979, p. 9 e 19.

<sup>69</sup> ATA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL 1982, p. 18.

<sup>70</sup> *Ib.* p. 18.

que os confrades estão dispostos a enfrentar? E quais os campos que merecem uma atenção e uma especialização no que se refere a cursos teóricos? É um questionamento levantado em assembléia: “especializações (quais?), pastoral urbana – periferias – mundo do trabalho; problemas da terra; índios e afro-brasileiros; animação missionária e promoção vocacional; formação permanente?”<sup>71</sup>

Estas dúvidas são fruto da falta de um projeto comboniano. Desde que o padre Rino deixa a província em 1967 os combonianos ficam sem um líder que realmente seja capaz de reunir e unir o grupo em torno de um objetivo claro, de focalizar e aprofundar um ponto, uma área específica. Gera assim um time de ‘franco atiradores’. Essa sensação é sentida por muitos confrades.

“Qual o conceito de missão que nós temos? O que significa para nós sermos missionários no Brasil hoje? Aonde vamos? (programação) qual é o conceito que nós temos de evangelização?”<sup>72</sup>

Constatamos que no decorrer destes anos de nossa presença no Brasil, deu-se uma evolução no conceito de missão [...] admitimos que, por causa desta evolução, faltou-nos clareza de idéias e talvez coragem na hora de realizarmos nossas opções. Se de um lado, devemos reconhecer que esta situação é para nós motivo de insegurança e inquietação, do outro lado, devemos admitir que ela nos provoca a uma procura de presença mais autêntica na linha de novas perspectivas apostólicas.<sup>73</sup>

O consolo para esses momentos de incertezas é buscado fora do grupo. O documento de Puebla afirma: “Há cinco séculos que estamos evangelizando a América Latina. Hoje vivemos um momento grande e difícil desta evangelização”.<sup>74</sup> “Nossos evangelizadores padecem, em certos casos, de uma espécie de confusão e desorientação a respeito de sua identidade, do próprio significado da evangelização, do seu conteúdo e de suas motivações profundas”.<sup>75</sup>

## 2.4.2 ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA

“Somos da opinião que uma das contribuições mais específicas que nós, como Instituto Missionário, podemos e devemos dar à Igreja no Brasil é a animação

---

<sup>71</sup> ATA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL 1984, p. 8.

<sup>72</sup> *Ib.* p. 10.

<sup>73</sup> *Ib.* p. 14.

<sup>74</sup> CELAM, **Conclusões da Conferência de Puebla**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1979. n.342, p.175.

<sup>75</sup> *Ib.* n. 346, p. 176.

missionária”.<sup>76</sup> Essa frase é uma espécie de lei constitucional que define o próprio ser comboniano e justifica a sua presença no Brasil. Embora “hoje tenha-se tornado corriqueiro ouvir que a “Igreja toda é missionária, (o Concílio Vaticano II expressou isso claramente), infelizmente isso não significa que a Igreja tenha passado a viver a sua missionariedade. Pois bem, trabalhar para que a missionariedade realmente aconteça, o quanto antes, faz parte constitutiva da tarefa dos combonianos”.<sup>77</sup>

Animação missionária está em profunda sintonia com o fundador São Daniel Comboni, o qual, através da palavra, das suas cartas e da imprensa, não cessou de ‘sacudir’ as velhas igrejas européias para que ‘acordassem’ para a urgência do problema missionário.

Um grande passo neste campo foi dado com a publicação da revista Sem Fronteiras, que começa a ser divulgada em 1972. Em 1986, já eram cem mil cópias mensais e cinquenta mil da revista Alô Mundo para um público infanto-juvenil, também de caráter missionário. As equipes de divulgação e redação trabalham a todo o vapor. Ainda que nem sempre o grupo tenha encontrado pessoas preparadas para este trabalho, tanto na elaboração de material como na divulgação dos mesmos.

“O trabalho de animação missionária se deu em três linhas: a) animação geral e divulgação do ideal missionário por meio da revista Sem Fronteiras; b) Animação das Igrejas locais criando centros missionários diocesanos; c) animação missionária através da promoção vocacional”.<sup>78</sup>

As dificuldades em manter as revistas Alô Mundo e Sem Fronteiras no mercado vão se agravando. Até que no final de 2002 o Conselho Provincial decide parar de publicar a revista Alô Mundo, enquanto que Sem Fronteiras sobrevive por mais dois anos. Em 2004, deixa de circular a revista comboniana, que por 32 anos foi o grande instrumento de animação missionária em todo o Brasil. Desde então, busca-se alternativas, usando materiais mais simples (folhetos, boletins, *folders*), e utilizando *site* na Internet. Enfim, o ideal de transmitir informações sobre a Igreja missionária continua presente, e as formas apropriadas para esta missão vêm sendo estudadas.

#### **2.4.3 PASTORAL COM OS AFRO BRASILEIROS**

---

<sup>76</sup> ATA DO CONSELHO PROVINCIAL. Outubro 1973.

<sup>77</sup> FURBETTA, Carlos. Op. cit. p. 62.

<sup>78</sup> *Ib.* p. 64.

Desde o princípio os combonianos legitimam sua vinda ao Brasil, dizendo que o carisma é para a África, para os negros, e, como no Brasil há muitos negros, portanto, estão no lugar certo. Trabalhar com os afros descendentes! Fala-se muito sobre isso, mas somente nos anos setenta é que uma comunidade começa a articular este trabalho de forma concreta.

Em 1975, em uma reunião do conselho provincial, encontra-se a afirmação: ‘assumindo o compromisso da assembléia’ pensa-se em liberar um padre para acompanhar mais de perto a situação dos afro-brasileiros.

Em 1979 os confrades da província Brasil Nordeste unem-se aos do sul nesta mesma perspectiva e numa reunião onde os dois conselhos estiveram reunidos foi declarado que: ‘A procura duma inserção no mundo Afro-Brasileiro é uma preocupação antiga do grupo comboniano’. Só que nunca foi feito nada nesta direção. De certo tempo para cá, esta preocupação se faz mais premente e a província do Brasil Sul procurou fazer algo de concreto abrindo uma comunidade em Salvador. Foi pena que logo, desde o início, esta abertura não tivesse sido fruto de um planejamento conjunto das duas províncias.<sup>79</sup>

O trabalho com os afro-brasileiros, ao contrário que à primeira vista possa parecer, é difícil e continua indefinido da parte da CNBB. Em relação aos índios, às periferias, etc. a Igreja tem encontrado uma maneira de abordá-los e neles se inserir, porém em relação ao mundo dos afro-brasileiros ainda não.

Em 1984, decide-se que a comunidade comboniana de Salvador seria ligada à província Brasil Nordeste e que a província Sul continuaria apoiando o trabalho com os negros e, ao mesmo tempo, começaria outra experiência na diocese de Duque de Caxias (RJ).

Os padres Heitor Frisotti e João Munari fazem cursos neste campo para dar uma assessoria mais qualificada na dimensão sociológica da problemática afro.

Em 1986, o conselho provincial envia uma carta à direção geral dizendo: “Segundo fala nosso diretório provincial, o trabalho entre os afro-brasileiros tem o objetivo de nos encarnarmos no mundo dos negros para eles se tornarem sempre mais sujeitos da própria história quer na sociedade civil quer na Igreja”.<sup>80</sup>

São grandes as dificuldades em encaminhar o trabalho com os afros, como se vê escrito no relatório da assembléia provincial: “A evangelização dos negros é um

---

<sup>79</sup> FURBETTA, Carlos. Op. cit. p. 59.

<sup>80</sup> Ib. p. 62.

processo que parece começar só hoje. Os mesmos negros mostram que devemos rever nossos métodos pastorais. A organização dos grupos negros exige um nosso posicionamento. Desafios: marginalização, valorização da cultura e o problema da linguagem e superação do racismo”.<sup>81</sup>

#### **2.4.4 PASTORAL INDIGENA**

Com a abertura de Rondônia em 1974, começa a surgir a problemática dos índios. Os combonianos sentiram-se interpelados pela situação dramática em que esses povos viviam. Alguns confrades chegam a dizer que os índios são os ‘últimos dos últimos’, ou seja, os mais necessitados de todos, por isso mesmo, são aqueles que Comboni, se hoje aqui estivesse, iria buscar; portanto, os combonianos devem fazer o mesmo.

O grupo comboniano não pensa em assumir o protagonismo no trabalho com os índios. Pelo contrário, desde o início, os confrades, que vão sendo encaminhados nessa área, juntam-se aos outros agentes que já trabalham nesse campo. De fato, quem coordena a pastoral indígena é o CIMI (Conselho Indigenista Missionário).

São poucos os combonianos que assumem efetivamente o trabalho com os índios. Ainda assim, no início dos anos 80, essa presença gera uma boa impressão nos bispos da Amazônia Legal. Esse fato faz com que vários deles escrevam ao conselho provincial pedindo combonianos para assumirem trabalhos em suas dioceses. A resposta é negativa, tendo em vista a falta de confrades para esta atividade. Decide-se pela permanência na comunidade de Porto Velho, com a presença de 3 combonianos que trabalham diretamente com o CIMI. No entanto, há no grupo certo descontentamento no que se refere a linha de ação do CIMI e, conseqüentemente, dos confrades que atuam naquela entidade. Como se pode ver no relato do padre Furbetta: “Quem viveu estes anos a vida comboniana creio que saberá ler nas entrelinhas a desconfiança generalizada entre nós para com esse tipo de ‘trabalho’ dos índios. Não era visto como evangelização, não interessava. Seu modo de ser realizado não batia com o modo próprio de missionários autênticos: Tínhamo-lo como perigoso”.<sup>82</sup>

É nesse contexto de luta e de solidariedade em que muitos combonianos entram fervorosamente. Tornam-se a voz dos sem voz, numa atitude corajosa de denúncia das

---

<sup>81</sup> ATA DA ASSEMBLEIA PROVINCIAL DE 1984, p. 15.

<sup>82</sup> ATA DA ASSEMBLEIA PROVINCIAL DE 1984, p.72.

injustiças perpetradas contra os povos indígenas e os sem terra. Radicalidade esta que culmina com o martírio do confrade padre Ezequiel Ramin, no dia 25 de julho de 1985 em Cacoal, Rondônia.

Padre Ezequiel assume com determinação a causa dos injustiçados, dos últimos da sociedade. Ele, em uma de suas cartas, escreve:

Assumi o compromisso de procurar as pessoas que precisam de mim. Existem, hoje, marginalizados e esquecidos nas penitenciárias, nos hospitais, asilos, reformatórios, barracos, nas calçadas e debaixo dos viadutos das grandes cidades. São os excluídos da vida humana. Como se pode ficar indiferente diante de tamanha dor do ser humano? Se Cristo quer servir-se de mim, não posso recusar-me.<sup>83</sup>

Toda opção porta em si um preço a ser pago. Os combonianos, por serem quase todos estrangeiros, são ameaçados de expulsão do país. Além disso, dificulta-se o visto de entrada no Brasil. Enfim, a perseguição torna-se constante. As ameaças de morte também fazem parte do dia-a-dia de vários confrades, especialmente daqueles mais engajados na luta social. O próprio Ezequiel sabe disso e muitas vezes recebe ameaças de morte. Todavia, nem por isso abandona seu povo. Ele escreve: “Eu sei muito bem que esta escolha vai me custar muito caro e, desde agora, aceito voluntariamente todas as conseqüências que dela vierem: quem sabe a prisão, a tortura e também a vida”.<sup>84</sup>

O martírio do padre Ezequiel dá aos combonianos um novo ânimo. Enquanto alguns lamentam sua morte criticando sua imprudência, muitos assumem sua causa e dão continuidade ao seu sonho de ver as injustiças sociais banidas desta terra. Muitos outros combonianos arriscam suas vidas em favor dos mais necessitados. Ainda hoje, encontra-se confrades na primeira fila no campo social, na luta pelos direitos humanos, na defesa dos direitos das crianças e adolescentes. Trabalho árduo na conscientização e luta pela justiça e paz e integridade da criação (JPIC). Enfim, o sangue de Ezequiel não amedronta os combonianos, pelo contrário, torna-se um estímulo que faz inflamar o coração, não apenas dos seus colegas, mas também de muitos outros agentes de pastoral: sacerdotes, religiosos e leigos, encorajando a todos a permanecerem firmes na luta.

#### **2.4.5 ENTRAVES QUE DIFICULTAM A CAMINHADA DO GRUPO**

---

<sup>83</sup> COSTA, Alcides. Ezequiel Ramin uma vida doada aos pobres. **Missão Sem Fronteiras**. São Paulo: Julho 2005, p. 4.

<sup>84</sup> COSTA, Alcides. Op. cit. p. 5.

Por um lado, o exemplo de fidelidade e radicalidade do padre Ezequiel anima os combonianos e dá a certeza de estar trilhando no caminho certo, pois a perseguição, segundo Jesus, faz parte da vida dos missionários. Por outro lado, os problemas de definição de rumos continuam presentes na vida do grupo. Falta um projeto comum que seja assumido por todos. Sente-se a carência de um líder que consiga aglutinar as energias de todos e focalizá-las na execução de um objetivo comum. Por isso, ainda tem-se a impressão de que a atividade missionária caminha sem uma direção definida.

Pode-se constatar esse impasse na seguinte citação das atas provinciais: “Nossa evangelização ainda é pessoal e pouco comunitária; temos a necessidade de sermos um pouco mais especializados devido aos grandes desafios da realidade, pelo fato das igrejas locais assumirem cada vez mais o compromisso da missão; sensibilidade para os grandes problemas sociais e culturais”.<sup>85</sup>

“Nos abrimos a novas situações missionárias e elas cada vez mais exigem a nossa conversão como grupo. Não nos sentimos devidamente preparados a um trabalho mais específico. Somos poucos e não há um rejuvenescimento que permitiria fortalecer certas opções. Estamos condicionados e limitados pela necessidade de dar continuidade às atividades já iniciadas”.<sup>86</sup>

Nessa mesma assembléia, de 1986, faz-se uma autocrítica do grupo e, com certo pesar, constata-se o seguinte:

Parece que somos um grupo avançado em termos de encontros e documentos. Determinamos prioridades e fazemos opções até com uma certa ousadia. Na prática, porém, revelamos freqüentemente o quanto estamos distantes da execução dessas mesmas opções. Esse conflito entre o ideal e o real, entre a teoria e a prática, entre o documento e a vida, parece, pois, um dos nossos traços característicos. Alguns de nós ficam frustrados por causa disso, outros ficam inquietos, outros ainda estão conformados com isso que eles consideram ‘normal’ e inevitável.<sup>87</sup>

#### Sentimentos do grupo:

Falta de perspectiva (grandes idéias e poucos resultados), frustração; impotência devido ao fato que as propostas e moções do grupo não saem do papel. Um certo mal estar vem do sentir que o projeto não pode ser ‘orgânico’ e ‘holístico’ por causa dos ‘personalismos’. Há uma dicotomia entre o projeto apresentado e a vida. Existe uma dificuldade em entrar neste projeto devido à falta de espiritualidade específica para isto. Dá a impressão que cada um vai por conta sua, procurando fazer o melhor, há uma distância

---

<sup>85</sup> ATA DA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL DE 1986, p. 6.

<sup>86</sup> NOTICIARIO Boletim Provincial Província Brasil Sul. São Paulo, Março 1987, p. 4.

<sup>87</sup> NOTICIARIO Boletim Provincial Província Brasil Sul. São Paulo, Novembro 1987, p. 4.

entre o ideal que aparece nas assembléias e a realidade do nosso grupo, com suas limitações. Falta de continuidade em nossas iniciativas, personalismos.<sup>88</sup>

Esse impasse deixa o grupo perplexo, sem rumo, sem direção. Vontade de encontrar novos rumos de um lado, limites pessoais de outro. Soma-se a isso a dificuldade no campo vocacional. Os candidatos diminuem, o noviciado de Contagem teve de ser fechado por falta de vocações. As revistas Sem Fronteiras e Alô Mundo, que sempre foram ‘o cartão de visita’ dos combonianos no Brasil, são extintas. Ou seja, a análise da realidade do grupo, nos diversos aspectos (físicos, espirituais e pastorais) deixa a desejar. Sem dúvida, esses obstáculos são frutos, também, dessa época de crise em que se está vivendo: muitas perguntas, e poucas respostas.

No relatório do conselho provincial de 1986, encontram-se essas palavras:

Achamos que existe no grupo uma certa **crise de pertença**. Poucos se envolvem realmente na vida da província. O provincial e o conselho são vistos em muitos casos como perigos dos quais se defender e não como instrumentos de coordenação da diversidade e da riqueza do grupo. Também nota-se uma forte acomodação. Em geral, as pessoas têm medo de serem desinstaladas do lugar onde se encontram. Não satisfaz ainda o nível de vida comunitária: há dificuldades de aceitação, desencontros, pouca, e às vezes nenhuma comunicação, mesmo que meramente formal e de trabalho. Há mal estar por causa do dinheiro.[...] Nem sempre se respeita a caminhada da Igreja local, o trabalho feito pelos colegas no passado, as prioridades assumidas pelo grupo (que são sempre numa linha ministerial, de promoção dos leigos, de fortalecimento das comunidades, etc.).<sup>89</sup>

#### 2.4.6 PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

O grupo continua vivo e disposto a perseverar na caminhada iniciada há 53 anos aqui na província Brasil Sul. As incertezas, as incompreensões e as incoerências não tiram a esperança de dias melhores. O desejo de encontrar saídas aos desafios de hoje, procurar respostas novas para os problemas novos, está presente na maioria dos membros da província. A ordem agora é ser realista. O grupo não vai mais crescer, pelo contrário, a realidade mostra que a tendência é diminuir numericamente e envelhecer. Forças novas não estão previstas para médio e curto prazo. Vocações locais continuam em baixa. Por isso, restam poucas alternativas, a não ser ‘requalificar’ os compromissos.

A assembléia provincial de 1986 procurou elucidar esse impasse, formalizando as seguintes prioridades para a província:

---

<sup>88</sup> ATA DA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL DE 2000, p. 4.

<sup>89</sup> ATA DA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL DE 2001, p. 34.

a) Revisão e requalificação dos empenhos; não se pode requalificar os empenhos sem requalificar o pessoal! Como nos qualificar? Para que especializar?

b) A comunidade missionária comboniana sujeito da missão e sinal da chegada do Reino. A comunidade encontra união (sentido) ao redor do Projeto Missão (o Reino), que supera o individualismo e exige constante conversão e partilha. Cada comunidade faça o seu projeto a fim de garantir continuidade no trabalho, em vista da construção do Reino.<sup>90</sup>

Assim, percebe-se que há uma tentativa de resolver o mal pela raiz, ou seja, focalizar a ação pastoral em alguns pontos, (embora ainda não esteja bem claro em quais) e especializar-se neles, tendo a coragem de deixar outras atividades que não sejam o específico do carisma comboniano. Em outras palavras, ter a ousadia de deixar as estruturas do passado e rever, com serenidade, alternativas para o futuro. O segundo aspecto é uma tentativa corajosa de dar um basta aos projetos pessoais, insistindo no projeto de grupo. A intenção é boa, mas na prática ainda não funciona.

De fato, desde o início da década de noventa quase não se ouve mais falar, entre os combonianos, das pastorais específicas (negros, índios, periferia). Entretanto, curiosamente, este é o momento em que a maior parte dos membros partem nessa direção. Surge, assim, uma ‘epidemia’ de projetos pessoais, uns com crianças, outros com escolas, com creches, com centros de recuperação, com hospitais etc. Cada confrade procurando encontrar seu ‘lugar ao sol’.

Por parte de alguns existe o desejo de enfrentar o problema com radicalidade. Eles até sugerem que se faça uma análise séria dos trabalhos feitos e os caminhos que estão sendo traçados: “Falta na província momentos fortes de avaliação, de reflexão como grupo, de confrontação com a realidade e de programação. É preciso criar canais para uma maior participação de todos na vida e na caminhada da província”.<sup>91</sup>

Idéias para sair do impasse e marchar com firmeza para águas mais profundas nunca faltaram. Eis algumas delas que já em 1988 eram apresentadas, apoiadas, votadas, mas nem sempre, ou quase nunca, realizadas. Essas podem ser ainda hoje pistas concretas de ação, em vista de uma ação mais evangélica, nas atividades missionárias:

Não ter medo de ‘enxugar’ obras não especificamente missionárias para valorizar mais outras.

O objetivo de nossa presença missionária na Igreja local é formar o Povo de Deus para que se torne sujeito da evangelização: é urgente debater esta questão na província.

---

<sup>90</sup> ATA DA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL DE 1986, p. 8.16.

<sup>91</sup> CARTA DA COMISSÃO PREPARATÓRIA PARA A ASSEMBLÉIA 1988. Anexo 1, novembro 1987.

É necessário que o trabalho seja feito em equipe (vida comunitária) para se confrontarem, segundo a Regra de Vida.

Que o conceito de animação missionária, como estilo geral dos combonianos na pastoral, na formação e na comunicação, seja aprofundado e assumido por todos.

Que a linha 2 (missionária) das diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil marque mais profundamente o nosso trabalho de pastoral, formação e comunicação.<sup>92</sup>

Pode-se ver, assim, que há muitos anos, vários confrades estão questionando-se a respeito da ação pastoral e missionária do grupo. Aparecem idéias claras que poderiam ser concretizadas. No entanto, ao mesmo tempo, existe uma força contrária que resiste a qualquer mudança. Isso gera uma sensação de paralisia e de impotência! O medo do novo prevalece!

“Precisamos saber renunciar aos projetos pessoais para levarmos em frente projetos que são do grupo, senão fazemos ‘episódios’ e não ‘história’”.<sup>93</sup> Esta frase sintetiza o grande impasse existente no grupo. Teoricamente, muitos podem concordar com a afirmação, mas na prática ainda se vê que poucos são aqueles que aceitam renunciar a seus projetos pessoais para assumir outros que sejam verdadeiramente comunitários.

O ativismo é outro problema que influi diretamente na qualidade da ação do grupo. A visão de missionário ‘dono da verdade’, ‘salvador do mundo’ deve desaparecer. É mister fazer brotar no grupo a consciência da diferença entre quantidade e qualidade. Não é o fazer muito que dá qualidade e eficácia ao trabalho de evangelização, mas sim o como fazer. O aspecto metodológico, na prática, tem uma importância muito relevante. Esse ponto deve ser enfrentado com coragem e seriedade.

“Pode-se destacar como desafio a dualidade: Ser e Fazer. Somos poucos e fazemos muito. Descuidamos da vida pessoal. Faz-se muito para fora e descuida-se da vida comunitária. Desta forma, no relacionamento, há muitas dificuldades e conflitos. Para sanar este problema se está dando muita importância à formação permanente”.<sup>94</sup>

O que se pode fazer? “Em primeiro lugar devemos reconhecer e aceitar os nossos limites e fragilidades. Não somos os salvadores da pátria, mas podemos

---

<sup>92</sup> ATA DA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL DE 1988, p.16.19.21.24.

<sup>93</sup> ATA DA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL DE 2000, p.4.

<sup>94</sup> ATA DA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL DE 2001, p. 25.

contribuir e somar esta igreja. Para isso precisamos conciliar uma certa dose de realismo e ousadia”.<sup>95</sup>

Essa busca contínua do caminho certo, da fidelidade a Deus e da missão, é uma preocupação de todo o instituto comboniano. No encontro dos provinciais do instituto com a direção geral, realizado em Cairo em 2005, o padre geral Teresino Serra fala:

Coloquem todo mundo em estado de revisão, uma revisão que toque sobretudo o ‘ser’ do missionário e que leve a uma renovação das pessoas e das províncias. Que este, até o próximo capítulo, seja um grande tempo de busca e discernimento. Algumas coisas devem ser corrigidas. Não é possível que no Instituto tenhamos um número de carismas igual ou maior que o número das pessoas! É preciso rever isso e quem deve fazê-lo não pode ser nem o geral e nem uma comissão, por mais iluminada que seja, mas precisa ser fruto de uma caminhada em conjunto. Talvez nem todo mundo entenda isso e nem todo mundo aceite. Mas façam este processo com quem entende e com quem aceita. Serão eles que depois conduzirão os outros. Este não é um bom conselho mas uma ordem. Não minha, mas do Espírito que trabalha no meio de nós.<sup>96</sup>

Com essas palavras do padre geral encerra-se esse primeiro capítulo, em que se analisou o desenvolvimento da ação missionária dos combonianos na província Brasil Sul. Muitos questionamentos ficam em aberto. Por isso é necessário agora aprofundar o tema da missão a partir de um estudo bíblico e contemplando também alguns documentos da Igreja que tratam dessa problemática. Na parte final, espera-se chegar a conclusões mais fundamentadas, apontando pistas para um futuro mais iluminado.

---

<sup>95</sup> ATA DA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL DE 2001, p. 44.

<sup>96</sup> NOTICIÁRIO Boletim Provincial Província Brasil Sul. São Paulo, Março 2005, p. 3.

## **CAPÍTULO II – FUNDAMENTOS BÍBLICOS E ECLESIOLOGICOS DA MISSÃO**

### **1 INTRODUÇÃO**

No primeiro capítulo procurou-se esboçar, em uma forma resumida, os aspectos constitutivos da pessoa e do carisma de São Daniel Comboni. Recorda-se que ele, como todos os demais personagens na história, é fruto do seu ambiente e do contexto sócio, cultural, religioso e político em que vive. Esses fatores o condicionam profundamente e assim se entende porque, lendo hoje suas cartas, encontram-se dificuldades de compreender certas expressões típicas da sua época. Contudo, permanece inabalável sua intuição e sua contribuição na ação missionária do instituto e da Igreja.

Os combonianos procuram seguir seus passos. Em um processo de inculturação preocupam-se em tornar a mensagem de Jesus Cristo compreensível para a realidade concreta em que atuam hoje. Por conseguinte, é de suma importância, para a compreensão da atividade dos missionários combonianos, essa retrospectiva histórica feita no capítulo anterior. Constitui-se, assim, a primeira parte do nosso método ver, julgar e agir.

Agora se quer dar um passo a frente. É essencial em um trabalho como esse, fundamentar as intuições e idéias defendidas em fontes seguras e aceitas por todos. Nada melhor do que ir às origens da fé: a Palavra de Deus. Evidentemente não será possível fazer um estudo bíblico aprofundado como se gostaria. A abordagem limitar-se-á a alguns aspectos relevantes, que auxiliam na compreensão da prática missionária dos combonianos.

Além disso, vão-se buscar fundamentos eclesiológicos a partir do estudo de alguns documentos da Igreja. Assim a Palavra de Deus e os documentos da Igreja vão constituir a base teórica desse trabalho oferecendo critérios para o momento do 'julgar'.

Não é possível, aqui, aprofundar todos os aspectos da missão, quer seja nos livros da sagrada escritura ou nos documentos eclesiásticos. Foram escolhidos alguns textos que pudessem elucidar aspectos polêmicos na missão hoje, tanto dos combonianos, como da missão de toda a Igreja.

Por isso, esse segundo capítulo tem o escopo de procurar entender como Deus, no decorrer da história, vai revelando seu desígnio e como o seu povo vai evoluindo na compreensão de sua missão. Também será dada uma atenção especial no âmbito eclesial. Tentar-se-á compreender como a Igreja, especialmente nesses últimos anos, assume a missão recebida de Jesus Cristo.

## **2 O CONCEITO DE MISSÃO NA BÍBLIA**

### **2.1 MISSÃO NO ANTIGO TESTAMENTO**

Para entender a atual missão dos combonianos é necessário primeiro compreender como o conceito de missão foi evoluindo na história da salvação. Procuram-se, assim, os fundamentos bíblicos que sustentam a ação evangelizadora da Igreja. Inicia-se essa indagação analisando, embora de forma superficial, o Antigo Testamento.

O Antigo Testamento relata o modo como Deus agiu na história da humanidade. No início, com a criação e, depois, com a escolha de Abraão e a estruturação do povo de Israel. Desde já, pode-se dizer que no Antigo Testamento não se encontram colocações claras da tradicional visão missionária, no que se refere ao trinômio: Quem envia, enviado, mensagem. “No Antigo Testamento, não há indicação de que os crentes da antiga aliança seriam enviados por Deus para cruzar fronteiras geográficas, religiosas e sociais a fim de conquistar outras pessoas para a fé em Javé”.<sup>97</sup>

A revelação de Deus a Abraão e sua presença ativa na história do seu povo confirmam que o Deus de Abraão, Jacó e Isaac é um Deus que age, que ouve, que intervém na história do seu povo. “Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel [...]”.<sup>98</sup>

Através dessa iniciativa Deus revela-se como Deus da história, vivo, presente e libertador. “Deus se compromete no presente a envolver-se com o seu povo no futuro. Ele se revela como o Deus de Abraão, de Isaque e Jacó, em outras palavras: como o

---

<sup>97</sup> BOSCH, David J. *Missão Transformadora. Mudanças de paradigma na teologia da Missão*. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 35.

<sup>98</sup> Ex. 3,7-8a.

Deus que tem agido na história passada e, precisamente por essa razão, também será o Deus do futuro”.<sup>99</sup>

Tudo começou com um chamado. Foi Deus quem tomou a iniciativa de chamar Abraão: “Iahweh disse a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê uma bênção!”.<sup>100</sup>

### 2.1.1 A ELEIÇÃO DO POVO DE DEUS

Na auto-revelação de Deus aparece sua dimensão histórica, sua promessa e também sua opção por Israel. Deus chama, escolhe, elege e faz aliança com um povo para ser ‘Seu’ povo. “Estabelecerei minha aliança entre mim e ti, e tua raça depois de ti, de geração em geração, uma aliança perpétua, para ser o teu Deus e o de tua raça depois de ti [...] e serei vosso Deus”.<sup>101</sup>

“Na verdade, o Antigo Testamento atesta que Deus escolheu para si e formou um povo, para revelar e cumprir seu plano de amor”.<sup>102</sup> O que não fica muito claro para o ‘povo eleito’ é exatamente o significado desta ‘eleição’. É apenas um privilégio (exclusividade) ou missão (universalidade)? Esse dilema está presente em todo o Antigo Testamento.

Israel não queria de fato dirigir-se às nações e nem conclamar expressamente as nações a crer em Javé. Se elas efetivamente vierem, é porque o próprio Deus as estará trazendo. Assim se há um ‘missionário’ no Antigo Testamento, é o próprio Deus que, como seu ato escatológico por excelência, levará as nações a Jerusalém para o adorar aí juntamente com seu povo da aliança.<sup>103</sup>

Em outras palavras: “Os gentios podiam tornar-se judeus e assim participar no *status* privilegiado de Israel. Israel não foi chamado para ir até as nações, consentia-se às nações virem até Israel”.<sup>104</sup>

Perpassa assim uma visão da história do povo de Israel, voltado para dentro de si mesmo, como nação eleita. Essa convicção de privilégio traz em si a doutrina do ‘povo não eleito’.

---

<sup>99</sup> BOSCH, David J. Op. cit. p. 36.

<sup>100</sup> Gn 12,1-2.

<sup>101</sup> Gn 17,7-8.

<sup>102</sup> JOÃO PAULO II. **Redemptoris Missio**. São Paulo: Paulinas, 1991, n.12, p. 25.

<sup>103</sup> BOSCH, David J. Op. cit. p. 37.

<sup>104</sup> SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carroll. **Os fundamentos bíblicos da Missão**. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 434.

Os elementos do *status* privilegiado de Israel – terra, segurança, paz, recursos – jamais foram privilégios absolutos, mas sempre exigiam atitude de partilha humilde. Deus escolheu Israel, afirmam as Escrituras, não por causa da sua bravura ou *status* ou realizações, mas como demonstração do amor gratuito de Deus por aqueles que nada têm. Esta afirmação fundamental das Escrituras permanece empecilho constante sobre a exclusividade potencialmente presente no conceito de eleição.<sup>105</sup>

Eleição não é um privilégio, mas sim uma diaconia. Por meio do povo de Israel, o povo eleito, Deus tem um plano de amor universal. O Antigo Testamento apresenta Deus como criador do universo, Pai de todos os homens, que atende as necessidades de todos e estende sua bênção a todos; “por ti serão benditos todos os clãs da terra”.<sup>106</sup> Por isso, pode-se afirmar que “a finalidade da eleição é o serviço, e quando ele é recusado, a eleição perde seu sentido. Primordialmente, Israel deve servir os marginalizados em seu meio: o órfão, a viúva, o pobre e o estrangeiro. Sempre que o povo de Israel renova sua aliança com Javé, reconhece que está renovando suas obrigações com as vítimas da sociedade”.<sup>107</sup>

### 2.1.2 A UNIVERSALIDADE DA MENSAGEM SALVÍFICA

A vocação de Israel como ‘povo eleito’ é acolhida no decorrer da sua história de várias formas. Percebe-se uma oscilação entre uma atitude exclusivista até o outro extremo, em uma visão universal. Os eventos históricos, sociais e políticos condicionam a própria sobrevivência do povo de Israel. Esse contato concreto com as outras nações gera conseqüências diretas na formação da concepção teológica do próprio povo escolhido.

A noção de Israel sobre ‘eleição’ também fornecia abertura para o universalismo. A ‘escolha’ (*bahar*) de Israel por Deus foi ato de amor gratuito. Esse amor foi a base da identidade de Israel como o povo de Deus. Contudo, esse amor também iria fazer força nas estreitas fronteiras de Israel e iria estender-se até os *goyim*. O Dêutero-Isaías, particularmente nos cânticos do Servo Sofredor, ilustra este movimento em direção à perspectiva universal.<sup>108</sup>

O Antigo Testamento retrata a existência de uma “dialética entre forças centrípetas e centrífugas, entre fuga do secular e absorção do secular, pela preocupação com a auto-identidade e interação responsável com o próprio ambiente, entre condição

---

<sup>105</sup> SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carroll. Op. cit. p. 432.

<sup>106</sup> Gn 12,3.

<sup>107</sup> BOSCH, David J. Op. cit. p. 36.

<sup>108</sup> SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carroll. Op. cit. p. 433.

eleita como o povo escolhido de Deus e consciência humilde da solidariedade própria com toda a família humana”.<sup>109</sup>

A esta altura a tensão dialética do Antigo Testamento entre juízo e misericórdia entra em jogo – juízo e graça dos quais tanto Israel quanto as nações são recebedores. Dêutero-Isaías (Is 40. 55) e Jonas ilustram dois lados da mesma moeda. Jonas simboliza o povo de Israel, que perverteu sua eleição ao transformá-la em orgulho e privilégio. O livreto não visa atingir e converter gentios; visa, antes, o arrependimento e a conversão de Israel e contrapõe a magnanimidade de Deus ao provincialismo de seu próprio povo. Dêutero-Isaías, por outro lado, particularmente na metáfora do servo sofredor, pinta o quadro de um Israel que já recebeu o juízo e a ira de Deus, e que agora, precisamente em sua fraqueza e humildade, torna-se testemunha da vitória de Deus. Exatamente no momento da mais profunda humilhação e abatimento de Israel vemos as nações aproximar-se de Israel e confessar: ‘O Senhor [...] é fiel, o Santo de Israel [...] escolheu a ti’ (Is 49,7).<sup>110</sup>

Assim, no decorrer da ‘história da salvação’ torna-se gradativamente claro que Deus está tão preocupado com as nações quanto com Israel. “Congreguem todas as nações, reúnam-se todos os povos! [...]. As minhas testemunhas sois vós; vós sois o servo que escolhi, a fim de que saibais e creiais em mim e que possais compreender que eu sou; antes de mim nenhum Deus foi formado e depois de mim não haverá nenhum”.<sup>111</sup> A salvação, portanto, não é concedida exclusivamente a um povo, mas sim a todos os povos. Israel é convocado a ser apenas testemunha de Deus diante dos povos que ainda não conhecem o Salvador.

Com a auto-revelação de Deus e pela pregação dos profetas, a fé dos descendentes de Abraão vai se solidificando sobre duas verdades inquestionáveis: “Visto que o Deus verdadeiro se deu a conhecer a Israel, ele só pode ser encontrado em Israel; e visto que o Deus de Israel é o único Deus verdadeiro, ele é também o Deus do mundo inteiro. A primeira conclusão enfatiza o isolamento e a exclusão do resto da humanidade; a segunda sugere uma abertura básica e a possibilidade de dirigir-se às nações”.<sup>112</sup>

Por isso que essa ambigüidade existente no Antigo Testamento é de difícil solução. Ambas as conclusões são fundamentadas na própria história desse povo que acredita que Deus está no meio deles, que caminha com eles, que luta por eles, que arma sua tenda entre eles. Ninguém duvida de que Deus está em Israel e com os israelitas. A dúvida surge na segunda parte: será que esse mesmo Deus está junto aos outros povos?

---

<sup>109</sup> SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carroll. Op. cit. p. 431.

<sup>110</sup> BOSCH, David. J. Op. cit. p. 37.

<sup>111</sup> Is 43,9-11.

<sup>112</sup> BOSCH, David. J. Op. cit. p. 37.

É justamente essa incerteza que, com o passar dos anos e dos eventos históricos, vai sendo eliminada, pois o povo vai compreendendo que Deus não se limita às fronteiras de Israel. É no livro do profeta Isaías que se encontra o maior número de citações que indicam essa tomada de consciência do povo hebreu para uma abertura universal.

As nações estão esperando por Javé e confiando nele (Is 51.5). Sua glória será revelada a todas elas (Is 40.5). Todas as extremidades da terra são conclamadas a olhar para Javé e ser salvas (Is 45.22). Ele torna seu servo conhecido como luz para os gentios (Is 42.6; 49.6). Uma estrada é construída do Egito e da Assíria até Jerusalém (Is 19,23); as nações encorajam umas as outras a subir até a montanha do Senhor (Is 2.5) e levam presentes valiosos consigo (Is 18.7). A finalidade de tudo isso é prestar culto no templo em Jerusalém, o santuário do mundo inteiro, junto com o povo da aliança (Sl. 96.9). O Egito será abençoado como povo de Deus, a Assíria como obra de suas mãos e Israel como sua herança (Is 19.25). A expressão visível dessa reconciliação global será a celebração do banquete messiânico no monte de Deus; as nações contemplarão Deus com a face descoberta e a morte será tragada para sempre (Is 25. 6-8).<sup>113</sup>

Os profetas alimentam no povo a idéia da intervenção divina, que consistiria em Deus enviar o Messias para restaurar o povo de Israel e trazer a salvação ao mundo inteiro. “O Antigo Testamento afirma que através do povo hebreu, a salvação era destinada não somente aos filhos de Abraão, mas a todos os homens e que a salvação plena seria realizada na ‘plenitude dos tempos’, através de Cristo”.<sup>114</sup>

A salvação é para todos, é universal. No entanto, aos destinatários da Boa Nova pede-se um compromisso. De um lado, a promessa divina garante que Deus é libertador e salvador. Por outro lado, há a necessidade dos povos colocarem em prática os preceitos divinos. A vontade de Deus é sempre anunciada pelos profetas. Eles denunciam as injustiças cometidas pelos homens e mulheres e, ao mesmo tempo, proclamam ao povo o que Deus espera de cada um. “Procurai o bem e não o mal para que possais viver, e, deste modo, Iahweh, Deus dos Exércitos estará convosco, como vós o dizeis!”<sup>115</sup> “Porque é o amor que eu quero e não sacrifício, conhecimento de Deus mais do que holocaustos”.

Esses dois textos são apenas um exemplo dos inúmeros apelos que se encontra no Antigo Testamento, expressando as obrigações do povo para alcançar a salvação esperada.

---

<sup>113</sup> BOSCH, David. J. Op. cit. p.38.

<sup>114</sup> COPPI, Paulo de. **Por uma Igreja toda missionária. Breve curso de missiologia.** São Paulo: Paulus, 1994, p. 23.

<sup>115</sup> Am 5,14.

## 2.2 MISSÃO NO NOVO TESTAMENTO

Com o nascimento de Jesus, dá-se a passagem do Antigo para o Novo Testamento. No entanto, as tradições, a cultura e a fé do povo de Israel seguem em uma continuidade histórica sem grandes saltos. O impasse entre eleição e universalidade continua e perpassa todo o Novo Testamento. Os descendentes de Abraão não chegam a um consenso sobre esse ponto nevrálgico da sua vocação. Pelo contrário, crescia entre eles a “convicção de que não todo o Israel, e sim apenas um resto fiel seria salvo”.<sup>116</sup> Ou seja, não havia a preocupação de converter novos adeptos, nem mesmo entre os membros da própria raça e, menos ainda, entre os gentios.

Os profetas do Antigo Testamento esforçam-se para trazer o povo de volta na observância dos mandamentos divinos, através do abandono das práticas de idolatria e da conversão de todos os pecados. No entanto, a missão deles não obteve o êxito esperado. O povo continua esperando o Messias, aquele que devia vir para restaurar Israel. Deus, finalmente, resolve intervir de forma radical, enviando seu Filho ao mundo. A chegada do Salvador é anunciada e preparada por João Batista.

João Batista, o grande precursor do Messias, entrou em cena como um pregador profético enviado por Deus para conclamar Israel ao arrependimento e à conversão. Na concepção de João Batista, não se podia mais supor que todo o Israel fosse eleito. Os judeus de sua época eram uma ‘raça de víboras’ (Mt 3,7; Lc 3,7), sendo igualados aos pagãos. Só um resto seria salvo se se arrependesse e produzisse frutos dignos do arrependimento (Mt 3,8; Lc 3,8).<sup>117</sup>

O momento histórico, no qual Jesus nasce, é marcado por movimentos sectários, pelo fanatismo, por um forte tráfego religioso entre o Oriente e o Ocidente. “A palestina encontra-se sob ocupação romana que consolidou seu domínio sobre os judeus organizando um censo seguido pela efetiva arrecadação de impostos. Para os judeus isso era mais do que uma irritação: era um ataque, a seus direitos ancestrais e sua terra santa, que estava agora degradada à condição de mera província do vasto Império Romano”.<sup>118</sup>

Os contemporâneos de Jesus esperam a vinda do Reino, a intervenção de Deus na história da humanidade. Porém, cada grupo tem uma expectativa diferente: “Os fariseus sonhavam com um reino de fiel observância da lei; os essênios com um reino

---

<sup>116</sup> BOSCH, David. J. Op. cit. p. 34.

<sup>117</sup> Ib. p. 45.

<sup>118</sup> Ib. p. 45.

de puros em fuga do mundo, os zelotas com um reino nacionalista alcançado pela revolução armada”.<sup>119</sup>

Jesus, por sua vez, coloca-se na linha dos pobres de Javé, que desde o Antigo Testamento desejam a vinda de um rei para implantar a justiça: “Ó Deus, concede ao rei teu julgamento e a tua justiça ao filho do rei; que ele governe teu povo com justiça, e teus pobres conforme o direito [...] salve os filhos do indigente e esmague seus opressores”.<sup>120</sup> Jesus, desde criança, tem consciência da sua missão, que é fazer a vontade de seu Pai. “Não sabíeis que devo estar na casa do meu Pai?”<sup>121</sup> Missão esta que vai se desenvolvendo de forma lenta e gradual. Começa com uma infância ‘oculta’ para culminar num ministério missionário público.

Como judeu, ele se entende como sendo enviado a seu próprio povo. Seu chamado ao arrependimento diz respeito a esse povo [...] A obra de sua vida está limitada a eles. Que ele foi enviado apenas a Israel, já fica evidente em Mateus 1.21 ‘Ele salvará seu povo de seus pecados’; e Lucas 1.54 ‘Socorreu Israel seu servo, lembrando de sua misericórdia’. Segundo os relatos de todos os evangelhos, ele se encontra virtualmente sempre no solo da Terra Santa. Só com alguma relutância parece entrar em território gentio e samaritano. Percorre sem descanso a terra dos judeus de um lado para outro, para lá e para cá [...]. Justamente como Filho do homem ele tem de cumprir a vocação do filho de Davi: libertar seu povo [...]. Dedicar-se a Israel com devoção incondicional, recusando qualquer outra solicitação.<sup>122</sup>

## 2.2.1 MISSÃO DE JESUS CRISTO

A encarnação de Jesus Cristo, o Filho de Deus, acontece para que se realizasse o desígnio de Deus Pai, que ama tanto o mundo a ponto de enviar seu único Filho para todos salvar. “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial”.<sup>123</sup> “Antes de Jesus tinham precedido muitos enviados, mas todos eles nada mais eram do que ‘servos’. Agora é enviado o Filho. Pessoa divina [...] missionária! Deus a partir de agora, realiza pessoalmente a missão dentro da história”.<sup>124</sup>

---

<sup>119</sup> MASSERDOTTI, Franco. **Missionários do Reino**. Lisboa: Além-mar, 1992, p. 29.

<sup>120</sup> SI 72,1-3.

<sup>121</sup> Lc 2,49.

<sup>122</sup> BOSCH, David. J. Op. cit. p. 46.

<sup>123</sup> Gl 4,4-5.

<sup>124</sup> COPPI, Paulo de. Op. cit. p. 16.

“E o verbo se fez carne e habitou entre nós”.<sup>125</sup> Jesus de Nazaré é o Emanuel, Deus conosco. Em tudo igual a nós, menos no pecado. Foi essa a metodologia escolhida por Deus para completar sua auto-revelação, fazendo-se homem como qualquer outro homem, nascendo pobre entre os pobres para proclamar a boa nova aos pobres.

É opção divina vir ao mundo por meio de uma mulher, nascer criança, assumir uma classe social, ter um nome, exercer uma profissão, morar em uma cidade, fazer parte de um clã. Essa é a maneira que Deus escolhe para que seu Filho pudesse se inserir radicalmente dentro da condição humana, com todo o seu realismo, compartilhando a sorte das pessoas comuns de seu tempo.

Jesus se situa no lugar dos pobres, compartilhando seu trabalho e sua condição prosaica de cada dia, não como ‘experiência’ ou posição pedagógica, mas como o estilo de toda a sua vida, que se prolongará em sua atividade pública e em sua paixão. Se em sua atividade missionária brilha sua misericórdia libertadora, e em sua paixão sua imolação redentora, em Nazaré brilham sua caridade fraterna e sua amizade no que há de mais ordinário e cinzento da vida de cada dia.<sup>126</sup>

Jesus é o grande missionário do Pai. Ele mesmo define sua missão no início de sua vida pública, na sinagoga de Nazaré, quando lhe entregam o livro do profeta Isaías. Ele lê o texto: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor”.<sup>127</sup> E conclui: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura”.<sup>128</sup>

Jesus assume sua vocação messiânica percorrendo a Galiléia e pregando a Boa Nova, proclamando: “Cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho”.<sup>129</sup> “A proclamação e a instauração do Reino de Deus são o objetivo de sua missão: ‘Pois para isso que fui enviado’ (Lc 4,43). Mais ainda: o próprio Jesus é a ‘Boa-Nova’. [...] Sendo ele a ‘Boa-Nova’, então em Cristo há identidade entre mensagem e mensageiro, entre o dizer, o fazer e o ser. A força e o segredo da eficácia de sua ação estão na total identificação com a mensagem que

---

<sup>125</sup> Jo 1,14a.

<sup>126</sup> GALILEIA, Segundo. **A inserção na vida de Jesus e na missão.** São Paulo: Paulinas, 1992, p. 22.

<sup>127</sup> Lc 4,18-19.

<sup>128</sup> Lc 4,21.

<sup>129</sup> Mc 1,15.

anuncia: proclama a ‘Boa Nova’ não só por aquilo que diz ou faz, mas também pelo que é”.<sup>130</sup>

Pode-se dizer que a mensagem missionária de Jesus é o anúncio e a instauração do Reino de Deus. Está claro para Ele aquilo que devia fazer. Ele já sabia que o Evangelho a ser proclamado seria boa nova para alguns, para os pobres, para os que choram, para os famintos; mas ao mesmo tempo seria uma má notícia para outros, para os ricos e satisfeitos. “[...] Dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs poderosos de seus tronos [...] despediu os ricos de mãos vazias”.<sup>131</sup>

Para fazer parte deste Reino, afirma Jesus, é necessária uma conversão radical. Esta mudança de vida, *metanoia*, exigida por Jesus a todos aqueles que querem entrar no Reino, significa, antes de tudo, refazer a escala de valores segundo os princípios divinos. Isto é, deixar de lado “a segurança pessoal, religiosa, o dinheiro, o prestígio e o poder, sem se deixar distrair pelos afazeres (Lc 14,16-24), sem olhar para trás (Lc 9,62), sem ficar no meio do caminho (Lc 14,28-32)”.<sup>132</sup>

O Reino exige também atitudes concretas. Jesus demanda dos aspirantes ao Reino a prática da justiça: “Eu vos asseguro que se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus”.<sup>133</sup> Também é prescrita a caridade, a misericórdia com os mais necessitados, conforme se lê no texto do juízo final: “[...] Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e viestes ver-me”.<sup>134</sup>

Na sua prática missionária, Jesus promove a solidariedade entre os homens, indo ao encontro dos pobres e excluídos da sociedade. “Defende as prostitutas, fala com os leprosos, impuros para o culto; louva os samaritanos; deixa que as mulheres socialmente marginalizadas o acompanhem; faz suas refeições com os pobres”.<sup>135</sup>

São os assim chamados valores evangélicos que constituem o conteúdo da pregação de Jesus. Entretanto, qual seria a metodologia que o grande missionário utiliza para transmitir essa mensagem? Consta-se desde as primeiras páginas dos Evangelhos

---

<sup>130</sup> JOÃO PAULO II. Op. cit. n. 13, p. 26.

<sup>131</sup> Lc 2,51-53.

<sup>132</sup> MASSERDOTTI, Franco. Op. cit. p. 34.

<sup>133</sup> Mt 5,20.

<sup>134</sup> Mt 25,35-36.

<sup>135</sup> MASSERDOTTI, Franco. Op. cit. p. 32.

que o Filho de Deus encarna-se na realidade humana. “Ele tinha a condição divina [...] Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana”.<sup>136</sup>

Utilizando uma linguagem contemporânea, pode-se dizer que Jesus, em sua *kenosis*, insere-se na vida dos seres humanos; uma verdadeira inserção no meio popular. Ele faz a opção radical pelos pobres. Nasce pobre, vive pobre com os pobres e morre entre os pobres. Para Jesus são eles os verdadeiros membros de Israel, que ele quer reconstruir. “Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o Reino dos Céus”.<sup>137</sup>

Jesus vai ao encontro dos excluídos da sociedade e quebra as barreiras do puro e do impuro, do ‘santo’ e do pecador. Condena a hipocrisia dos ‘eleitos’ e exalta os ‘excluídos’. Assim, percebe-se Jesus solidário, próximo e compassivo com os ‘últimos’ da sociedade, chamando-os pelo nome: “os pobres, cegos, leprosos, famintos, os que choram, os pecadores, cobradores de impostos, os possuídos por demônios, perseguidos, cativos, os que estão cansados e sobrecarregados, a plebe que nada sabe da lei, os pequenos, mais pequeninos, últimos, as ovelhas perdidas da casa de Israel, até as prostitutas”.<sup>138</sup>

Além da inserção no meio popular, Jesus prega a Boa Nova, de aldeia em aldeia, fazendo um anúncio explícito de forma itinerante e, ao mesmo tempo, convidando pessoas para o acompanharem. “Estando ele a caminhar junto ao mar da Galiléia, viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André, que lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes: ‘Segui-me e eu vos farei pescadores de homens’. Eles, deixando imediatamente as redes, o seguiram”.<sup>139</sup>

Aos poucos, forma-se um grupo de discípulos, ou seja, Jesus não trabalha só. Sua missão não é personalista, pelo contrário, Ele quer que ela seja, desde o começo, comunitária. Ele é o Mestre e forma seus discípulos no convívio diário, com palavras e exemplos e, acima de tudo, com seu próprio testemunho. “Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais”.<sup>140</sup> Nesse contato direto e pessoal, com os

---

<sup>136</sup> Fl 2,6-7.

<sup>137</sup> Mt 5,3.

<sup>138</sup> BOSCH, David J. Op. cit. p. 46.

<sup>139</sup> Mt 4,18-20.

<sup>140</sup> Jo 13,15.

discípulos e com os destinatários de sua missão, é que sua mensagem vai sendo anunciada como semente, que cria raízes, vai crescendo e produz frutos.

Jesus conhece bem a realidade em que vive e atua. Ele sabe com quem pode contar e quem são os opositores de sua mensagem. Tem um plano claro em sua cabeça. Reconhece a fraqueza de seus discípulos e é paciente com eles. Nada impõe, apenas convida: “Se queres entrar para a Vida, guarda os mandamentos”.<sup>141</sup> Usa uma linguagem acessível e simples, por meio de parábolas que falam das situações concretas de cada grupo que o escuta.

Jesus anuncia uma verdadeira revolução na sociedade israelense, em todos os níveis: social, religioso, econômico e político.<sup>142</sup>

O Mestre não se esquece da formação espiritual para seus discípulos. Os evangelhos relatam vários momentos em que Ele e os seus se reúnem para rezar. Ele é um homem de oração. Já antes de começar sua vida pública, passa quarenta dias no deserto, jejuando e rezando, e, depois em muitas ocasiões, sobretudo antes de tomar decisões importantes, passa a noite em oração. Reza e ensina a importância da oração: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação, pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca”.<sup>143</sup>

A espiritualidade missionária de Jesus é fazer a vontade do Pai. O ícone que expressa isso, de maneira clara, é a figura do Bom Pastor. “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas”.<sup>144</sup> “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”.<sup>145</sup> A radicalidade, vivida por Jesus até o fim, se expressa no dia da crucificação, na imagem do coração traspassado. “Um dos soldados traspassou-lhe o

---

<sup>141</sup> Mt 19,17.

<sup>142</sup> Ciò che propone la Buona Novella del Regno di Dio per i poveri è rovesciamento della scala dei valori della società teocratica palestinese. Gesù rovesciava tutti i codici su cui si reggeva il pensiero e la vita della società di allora. Rovesciava il codice geografico situando il punto di gravità non in Giudea ma in Galilea, non nel Tempio o nelle sinagoghe ma in barche da pesca o per le strade di borgata. Infrangeva il codice religioso facendo apparire l'azione divina non nel contesto dei sacrifici e delle feste ma nella miseria e nella vita dei poveri. Il codice sociale veniva rovesciato quando venivano scelti i peccatori, la gente del popolo, invece dell'élite religiosa. In altri termini, la pratica evangelica di Gesù e le sue parole proponevano una 'conversione' totale, un completo capovolgimento della scala dei valori che la società portava in sé. È per questo che Gesù doveva morire. Anche la sua morte ebbe valore di Vangelo, di Buona Novella. Il silenzio di Gesù di fronte ai suoi accusatori proclama la superiorità della potenza divina sugli imperi di questo mondo. Il suo coraggio è una testimonianza della libertà del Figlio di Dio davanti a tutte le oppressioni. LEGRAND, Lucien. **Il Dio Che viene**. La missione nella Bibbia. Roma: Borla, 1989, p. 70.

<sup>143</sup> Mt 26,41.

<sup>144</sup> Jo 10,11.

<sup>145</sup> Jo 15,13.

lado com a lança e imediatamente saiu sangue e água”.<sup>146</sup> Somente uma espiritualidade forte e consistente, como a de Jesus, poderia mantê-lo fiel até o fim à sua missão.

Por isso, Jesus insiste com seus discípulos para que estejam sempre atentos e preparados. A vida que o mestre propõe não é fácil e somente quem encontra o tesouro estará pronto a deixar tudo e segui-lo. Assim, com suas palavras e exemplos, Jesus passa confiança aos seus, a ponto de ouvir de Pedro, que fala em nome dos demais discípulos: “Senhor a quem nós iremos? Tens palavras de vida eterna e nós cremos e reconhecemos que tu és o Santo de Deus”.<sup>147</sup>

Alcançando este estágio de conhecimento e de fé, os recém formados missionários já podem ser enviados à missão: “Jesus chamou os doze discípulos e deu-lhes autoridade de expulsar os espíritos imundos e de curar toda a sorte de males e enfermidades. [...] Jesus enviou estes Doze com estas recomendações [...]”.<sup>148</sup> Nota-se que Jesus confia nos seus discípulos e partilha o poder e as responsabilidades com eles multiplicando o número dos evangelizadores.

Esses missionários são enviados para onde? Quem são os verdadeiros destinatários da Boa Nova de Jesus Cristo? É isso que se vai estudar agora nesses próximos parágrafos.

Acima foi afirmado que o Reino de Deus é Boa Nova para alguns, enquanto para outros é má notícia. São os ricos, os detentores do poder e dos privilégios da época que se sentem afetados e ameaçados com esta pregação. É inevitável o confronto dessa elite privilegiada com Jesus. A postura profética do filho de Deus é radical e denuncia, com veemência, todas as atitudes de pessoas e grupos, que se opõem ao ideal do Reino. “Ai de vós escribas e fariseus, hipócritas, porque bloqueais o Reino dos Céus diante dos homens! Pois vós mesmos não entraís, nem deixais entrar os que querem fazê-lo!”<sup>149</sup>

O Reino exige que se esteja do lado dos oprimidos para humanizar a todos. É com esta chave que devemos compreender a polêmica de Jesus contra os ricos (Lc 6,24; 16,9), contra os sacerdotes que transformam o Templo em covil de ladrões (Mc 11,15-17), contra os escribas que pretendem amarrar os outros com o poder da ciência (Mt 23,4; Lc 11,52), contra os fariseus, guias de cegos (Mt 23,24) e os governantes que oprimem as massas com poderes absolutos.<sup>150</sup>

---

<sup>146</sup> Jo 19,34.

<sup>147</sup> Jo 6,67.

<sup>148</sup> Mt 10,1-5.

<sup>149</sup> Mt 23,13.

<sup>150</sup> MASSERDOTTI, Franco. Op. cit. p. 33.

No início da vida pública de Jesus, parece que ele está mais interessado com seu povo, não deixando transparecer a universalidade de sua missão. Por exemplo, no episódio da mulher siro-fenícia (Mc 7,24-30) Jesus responde ao seu apelo: “Deixa primeiro que os filhos se saciem porque não é bom tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos”.<sup>151</sup> Jesus, aparentemente, não está preocupado com os outros povos. Na passagem do envio dos doze, Jesus dá a seguinte orientação: “Não tomeis o caminho dos gentios, nem entreis em cidades de samaritanos”.<sup>152</sup> Além disso, Jesus critica severamente os fariseus na sua atividade de fazer prosélitos entre os gentios. “Ai de vós escribas e fariseus, hipócritas, que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito”.<sup>153</sup> Nos relatos dos evangelhos são os gentios que se aproximam de Jesus e não vice-versa.

Era comum na época de Jesus pensar que apenas um resto de Israel, aqueles poucos que se mantinham fiéis aos mandamentos, é que poderiam ser salvos. Inclusive João Batista pensa assim. No entanto, para Jesus, a salvação é dirigida a todos, embora nem todos se disponham a acolhê-la.

Isso se expressa, em primeiro lugar, em sua movimentação constante, em toda a terra dos judeus, como pregador e terapeuta itinerante, sem vínculos permanentes com família, profissão ou residência. O fato de escolher 12 discípulos para estar com ele e enviá-los para a terra dos judeus aponta na mesma direção: o número deles guarda referência à antiga composição do povo de Israel e à missão deles para o futuro reinado messiânico, quando ‘todo o Israel’ será salvo.<sup>154</sup>

A missão de Jesus é inclusiva. Chama a todos independentemente de sua classe social, sexo e raça. Ele vai ao encontro dos pobres e dos ricos, dos oprimidos e dos opressores, dos pecadores e dos devotos. “Sua missão consiste em desfazer a alienação e em derrubar muros de hostilidade, em cruzar fronteiras entre indivíduos e grupos. Assim como Deus nos perdoa gratuitamente, nós devemos perdoar as pessoas que nos ofendem – até 70 vezes sete, o que na verdade significa ilimitadamente, mais vezes do que temos condições de contar”.<sup>155</sup>

Não é de se admirar que gentios possam, às vezes, ser apresentados como convidados substitutos no banquete escatológico. “Virão muitos do oriente e do ocidente e se assentarão à mesa no Reino dos Céus, com Abraão, Isaac e Jacó, enquanto os filhos do Reino serão postos para fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de

---

<sup>151</sup> Mc 7,27.

<sup>152</sup> Mt 10,5.

<sup>153</sup> Mt 23,15.

<sup>154</sup> BOSCH, David. J. Op. cit. p. 46.

<sup>155</sup> Ib. p. 48.

dentes”.<sup>156</sup> Esses gentios tomam o lugar do povo hebreu, não por méritos pessoais, mas simplesmente porque reagiram positivamente diante da proposta de Jesus.

Resumindo, verifica-se que a mensagem salvífica é dirigida a todos. Jesus veio trazer vida para todos indistintamente: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”.<sup>157</sup> Portanto, quem está a favor da vida está incluído no Reino de Deus, quem opta pela morte se exclui. A salvação transforma-se, assim, numa opção pessoal intransferível. Cada um é responsável pela resposta que dá ao chamado de Deus: a fé ou a falta dela. O missionário Jesus é incumbido de mostrar este caminho. “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”.<sup>158</sup>

Jesus anuncia com radicalidade o reino de Deus. Esse reino começa aqui, mas não tem seu fim nesse mundo. “Meu reino não é deste mundo”.<sup>159</sup> É um reino escatológico que atravessa a esfera social e terrena e se prolonga para o outro mundo, junto de Deus. Em uma só palavra, é o reino do Amor!

## 2.2.2 MISSÃO DOS PRIMEIROS CRISTÃOS

Após a ascensão de Jesus e a vinda do Espírito Santo, a comunidade dos apóstolos e discípulos continua a missão confiada a eles pelo Mestre. O relato bíblico de pentecostes<sup>160</sup> diz que os apóstolos estão cheios do Espírito e, sem medo, abrem as portas e começam a anunciar a boa nova. A multidão que os ouvia, embora sendo de regiões e povos diferentes, os escuta falar em seu idioma materno. Esse já é um indício de que essa mensagem deve ser universal: a exclusividade do povo de Israel chega ao fim. É essa, sem dúvida, uma das diferenças na prática missionária dos discípulos em relação ao seu Mestre. Ou seja, anunciar o Evangelho a todos os povos, sem fronteiras. Enquanto Jesus permanece no seu país de origem, seus seguidores atravessam as bordas e partem rumo aos ‘quatro cantos do mundo’.

Os encargos da missão universal de Jesus aparecem quase todos em contextos pós-páscoa. ‘Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo’ (Mt 28,19) ‘[...] e que em seu nome, fosse proclamado o arrependimento para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém [...]’ (Lc 24,47). Também encontramos a mesma orientação universal nos textos de Mc 16,14-20; Jo 20,21. Alguns textos de caráter da missão universal que

---

<sup>156</sup> Mt 8,11-12.

<sup>157</sup> Jo 10,10.

<sup>158</sup> Jo 14,6.

<sup>159</sup> Jo 18,36.

<sup>160</sup> Cf. At 2,1-36.

aparecem antes do relato da paixão de Jesus como Mc 13,10; Mt 24,14; 26,13 referem-se à atividade de pós-páscoa da comunidade. Deste modo, os evangelhos não apresentam forte prova de que durante o curso de sua vida Jesus de Nazaré se empenhasse numa missão explicitamente universal, como tampouco encarregou isso a seus discípulos. A evolução gradual e freqüentemente penosa da consciência global da Igreja, segundo é documentada em Atos e na correspondência paulina que apóia este quadro.<sup>161</sup>

As primeiras comunidades cristãs movidas pelo Espírito Santo, pressionadas por razões sociais e pelas perseguições de seus opositores, são impulsionadas a sair de Israel e ir para outras regiões. Não se sabe exatamente o motivo pelo qual Jesus não tem a mesma mobilidade. No entanto, parece evidente que seus seguidores não se limitam às fronteiras da ‘terra santa’.<sup>162</sup>

“Então, tendo dado testemunho e anunciado a palavra do Senhor, eles voltaram a Jerusalém, evangelizando muitos povoados dos samaritanos”.<sup>163</sup> Esse é um dos inúmeros exemplos da prática evangelizadora dos primeiros missionários cristãos. Eles entendem que a verdadeira missão é evangelizar. A alegre notícia ‘Evangelho’ que se anuncia é Jesus, o enviado do Pai. “Não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, Senhor”.<sup>164</sup>

O anúncio dos primeiros cristãos está baseado na palavra, anúncio explícito de Jesus Cristo e, sobretudo, no testemunho. O próprio Jesus deixa esta recomendação: “Vós sereis minhas testemunhas”.<sup>165</sup> Logo, “não se trata unicamente de discorrer, mas de anunciar com autoridade, com força como para Cristo, também para os Apóstolos, os sinais, os milagres acompanham a Mensagem e formam um todo com ela. Trata-se, portanto, aqui duma palavra eficaz: curam-se os males físicos, ao mesmo tempo em que se estabelece uma nova relação entre o homem e Deus”.<sup>166</sup>

---

<sup>161</sup> SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carroll. Op. cit. p. 191.

<sup>162</sup> Jesús durante su vida no parece haber lanzado ningún mandato misionero universal explícito. Su misión la concentró ante todo en Israel (Mt 10,5; 15,24). Y se mostró crítico con el proselitismo de los fariseos (Mt 23,15). Sí Jesús hubiera lanzado en vida un plan misionero universal, no hubieran dejado de recogerlo los evangelistas que escriben en medio de la conflictiva evolución de la conciencia misionera de la Iglesia primitiva. Los encargos misioneros de alcance universal aparecen en labios de Cristo resucitado, en textos pos-pascuales (Mt 28,16-20; Mc 16,14-20; Lc 24,47; Jn 20,21) (También los textos de Mc 13,10 y Mt 24,14; 26,13 harían referencia a la actividad pos-pascual de la comunidad cristiana) OBRAS MISIONALES PONTIFICIAS DE ESPAÑA. **La misionología hoy**. Buenos Aires: Guadalupe; Navarra: Verbo Divino. 1987, p. 96.

<sup>163</sup> At 8,5.

<sup>164</sup> 2Cor 4,5.

<sup>165</sup> At 1,8.

<sup>166</sup> OBRAS PONTIFÍCIAS MISSIONÁRIAS DE PORTUGAL. **Temas de Evangelização**. Braga: Editorial franciscana, 1979, p. 40.

Os missionários de Jesus Cristo vivem em comunidades e essas, por sua vez, tornam-se as grandes evangelizadoras, conforme escrito no livro dos Atos dos Apóstolos: “Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos.”<sup>167</sup> Evangelizar em comunidade: eis o segredo da eficácia. Enquanto, hoje, muitos apostam no personalismo, projetos pessoais, individualismos, já se encontra a receita do sucesso da evangelização, nas origens da Igreja. No entanto, nem mesmo as primeiras comunidades cristãs conseguem manter-se fiéis e perseverantes nesse caminho fraterno e comunitário.

“Dia após dia, unânimes mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas [...]”.<sup>168</sup> Esse relato das primeiras comunidades atesta que, no princípio, os seguidores de Jesus continuam frequentando o templo, seguindo a mesma religião judaica. Jesus, aparentemente, não tem a intenção de fundar uma nova religião, conseqüentemente, seus seguidores também não.

As pessoas que o seguiam não receberam um nome que as distinguisse de outros grupos, nem um credo próprio, nem um rito que revelasse o caráter distintivo de seu grupo, nem um centro geográfico a partir do qual iriam operar. Os doze deveriam ser a vanguarda de todo o Israel e, além de Israel, por implicação, de todo o ecúmeno. A comunidade em torno de Jesus deveria funcionar como uma espécie de *pars pro toto*, uma comunidade no interesse de todas as outras, um modelo a ser seguido pelas outras e para as questionar. Jamais, entretanto, essa comunidade deveria separar-se das outras.<sup>169</sup>

Jesus, quando se refere à missão dos seus discípulos no mundo é taxativo: “Vós sois o sal da terra [...]. Vós sois a luz do mundo [...]. Brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, para que vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus”.<sup>170</sup> É evidente que Jesus não quer formar um grupo a parte, isolado do mundo, mas sim no mundo, para transformar a realidade, ajudando na concretização do Reino de Deus. Não pensa em um gueto seletivo, afastado do contexto social, em que vivem seus conterrâneos. “Como tu me enviaste ao mundo, também eu os envie ao mundo”.<sup>171</sup>

---

<sup>167</sup> At 2,47.

<sup>168</sup> At 2,46.

<sup>169</sup> BOSCH, David. J. Op. cit. p. 74.

<sup>170</sup> Mt 5,13-16.

<sup>171</sup> Jo 17,18.

Com a certeza da ressurreição, os discípulos começam a testemunhar entre seus compatriotas a Boa Nova, com tanto ardor, que eles mesmos se tornam mártires, doando, como o mestre, a própria vida por causa de sua fé.<sup>172</sup>

Esse elevado nível de vocação, contudo, não foi mantido por muito tempo. Já num estágio muito inicial, os cristãos tenderam a estar mais consciente daquilo que os distinguia dos outros do que de sua vocação e responsabilidade para com esses outros. Sua sobrevivência como grupo religioso separado, e não seu compromisso com o reinado de Deus começou a preocupá-los. Jesus predisse o reino e foi a Igreja que veio. No decorrer do tempo, a comunidade de Jesus simplesmente tornou-se uma nova religião, o cristianismo, um novo princípio de divisão entre a humanidade. E assim permaneceu até o dia de hoje.<sup>173</sup>

A princípio parecia que os cristãos iriam transformar o mundo. Seu estilo de vida, coerente com a justiça e partilha, destruía as estruturas que geram o pecado e a morte. Uma verdadeira revolução pacífica havia começado e se alastrava rapidamente. “Acrescentaram-se a eles, naquele dia, cerca de três mil pessoas”.<sup>174</sup>

Aos poucos, porém, esse grupo de pessoas, chamado cristãos, deixa de ser um movimento e transforma-se em uma instituição. “Enquanto a instituição resguarda as fronteiras, é conservadora e passiva o movimento cruza as fronteiras, é progressista e ativo”.<sup>175</sup> Isto é, enquanto que os cristãos formam um grupo insignificante, que está apenas começando, havia uma liberdade de movimento, flexibilidade de pensamento e criatividade no agir. Com o crescimento do grupo, se estabelece a institucionalização, aumentam as regras, as cobranças e o controle. A lei adquire mais força do que o espírito. Assim, o cristianismo vai perdendo seu ardor missionário e revolucionário. Aquilo que parecia algo novo e transformador converte-se em uma estrutura burocrática preocupada consigo mesma.

Percebemos algo dessa diferença entre uma instituição e um movimento se comparamos a comunidade cristã de Jerusalém com a de Antioquia na década de 40 do século 1 d.C. O espírito pioneiro da Igreja de Antioquia ocasionou uma inspeção por parte de Jerusalém. Estava claro que a preocupação do partido de Jerusalém não era a missão, e sim, a

---

<sup>172</sup> Jesús y su misión configuraron el carácter de la misión cristiana, imprimiéndole su sello y su estilo; marcaron su alcance librándola, en su penosa lucha por traspasar las fronteras de Israel, del peligro de convertirse en una secta, le infundieron sentido de urgencia convirtiéndola en la tarea propia de los últimos tiempos; y, sobre todo, le confirieron una autoridad decisiva: lo definitivo para la misión cristiana no fue, a la postre, lo que Jesús había dicho, o había hecho, sino lo que Jesús era. La resurrección reveló a los primeros cristianos la identidad de Jesús y convirtió a la Iglesia en misión. OBRAS MISIONALES PONTIFICIAS DE ESPAÑA. Op. cit. p. 99.

<sup>173</sup> BOSCH, David J. Op. cit. p. 74.

<sup>174</sup> At 2,41.

<sup>175</sup> BOSCH, David J. Op. cit. p. 75.

consolidação, não a graça, e sim a lei; não cruzar fronteiras, e sim fixá-las; não a vida e sim a doutrina, não o movimento, mas a instituição.<sup>176</sup>

Essa tensão leva à convocação do Concílio de Jerusalém, por volta do ano 47 d.C., como está escrito no capítulo 15 do livro dos Atos dos Apóstolos. A princípio, o ponto de vista dos helênicos de Antioquia prevalece. No entanto, com o passar do tempo, a tendência de o cristianismo primitivo tornar-se uma instituição parecia irresistível, não somente nas comunidades judaicas, como também nas gentílicas.

No começo havia indicações de que dois tipos separados de ministério estavam se desenvolvendo nas comunidades cristãs: o ministério estabelecido de bispos (ou anciãos) e diáconos, e o ministério móvel de apóstolos, profetas e evangelistas. O primeiro tendia a impelir o cristianismo primitivo a tornar-se uma instituição, e o segundo retinha a dinâmica de um movimento. Com o passar do tempo as Igrejas ficavam cada vez mais institucionalizadas e menos preocupadas com o mundo fora de seus muros. Em breve tiveram de esboçar regras para garantir o decoro de suas reuniões culturais (cf. I Cor 11,2-33; I Tm 2,1-15) e para lidar com casos de falta de hospitalidade para com emissários da Igreja e de sede de poder (3 Jo). Com o passar do tempo, assuntos intra-eclesiais e a luta pela sobrevivência como grupo religioso separado consumiam cada vez mais a energia dos cristãos.<sup>177</sup>

Um movimento religioso não pode durar muito tempo, ou se desintegra ou se institucionaliza. Os primeiros cristãos crescem, as comunidades se multiplicam em várias direções. O caminho espontâneo inicial não funciona mais, o desejo de manter a unidade é ameaçado pela diversidade de culturas. Mostra-se evidente que as primeiras comunidades cristãs caminham em direção de uma institucionalização. Seus líderes sentem a necessidade de formalizar alguns pontos para salvaguardar a ortodoxia e também a ortopraxia. Sabe-se que a unidade é um valor do qual não se pode abrir mão. “Que todos sejam um”.<sup>178</sup> O problema é que quando acontece a institucionalização há uma perda de qualidade muito grande, os valores que identificam a comunidade no início vão gradualmente diminuindo a intensidade de sua força.

Elas perderam também suas incandescentes convicções derramadas nos corações dos primeiros adeptos, esfriaram e tornaram-se códigos cristalizados, instituições solidificadas e dogmas petrificados. O profeta tornou-se um sacerdote do *establishment*, o carisma virou ofício e o amor tornou-se rotina. O horizonte não era mais o mundo, e sim as fronteiras da paróquia local. A impetuosa torrente missionária de anos anteriores foi domada e transformada num riacho de águas calmas, e por fim, num açude estacionário. É esse desenvolvimento que temos de deplorar. Instituição e movimento nunca podem ser categorias mutuamente excludentes; o mesmo se aplica a Igreja e missão.<sup>179</sup>

---

<sup>176</sup> BOSCH, David J. Op. cit. p. 75.

<sup>177</sup> Ib. p. 75.

<sup>178</sup> Jo 17,21.

<sup>179</sup> BOSCH, David J. Op. cit. p. 77.

Com o passar do tempo, os cristãos aumentam em número e reduzem em qualidade. A qualidade é medida não pelos discursos ou documentos elaborados pela hierarquia, mas pelos frutos, pelas obras de seus membros. “Toda árvore boa dá bons frutos”.<sup>180</sup> O mesmo impasse encontrado no Antigo Testamento de uma religião desencarnada que é conivente com as injustiças sociais, que não acolhe o órfão, a viúva e o estrangeiro, volta a aparecer na Igreja primitiva e permanece até hoje. A Igreja, que é santa e pecadora, não consegue desfazer-se dos limites humanos e nem superar as fraquezas da carne. A dicotomia entre o bem que deve ser feito e o mal praticado perpassa a história da Igreja. Já Paulo lamenta esta contradição interna da qual ele mesmo é vítima e exclama amargamente: “Não faço o bem que eu quero, mas pratico o mal que eu não quero”.<sup>181</sup>

A Igreja caminha no mundo, procurando ser fiel à sua missão. Constatam-se momentos gloriosos e pessoas que souberam viver a santidade. Todavia, ao mesmo tempo, encontram-se momentos difíceis, de trevas, onde a mesma Igreja desvia-se radicalmente de sua missão de ser um sacramento de salvação, luz para todas as nações.

Não se pode aqui entrar em maiores detalhes dos diversos períodos históricos da Igreja, nesses dois mil anos de existência. É mais importante, para esse estudo, analisar a caminhada eclesial nesses últimos anos, mais precisamente, após o Concílio Vaticano II, para entender melhor como a Igreja hoje está desenvolvendo sua missão.

Portanto, o objeto de estudo, nesse momento, recai sobre alguns documentos pós Vaticano II, que tratam especificamente sobre a missão. É interessante examinar alguns pontos teológicos e eclesiológicos que norteiam e fundamentam a teologia da missão contemporânea. Esses elementos vão dar suporte de análise para o capítulo terceiro, na tentativa de fazer uma abordagem concreta de como a missão poderia ser encarada no século XXI, por toda a Igreja, em especial pelos missionários combonianos na província Brasil Sul.

### **3 MISSÃO NOS DOCUMENTOS DA IGREJA**

A Igreja, nos seus quase dois mil anos de história, encontra diversas maneiras de entender e realizar sua missão. O fundamento dessa tarefa vem da prática de Jesus, seu

---

<sup>180</sup> Mt 7,17.

<sup>181</sup> Rm 7,19.

fundador, e da vivência dos primeiros cristãos guiados pelos apóstolos e seus sucessores. O conceito de missão no Antigo Testamento diferencia-se substancialmente do Novo Testamento. Com o nascimento de Jesus, dá-se a plenitude dos tempos. Deus vem ao mundo habitar entre nós. Não se tem como objetivo estudar em detalhes a história da Igreja. Limitar-se-á aqui a esboçar apenas algumas idéias contidas nos principais documentos eclesiais, após o Concílio Ecumênico do Vaticano II.

### 3.1 CONCEITO DE MISSÃO NO DECRETO *AD GENTES*

O Concílio Ecumênico Vaticano II consiste em um marco importante na história da Igreja contemporânea. A intuição do papa João XXIII, de abrir as janelas e deixar um ar fresco entrar para despertar novo ânimo na vida da Igreja, revela-se bem sucedida. Muitas coisas mudam, até mesmo o conceito de Igreja, a qual passa a ser definida como ‘povo de Deus’. Conseqüentemente, o conceito de missão também vem a ser modificado.

O Vaticano II deixou marcas teológico-pastorais, como pontos de partida, para uma Igreja que se considera por sua natureza missionária, radicalmente local e universal e que se definiu como povo de Deus, sacramento universal da salvação e mistério. Assistiu-se nos processos, que forjaram o Decreto *Ad Gentes*, a um deslocamento do ‘ter missões’ ao ‘ser missionário’; o deslocamento de uma Igreja que tem missões territoriais, pelas quais se fazem coletas e orações para que possam integrar a humanidade não-cristã na Igreja Católica, para uma Igreja na qual a missionariedade representa uma orientação fundamental de todas as suas atividades.<sup>182</sup>

O decreto do Concílio Vaticano II *Ad Gentes*, que trata da dimensão missionária da Igreja, inicia com uma afirmação que resume todo seu conteúdo: “A Igreja peregrina é por sua natureza missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai”.<sup>183</sup>

O fundamento teológico do decreto é claro: a Missão nasce no coração da Trindade. Deus quer salvar todos os homens. A Igreja está a serviço da *Missio Dei*, a Missão de Deus. Assim, a “Igreja, povo de Deus, vive o envio trinitário no seguimento de Jesus, anunciando o Reino como meta historicamente relevante e escatologicamente significativa. O novo povo de Deus convoca toda a humanidade para o encontro

---

<sup>182</sup> SUESS, Paulo. **Contexto e texto do Decreto “Ad Gentes” revisitado 40 anos depois de sua promulgação**. Disponível em: <http://www.cimi.org.br/?system=news&action=read&id=1682&eid=370>  
Acesso em: 19 junho 2007, 16:41.

<sup>183</sup> COMPENDIO DO VATICANO II. **Decreto Ad Gentes**. Petrópolis: Vozes, 1967. n. 2, p. 352.

definitivo com Deus”.<sup>184</sup>

Pode-se afirmar que a missão é a essência da Igreja. Não é um acessório ou complemento, algo que se possa separar dela. Não se deve falar de Igreja e missão, mas sim de missão da Igreja.

Portanto, a Igreja não tem a necessidade de inventar algo novo, de criar constantemente novos conteúdos doutrinários e, sim, de ser a fiel transmissora do Cristo, que é o mesmo “ontem, hoje e sempre”.<sup>185</sup> “Jesus Cristo foi enviado ao mundo como verdadeiro mediador entre Deus e os homens [...]. Ele veio não para ser servido, mas para servir e dar a vida em redenção por muitos, isto é por todos”.<sup>186</sup>

A Igreja herda de Cristo, e pela inspiração do Espírito Santo, a missão de anunciar o evangelho a todos os povos. Por isso, é seu dever propagar a fé e a salvação de Deus.

Obediente ao mandato de Cristo e movida pela graça e caridade do Espírito Santo, a Igreja cumpre sua missão quando em ato pleno se faz presente a todos os homens ou povos, a fim de levá-los à fé, à liberdade e à paz de Cristo, pelo exemplo da vida pela pregação, pelos sacramentos e demais meios da graça. E assim se lhes abre um caminho desimpedido e seguro à plena participação do mistério de Cristo.<sup>187</sup>

O verdadeiro e único mestre é Jesus Cristo. A Igreja nada mais deve fazer do que ser um sacramento da presença d’Ele no mundo. Fazendo as mesmas opções que Ele faz. Deixar-se mover pelo Espírito Santo, anunciar o evangelho aos pobres, estar a serviço dos últimos, seguir o exemplo do bom pastor, que dá a vida por suas ovelhas e vai à procura daquela que se perde. Essas palavras expressam o ideal de como deveria ser a Igreja de Cristo. Contudo, confrontando-nos com a realidade, constata-se que, apesar das palavras bonitas, a Igreja continua longe daquilo que gostaria de ser.

“Toda a Igreja é missionária e a obra de evangelização, o dever fundamental do povo de Deus”.<sup>188</sup> “É dever de seus (apóstolos) sucessores perenizar esta obra, para que a ‘Palavra de Deus corra e seja glorificada’ e seja por toda a terra anunciado e instaurado o Reino de Deus”.<sup>189</sup>

O texto conciliar continua a usar a expressão «*implantatio Ecclesiae*» (implantação da Igreja), mas usa-a com cuidado. A Igreja não se estabelece

---

<sup>184</sup> SUESS, Paulo. Op. cit.

<sup>185</sup> Hb 13,8.

<sup>186</sup> COMPENDIO DO VATICANO II. Op. cit. n.3, p. 353.

<sup>187</sup> Ib. n. 5, p. 356.

<sup>188</sup> Ib. n. 35, p. 391.

<sup>189</sup> Ib. n. 1, p. 351.

mediante a criação de uma hierarquia local. Ela deve também tornar-se missionária, isto é, responsável pelo anúncio do Evangelho. No documento fala-se de «juntar o povo de Deus» como uma definição da atividade missionária. Tenta evitar todo o eclesiocentrismo: a Igreja não existe para si mesma, mas para o mundo. No texto final, esta abertura aparece obscurecida, devido à intervenção do presidente da comissão conciliar, o cardeal Agagianian, e de outros membros da comissão, que insistiam em usar o plural «missões» e «territórios missionários». O documento final fala da missão da Igreja e, às vezes, das missões como iniciativas apostólicas para implantar a Igreja onde ela ainda não existe.<sup>190</sup>

No campo da missão, o decreto *Ad gentes* permanece um marco fundamental na mudança de paradigma, na atividade missionária da Igreja. A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária. Anunciar Jesus Cristo não é apenas mais uma atividade entre muitas outras desenvolvidas por ela; consiste na sua razão de ser. Esse anúncio tem de ser fiel ao Evangelho, mas também deve levar em consideração o contexto específico de cada povo e de cada cultura.

O decreto *Ad Gentes* trouxe uma nova visão missionária para uma Igreja que havia se afastado muito de suas origens. Ainda hoje essas idéias não são bem assimiladas. É mister aprofundá-las e pô-las em prática. A passagem dos princípios teóricos às ações práticas nem sempre é automática. E nesse caso específico, da dimensão missionária da Igreja, falta ainda muita coisa a ser concretizada no dia-a-dia da ação pastoral, nas igrejas particulares espalhadas pelo mundo inteiro. Outros documentos vieram após esse decreto, a fim de contextualizar essas idéias na prática de cada realidade concreta. Eis alguns deles:

### **3.2 CONCEITO DE MISSÃO NA *EVANGELII NUNTIANDI***

Em 1974, celebrando dez anos do Concílio Vaticano II, realiza-se em Roma um Sínodo sobre a Evangelização. O papa Paulo VI, utilizando-se do material produzido pelo Sínodo, elabora a Exortação Apostólica, *Evangelii Nuntiandi*, publicada em 1975.

*Evangelii Nuntiandi* torna-se de fundamental importância para toda a Igreja, no que se refere a sua própria essência, que é a missão. Encontramos nela pistas concretas de como os seguidores de Cristo devem, no mundo contemporâneo, viver e testemunhar sua fé.

---

<sup>190</sup> BETTSCHIEDER, Heribert; FERNANDES, Jorge. **A revolução na Missão.** Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/imprimir.asp?noticiaid=37427> Acesso em: 18 junho 2007, 16:55.

Essa Exortação Apostólica começa afirmando que o próprio Jesus ‘Evangelho de Deus’ é o primeiro e o maior dos evangelizadores. Cristo encarna-se para anunciar o Reino de Deus. “Devo anunciar também a outras cidades a Boa Nova do Reino de Deus, pois é para isso que fui enviado”.<sup>191</sup> Ele consome sua vida anunciando a Boa Nova.

Paulo VI assume, em nome de toda a Igreja, a responsabilidade de dar continuidade à obra evangelizadora iniciada pelo próprio Cristo.

Nós queremos confirmar que a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja [...]. Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na Santa Missa, que é o memorial da sua Morte e gloriosa Ressurreição.<sup>192</sup>

A Igreja nasce da ação evangelizadora de Cristo, que envia seus discípulos: “Ide e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.<sup>193</sup> Portanto, a Igreja nascida da missão torna-se missionária. É enviada por Jesus para evangelizar, do jeito que Ele faz e ensina. A Igreja transforma-se, assim, em um sacramento visível da presença de Jesus no mundo inteiro, dando continuidade a sua missão.

O modo mais eficaz de realizar sua missão evangelizadora é ser, antes de tudo evangelizada. Uma busca contínua de se renovar, de se converter a fim de evangelizar o mundo com credibilidade. Dessa maneira, a Igreja pode e deve enviar evangelizadores para transmitir ao mundo, com a máxima fidelidade, o Evangelho de Jesus Cristo. “Existe, portanto, uma ligação profunda entre Cristo, a Igreja e a evangelização. Durante este ‘tempo da Igreja’, é ela que tem a tarefa de evangelizar. E essa tarefa não se realiza sem ela, e menos ainda contra ela”.<sup>194</sup>

O que seria então Evangelizar? Paulo VI responde assim:

Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade [...]. A finalidade da evangelização, portanto, é precisamente esta mudança interior [...]. A Igreja evangeliza quando, unicamente firmada na potência divina da Mensagem que proclama, ela procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal

---

<sup>191</sup> Lc 4,43.

<sup>192</sup> PAULO VI. **Evangelii Nuntiandi**. São Paulo: Loyola, 1976, n 14, p. 16.

<sup>193</sup> Mt 28,19.

<sup>194</sup> PAULO VI. Op. cit. n. 16, p. 18.

e coletiva dos homens a atividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios.<sup>195</sup>

Portanto, não se trata simplesmente de anunciar a Palavra de Deus, mas fazer com que essa palavra penetre nos corações de todos os ouvintes. “Importa evangelizar não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital em profundidade”.<sup>196</sup>

A metodologia missionária mostra-se igualmente importante. Não basta ter clareza sobre o que anunciar, se não forem criadas estratégias sobre como desenvolver essa missão. Por isso, o documento diz que, antes de tudo, evangeliza-se com o testemunho de vida de cada cristão, seguindo o mandato de Jesus. “E vós sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria e até os confins da terra”.<sup>197</sup> “O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas”.<sup>198</sup>

Junto ao testemunho deve estar o anúncio explícito da Boa Nova. “Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados”.<sup>199</sup>

A mensagem a ser anunciada pela Igreja é o Evangelho de Jesus Cristo. Evangelizar, portanto, consiste em dar testemunho de Deus, revelado por Jesus Cristo, no Espírito Santo. “É proclamar que em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus”.<sup>200</sup>

A evangelização deve ser encarnada na realidade concreta das pessoas, compartilhando de suas alegrias e tristezas, problemas e preocupações. A obra da evangelização, no mundo contemporâneo, não pode negligenciar os problemas cruciais da humanidade referentes à paz, à justiça, ao desenvolvimento, à luta pela libertação humana, contra todo o tipo de violência.

---

<sup>195</sup> PAULO VI. Op. cit. n. 18, p. 21.

<sup>196</sup> Ib. n. 20, p. 21.

<sup>197</sup> At. 1,8.

<sup>198</sup> PAULO VI. Op. cit. n. 41, p. 34.

<sup>199</sup> Ib. n. 22, p. 23.

<sup>200</sup> Ib. n. 27, p. 26.

“O Espírito Santo é o agente principal de evangelização: é ele, efetivamente que impele para anunciar o Evangelho, como é ele que no mais íntimo das consciências leva a aceitar a Palavra da salvação”.<sup>201</sup>

Em relação aos responsáveis pela evangelização, o documento afirma que: “O poder pleno, supremo e universal que Cristo confia ao seu Vigário para o governo pastoral da sua Igreja, acha-se especialmente, portanto, na atividade de pregar e de mandar pregar a Boa Nova da salvação, que o Papa exerce”.<sup>202</sup>

O papa tem, em primeira pessoa, essa responsabilidade de evangelizar. Por sua vez, ele a compartilha com todos os demais membros da Igreja. Na unidade com o bispo de Roma, todos os bispos do mundo inteiro têm a autoridade para ensinar, na Igreja, a verdade revelada. Eles são os mestres da fé. Os religiosos, pela sua consagração, desempenham um papel importante na obra evangelizadora de toda a Igreja, assim como os leigos, as famílias, os jovens. Enfim, todos são convocados para a grande missão de evangelizar, cada um segundo seu carisma e seu ministério.

Quanto aos destinatários da evangelização da Igreja, percebe-se claramente que se trata de uma missão universal. Para todos os povos, a toda a criatura, até as extremidades da terra. Assim, ainda hoje, a meta da Igreja continua sendo levar a Boa Nova para todos os continentes, raças e línguas. Por isso, as grandes massas não cristãs permanecem na mira dos evangelizadores. Ao mesmo tempo, uma preocupação especial é dirigida ao mundo descristianizado; aos não crentes e aos não praticantes.

*Evangelii Nuntiandi* trata também de um aspecto importante na obra evangelizadora, que é a linguagem utilizada pela Igreja no desenvolver de sua missão. Por um lado, é importante que ela faça uma adaptação para os usos e costumes dos ouvintes específicos de cada época e região. Por outro lado, tem a obrigação de manter a fidelidade à mensagem original deixada por Jesus Cristo. O documento expressa, dessa forma, esta preocupação:

A evangelização perderia algo da sua força e da sua eficácia se ela porventura não tomasse em consideração o povo concreto a que ela se dirige, não utilizasse a sua língua, os seus sinais e símbolos; depois, não responderia também aos problemas que esse povo apresenta, nem atingiria a sua vida real. Por outro lado, a evangelização correria o risco de perder a sua alma e de se esvaecer se fosse despojada ou fosse desnaturada quanto ao seu conteúdo, sob o pretexto de a traduzir melhor; o mesmo sucederia, se ao querer adaptar uma realidade universal a um espaço localizado, se

---

<sup>201</sup> PAULO VI. Op. cit. n. 75, p. 63.

<sup>202</sup> Ib. n. 67, p. 55.

sacrificasse essa realidade ou se se destruísse a unidade, sem a qual já não subsiste a universalidade. Ora, sendo assim, só uma Igreja que conserva a consciência da sua universalidade e demonstra de fato ser universal, pode ter uma mensagem capaz de ser entendida por todos, passando por cima de demarcações regionais.<sup>203</sup>

Concluindo a Exortação Apostólica, Paulo VI declara que o mundo realmente espera, de todos os membros da Igreja, a “simplicidade de vida, espírito de oração, caridade para com todos, especialmente para com os pequeninos e os pobres, obediência e humildade, desapego de nós mesmos e renúncia. Sem essa marca de santidade, dificilmente a nossa palavra fará a sua caminhada até atingir o coração do homem dos nossos tempos; ela corre o risco de permanecer vã e infecunda”.<sup>204</sup>

Isto é, os evangelizadores precisam estar imbuídos de certas características que lhes dão autoridade e garantem a eficácia de seu trabalho. A primeira delas seria a coerência de vida, ou seja, acreditar naquilo que se prega, viver aquilo que se acredita e pregar aquilo que se vive. Além disso, os evangelizadores devem ser testemunhas da unidade de Cristo com sua Igreja e entre todos os membros da mesma, evitando divisões e conflitos. Devem ser ministros da verdade e exemplos de amor. Também o respeito constitui uma característica fundamental que não pode faltar no evangelizador, pela situação religiosa e espiritual das pessoas a quem se evangeliza. Tudo isso com o fervor do espírito que conserva a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas.

### 3.3 CONCEITO DE MISSÃO NA *REDEMPTORIS MISSIO*

Celebrando os 25 anos da realização do Concílio Vaticano II e os 15 anos da Exortação Apostólica, *Evangelii Nuntiandi*, o papa João Paulo II, em 1980, escreve a encíclica *Redemptoris Missio*, com a finalidade de renovar a fé e a vida cristã. Afinal, é a missão que renova a fé da Igreja e revigora sua identidade, dando-lhe novo entusiasmo e novas motivações. Outro objetivo que leva João Paulo II a escrever essa encíclica é o de clarificar as ambigüidades da missão *Ad Gentes*.

O novo conceito de missão, elaborado pelo Concílio Vaticano II, em que ‘toda Igreja é missionária’, deixa na prática alguns pontos mal resolvidos, sobretudo no que se refere à missão *Ad Gentes*. De fato, nesses últimos anos, o número dos não cristãos

---

<sup>203</sup> PAULO VI. Op. cit. n 63, p. 52.

<sup>204</sup> Ib. n. 76, p.65.

praticamente duplica, mostrando assim que a obra evangelizadora da Igreja tem deixado muito a desejar.

Como ponto de partida, a encíclica expressa claramente a dimensão universal da fé. Deus quer salvar todos os homens, o mundo inteiro. Portanto, “a missão universal da Igreja nasce da fé em Jesus Cristo como o único salvador de todos, o único capaz de revelar e de conduzir a Deus”.<sup>205</sup> Essa convicção está presente desde as primeiras pregações dos apóstolos, no início da Igreja: “Pois não há debaixo do céu, outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos”.<sup>206</sup>

Através dessa premissa clara, a Igreja herda o compromisso de anunciar o nome de Jesus aos quatro cantos do mundo. Evangelizar é o anúncio e o testemunho de Cristo, que deve ser feito respeitando as consciências das pessoas a serem evangelizadas.

A fé exige a livre adesão do homem, mas tem de ser proposta, já que as multidões têm o direito de conhecer as riquezas do mistério de Cristo, nas quais toda a humanidade – assim acreditamos – pode encontrar, numa plenitude inimaginável, tudo aquilo que procura, às apalpadelas, a respeito de Deus, do homem, do seu destino, da vida e da morte, da verdade [...] É por isso que a Igreja conserva bem vivo seu espírito missionário, desejando até que ele se intensifique, neste momento histórico que nos foi dado viver.<sup>207</sup>

A Igreja, sendo a primeira beneficiária da salvação, tem a consciência de ser um instrumento universal de salvação para todos os homens e não apenas para os seus filhos. Assim, se a salvação é para todos, deverá ser posta à disposição de todos. Eis o trabalho da Igreja: levar essa mensagem para todas as nações. “A Igreja não pode deixar de proclamar que Jesus veio revelar a face de Deus, e merecer, pela cruz e ressurreição, a salvação para todos os homens”.<sup>208</sup>

“Jesus veio trazer a salvação integral, que abrange o homem todo e todos os homens, abrindo-lhes os horizontes admiráveis da filiação divina”.<sup>209</sup> Por isso, a Igreja, e nela cada cristão, não pode esconder nem guardar para si essa novidade e riqueza, recebida da bondade divina para ser comunicada a todos os homens.

Essa novidade chama-se ‘Reino de Deus’. Reino que Jesus vem proclamar pessoalmente.

---

<sup>205</sup> JOÃO PAULO II. Op. cit. n. 4-5, p. 11-12.

<sup>206</sup> At 4,12.

<sup>207</sup> JOÃO PAULO II. Op. cit. n. 8, p. 17.

<sup>208</sup> Ib. n. 11, p. 21.

<sup>209</sup> Ib. n. 11, p. 22.

O Reino de Deus não é um conceito, uma doutrina, um programa sujeito a livre elaboração, mas é, acima de tudo, uma pessoa que tem o nome e o rosto de Jesus de Nazaré, imagem do Deus invisível. Se separarmos o Reino, de Jesus, ficaremos sem o Reino de Deus por ele pregado, acabando por se distorcer quer o sentido do Reino, que corre o risco de se transformar numa meta puramente humana ou ideológica, quer a identidade de Cristo.<sup>210</sup>

Usando as palavras de Paulo VI, o papa João Paulo II define assim a Igreja: “A Igreja não é fim em si mesma, pelo contrário, deseja intensamente ser toda de Cristo, em Cristo e para Cristo, e toda dos homens, entre os homens e para os homens”.<sup>211</sup>

A Igreja está a serviço do Reino, pelo anúncio que faz da Boa Nova, chamando as pessoas para a conversão. Outro serviço que a Igreja presta ao Reino é na fundação de comunidades eclesiais - amadurecendo a fé e a caridade dos fiéis -, na abertura aos outros e no serviço à pessoa e à sociedade. A Igreja preocupa-se também com a difusão dos valores evangélicos entre os homens. Isso se dá através do seu testemunho e de suas atividades apostólicas. Entre elas, destacam-se: o diálogo, a promoção humana, o compromisso com a paz e com a justiça, a educação, o cuidado dos doentes, a assistência aos pobres. Enfim, a Igreja serve ao Reino por meio de sua intercessão, como já diz a oração do Pai Nosso: suplica para que ele seja acolhido e para que cresça entre nós.

A missão da Igreja começa com a vinda do Espírito Santo. É ele quem capacita os apóstolos a pregarem sem medo a Palavra de Deus, na Igreja primitiva. É o mesmo Espírito que habilita hoje os evangelizadores na mesma missão.

O Espírito impele o grupo dos crentes a constituir comunidades, a serem Igreja. De fato, uma das finalidades centrais da missão consiste em reunir o povo de Deus na escuta do Evangelho, na comunhão fraterna, na oração e na Eucaristia. Viver a ‘comunhão fraterna’ (*koinonía*) significa ter um só coração e uma só alma, instaurando uma comunhão sob os aspectos humano, espiritual e material. As primeiras comunidades cristãs são dinamicamente abertas e missionárias. Isso serve de exemplo para nossas comunidades eclesiais de hoje: valorizar o dinamismo, a abertura, os ministérios, a prática do amor e da solidariedade.

“A Igreja hoje deve lançar-se para novas fronteiras, quer na primeira missão *ad gentes*, quer na nova evangelização dos povos que já receberam o anúncio de Cristo: a todos os cristãos, às igrejas particulares e à Igreja universal, pede-se a mesma coragem

---

<sup>210</sup> JOÃO PAULO II. Op. cit. n. 18, p. 33.

<sup>211</sup> Ib. n. 19, p. 34.

que moveu os missionários do passado, a mesma disponibilidade para escutar a voz do Espírito”.<sup>212</sup>

No que se refere à evangelização no mundo de hoje, a Igreja deve levar em consideração três situações distintas: a primeira delas são as regiões onde Cristo ainda não é conhecido, ali se necessita de uma missão *ad gentes*; a segunda situação são os ambientes já evangelizados, com a necessidade do cuidado pastoral, uma missão de preservação; a terceira situação são as regiões já evangelizadas, mas que estão perdendo o sentido vivo da fé, para estas regiões o papa fala de uma nova evangelização, ou re-evangelização.

Na *Redemptoris Missio* há a preocupação de fazer da Igreja um instrumento de salvação para todos. Por isso mesmo, a mudança de enfoque missionário, onde todos agora são os protagonistas da missão, pode levar a um enfraquecimento de uma parte constitutiva importante da missão da Igreja, que é justamente a dimensão *Ad Gentes*. O Papa diz:

A integração das ‘missões’ na missão da Igreja, o confluir da missionologia para a eclesiologia, e a inserção de ambas no plano trinitário da salvação, deu um novo ar à própria atividade missionária, não concebida já como uma tarefa à margem da Igreja, mas antes inserida no âmago de sua vida, como compromisso fundamental de todo o Povo de Deus. Torna-se necessário, porém, precaver-se contra o risco de nivelar situações muito diferentes, e reduzir ou até fazer desaparecer a missão e os missionários *ad gentes*. A afirmação de que toda a Igreja é missionária não exclui a existência de uma específica missão *ad gentes*, assim como dizer que todos os católicos devem ser missionários não impede – pelo contrário, exige-o – que haja missionários *ad gentes*, dedicados por vocação específica à missão por toda a vida.<sup>213</sup>

A missão de anunciar Jesus Cristo a todos os povos apresenta-se enorme e desproporcionada relativamente às forças humanas da Igreja. O número dos não cristãos aumenta gradativamente. São inúmeras as dificuldades de levar a cabo a missão *ad gentes*, tanto a nível externo (países que não permitem o culto cristão, outros que não aceitam a presença de missionários, culturas milenares fechadas ao cristianismo, etc.) como também a nível interno (as divisões entre os cristãos, a descristianização em países cristãos, o indiferentismo, o relativismo religioso). Esse quadro facilmente levaria a um desânimo. Justamente por isso o papa escreve:

---

<sup>212</sup> JOÃO PAULO II. Op. cit. n. 30, p. 49.

<sup>213</sup> Ib. n. 32, p. 53.

“A certeza que não somos nós os protagonistas da missão, mas Jesus Cristo e seu Espírito. Somos apenas colaboradores e depois de termos feito tudo o que estava ao nosso alcance devemos dizer: ‘somos servos inúteis, fizemos apenas o que devíamos fazer’. (Lc 17,10)”.<sup>214</sup>

A metodologia que os missionários devem sempre aplicar consiste no diálogo. A salvação é um dom, um presente, uma oferta e não uma imposição. Por isso, “a Igreja propõe, não impõe nada: respeita as pessoas e as culturas, detendo-se diante do sacrário da consciência. Aos que se opõem, com os mais diversos pretextos, à atividade missionária, a Igreja repete: ‘Abri as portas a Cristo!’”<sup>215</sup>

No campo da missão *ad gentes*, a encíclica enfatiza três âmbitos distintos: territorial, fenômenos sociais novos e áreas culturais. O termo missão territorial soa um pouco arcaico. No entanto, o papa alerta sobre a necessidade de se fazer uma distinção entre regiões que já foram evangelizadas, e que posteriormente perderam o ardor da fé, e de outras onde o Evangelho nunca conseguiu chegar.

O critério geográfico, mesmo se provisório e não muito preciso, serve ainda para indicar as fronteiras para as quais se deve dirigir a atividade missionária. Existem países e áreas geográficas autóctones; noutros lugares, estas são tão pequenas, que não é possível reconhecer nelas um sinal claro da presença cristã, ou então, a estas comunidades falta o dinamismo para evangelizar a própria sociedade, ou pertencem a populações minoritárias, não inseridas na cultura dominante. Em particular, no continente asiático, para onde deveria orientar-se principalmente a missão *ad gentes*, os cristãos são uma pequena minoria, apesar de, às vezes se verificarem movimentos significativos de conversão e testemunhos exemplares de presença cristã.<sup>216</sup>

No âmbito dos novos fenômenos sociais, destaca-se a urbanização acelerada, sobretudo nos países do sul do mundo. Assim, os lugares privilegiados deveriam ser as grandes cidades. Afinal, é nesse ambiente que surgem novos costumes e modelos de vida, novas formas de cultura e de comunicação, que vêm a influenciar, de forma incisiva, toda população. Nesse âmbito são destacados, de maneira especial, os jovens, que devem ser prioridade para a comunidade eclesial, devido ao alto número dos mesmos e de seu papel essencial no futuro da própria Igreja. O documento destaca também os emigrantes, os refugiados e as situações de pobreza. “Estas situações

---

<sup>214</sup> JOÃO PAULO II. Op. cit. n. 36, p. 58.

<sup>215</sup> Ib. n. 39, p. 67.

<sup>216</sup> Ib. n. 37, p. 60.

desumanas desafiam a comunidade cristã: o anúncio de Cristo e do Reino de Deus deve tornar-se instrumento de redenção humana para estas populações”.<sup>217</sup>

O terceiro âmbito é o assim chamado ‘modernos areópagos’. Nessa categoria é contemplada a problemática do mundo da comunicação social:

O uso dos *mass-média* não tem somente a finalidade de multiplicar o anúncio do Evangelho: trata-se de um fato muito mais profundo, porque a própria evangelização da cultura moderna depende, em grande parte, da sua influência. Também neste âmbito se coloca o empenho pela paz, o desenvolvimento e a libertação dos povos, sobretudo das minorias; a promoção da mulher e da criança; a proteção da natureza, o campo da cultura, da pesquisa científica, do ‘ressurgimento religioso’.<sup>218</sup>

A primeira forma de testemunho é a própria vida do missionário, da família cristã e da comunidade eclesial, que torna visível o novo modo de se comportar. Esse testemunho expressa-se na atenção às pessoas, na promoção humana, na caridade em favor dos pobres e dos que sofrem, no compromisso com a paz, com a justiça, com os direitos humanos. A Igreja é chamada a dar o seu testemunho por Cristo, assumindo posições corajosas e proféticas, em face da corrupção do poder político ou econômico, não buscando ela própria a glória e os bens materiais; usando seus bens para o serviço dos mais pobres e imitando a simplicidade de vida de Cristo.

“A ação evangelizadora da comunidade cristã, primeiramente no próprio território, e depois, mais além, como participação na missão universal, é o sinal mais claro da maturidade da fé”.<sup>219</sup>

A Igreja sempre desenvolveu sua missão entre os povos, em diferentes culturas. Entretanto, nem sempre foi tomado o devido cuidado com a diversidade cultural das populações que seriam evangelizadas. Hoje, porém, a questão da inculturação tornou-se algo urgente:

O processo de inserção da Igreja, nas culturas dos povos, requer, um tempo longo: é que não se trata de uma mera adaptação exterior, já que a inculturação ‘significa a íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas’. Trata-se, pois, de um processo profundo e globalizante que integra tanto a mensagem cristã como a reflexão e a práxis da Igreja. Mas é, também um processo difícil, porque não pode comprometer de modo algum, a especificidade e a integridade da fé cristã. Pela inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e, simultaneamente, introduz os povos com suas culturas, na própria comunidade, transmitindo-lhes seus próprios valores, assumindo o que de

---

<sup>217</sup> JOÃO PAULO II. Op. cit. n. 37, p. 63.

<sup>218</sup> Ib. n. 37, p. 65.

<sup>219</sup> Ib. n. 49, p. 80.

bom nelas existe, e renovando-as a partir de dentro. Por sua vez, a Igreja, com a inculturação, torna-se um sinal mais transparente daquilo que realmente ela é, e um instrumento mais apto para a missão.<sup>220</sup>

Juntamente com a inculturação, mostra-se importante o diálogo inter-religioso. “O diálogo fundamenta-se sobre a esperança e a caridade, e produzirá frutos no Espírito. As outras religiões constituem um desafio positivo para a Igreja: estimulam-na, efetivamente, quer a descobrir e a reconhecer os sinais da presença de Cristo e da ação do espírito, quer a aprofundar a própria identidade e a testemunhar a integridade da revelação, da qual é depositária para o bem de todos”.<sup>221</sup>

Para a eficácia da obra evangelizadora revela-se indispensável a coerência dos seus ministros e a boa preparação intelectual e espiritual dos mesmos. Porém, isso não é o suficiente. Cada missionário é convidado também a um contínuo processo de conversão, em vista da santidade.

Renovado impulso para a missão *ad gentes* exige missionários santos. Não basta explorar, com maior perspicácia, as bases teológicas e bíblicas da fé, nem renovar os métodos pastorais, nem ainda organizar e coordenar melhor as forças eclesiais: é preciso suscitar um novo ‘ardor de santidade’ entre os missionários e em toda a comunidade cristã, especialmente entre aqueles que são os colaboradores mais íntimos dos missionários.<sup>222</sup>

O exemplo de vida conta muito. O anunciador do evangelho deve vivê-lo com todo seu coração, de toda sua alma e com todas suas forças. Ele deve testemunhar a felicidade daquela pessoa que acaba de encontrar um tesouro de grande valor. “A característica de qualquer vida missionária autêntica é a alegria interior que vem da fé. Num mundo angustiado e oprimido por tantos problemas, e que tende ao pessimismo, o proclamador da ‘boa nova’ deve ser um homem que encontrou, em Cristo, a verdadeira esperança”.<sup>223</sup>

### **3.4 CONCEITO DE MISSÃO NA *NOVO MILLENNIO INEUNTE***

No término das celebrações do grande jubileu do ano 2000, o papa João Paulo II escreve a carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*, na qual faz um resumo de tudo aquilo que foi, para a Igreja, a celebração dos dois mil anos de história do cristianismo. Ele destaca os momentos mais significativos do jubileu, sublinhando a

---

<sup>220</sup> JOÃO PAULO II. Op. cit. n. 52, p. 84.

<sup>221</sup> Ib. n. 56, p. 91.

<sup>222</sup> Ib. n. 90, p. 140.

<sup>223</sup> Ib. n. 91, p. 141.

grande participação popular, nas diversas iniciativas promovidas pela Igreja, para celebrar esta data histórica.

“Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20) Essa certeza, amados irmãos e irmãs, acompanhou a Igreja durante dois milênios e agora foi reavivada em nossos corações com a celebração do Jubileu; dela devemos auferir um novo impulso para a vida cristã, ou melhor, fazer dela a força inspiradora de nosso caminho. É com a consciência desta presença do ressuscitado entre nós que hoje nos fazemos a pergunta feita a Pedro no fim de seu discurso de Pentecostes, em Jerusalém: “Que havemos de fazer?” (At 2,37).<sup>224</sup>

Toda Igreja questiona-se sobre seu papel no mundo contemporâneo. O que faria Cristo se estivesse hoje aqui conosco? O que os membros da Igreja de Cristo devem fazer? Essa é uma indagação pertinente, pois, sem um constante questionamento da prática, facilmente perder-se-ia o foco no qual se deve concentrar prioritariamente as energias na ação pastoral. Quanto ao programa, não há nada de novo:

O programa já existe: é o mesmo de sempre, expresso no Evangelho e na Tradição viva. Concentra-se, em última análise, no próprio Cristo, que temos de conhecer, amar, imitar, para nele viver a vida trinitária e com ele transformar a história até sua plenitude na Jerusalém celeste. É um programa que não muda com a variação dos tempos e das culturas, embora se levem em conta o tempo e a cultura para um diálogo verdadeiro e uma comunicação eficaz. Esse programa de sempre é nosso programa para o terceiro milênio.<sup>225</sup>

O projeto não muda. O que deve mudar, no entanto, são as orientações pastorais, ajustadas às condições de cada comunidade. Assim, o papa aponta algumas prioridades pastorais que a experiência do Grande Jubileu lhe inspirou. A primeira delas é a santidade. Combater um nível de vida superficial, procurar colocar em prática as palavras de Cristo: “Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito”.<sup>226</sup> Esse caminho da santidade é oferecido a todos os cristãos.

Para essa pedagogia da santidade, necessita-se um cristianismo que se destaque, principalmente, pela arte da oração. É necessário aprender a rezar, como os discípulos pediram a Jesus: “Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou a seus discípulos”.<sup>227</sup> Afinal, é pela oração que se pode tornar amigo íntimo de Cristo e, por meio dela, tem-se a garantia da autenticidade da fé. Uma oração intensa e encarnada no compromisso de construir a história, segundo o desígnio de Deus.

---

<sup>224</sup> JOÃO PAULO II. *Novo Milennio Ineunte*. São Paulo: Paulus e Loyola, 2001. n. 29, p.31.

<sup>225</sup> Ib. n. 29, p. 31.

<sup>226</sup> Mt 5,48.

<sup>227</sup> Lc 11,1.

Outra prioridade é a Eucaristia dominical. “Ela é também o antídoto mais natural contra o isolamento; é o lugar privilegiado onde a comunhão é constantemente anunciada e fomentada. Precisamente mediante a participação eucarística, o dia do Senhor torna-se também o dia da Igreja, que poderá, assim, desempenhar de modo eficaz sua missão de sacramento de unidade”.<sup>228</sup>

Juntamente com a participação dominical na Eucaristia, o papa enfatiza a importância do sacramento da reconciliação e o primado da graça, ou seja, reconhecer que “sem Cristo nada podemos fazer”.<sup>229</sup> Nessa perspectiva de renovação da fé, a escuta da palavra de Deus tem uma grande importância. Palavra ouvida, meditada, viva, que interpela, orienta e plasma a existência dos seres humanos.

Alimentar-nos da Palavra para sermos ‘servos da Palavra’ no trabalho de evangelização, tal é, sem dúvida, uma prioridade da Igreja ao início do novo milênio. [...] Hoje, no contexto da globalização e da nova e progressiva mistura de povos e culturas que a caracteriza, tem-se de enfrentar com coragem uma situação que vai se tornando cada vez mais variada e difícil. Ao longo destes anos, muitas vezes repeti o apelo à nova evangelização, e faço-o agora uma vez mais para inculcar, sobretudo, que é preciso reacender em nós o zelo das origens, deixando-nos invadir pelo ardor da pregação apostólica que se seguiu a Pentecostes. Devemos reviver em nós o sentimento ardente de Paulo que o levava a exclamar: ‘Ai de mim se não evangelizar!’ (I Cor 9,16).<sup>230</sup>

Essa paixão missionária deve contagiar todos os membros do povo de Deus. Quem verdadeiramente encontra Cristo não pode retê-lo para si; deve anunciá-lo. É preciso um novo ímpeto apostólico, vivido como compromisso diário das comunidades e dos grupos cristãos, o que gera uma diversidade substancial na forma de viver e expressar a fé.

Por isso, “o cristianismo do terceiro milênio deverá responder cada vez melhor a essa exigência de inculturação. Permanecendo o que é, na fidelidade total ao anúncio evangélico e à tradição eclesial, o cristianismo assumirá também o rosto das diversas culturas e dos vários povos onde for acolhido e se radicar”.<sup>231</sup>

“Cristo deve ser proposto a todos com confiança. A proposta seja feita aos adultos, às famílias, aos jovens, às crianças, sem nunca esconder as exigências mais radicais da mensagem evangélica, mas adaptando-a, quanto à sensibilidade e

---

<sup>228</sup> JOÃO PAULO II. Op. cit. n. 36, p. 37.

<sup>229</sup> Jo 15,5.

<sup>230</sup> JOÃO PAULO II. Op. cit. n. 40, p. 40.

<sup>231</sup> Ib. n. 40, p. 40.

linguagem, à situação de cada um, segundo o exemplo de Paulo que afirmava: ‘Fiz-me tudo para todos, para certamente salvar alguns!’ (ICor 9,22)”.<sup>232</sup>

Para dar sustento a todo esse movimento evangelizador renovado, é preciso promover uma nova espiritualidade, a espiritualidade da comunhão. Isso significa, em primeiro lugar, ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz deve ser percebida também no rosto dos irmãos, que estão em nosso redor. Espiritualidade da comunhão significa também a capacidade de sentir o irmão de fé, na unidade profunda do corpo místico, ou seja, como ‘um que faz parte de mim’, para saber partilhar suas alegrias e seus sofrimentos, para intuir seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para oferecer-lhe uma verdadeira e profunda amizade.

Se verdadeiramente se parte da contemplação de Cristo, precisa-se saber vê-lo, sobretudo, no rosto daqueles com quem Ele mesmo quis identificar-se: os pobres.

Devemos procurar que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como em sua casa. Não seria este estilo a maior e mais eficaz apresentação da boa nova do Reino? Sem esta forma de evangelização realizada por meio da caridade e do testemunho da pobreza cristã, o anúncio do Evangelho – e este anúncio é a primeira caridade – corre o risco de não ser compreendido ou de afogar-se naquele mar de palavras que a atual sociedade da comunicação diariamente nos apresenta. A caridade das obras garante uma força inequívoca à caridade das palavras.<sup>233</sup>

A carta do papa é mais direcionada para dentro da Igreja. Fala dos pobres como um convite para que eles venham até ela. No entanto, esta não assume publicamente o compromisso de lutar contra as estruturas que geram a pobreza. Parece que os estímulos da teologia da Libertação não são mais levados em consideração. A preocupação prioritária da carta apostólica é essencialmente *ad intra*.

O papa acrescenta dizendo que está começando um novo milênio sob a luz de Cristo. Porém, ainda muitos irmãos e irmãs não conhecem essa luz. “A nós cabe a tarefa maravilhosa e exigente de ser seu ‘reflexo’. É o *mysterium lunae*, tão querido à contemplação dos Santos Padres, que usavam essa imagem para indicar como a Igreja depende de Cristo: Ele é o sol, cuja luz ela reflete. Era uma maneira de exprimir o que Cristo disse quando se apresentou como ‘luz do mundo’ (Jo 8,12) e pediu também a seus discípulos para serem ‘luz do mundo’ (Mt 5,14)”.<sup>234</sup>

---

<sup>232</sup> JOÃO PAULO II. Op. cit. n. 40, p. 41.

<sup>233</sup> Ib. n. 50, p. 51.

<sup>234</sup> Ib. n. 54, p. 53.

A missão no terceiro milênio contempla também o diálogo inter-religioso que deve continuar segundo a linha traçada pelo Concílio Vaticano II, sobretudo nesse tempo em que se vive um pluralismo cultural e religioso mais acentuado. “Tal diálogo também se mostra importante para criar uma segura premissa de paz e afastar o espectro funesto das guerras de religião, que já cobriram de sangue muitos períodos na história da humanidade. O nome do único Deus deve tornar-se cada vez mais aquilo que é: um nome de paz, um imperativo de paz”.<sup>235</sup>

Conclui-se dizendo que a missão da Igreja para o terceiro milênio continua a mesma de sempre. Afinal, o Cristo é o mesmo. Mudou a sociedade. Os homens já não têm as mesmas preocupações que tinham nos séculos passados. Por isso, a Igreja quer atualizar-se, ou melhor, precisa constantemente procurar novas respostas para os novos problemas que a humanidade vai enfrentando. Nessa missão, todos os batizados são convocados. Os leigos crescem em importância, como protagonistas na ação evangelizadora de toda a Igreja. Uma preocupação sentida é a insistência de uma missão voltada para a Igreja, *ad intra*. Às vezes, o papa é mais citado que o próprio Jesus Cristo. A impressão que se tem é que, para alguns católicos a estrutura eclesial é mais importante que o próprio Reino de Deus.

Passa-se agora ao estudo sucinto sobre os documentos da Igreja na América Latina. É importante ter presente como a missão foi sendo trabalhada no continente latino americano nesses últimos anos.

### **3.5 CONCEITO DE MISSÃO NA AMÉRICA LATINA**

A Igreja, na América Latina, tem uma história de 500 anos. Os missionários chegam junto com os colonizadores europeus. A colonização marca profundamente a evangelização. O Evangelho chega com a força dominadora dos conquistadores, e a liberdade de pedir e aceitar o batismo é desrespeitada. A metodologia missionária, aplicada nos primeiros anos, revela-se altamente opressora e autoritária: ‘Ou a cruz ou a espada’. O povo autóctone não é evangelizado, apenas batizado. O mesmo se dá com os escravos trazidos da África: antes mesmo de pisarem em terra firme, já são batizados. Todos se tornam, querendo ou não, católicos, membros da Igreja.

---

<sup>235</sup> JOÃO PAULO II. Op. cit. n. 55, p. 54.

Em meio a tantos abusos e práticas pouco evangélicas, podem-se encontrar também personagens que vivem a fé cristã com autenticidade. Missionários que testemunham a verdadeira fé.

No momento, o objetivo que se propõe não é de aprofundar o estudo sobre a história da evangelização na América Latina. Apenas destacar-se-ão alguns traços marcantes da atuação da Igreja no continente americano, nesses últimos anos.

Falar-se-á, em poucas palavras, sobre as Conferências do Episcopado Latino-Americano, realizadas após o Concílio Vaticano II. Exclui-se, assim, do nosso estudo a I Conferência realizada no Rio de Janeiro, em 1955, e também a V Conferência de Aparecida, recém realizada e cujos documentos ainda não se tem à disposição. Desta última fazem-se apenas algumas referências sobre temas específicos da missão.

### **3.5.1 CONCEITO DE MISSÃO NA CONFERÊNCIA DE MEDELLÍN**

A segunda conferência geral do episcopado latino-americano dá-se em Medellín, na Colômbia, em 1968. Os bispos lá reunidos têm a missão de atualizar as decisões do Concílio Vaticano II, para o continente latino-americano. O método utilizado é o Ver, Julgar e Agir. Ou seja, partindo da realidade, os bispos analisam a situação em que vive o povo latino-americano e, à luz do Evangelho, da Tradição e das conclusões do Concílio Vaticano II, julgam essa mesma realidade, apontando pistas concretas de ação.

A conferência de Medellín torna-se, assim, o grande ‘divisor de águas’ para o continente. Antes de Medellín, há na América Latina uma Igreja que apenas reproduz os moldes da Igreja européia, que não leva em consideração a realidade local, existencial e social dos seus membros. “A Igreja latino-americana, mais que ser Igreja da América Latina, era mais propriamente a Igreja européia na América Latina. Era de fato, uma Igreja em estado de minoridade, tutelada, privada de sua legítima autonomia institucional”.<sup>236</sup>

Precisamente, Medellín pode ser vista como a recepção criativa do Vaticano II na América Latina. Não mais como imposição vinda de fora, mas como fonte de inspiração. Além disso, os fatores sociais do próprio continente levam a Igreja, na

---

<sup>236</sup> BOFF, Clodovis. **A originalidade histórica de Medellín**. Disponível em: <http://www.sedos.org/spanish/boff.html> Acesso em: 16 junho 2007, 22:30.

América Latina, a definir sua identidade. Sua característica básica é justamente ser uma ‘Igreja social’: uma Igreja profética, voltada aos pobres e libertadora.

Os bispos que participam da conferência estão conscientes da importância histórica daquele momento. Do começo ao fim, proclamam explicitamente uma ‘nova época da história’ e a definem, precisamente, em termos de ‘libertação’.

“Estamos no umbral de uma nova época da história de nosso continente. Época plena de um desejo de emancipação total, de libertação de qualquer servidão [...]. Notamos aqui o prenúncio do parto doloroso de uma nova civilização [...]”.<sup>237</sup>

É em Medellín que a Igreja na América Latina começa a delinear seu rosto próprio e, com o passar dos anos, esta fisionomia vai se concretizando. Os traços típicos que caracterizam essa Igreja são: a opção pelos pobres, a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base. Esses três aspectos são essenciais e marcantes e tornam-se termos de identificação da Igreja na América Latina. Por isso, julga-se importante fazer um pequeno comentário sobre cada um deles.

A opção pelos pobres implica no distanciamento da Igreja frente ao poder, ao qual está amarrada desde o início, e na conseqüente aproximação com os pobres. Segundo as palavras da própria conferência, no documento XIV: ‘Pobreza na Igreja’, os bispos pleiteiam por uma “Igreja livre das amarras temporais, conveniência e prestígio ambíguo”.<sup>238</sup> E que esteja “próxima dos pobres”.<sup>239</sup>

Na opção pelos pobres, quem deve se converter primeiramente é a própria hierarquia que vive, e em certos ambientes continua vivendo, muito distante dos mais necessitados. Uma conversão que leva a Igreja a ser pobre, com os pobres. Medellín fala mesmo de pobreza concreta, pés no chão, assumindo a missão na inserção, vivendo com os pobres. É uma opção pelos pobres contra a pobreza.

O segundo ponto essencial é a Teologia da Libertação. O documento de Medellín apresenta Cristo, que “liberta todos os homens de todas as escravidões”.<sup>240</sup> Fala-se de uma verdadeira libertação, que “envolve uma profunda conversão, uma

---

<sup>237</sup> BOFF, Clodovis. Op. cit. n. 4.

<sup>238</sup> CELAM, **Conclusões da Conferência de Medellín**. São Paulo: Paulinas, 1987, doc. 14, n. 18, p.149.

<sup>239</sup> Ib. Doc. 14, n. 9, p. 147.

<sup>240</sup> Ib. Doc. 1, n. 3, p. 10.

libertação integral como ação da obra divina”.<sup>241</sup> O “amor é a grande força libertadora da injustiça e opressão”.<sup>242</sup>

O terceiro aspecto constitutivo da essência da Igreja, na América Latina, são as comunidades eclesiais de base. Elas são fruto da opção pelos pobres, feita pela Igreja do continente. As CEBs constituem a instância operativa da teologia da libertação. Elas nascem logo no início dos anos 60, portanto, um pouco antes de Medellín. Porém, é justamente essa assembléia que as legitima e as propaga em todo o continente. De fato, pede-se aí que o CELAM “estude o fenômeno ainda recente das ‘comunidades cristãs de base’ e as divulgue e, na medida do possível, as coordene”.<sup>243</sup>

Concluindo, pode-se afirmar que com Medellín a Igreja latino-americana começa a ter sua identidade própria e específica. Sua imagem passa a ser internacionalmente reconhecida. Mostra-se importante também salientar o papel dos leigos na Igreja, a partir de Medellín. Com o ‘decreto de morte do clericalismo’ e com o ‘registro de nascimento’ de uma Igreja ministerial, surgem com toda força os novos protagonistas da Igreja: os leigos. “Medellín [...] procurou sublinhar a face laical da Igreja no sentido teológico [...]. Os leigos não são apenas destinatários da missão da Igreja. São também sujeitos eclesiais. São também responsáveis pela vida eclesial. Mesmo onde não é possível a presença direta do bispo e do presbítero, deve haver uma vida eclesial, sobretudo orante e evangelizadora, coordenada pelos ministérios não ordenados”.<sup>244</sup>

### 3.5.2 CONCEITO DE MISSÃO NA CONFERÊNCIA DE PUEBLA

A terceira conferência episcopal latino-americana dá-se em Puebla, no México, em 1979. Pode-se sintetizar todo o documento de Puebla com a palavra ‘Evangelização’.

Puebla segue a linha de Medellín e aprofunda temas importantes, como a dimensão missionária da Igreja latino-americana. O ponto central do documento é a Evangelização e, no seu interior, aparecem os critérios de como torná-la

---

<sup>241</sup> CELAM, **Conclusões da Conferência de Medellín**. Doc. 1 n. 4, p. 13.

<sup>242</sup> *Ib.* n. 5, p. 14.

<sup>243</sup> *Ib.* Doc. 15, n. 32, p. 160.

<sup>244</sup> SANTOS, Benedito Beni dos. **Discípulos e missionários de Jesus**. Disponível em: [http://www.cnbb.org.br/documento\\_geral/DiscipulosMissionariosJC.doc](http://www.cnbb.org.br/documento_geral/DiscipulosMissionariosJC.doc) Acesso em: 25 abril 2007, 12:20.

verdadeiramente cristã, fazendo opções que se dirigem, em primeiro lugar, aos setores mais necessitados, mais descristianizados, mais marginalizados.

No documento, observam-se as condições e os critérios necessários e até indispensáveis para que essa evangelização, que a Igreja na América Latina se propõe a levar a cabo, seja realmente aquela desejada pelo seu fundador, Jesus Cristo. Assim, listam-se alguns pontos essenciais que não podem faltar na ação pastoral, em nosso continente.

Primeiramente, não há verdadeira evangelização se esta não conduz, em sua dinâmica, a adesão a Jesus Cristo na Igreja. Este ponto aparece claro nos capítulos dedicados a Cristo e a Igreja.<sup>245</sup>

A evangelização cristã é histórica, ou seja, faz-se a partir dos homens e mulheres concretos que vivem nesse continente, de sua história, da sua cultura, alegrias e tristezas, aspirações e decepções; enfim, a partir de sua realidade.<sup>246</sup>

A evangelização cristã é integral, ou seja, ela deve transformar as pessoas como indivíduos, mas também a nível social:

A partir da pessoa chamada à comunhão com Deus e com os homens, o Evangelho deve penetrar em seu coração, em suas experiências e modelos de vida, em sua cultura e ambientes, para fazer uma humanidade nova com homens novos e caminharem todos na direção de uma nova maneira de ser, julgar, viver e conviver. Este é um serviço que a todos nós obriga.<sup>247</sup>

O povo cristão latino-americano é convocado a ser fermento de transformação na sociedade, eliminando as estruturas que geram a opressão e as injustiças sociais. A verdadeira evangelização, portanto, seria a evangelização libertadora. Este aspecto aparece 54 vezes no documento.

A dimensão missionária da Igreja está ligada diretamente ao tema da evangelização. Para Segundo Galilea, a evangelização cristã é essencialmente missionária:<sup>248</sup>

---

<sup>245</sup> CELAM, **Conclusões da Conferência de Puebla**. Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 1979. Cf. n. 349-361, 177, 222-224, 229.

<sup>246</sup> Ib. Cf. n. 349, 351, 352.

<sup>247</sup> Ib. n. 350, p. 177.

<sup>248</sup> La evangelización cristiana es esencialmente misionera. Esto parece una redundancia. 'Evangelización' y 'misión' aparecen como sinónimos. La evangelización es la misión de la iglesia y los cristianos. Ahora bien, lo 'misionero' como adjetivo de la evangelización quiere acentuar en ella una cualidad hoy particularmente importante: que la evangelización ha de privilegiar los sectores más necesitados y periféricos. GALILEA, Segundo. **La responsabilidad misionera de America Latina**. México: Misiones culturales de B. C., [s.d.] p. 13.

O documento de Puebla lembra que a missão da Igreja no continente latino-americano é atender a todos, pois todos são filhos e filhas de Deus. No entanto, ao mesmo tempo, este apresenta certas opções preferenciais, que são feitas em direção dos últimos, dos mais necessitados, dos excluídos, dos ‘pobres’. “Assim, a Igreja, em cada um dos seus membros, é consagrada em Cristo pelo Espírito Santo, é enviada a ‘pregar a Boa Nova aos pobres’ (Lc 4,18) e a ‘buscar e salvar o que estava perdido’(Lc 19,10)”.<sup>249</sup>

Puebla dá nomes a estes pobres e ‘perdidos’, que merecem especial atenção na ação evangelizadora da Igreja. Podem-se destacar alguns: “Nossos indígenas, os afro-americanos”.<sup>250</sup> “Pessoas que emigram para outros países; grandes aglomerações urbanas; massas de todos os estratos sociais em precária situação de fé, grupos expostos aos influxos de seitas e ideologias que não lhes respeitam a identidade, que confundem e provocam divisões”.<sup>251</sup> “Universitários, militares, operários, jovens, mundo da comunicação social, etc.”<sup>252</sup>

As orientações de Puebla são claras, no que se refere às opções preferenciais na ação evangelizadora da Igreja, no continente. Os que mais precisam serão os primeiros a serem atendidos, “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes”.<sup>253</sup> Existem muitos doentes, afastados, machucados e abandonados na América Latina. Há trabalho para muitos anos e para muita gente nesta grande messe do Senhor. Contudo, a missão da Igreja nesse continente não está voltada simplesmente para dentro de si mesma, ‘*ad intra*’, pelo contrário, o continente americano está consciente de sua missão universal, *ad extra*:

Finalmente chegou para a América Latina a hora de intensificar os serviços recíprocos entre as Igrejas particulares e de estas se projetarem para além de suas próprias fronteiras, *ad gentes*. É certo que nós próprios precisamos de missionários, mas devemos dar de nossa pobreza. Por outro lado nossas Igrejas podem oferecer algo de original e importante; o seu sentido de salvação e libertação, a riqueza de sua religiosidade popular, a experiência das Comunidades Eclesiais de Base, a floração de seus ministérios, sua esperança e a alegria de sua fé.<sup>254</sup>

Concluindo, não se pode deixar de mencionar o que realmente dá sentido e consistência ao trabalho que a Igreja se propõe a realizar, o verdadeiro combustível de

---

<sup>249</sup> CELAM, **Conclusões da Conferência de Puebla**. n. 361, p. 179.

<sup>250</sup> *Ib.* n. 365, p. 180.

<sup>251</sup> *Ib.* n. 366, p. 180.

<sup>252</sup> *Ib.* n. 367, p. 180.

<sup>253</sup> Mt. 9,12.

<sup>254</sup> CELAM, **Conclusões da Conferência de Puebla**. n. 368, p. 180-181.

todo o processo de evangelização e da missão: a espiritualidade. O documento sublinha alguns critérios espirituais essenciais para que realmente a missão seja cristã.

O ponto central está em contemplar o Jesus evangelizador na sua encarnação histórica no meio do seu povo; observar a sua prática libertadora, sendo a resposta para as aspirações de libertação do seu povo. O seguimento de Jesus é o primeiro valor da mística missionária. Um segundo valor essencial é a mística do pobre. A opção preferencial pelo pobre, por servi-lo, evangelizá-lo e libertá-lo é “a medida privilegiada de nosso seguimento a Cristo”.<sup>255</sup> É um caminho espiritual que revela privilegiadamente o rosto de Deus e leva à pobreza evangélica como condição da missão.<sup>256</sup>

O terceiro valor é a mística da libertação. Essa é uma consequência natural da mística do pobre e do seguimento das opções missionárias do próprio Jesus. O compromisso pela libertação cristã dos pobres é parte integrante do testemunho e da credibilidade do missionário e de toda a Igreja.<sup>257</sup> Essa mística da libertação deve impregnar o anúncio missionário do Evangelho e a denúncia do pecado da sociedade.<sup>258</sup>

Destaca-se também o valor de Maria na mística missionária no continente<sup>259</sup> como modelo, inspiração e caminho para o seguimento de Jesus evangelizador.<sup>260</sup>

### **3.5.3 CONCEITO DE MISSÃO NA CONFERÊNCIA DE SANTO DOMINGO**

Em outubro de 1992, é celebrada a IV conferência geral do episcopado da América Latina e Caribe, em Santo Domingo, na República Dominicana. Data esta que coincide com a celebração dos 500 anos da chegada dos europeus no continente americano, conseqüentemente com o início da Evangelização. O tema é assinalado pelo Papa João Paulo II: “Nova Evangelização, promoção humana e cultura cristã”. Na preparação, durante a realização da conferência e mesmo depois na redação final, houve muita interferência de Roma. Até mesmo o tradicional método Ver, Julgar e

---

<sup>255</sup> CELAM, *Conclusões da Conferência de Puebla*. n. 1145, p. 355.

<sup>256</sup> *Ib.* n.1148-1150, p. 356.

<sup>257</sup> *Ib.* n. 1140 e 1145. p. 353, 355.

<sup>258</sup> *Ib.* n. 1159-1161, p. 358.

<sup>259</sup> *Ib.*n. 282, 283, 303, p. 154-155.

<sup>260</sup> *Ib.* n. 292-293, p.156-157.

Agir, utilizado nas conferências precedentes, é mudado. A sensação é clara: o Vaticano está interessado em direcionar os rumos de toda a conferência.

Os bispos reunidos desenvolvem o tema proposto, analisando os cinco séculos de evangelização no continente, reconhecendo que muitas falhas têm acontecido. Por isso mesmo, propõem uma Nova Evangelização para o presente.

O papa João Paulo II, no seu discurso inaugural, diz: “Uma evangelização nova no seu ardor, supõe uma fé sólida, uma caridade pastoral intensa e uma fidelidade a toda a prova que, sob o influxo do Espírito, gerem uma mística, um incontido entusiasmo na tarefa de anunciar o Evangelho”.<sup>261</sup> E acrescenta ainda: “A nova evangelização há de dar assim uma resposta integral, pronta, ágil, que fortaleça a fé católica, nas suas verdades fundamentais, nas suas dimensões individuais, familiares e sociais”.<sup>262</sup>

A nova evangelização, tratada na conferência, está ligada à promoção humana, pois estão em jogo os mais pobres, os excluídos da sociedade e, às vezes, até da ação pastoral da Igreja. Outro tema abordado consiste na inculturação da fé. Nesse aspecto, fala-se da cultura dos índios, da cultura da raça negra e da nova cultura, que se convencionou chamar de modernidade ou cultura emergente.

Nessa análise dos 500 anos de presença da Igreja no continente, fica a impressão de que predomina mais uma atitude devocional do que uma atitude de compromisso de fé: muitas palavras abstratas e poucos compromissos concretos que levam a uma verdadeira conversão.

No que se refere à missão, tema específico deste trabalho, o documento faz algumas alusões importantes que merecem ser destacadas. Quanto à missão da Igreja na América Latina, é salientado o binômio: comunhão e missão. É nítida a preocupação de Santo Domingo, de preservar a unidade da Igreja como um todo, unida ao papa, evitando caminhos paralelos e independentes. Assim, o documento afirma: “As Igrejas particulares têm como missão prolongar para as diversas comunidades a presença e a ação evangelizadora de Cristo, já que são formadas à

---

<sup>261</sup> CELAM, **Conclusões da Conferência de Santo Domingo**. Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 19.

<sup>262</sup> *Ib.* p. 20.

imagem da Igreja universal nas quais e, a partir das quais, existe uma só e única Igreja Católica”.<sup>263</sup>

O documento constata que em muitas dioceses a dimensão missionária é ainda fraca: “É urgente avançar no caminho da comunhão e participação, que, muitas vezes é dificultado pela falta do sentido de Igreja e do autêntico espírito missionário”.<sup>264</sup> E por isso mesmo, incentiva toda a Igreja latino-americana a “impulsionar processos globais, orgânicos e planejados que facilitem e promovam a integração de todos os membros do povo de Deus, das comunidades e dos diversos carismas, e os oriente à Nova Evangelização, inclusive a missão ‘*ad gentes*’”.<sup>265</sup>

A concepção da Igreja povo de Deus, reafirmada em Santo Domingo, sublinha o compromisso dos fiéis leigos como agentes e destinatários da Boa-Nova da Salvação. Eles são chamados a “exercer no mundo, vinha de Deus, uma tarefa evangelizadora indispensável. A eles se dirigem hoje as palavras do Senhor: ‘Ide também vós para minha vinha’ (Mt 20,3-4)”.<sup>266</sup>

O documento, quando fala sobre os leigos, reconhece que “cresce sempre mais a consciência de sua responsabilidade no mundo e na missão ‘*ad gentes*’. Aumenta assim o sentido evangelizador dos fiéis cristãos. Os jovens evangelizam os jovens. Os pobres evangelizam os pobres”.<sup>267</sup>

Diante das urgências do momento presente, na América Latina e no Caribe, o documento afirma: “Que todos os leigos sejam protagonistas da Nova Evangelização, da Promoção Humana e da Cultura Cristã. É necessária a constante promoção do laicado, livre de todo clericalismo e sem redução ao intra-ecclesial”.<sup>268</sup> Infelizmente, essas palavras bonitas não saem do papel. As estruturas clericais da Igreja continuam as mesmas. Embora os bispos falem do protagonismo dos leigos, as decisões e o poder continuam monopólio da hierarquia.

Com Santo Domingo, as orientações da Igreja mudam de rumo. Enquanto em Medellín e em Puebla a opção pelos pobres e sua libertação é a grande bandeira de luta, agora já não se fala mais nisso. A preocupação volta-se para as culturas. Passa-se

---

<sup>263</sup> CELAM, **Conclusões da Conferência de Santo Domingo**. n. 55, p. 101.

<sup>264</sup> *Ib.* n. 56, p. 102.

<sup>265</sup> *Ib.* n. 57, p. 102.

<sup>266</sup> *Ib.* n. 94, p. 119.

<sup>267</sup> *Ib.* n. 95, p. 120.

<sup>268</sup> *Ib.* n. 97, p. 121.

do específico para o genérico. É uma clara indicação de que uma parte considerável da Igreja não quer conflitos, preferindo um discurso conciliador, que procura agradar a todos. Isso, no entanto, compromete seriamente o rosto profético que a havia caracterizado nas últimas décadas.

### 3.5.4 CONCEITO DE MISSÃO NA IGREJA NO BRASIL

A Igreja no Brasil, com seus cinco séculos de história, vem desenvolvendo sua ação evangelizadora em diferentes estilos e modelos. No princípio, a Igreja está ligada ao poder colonial, caminha junto com os colonizadores. No decorrer dos anos, enquanto a hierarquia permanece unida à coroa, algumas vozes começam a levantar-se contra essa dominação, assumindo a defesa dos pobres, indígenas e afro-descendentes.

Na passagem do século XIX para o XX, o Pe. Júlio Maria, no Brasil, propunha, no lugar da aliança Trono-Altar, a aliança Igreja-Povo. Com o grande Cardeal Leme, ainda no Brasil, temos as primeiras tentativas de uma 'pastoral social' com a ativação da Ação Católica e depois, a partir de 1934, a implantação de uma verdadeira 'pastoral política' com a 'Liga Eleitoral Católica' (LEC). Seja como for, nos anos 50 e 60 são todas as Igrejas latino-americanas que assumem com vigor a problemática social, ainda que numa ótica marcada pelas ideologias do tempo: primeiro o populismo e depois o desenvolvimentismo.<sup>269</sup>

Existe uma vasta bibliografia que analisa o papel da Igreja, nos vários períodos históricos no Brasil. Não se pode aqui, devido ao tempo e a amplitude do argumento, entrar em pormenores sobre a atuação da Igreja, nos diversos setores da sociedade brasileira, nesses quinhentos anos de existência. Focalizar-se-á a atenção a partir do momento em que os missionários combonianos chegam ao Brasil, ou seja, após a década de cinquenta. Como textos de estudo, faz-se a opção de usar apenas os documentos oficiais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, pois se acredita que os mesmos expressam uma síntese de todas as correntes de pensamento existentes, dentro e fora da hierarquia da Igreja. Além disso, julga-se que as informações contidas neles sejam suficientes para dar uma visão global da caminhada da Igreja nestas últimas décadas.

Os combonianos aqui chegam exatamente no período em que a CNBB está sendo organizada e, com ela, um novo jeito de fazer missão. É um momento de transição, em que as velhas práticas do clericalismo individualista dão lugar ao

---

<sup>269</sup> BOFF, Clodovis. **A originalidade histórica de Medellín**. Disponível em: <http://www.sedos.org/spanish/boff.html> Acesso em: 16 junho 2007, 22:30.

trabalho em conjunto. A colegialidade entre os bispos e dioceses começa a colocar suas raízes. A atuação da Igreja nas causas sociais dá-se de forma mais articulada e consistente. Como se vê neste texto que faz uma retrospectiva do trabalho da Igreja no Brasil, nestes últimos anos.

Ao longo da sua história, a Igreja Católica no Brasil sempre teve presença significativa e atuante na vida do país. Nos últimos 50 anos, a partir do Concílio Vaticano II, sua intervenção se fez mais incisiva na defesa dos pobres e no serviço da justiça e solidariedade. Inspirada e guiada pelo apelo radical do Evangelho, elaborou sua Doutrina Social e tem procurado dar sua contribuição para o bem comum. Ela acumulou ao longo dos anos, não raro através de dolorosas provas uma riquíssima experiência humana, ética e espiritual no que diz respeito à luta contra a miséria e a exclusão. Segundo o exemplo de Cristo, a Igreja quer tornar-se o Bom Samaritano, que atenda generosamente todos os homens e mulheres deixados meio mortos na beira da estrada.<sup>270</sup>

A fim de garantir a eficácia do seu trabalho, a CNBB preocupa-se, desde o início, com a pastoral orgânica. Procura organizar suas forças, fazendo planos a nível nacional, implementando no país as orientações do Vaticano e da Conferência latino-americana. É visível a preocupação dos bispos do Brasil em manter a unidade da Igreja. Já no primeiro documento da CNBB, em 1973, ‘testemunhar a fé viva em pureza e unidade’, os bispos fazem um apelo para toda a Igreja viver, de fato, esta unidade pregada e desejada por Cristo:

Cresçamos todos juntos na fé, para todos juntos testemunhá-la em sua pureza e unidade. A unidade na fé não pode ser obtida com o sacrifício da pureza da fé. Antes, esta mesma pureza inclui a exigência da unidade. Pelo amor do Cristo, não permitamos que se rompa o vínculo da paz. Uma Igreja dividida não seria para o mundo sinal de que nela o Cristo Unificador está presente.<sup>271</sup>

Por outro lado, a CNBB reconhece a dificuldade em manter a Igreja unida na mesma linha pastoral. São vários os fatores que geram essa diversidade no modo de pensar e desenvolver a ação evangelizadora. As visões teológicas não são as mesmas para todos, os contextos sócio-culturais também não. É até normal e saudável essa diversidade na Igreja, no entanto, deve-se sempre salvaguardar o princípio da unidade. Preocupados com certas posições extremistas entre a ‘direita’ e a ‘esquerda’, ‘conservadores’ e ‘progressistas’, os bispos pedem para:

---

<sup>270</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Evangelização e missão profética da Igreja**. Doc.80. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 92.

<sup>271</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Testemunhar a fé viva em pureza e unidade**. Doc. 1. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1976, n. 24, p. 30.

Buscar uma síntese integradora dos diversos aspectos necessários à libertação integral: nem só pecado individual, nem só pecado social; nem só dimensão vertical, nem só dimensão horizontal; nem só ortodoxia, nem só ortopraxis; nem só dimensão espiritual, nem só dimensão sócio-política; nem só conversão do coração, nem só transformação das estruturas [...].<sup>272</sup>

A Igreja no Brasil é profundamente marcada pela teologia da libertação. Uma parte considerável dos bispos e agentes de pastoral entrega-se de corpo e alma na defesa dos pobres e marginalizados, atuando diretamente no campo social. No entanto, outra parte da Igreja mantém-se alheia ao ‘grito do povo’, mais preocupada com os problemas *ad intra*. A tensão entre os dois grupos cresce, chegando a ameaçar uma ruptura em dois blocos. Essa possibilidade leva os bispos a escreverem: “Todos temos que aprender a trilhar o caminho da unidade, que não é o mesmo que uniformidade”.<sup>273</sup>

Nota-se no grupo comboniano, aqui no Brasil, a ocorrência do mesmo fenômeno: enquanto alguns se envolvem na pastoral social, outros, por sua vez, preocupam-se preferencialmente com assuntos internos da Igreja. Os dois pólos, embora contrastantes, permanecem unidos na mesma estrutura institucional, evidentemente com vários atritos.

Na procura incessante pela unidade no trabalho pastoral, os bispos do Brasil reúnem-se todos os anos em assembléia. Nestas, eles partilham suas expectativas e suas preocupações, e, ao mesmo tempo, planejam diretrizes de ação pastoral comum. Como fruto das assembléias é elaborado o objetivo geral da ação evangelizadora para toda a Igreja no Brasil. Para os anos de 1966 a 1978, é escolhido como objetivo geral: “Levar todos os homens à plena comunhão de vida com o Pai e entre si, em Jesus Cristo, no dom do Espírito Santo, pela mediação visível da Igreja”.<sup>274</sup>

Nesse período, a Igreja ainda está predominantemente preocupada com as ‘coisas espirituais’. Não aparece explicitamente a preocupação, ao menos em nível de objetivo, com a dimensão social. Através da assimilação das conclusões de Medellín e sob a influência de Puebla, a Igreja vai assumindo oficialmente sua postura profética na opção preferencial pelos pobres. Vê-se esta passagem a partir da assembléia de

---

<sup>272</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Carta aos agentes de pastoral e às comunidades**. Doc. 33. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 11.

<sup>273</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Igreja: Comunhão e Missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura**. Doc. 40. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 14.

<sup>274</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja do Brasil 1975/1978**. Doc. 4. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 21.

1979, na qual aparece, pela primeira vez no objetivo geral, a expressão ‘a partir da opção preferencial pelos pobres’.

A Igreja no Brasil vai incorporando, assim, posturas proféticas diante das injustiças sociais e passa a falar em defesa dos mais pobres. No documento ‘Desafio à missão da Igreja no Brasil’ os bispos denunciam:

Vimos que a miséria do Nordeste é causada mais pela injusta organização sócio-econômica e política do que pelo flagelo da seca. Pois os ricos, mesmo com a seca, continuam e até se tornam, às vezes, mais ricos, como proprietários que se enriquecem com as benfeitorias que o Programa de Emergência constrói em suas terras, com o suor dos pobres que não recebem nem o salário mínimo.<sup>275</sup>

A CNBB toma posições claras e públicas contra a corrupção, tornando-se a voz dos ‘sem voz’. Devido a esse posicionamento, logo é acusada de ‘fazer política’. Os bispos contestam dizendo: “sabemos que não nos compete agir diretamente sobre as estruturas, mas sim iluminá-las e formar a consciência dos homens”.<sup>276</sup> A Igreja, assim, cobra do Estado o suprimento das necessidades básicas da população. “O Estado pode tudo aquilo e só aquilo que é exigido e útil para a realização do bem comum. É dever do estado respeitar, defender e promover os direitos das pessoas, das famílias e das instituições [...] toda força exercida fora do direito é violência”.<sup>277</sup>

A voz profética não é exclusividade dos bispos. Pelo contrário, os leigos vão assumindo seu papel de protagonistas na destruição das estruturas de pecado. Em especial, se sobressai o trabalho das comunidades eclesiais de base. As CEBs espalham-se por todo o Brasil e, em todas elas, respira-se o ar do compromisso de transformação social, a partir da fé em Jesus Cristo libertador. Elas convertem a própria Igreja brasileira, fazendo com que seus pastores e fiéis deixem a sacristia e mergulhem na vida concreta do povo sofrido. “O novo que as CEBs trouxeram foi o fato de oferecerem, dentro da Igreja, um espaço para o próprio povo simples participar da evangelização da sociedade através da luta pela justiça. Nesse sentido, as CEBs têm se manifestado como lugar privilegiado de educação para a justiça e como instrumento de libertação”.<sup>278</sup>

---

<sup>275</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Nordeste: Desafio à missão da Igreja no Brasil**. Doc. 31. São Paulo: Paulinas, 1984, n. 78, p.36.

<sup>276</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Exigências cristãs para uma ordem política**. Doc. 10. 8.ed. São Paulo: Paulinas, 1980, n. 6, p. 7.

<sup>277</sup> *Ib.* n 78-79, p. 36.

<sup>278</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil**. Doc. 25. São Paulo: Paulinas, 1982, n 63, p. 25.

No documento da CNBB ‘Comunhão e missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura’, fruto da vigésima sexta assembleia geral dos bispos do Brasil, em 1988, os líderes católicos deixam clara a posição da Igreja no Brasil diante dos pecados sociais:

Para ser coerente com a mensagem profética e libertadora do Evangelho, a Igreja não pode deixar de denunciar situações e estruturas iníquas, colocar-se prioritariamente ao lado dos pobres e oprimidos e participar, dentro de suas condições específicas, da construção de uma nova sociedade. Pois se diante da realidade brasileira onde as injustiças sociais são gritantes a Igreja permanecer numa posição neutra certamente seria acusada de conivência com o poder e estaria traindo sua missão verdadeira de manter viva a esperança daqueles que lutam pela libertação integral do homem, a partir da fé e da força que vem do alto.<sup>279</sup>

A Igreja oficialmente vai assumindo seu papel de ser ‘fermento na massa’, tomando o partido dos pobres injustiçados. A missão assume um caráter fortemente social, na luta pelos direitos humanos. É isto que interessa, neste momento, para esse trabalho. Além de ter uma visão geral da prática da Igreja no Brasil, visa-se, justamente, observar como a dimensão missionária vem sendo trabalhada no Brasil, as opções e orientações que, de forma direta ou indireta, condicionam a atuação dos missionários combonianos nesse país.

A CNBB contempla a dimensão missionária como uma das seis dimensões da ação pastoral, cuja finalidade é: “Animar o povo de Deus para que descubra e assuma sua vocação e responsabilidade missionária; e orientar o povo de Deus no cumprimento desta sua responsabilidade, com uma presença evangelizadora nas situações e regiões missionárias do país”.<sup>280</sup> “Nos três campos indicados por Puebla: ‘regiões missionárias’, ‘situações missionárias’ e compromisso ‘*ad gentes*’ a Igreja no Brasil é chamada a descobrir os mais pobres, que mais urgentemente necessitam de uma presença missionária”.<sup>281</sup>

Os responsáveis pela missão são todos os cristãos. A missão não é algo apenas para os ‘especialistas’, e sim para todos os membros da Igreja. O documento afirma: “Todo o povo de Deus é ‘enviado’ para anunciar a boa notícia a todas as nações. É chamado a comprometer-se com a atividade missionária no próprio país e em outras

---

<sup>279</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Igreja: Comunhão e Missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura.** Doc. 40. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 14.

<sup>280</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil 1979/1982.** Doc. 15. São Paulo: Paulinas. [s.d.]. n. 81, p. 44.

<sup>281</sup> *Ib.* n.82, p. 45.

partes do mundo, dedicando especial atenção às regiões e situações mais carentes e àquelas onde ainda não tenha sido suficientemente proclamado o Reino”.<sup>282</sup>

Nossa exortação final é a respeito da participação do povo de Deus na missão da Igreja. A fé em Jesus Cristo e o amor incondicional à sua pessoa levam-nos, com ardor, a assumir, como nossa principal tarefa, a evangelização. O anúncio, além da palavra explícita sobre o mistério do Cristo, inclui também o serviço, o diálogo e todas as formas de presença dos cristãos que testemunham a fé na pessoa e mensagem de Nosso Senhor.<sup>283</sup>

É nesse contexto de valorização dos leigos, colocando-os como protagonistas da missão, que também os combonianos priorizam, em seus trabalhos, a formação de lideranças. Afinal, é fácil dizer que os leigos devem assumir seu papel na evangelização. Porém, para tanto, torna-se imprescindível uma formação específica. Vê-se, assim, nas prioridades dos missionários combonianos, um aceno especial no trabalho de formação de lideranças laicas, tanto nos ministérios *ad intra* como também no campo social.

A Igreja no Brasil analisa a realidade do país e constata algumas necessidades missionárias mais urgentes para sua ação pastoral.

O espírito missionário da Igreja responde às interpelações de algumas situações especiais: muitas migrações internas e a conseqüente inchaço das cidades nas periferias pouco assistidas religiosamente, causando o agravamento da violência, do abandono da infância e da delinqüência juvenil; os nômades, [...] a população negra, com sua cultura e sincretismo religioso.<sup>284</sup>

Para o início do terceiro milênio, a Igreja no Brasil aponta outras três situações de urgência para a evangelização: “os católicos não praticantes; os cidadãos que se declaram sem religião e os não cristãos, em especial povos indígenas e imigrantes de outros continentes, em especial os orientais”.<sup>285</sup>

Com a celebração dos 500 anos de evangelização no continente americano, o papa João Paulo II usa a expressão ‘nova evangelização’, e com ela o ‘novo ardor missionário’. Nas diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil, de 1991-1994,

---

<sup>282</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil 1983-1986**. Doc. 28. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1983, n. 93, p. 76.

<sup>283</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Brasil – 500 anos diálogo e esperança**. Doc. 65. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000, n.75, p. 40.

<sup>284</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Igreja: Comunhão e Missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura**. Doc. 40. São Paulo: Paulinas, 1988, n. 127 p. 58.

<sup>285</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. 1999-2002**. Doc. 61. São Paulo: Paulinas, 1999, n. 229, p. 141.

aparece pela primeira vez, no objetivo geral, a expressão com ‘renovado ardor missionário’ que quer significar:

O evangelizador deve comunicar o Evangelho com vibração, entusiasmo e alegria, na certeza de ser instrumento de Deus e sabendo que está cumprindo a missão recebida no batismo. O renovado ardor missionário exige que a pregação do Evangelho responda aos novos anseios do povo no contexto de uma sociedade marcada por rápidas e profundas mudanças. Evangelizar é colocar a Boa Nova como fonte de esperança no meio de tantos conflitos que surgem no coração do homem e na sociedade desigual, impedindo a realização do projeto de Deus. Exige também evangelizadores com uma nova disposição que leve a romper com as acomodações e a rotina na ação missionária. Superando a mera atitude de espera, é preciso ir, com coragem evangélica, às pessoas, grupos e ambientes onde o nome de Jesus não foi ainda proclamado ou onde sua ressonância perdeu o vigor. Na força do Espírito Santo, sobre nós derramado, somos chamados a superar todo medo e timidez no testemunho explícito da fé no coração das realidades terrenas.<sup>286</sup>

Diante de tamanho desafio, a tendência poderia ser a de se preocupar exclusivamente com os inúmeros problemas internos. Contudo, a missão não é apenas aqui. A missão de Jesus Cristo ultrapassa os espaços geográficos dos países e continentes. Nossos bispos insistem, portanto, que é preciso evitar a tentação de concentrar nossas forças apenas nas urgências nacionais: “Não podem limitar a Igreja em seus problemas, mas devem encontrar na missão *ad gentes* sua plenitude”.<sup>287</sup> Ou seja, os pastores estão cientes de que a missão deve atravessar as fronteiras brasileiras e ir ao encontro dos irmãos e irmãs que ainda não conhecem Jesus Cristo. É a partilha dos pobres, como diz Puebla.

Consideramos urgente a colaboração missionária em benefício de regiões que carecem de agentes de pastoral ou onde o evangelho de Jesus Cristo ainda não foi proclamado. Manifestamos nosso apreço e encorajamento aos missionários, homens e mulheres, que deixaram sua terra para anunciar a Jesus Cristo nas áreas mais pobres ou distantes, nas periferias das cidades, na Amazônia, como também além fronteiras, na América Latina, na Ásia e em várias dioceses da África. Deus, que não se deixa vencer em generosidade, há de fortalecê-los na fé e na doação e fazer brotar em nossa Igreja, novas e destemidas vocações missionárias.<sup>288</sup>

O grande desafio que todos os missionários, estrangeiros e brasileiros, enfrentam é no que se refere ao tema da inculturação da fé. Como evangelizar uma cultura diferente, pouco conhecida e extremamente complexa, como a dos povos indígenas, a dos afro-descendentes e a das populações dos grandes centros urbanos? São

---

<sup>286</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil. 1991-1994.** Doc. 45. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 1991, n 8-10, p. 14.

<sup>287</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil. 1987-1990.** Doc. 38. São Paulo: Paulinas, 1987, n 129, p. 108.

<sup>288</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Brasil – 500 anos diálogo e esperança.** Doc.65. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000, n 77, p. 41.

interrogações que toda a Igreja carrega consigo. É uma busca constante a fim de encontrar caminhos para levar o Evangelho de Cristo para cada povo, respeitando o específico de sua cultura.

A mensagem evangélica precisa sempre ser transmitida no contexto de um ‘diálogo de culturas’ que exige, de um lado, uma profunda fidelidade ao Evangelho e à autêntica tradição da Igreja e, por outro, um profundo conhecimento e, sobretudo, um profundo respeito pela cultura das pessoas ou grupos sociais com os quais se dialoga. Se não houver plena fidelidade ao Evangelho e à Tradição estaremos deturpando o tesouro de que somos portadores. Se não houver um profundo conhecimento da cultura que se evangeliza e respeito por ela, estaremos impondo em nome do Evangelho, nossos próprios valores e nossa perspectiva cultural, estaremos falando numa linguagem e em códigos ininteligíveis, falando no vazio, falando para nós mesmos.<sup>289</sup>

Sobre este tema crucial da inculturação da fé e da missão, dedicar-se-á uma atenção especial no próximo capítulo deste trabalho.

Para vir ao encontro dos inúmeros desafios, na evangelização no terceiro milênio, entre tantas coisas já mencionadas, os bispos ainda acrescentam a necessidade de uma renovação espiritual, “uma espiritualidade que torne a Igreja cada vez mais missionária”.<sup>290</sup> Uma espiritualidade que faz do missionário uma verdadeira testemunha de Cristo no meio dos povos.

“O evangelizador de hoje deve ser um santo. Deve estar cheio de ardor missionário, e que seu zelo brote de uma verdadeira santidade de vida, alimentada pela oração e, sobretudo, pelo amor à Eucaristia”.<sup>291</sup>

A Igreja no Brasil mantém-se preocupada em dar respostas aos anseios da população, que parece cada vez mais confusa, “como ovelhas sem pastor”.<sup>292</sup> Os bispos continuam, em nome de toda a Igreja, a preparar planos de pastoral, visando um trabalho em conjunto, somando forças no intuito de dar respostas aos inúmeros desafios contemporâneos. Nesse momento, se está vivenciando o projeto da CNBB, chamado ‘queremos ver Jesus’.

A finalidade do projeto ‘queremos ver Jesus’ é estimular uma ação pastoral que crie condições para que a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo sejam conhecidas de modo mais profundo e relevante para a vida de cada um. Para

---

<sup>289</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Igreja: Comunhão e Missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura.** Doc. 40. São Paulo: Paulinas, 1988, n 228, p. 97.

<sup>290</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil. 1995-1998.** Doc. 54. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1995, n. 101, p. 63.

<sup>291</sup> *Ib.* n. 342, p. 175.

<sup>292</sup> Mt 9,36.

isso é preciso assumir radicalmente a santidade de vida como sustento e força da ação missionária. Queremos ver Jesus – Caminho, Verdade e Vida é o compromisso evangelizador da Igreja diante dos anseios profundos de todos os seres humanos, especialmente dos batizados. Todos têm necessidade de ‘ver’ ‘conhecer’ e ‘seguir’ aquele que é o enviado de Deus Pai, fonte de vida em abundância para todos. E assim, com audácia profética, enfrentar as três grandes metas da evangelização: promoção da dignidade da pessoa, renovação da comunidade, a partir da família, e participação na construção de uma sociedade justa e solidária.<sup>293</sup>

Verifica-se, como a Igreja no Brasil é diversificada e procura desempenhar sua missão neste complexo país. Os desafios encontrados são inúmeros. Revela-se imensa a dificuldade de focalizar as energias em uma direção. Convivem, ao mesmo tempo, várias visões de Igreja. Alguns católicos comungam uma visão progressista, baseada na teologia da libertação, participantes das CEBs. Por outro lado, crescem e se multiplicam movimentos eclesiais baseados em uma visão mais intimista da fé, *intra* eclesial, conservadora. Permanece, no entanto, o forte desejo de manter a unidade e procurar um caminho que contemple todos os carismas que devem ser colocados a serviço do bem comum.

Iniciar-se-á agora o terceiro e último capítulo desse trabalho, com o intuito de aprofundar algumas problemáticas a partir dos dados levantados nos dois primeiros capítulos. Utilizando as informações históricas, as intuições que motivaram o trabalho dos missionários combonianos e aproveitando a base teórica a partir desse estudo bíblico e eclesiológico, deseja-se apontar algumas pistas concretas sobre as problemáticas específicas da missão dos missionários combonianos na província Brasil Sul. Problemas esses, que de certa forma, expressam os grandes desafios de toda ação evangelizadora da Igreja no início do terceiro milênio.

---

<sup>293</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Projeto nacional de evangelização (2004 – 2007)**. Doc. 72. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 10.

# **CAPÍTULO III - DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA MISSÃO COMBONIANA HOJE NO BRASIL**

## **1 INTRODUÇÃO**

No primeiro capítulo desse estudo, sucintamente, estudou-se a história do instituto dos missionários combonianos, dispensando uma especial atenção ao fundador são Daniel Comboni e o desenvolver da missão comboniana na província Brasil Sul, nestes 53 anos de história. Além disso, teve-se também a oportunidade de analisar o conceito de missão na sagrada escritura e em alguns documentos da Igreja. Agora se quer dar um passo à frente. Verificar-se-á como este grupo de missionários está desenvolvendo sua ação missionária nessa área específica, que é a província Brasil Sul. Também se deseja apontar algumas pistas como possível saída para enfrentar os impasses encontrados, indicando luzes para o futuro.

Aproveitar-se-ão as informações históricas do primeiro capítulo, que constitui a parte do ver, contextualizando o trabalho que está sendo realizado pelos combonianos. Levar-se-ão em consideração as fundamentações bíblicas e eclesiológicas estudadas na parte segunda desse trabalho (no momento do julgar). Almeja-se também valorizar a contribuição dos protagonistas desse estudo, que são os próprios missionários combonianos, que atuam em várias realidades missionárias concretas e que deixam seu testemunho em depoimentos contidos nos anexos. Enfim, inicia-se o terceiro capítulo desse estudo no intuito de individuar os maiores entraves na ação missionária da Igreja, sobretudo dos missionários combonianos, e, ao mesmo tempo, procurar luzes que possam inspirar novas perspectivas de futuro na evangelização no terceiro milênio.

## **2 PRINCIPAIS ENTRAVES**

A Igreja encontra-se em crise de identidade. Muitos documentos são elaborados, orientações pastorais são encaminhadas, contudo, a sensação que permanece é que não se tem claro para onde ir, o que fazer e como agir. Diante dos problemas novos da humanidade, parece que a Igreja, e nela também os combonianos, permanecem com as respostas antigas. Existe um mal estar generalizado, um sentimento de impotência e a impressão de que as coisas estão desabando. As verdades da fé, até então inquestionáveis, são colocadas em discussão. O crescimento de outras manifestações religiosas não pára e o número daqueles que se declaram ateus aumenta a cada dia. A

credibilidade eclesial é colocada em cheque. Os escândalos, as divisões, e os atritos internos e externos se multiplicam. Tudo isso são sinais visíveis da dificuldade pela qual toda a Igreja está passando. Tempos de sombras e incertezas. A hierarquia não consegue aglutinar as forças, seus líderes parecem sem grande inspiração e os fiéis desconfiam da iluminação espiritual dos seus pastores. Os missionários combonianos vivem neste contexto e são profundamente influenciados por ele.

Constata-se, nesse estudo, que existem vários obstáculos que dificultam a ação evangelizadora. Embora todos os missionários professem a mesma fé em Jesus Cristo e reconhecem ser seus servidores, na prática verifica-se, em certos aspectos, uma contradição escandalosa. Isso prova a incapacidade em discutir, de uma forma madura, os impasses encontrados para um discernimento comunitário, no intuito de encontrar respostas pastorais às perguntas atuais do povo a ser evangelizado. Abordar-se-á uma série desses entraves que, de uma forma ou de outra, atrapalham a eficácia da ação missionária.

## **2.1 DIVERSIDADE NO CONCEITO DE MISSÃO**

Uma das razões que motiva esse estudo é justamente o desejo de entender melhor essa diversidade no conceito de missão, existente entre os missionários combonianos. Há muito tempo se observa como na prática essa pluralidade de visões traz em si problemas graves na ação evangelizadora da Igreja. Procurou-se ouvir o que alguns combonianos entendem por missão, (suas respostas encontram-se nos anexos). É interessante notar como um grupo, embora pequeno, tenha idéias tão diferentes sobre o mesmo tema que constitui a essência do próprio ser missionário.

Indagam-se os motivos que geram essa diversidade. O estudo bíblico sobre a missão, abordado no segundo capítulo do presente trabalho, constata que o povo de Deus, no decorrer da história, sempre conviveu com certas ambigüidades na interpretação do desígnio divino. Percebe-se que o próprio Jesus Cristo tem uma visão diferente dos seus contemporâneos e seus seguidores, por sua vez, desenvolvem conceitos diversos sobre a missão que lhes cabe desenvolver. Ou seja, não temos no passado, tampouco no presente e certamente nem no futuro unanimidade no conceito de missão. Cada um a entende a partir da visão de Deus que possui. Como as visões de

Deus são inúmeras, conseqüentemente a interpretação do serviço devido a Ele é múltipla.

Admitindo essa pluralidade conceitual, pode-se perguntar quais seriam as conseqüências disso nas comunidades eclesiais. Na prática, observam-se sérias dificuldades no que se refere à continuidade nos trabalhos assumidos por um missionário, uma vez que este deva deixar seu lugar para outro. E se aquele que assume não tem a mesma visão do seu predecessor? Aqui se encontra o grande problema na ação pastoral. Energias, tempo e recursos gastos por um podem facilmente ser jogados fora pelo outro. Uma comunidade eclesial formada e acompanhada sob um certo estilo pastoral encontra-se confusa ao receber um missionário que encara a missão de forma diferente. Mudança drástica gera conflito, inquietação e até deserção.

Esse é um dos obstáculos que dificulta a composição das comunidades combonianas. Não são raros os casos em que um confrade não aceita ou não consegue trabalhar em certa comunidade devido à presença de um colega que possui uma metodologia de trabalho diferente da sua. Existem casos de antagonismos que simplesmente impossibilitam a convivência entre dois missionários na mesma comunidade. Há casos de incompatibilidade, não apenas de caráter humano, mas a nível teológico e ideológico. Posições extremistas também são encontradas entre os combonianos. Alguns priorizam a dimensão espiritual, outros valorizam mais a social. Alguns se assemelham mais a Maria, outros se identificam mais com sua irmã Marta e outros ainda com nenhuma das duas.<sup>294</sup> Assim também alguns combonianos investem mais tempo aos pés de Jesus (contemplação), outros são mais ativos (apostolado).

Não se quer emitir aqui nenhum juízo moral atribuindo a um grupo os méritos e aos outros as culpas. O objetivo se resume em constatar a existência de visões teóricas, e por isso também práticas, diversas. Essas poderiam e deveriam ser complementares. E isso seria positivo na edificação da Igreja de Cristo. Viria ao encontro daquilo que São Paulo escreve na carta aos Coríntios: “Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo, diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos”.<sup>295</sup>

---

<sup>294</sup> Alusão ao texto bíblico de Lucas 10,38-42 onde as duas irmãs de Lázaro, Marta e Maria acolhem Jesus em casa. Enquanto Maria senta-se aos pés de Jesus para escutá-lo (uma atitude de contemplação); Marta preocupa-se com as inúmeras tarefas domésticas (uma atitude de serviço-ação).

<sup>295</sup> I Cor 12,4-6.

É oportuno salientar a importância da diversidade dos carismas. Todos agem como membro do mesmo corpo, desempenhando funções diferentes, para o bem da coletividade. “Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos”.<sup>296</sup> O ideal seria que os diversos dons pessoais pudessem conviver em harmonia na mesma comunidade cristã, constituindo assim a grande família de Deus. Onde cada missionário, com seus diferentes talentos, colaborasse na edificação de toda a Igreja. Contudo, esse estudo comprova que às vezes essa diversidade não é sinônimo de complementariedade e, sim, causa de intriga, desunião, divisão, escândalo. Esse aspecto negativo, anti-evangélico, deve ser repudiado e banido da ação pastoral.

## 2.2 PROJETOS PESSOAIS ACIMA DOS PROJETOS COMUNITÁRIOS

Encontra-se nesse estudo um refrão que se repete freqüentemente em várias circunstâncias na ação evangelizadora dos missionários combonianos: a falta de um projeto comum. Na verdade, os combonianos, desde o início foram assumindo vários tipos de trabalho, na convicção de “que tudo pode concorrer para o bem da missão. [...] Pouco foi feito para focalizar o que era específico da missão comboniana (elementos e escolhas irrenunciáveis)”.<sup>297</sup>

Por esta razão, na missão comboniana, hoje podemos encontrar quase todas aquelas características que foram vividas nos vários períodos históricos. Por exemplo, a missão como salvação das almas; a *plantatio ecclesiae*, sobretudo através da formação dos catequistas e dos ministérios intra-ecclesiais; a missão como realização de obras de urbanismo (hospitais, escolas, centros de formação profissional); a missão sempre em expansão geográfica; a missão renovada que sublinha a importância dos ministérios, a missão e a necessidade de comunidades apostólicas, a missão como diálogo inter-religioso e empenho pela Justiça e a Paz.<sup>298</sup>

Constata-se, assim, uma dispersão de forças, uma dificuldade enorme em focalizar o trabalho sobre prioridades objetivas comunitárias. A causa disso poderia residir no fato de não se ter clareza teórica sobre a meta a ser alcançada. Se o fim não é claro, os meios tornam-se ainda mais obscuros, diversificados e às vezes até antagônicos.

Oficialmente, todos os confrades declaram que estão a serviço da construção do Reino de Deus, sendo instrumentos do Pai para o anúncio da boa nova do evangelho a

---

<sup>296</sup> I Cor 12,7.

<sup>297</sup> **REVER a Missão renovando-nos a nós mesmos:** Síntese da primeira etapa do processo da *Ratio Missionis*. Roma: 2007. (mimeografado), p. 20.

<sup>298</sup> *Ib.* p. 20.

todos os irmãos e irmãs, em especial dos mais abandonados e necessitados. No entanto, na prática verifica-se que entre os missionários “mais do que a ‘*Missio Dei*’, aparece a ‘*Missio Mea*’”.<sup>299</sup> Esse individualismo tantas vezes criticado persiste no grupo. “O individualismo [...] revela uma compreensão da missão entendida como fruto de empreendimentos solitários e individuais”.<sup>300</sup>

Outra dificuldade encontrada com freqüência na atividade missionária dos combonianos consiste na priorização de atividades ligada a projetos pessoais, que se tornam mais importantes do que os projetos do próprio grupo. Verifica-se no primeiro capítulo essa tendência crescente, entre vários membros, de procurar um campo de ação específico, no qual há uma identificação pessoal e afetiva e para o qual se dedicam de forma quase que exclusiva.

Assim sendo, o confrade torna-se indisponível para qualquer outra atividade que não seja a sua. Acaba desta forma conquistando certa estabilidade em uma obra determinada. Também aqui não se quer julgar se as escolhas feitas por certos confrades realmente respondem às emergências locais e se de fato seria o específico comboniano assumir trabalhos que facilmente poderiam e deveriam ser levados adiante por outras pessoas e entidades, muitas vezes pelo próprio poder público.

Na prática, vê-se que quando um comboniano assume esta postura de protagonista em um trabalho, escolhido por ele, sendo ele o responsável em primeira pessoa na execução do mesmo, fatalmente está condenado a enfrentar sérios problemas na continuidade da obra. A missão é pessoal e não do grupo.

Por outro lado, quando no segundo capítulo analisam-se os documentos da Igreja, tanto a nível universal como a nível local, percebe-se que a hierarquia tem o interesse de propor claramente diretrizes, objetivos gerais, opções preferenciais, e prioridades. Contudo, nem isso é garantia que os fiéis (leigos e ordenados) sigam essas orientações. Portanto, aqueles que afirmam que trilham caminhos pessoais, por falta de diretrizes gerais, faltam com a verdade. Na realidade, prevalece a convicção pessoal sobre a universal. Em outras palavras, alguns acham que seu modo de ser e fazer missão condiz mais com o Evangelho do que o modo proposto pela hierarquia da Igreja ou pela coordenação do instituto e da província.

---

<sup>299</sup> REVER a Missão renovando-nos a nós mesmos: Op. cit. p. 20.

<sup>300</sup> DOCUMENTOS Capitulares 2003. A missão dos Combonianos no início do terceiro milênio. XVI Capítulo Geral. Roma: [s.n.] 2003. n. 74.3, p. 39.

Nota-se que missionários lêem os documentos eclesiais individuando os capítulos e parágrafos que expressam aquilo que gostam de ouvir, as demais partes são simplesmente ignoradas. Esse é apenas mais um indício que reforça ainda mais a teoria do individualismo, onde cada um busca, aceita e propaga as idéias que mais lhe convém.

É bom mencionar também outra realidade igualmente preocupante quem sabe até mais grave do que a do individualismo: os sem projetos! Há no grupo certos confrades desmotivados. Perderam o entusiasmo e a vontade de lutar por uma causa. Alguns pela idade avançada, outros abalados por decepções em experiências pastorais passadas, outros por não se sentirem acolhidos e identificados com os trabalhos propostos, outros pelo fato de não dispor dos mesmos recursos econômicos que seus colegas, outros ainda por razões pessoais e de identificação vocacional. Enfim, constata-se que vários combonianos, por uma razão ou por outra, não comungam plenamente do mesmo ideal. Isso leva necessariamente a uma dispersão de forças, alguns precisam carregar os outros, já que esses não querem ou não podem caminhar no mesmo ritmo e na mesma direção.

Diante dessas dificuldades cada vez mais presentes e mais profundas, o instituto comboniano procura soluções para tentar controlar essa onda de subjetivismo causadora de tantas desavenças entre os seus membros. Inicia-se assim o processo de elaboração de uma *Ratio Missionis* comboniana. O objetivo da mesma é convidar a todos os confrades a participarem juntos de um caminho de reflexão sobre a vida de todo o instituto. É um trabalho comunitário, de estudo, de reflexão, de partilha e de conversão.

O intuito da *Ratio Missionis* é de chegar a um denominador comum, delineando pontos constitutivos para toda a família comboniana como: a inculturação do carisma, a espiritualidade, a metodologia missionária, os conteúdos, entre outros. Certamente ela não vai ser a solução de todos os problemas, mas sem dúvida, é uma tentativa real e concreta de encontrar resposta aos mesmos. No entanto, é interessante notar a forte resistência de certos confrades em aceitar esse convite em participar do processo. Coincidentemente, os que mais resistem a essa reflexão são aqueles que mais precisariam dela.

### **2.3 ESPIRITUALIDADE DEBILITADA**

Analisando o fenômeno da desistência de muitos combonianos e da falta de motivação de outros, verifica-se que uma das principais causas disso é justamente uma fraca espiritualidade. Cada vez mais, o missionário procura jogar-se no trabalho, no ativismo, cultivando cada vez menos uma intimidade profunda e verdadeira com Cristo. Inicia seu trabalho com ardor missionário e com uma generosidade que o faz atravessar oceanos deixando para trás família, cultura e país para adotar nova pátria e novo povo. No entanto, após alguns anos de trabalho, exatamente pela superficialidade espiritual, ele entra em crise, perde as motivações iniciais, pois ficam como a semente caída entre as pedras: “Logo brotou, porque a terra era pouco profunda. Mas, ao surgir o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou”.<sup>301</sup>

A situação é complexa e exige uma atenção especial de todos em especial dos superiores. O conselho geral do instituto escreve uma carta alertando os confrades desse perigo:<sup>302</sup>

Os missionários combonianos, em geral, não têm boa fama no que se refere à dimensão espiritual. “O enfoque de uma espiritualidade comboniana. Para muitos confrades é este o ‘nosso calcanhar de Aquiles’”.<sup>303</sup> Os combonianos são mais conhecidos no campo social, no setor da justiça e da paz, no incentivo das comunidades eclesiais de base, na luta pelos direitos humanos. Contudo, a história nos ensina que um trabalho apenas horizontal não é completo. A dimensão vertical, relacionada com o transcendente, faz parte da própria essência do ser missionário e não deve, em hipótese alguma, ser negligenciada.

Em uma avaliação sobre a vida espiritual dos combonianos, feita recentemente, chegou-se a esta conclusão:

Parece que não desenvolvemos suficientemente uma cristologia à luz do Coração de Jesus. O Sagrado Coração surge como uma devoção, uma questão pessoal em vez de um marco fundamental da espiritualidade comboniana. Isto explica o fato de na compaixão para com os pobres e abandonados haver lugar para tudo: desde o paternalismo até a promoção humana, à realização de projetos, ao empenho pela Justiça e a Paz.<sup>304</sup>

---

<sup>301</sup> Mt 13,6.

<sup>302</sup> “Abbiamo notato che si tralascia con molta facilità a preghiera personale e quella comunitaria, né si cercano quei momenti e periodi necessari ed utili per la propria formazione permanente, il rinnovamento e l’interiorizzazione dei valori”. OS CAMINHOS da Missão hoje: uma proposta de formação permanente para o Instituto. (mimeografado), 2006, p. 6.

<sup>303</sup> REVER a missão renovando-nos nós mesmos. Op. cit. p. 14.

<sup>304</sup> REVER a missão renovando-nos nós mesmos. Op. cit. p.13.

## 2.4 CRISE DE IDENTIDADE ENTRE OS MEMBROS

O grupo é coeso quando há uma identificação entre seus membros. Quando os confrades sentem-se irmãos uns dos outros, existe a esperança de caminhar junto e comungar dos mesmos ideais. No entanto, quando há uma relação superficial, onde os melhores amigos são aqueles de fora de casa, constata-se uma crise de identidade com o grupo. Há dispersão de forças e dificuldade em aceitar o outro como irmão considerando-o apenas como colega em uma relação fria e formal.

No último capítulo geral, verificou-se esse sério problema que se torna uma verdadeira ameaça a qualidade de vida religiosa em torno do mesmo carisma. De uma atitude de doação total comunitária passa-se facilmente a relações individuais de produção. “Há comunidades em que o tempo dado à escuta, à comunicação e à partilha pessoais é tido como secundário, quase como um tempo precioso retirado ao trabalho”.<sup>305</sup> “Constatamos, ainda, o emergir e o perdurar de atitudes e expressões de opinião negativas em relação a confrades de diversas proveniências étnicas e culturais”.<sup>306</sup>

A crise de identidade leva, indubitavelmente, a um enfraquecimento no sentido de pertença ao grupo. Uma das causas disso poderia ser a falta de partilha de bens e da própria vida. A existência de relações superficiais “geram ‘meias-comunidades que alimentam o ideal do ‘mais ou menos’ e do ‘faz de conta’”. Facilmente se chega ao ponto em que ninguém questiona ninguém e onde as contradições de cada um são cobertas por uma cortina de cumplicidade sustentada por todos. A comunidade não nos pertence. Poderá pertencer-nos o Instituto?”<sup>307</sup>

## 2.5 MISSÃO BASEADA EM RECURSOS FINANCEIROS

É interessante notar que o primeiro comboniano chegou ao Brasil, em 1952, com o objetivo de angariar fundos junto à comunidade portuguesa no Rio de Janeiro, para a construção de um seminário comboniano em Portugal.<sup>308</sup> Ou seja, os combonianos chegaram pobres, mendicantes. No entanto, com o passar dos anos, esta posição mudou completamente. De pedintes transformaram-se em benfeitores. Quem implorava ajuda

---

<sup>305</sup> DOCUMENTOS Capitulares 2003. Op. cit. n. 73.1, p. 38.

<sup>306</sup> Ib. n. 73.5, p. 38.

<sup>307</sup> MUNARI, João. **O dinheiro na missão**. (mimeografado), 2006, p. XI.

<sup>308</sup> Cf. Ponto 2.1. p. 24.

entre o povo brasileiro passa a ser distribuidor de bens e serviços aos menos favorecidos.

É desejo de todos os combonianos estar a serviço dos pobres, no entanto, falta ainda encontrar uma metodologia, aceita e praticada por todos, para trabalhar com os pobres. Alguns defendem que quando alguém está passando fome não se pode evangelizar. Ou seja, primeiro deve-se acabar com o problema da fome, da sede, da moradia, da escola, da terra, etc. para depois, uma vez saciadas as necessidades básicas e recuperada a dignidade humana, passar para o momento do anúncio propriamente dito. Outros argumentam que não é tarefa dos missionários preocupar-se com as necessidades básicas da população. Não deveria ser o missionário responsável pelos hospitais, pelas creches, pelas escolas; (para isso existem outras entidades); sua tarefa seria, sim, estar junto com o povo, ajudando-o a conquistar seus direitos através da organização popular. Outros ainda assumem uma postura mais espiritualista, dizendo que o missionário deve preocupar-se mais, e quase que exclusivamente, com a esfera espiritual, acomodando-se às estruturas paroquiais tradicionais.

É evidente que, existindo tal pluralidade de visões teóricas e práticas, é muito difícil articular um trabalho orgânico entre todos. Essa realidade, descrita acima, causa um certo constrangimento entre todos. O provincial, responsável por coordenar a província, encontra-se sempre em um dilema para resolver esses impasses que, aparentemente, não têm solução.

A missão comboniana, ou melhor, de alguns combonianos, marcada pelo uso de grandes quantias de dinheiro, torna-se causa de mal estar e divisão. Primeiramente surge o grupo daqueles que têm recursos em contra posição àqueles que não têm. Em seguida, emerge o problema do uso deste dinheiro. Quem tem os benfeitores, ou acredita nesse estilo de missão, acha-se no direito de usá-lo do jeito que julgar melhor. Assim, sob a desculpa de ser fiel à intenção dos doadores, acaba fazendo o que quer.

Além desse inconveniente, pode-se salientar outro ainda mais grave: a dependência econômica. O missionário que defende essa prática baseada em recursos, vindos de fora, acaba fomentando a dependência do povo com quem trabalha. O verdadeiro protagonista da missão é o missionário e não os fiéis. Estes acabam convertendo-se em objeto da missão. A Igreja sem o missionário não sobrevive. Tudo gira em torno de quem tem o capital. É ele quem decide o que fazer, como fazer e se fazer.

Nesses casos o trabalho do evangelizador confunde-se com os de algumas organizações não governamentais (ONGs). O específico do missionário, que é o anúncio de Jesus Cristo, às vezes fica em segundo plano devido a tantas outras atividades burocráticas, caritativas e de promoção humana. Cresce entre os combonianos essa tendência levando o provincial da província Brasil Sul, padre João Munari, a escrever:

Hoje cresceu bastante o mercado dos ‘projetos’ e com ele a tentação de trocar a tarefa de evangelizar pela, aparentemente mais útil para os pobres e gratificante para o missionário, da filantropia. Precisamos aqui dizer com uma certa força que a filantropia não é missão. Missão é anúncio do evangelho. É convite a uma experiência de Deus. Houve, é verdade, momentos em que a filantropia ou promoção humana foi uma maneira concreta de mostrar com gestos aquilo que as palavras anunciavam, mas isso deve ser considerado excepcional e extraordinário, a exemplo de Jesus que fazia milagres a contragosto e só em ocasiões muito especiais. É evidente que o povo peça de nós milagres, mas não nos cabe realizá-los. Pelo menos dessa maneira!<sup>309</sup>

Um grande desafio da missão e dos missionários hoje é encontrar um modo de trabalhar a dimensão da promoção humana, sem perder o específico do anúncio do Reino. Lutar pela justiça e pela paz usando uma metodologia verdadeiramente libertadora. Fazer dos mais pobres sujeitos de sua própria libertação, sem criar dependências, dando-lhes condições de vida digna de filhos e filhas de Deus.

## 2.6 ABANDONO DAS PRIORIDADES

Desde a chegada dos combonianos no Brasil, na década de cinquenta, o grupo manteve prioridades claras na ação pastoral. No começo, o objetivo assumido consistia na ‘*implantatio ecclesiae*’. Todos os confrades trabalham unidos para alcançar essa meta. Com o passar dos anos, a história vai exigindo dos combonianos um outro tipo de presença. Deixam, assim, a área geográfica de São Mateus (ES), que lhes foi confiada no início, e começam a espalhar-se pelo Brasil. Esse deslocamento não acontece por acaso. Pelo contrário: o grupo percebe a necessidade de abrir-se para outras frentes mais urgentes e que correspondam melhor ao específico do carisma comboniano.

Assim nas assembléias, momento em que as decisões são tomadas, o grupo traça suas prioridades. Diante de tantos convites e apelos, para onde ir? O que fazer? Como fazer? Para ajudar no discernimento é mister saber o que o grupo realmente almeja. Por

---

<sup>309</sup> MUNARI, João. Op. cit. p. X.

isso são escolhidas as prioridades. Elas são apresentadas, votadas, aceitas, porém muitas vezes, não concretizadas.

A presença de muitos afros-descendentes no Brasil é um dos argumentos que justificam a presença dos combonianos, cujo fundador tinha em mente salvar a África com a África, nesse país. Portanto, é natural que o trabalho junto aos afro-brasileiros seja assumido como prioridade. De fato, viu-se no primeiro capítulo que a pastoral afro é aceita como prioridade de todo o grupo. Na prática, contudo, constata-se que poucos confrades comprometem-se em atuar nesse campo e, conseqüentemente, os resultados são insatisfatórios. As dificuldades que a realidade afro apresenta, a falta de preparação específica para tratar do tema e indisponibilidade dos confrades em assumir concretamente esse desafio fazem com que, até hoje, muito pouco se tenha realizado nessa esfera.

Na busca de identificação com os mais pobres e abandonados, no intuito de manter-se fiel ao fundador, o grupo opta também pela causa indígena. Outro fracasso. Equipes são formadas, confrades começam o trabalho, mas também, por vários motivos, nunca conseguiram organizar um trabalho sistemático e frutífero junto às populações indígenas.

Em seguida, assumem a pastoral de periferia nas grandes cidades. Essa sim obteve certo êxito, ao menos numericamente, vários confrades vivem nessas áreas. No entanto, no que se refere ao trabalho propriamente dito, também não se vê grandes contribuições que caracterizam a presença comboniana nesse meio. Em alguns lugares, como na periferia de São Paulo, por exemplo, os combonianos dedicaram-se e continuam levando adiante trabalhos significativos na defesa dos direitos humanos, nas pastorais sociais e no incentivo das comunidades eclesiais de base.

No geral, constata-se que cada comunidade e cada comboniano imprime seu estilo de trabalho. O desejo do SEPAM (Secretariado de Pastoral e Animação Missionária) de refletir junto como grupo, procurando um trabalho coordenado nas periferias, faliu. Hoje cada presença comboniana nas periferias espelha a imagem e semelhança do padre que lá trabalha, e não a imagem do grupo. Um trabalho individual e não comunitário. Ações movidas, muitas vezes, pelo instinto e intuição e não pela razão e pelo planejamento.

Contudo, a falência maior percebe-se na prioridade principal: animação missionária. No passado o grupo estava mais preocupado com isso. A criação da revista Sem Fronteiras e mais tarde da Alô Mundo expressa claramente esse desejo de levar em frente, com seriedade, a animação missionária em todo o Brasil. De fato, as revistas são um canal privilegiado permitindo que a mensagem atinja simultaneamente uma multidão de pessoas. Porém, por várias razões, (falta de pessoas preparadas, dificuldade de divulgação, desinteresse de muitos e altos custos econômicos) ambas foram fechadas. Com a perda das revistas o grupo perde também uma bandeira de identificação que os unia e os caracterizava. Era comum ouvir, naqueles tempos, um comboniano apresentar-se dizendo que ele era membro do instituto que publicava a Sem Fronteiras.

Sem as revistas, o grupo sofre ainda mais uma crise de identidade. Como fazer animação missionária se não se tem em mãos nenhum instrumento que possa ser entregue aos ouvintes e que realmente os ajude a entender e aprofundar a mensagem missionária que se quer divulgar?

Recentemente aparece com mais intensidade a prioridade da justiça e paz e integridade da criação (JPIC). Alguns preferem evitar chamá-la prioridade, pois ela deveria ser o eixo sobre o qual gira toda a ação evangelizadora de todos os missionários. Todavia, “muitos ainda não se envolveram neste campo e não respondem com ações concretas aos sinais dos tempos e aos grandes desafios do mundo hodierno. Renovemos o nosso empenho a fim de que a justiça e a paz estejam no centro da nossa vida de cristãos e de missionários”.<sup>310</sup>

Resumindo esse ponto, pode-se dizer que os combonianos, embora tendo prioridades escritas, não se identificam plenamente com elas. Uma vez que elas não são assumidas pelo grupo como um todo, cada indivíduo sente-se no direito, e até no dever, de instituir as suas prioridades pessoais. É exatamente isso o que acontece na província Brasil Sul.

## **2.7 PROMOÇÃO VOCACIONAL E FORMAÇÃO DEFICITÁRIA**

No primeiro capítulo observou-se que as dificuldades são constantes no campo da promoção vocacional e da formação. Várias tentativas são feitas no escopo de

---

<sup>310</sup> DOCUMENTOS Capitulares 2003. Op. cit. n. 110, p. 44.

encontrar o modo mais eficaz para responder a esse grande desafio, contudo, apesar de todos os esforços, os resultados continuam insatisfatórios.

### **2.7.1 PROMOÇÃO VOCACIONAL**

A promoção vocacional e a formação dos futuros missionários é uma das prioridades do grupo. Uma dificuldade, nesse campo, reside no fato de não se encontrar confrades disponíveis e capacitados para esse trabalho. Muitos preferem a pastoral direta, poucos aceitam o desafio de encontrar e acompanhar os jovens que expressam o desejo de tornarem-se missionários.

Apesar das resistências, sempre alguém se dispõe a assumir a tarefa de ser promotor vocacional. Este tem uma missão importante e, ao mesmo tempo difícil, de procurar, contatar e orientar os jovens que demonstram o anseio em abraçar a vida missionária.

O grande desafio, além de achar esses jovens, é de ajudá-los no processo de discernimento. Hoje, mais do que nunca, o número de jovens indecisos aumenta. É enorme a dificuldade em dar um sim definitivo. Além disso, nota-se a complexidade da situação com que os promotores vocacionais deparam-se ao ajudar a discernir as motivações pelas quais um jovem aproxima-se do missionário. Alguns são motivados por causas evangélicas e realmente estão dispostos a entregar-se para o serviço dos mais necessitados. Por outro lado, um número imensamente maior, é formado por aqueles que procuram na vida religiosa apenas segurança, um *status*, um ‘trampolim’ social. Sem contar aqueles que são movidos por problemas afetivos, psicológicos e que fazem do seminário um refúgio à procura de sossego, de aconchego e de compensações.

O agravante presente na província Brasil Sul consiste no fato de não se ter um grupo de promotores que trabalhem em conjunto, seguindo uma linha comum que facilite a colaboração e a continuidade. Equipes de promoção vocacional são formadas nos setores <sup>311</sup> e poucos anos depois, por uma razão ou por outra, desfazem-se completamente. Mais tarde aparecem outros e começam novamente todo o trabalho; em outros casos ninguém mais chega. Ou seja, uns plantam, outros cultivam, porém, na hora de colher os frutos (os vocacionados) não há mais os ‘ceifadores’ no local.

---

<sup>311</sup> Setor é o modo como a província Brasil Sul está dividida geograficamente. Atualmente há três setores: o setor Espírito Santo que compreende as comunidades situadas no estado do Espírito Santo, o Setor Sul (RJ, MG, SP, PR, SC) e o setor norte (RN, RR e AM).

## 2.7.2 A FORMAÇÃO DOS FUTUROS MISSIONÁRIOS COMBONIANOS

Uma missão pensada para o futuro requer pessoas que dão prosseguimento aos passos que já estão sendo dados agora. A continuidade do trabalho, e também do próprio grupo, é garantida com a chegada de novos membros. É por isso que a formação é sempre uma prioridade em qualquer grupo ou instituição que pensa em sobreviver por mais tempo. Os missionários combonianos acreditam que sua missão ainda não terminou, pelo contrário, está longe da conclusão. Portanto, há a necessidade de manter e ampliar o número dos membros. Eis o motivo pelo qual a formação dos jovens missionários assume cada vez mais um destaque especial.

Constata-se a dificuldade de encontrar confrades que tenham aptidão e se sintam preparados para ser formadores. Além disso, enfrentamos a realidade de poucas vocações. Apesar dos investimentos de pessoas e recursos financeiros o número de combonianos brasileiros (seminaristas e padres) nunca foi expressivo; sem contar o alto índice de desistências entre aqueles que ingressam no instituto.

As estatísticas demonstram que além de o número dos membros estar diminuindo, o grupo está envelhecendo. A previsão de novos membros vindo do exterior não é confortadora, e se não se é capaz de encontrar jovens locais dispostos a assumir esse caminho a perspectiva é uma só: fechar a província em poucos anos.

Sobre o tema da formação, existe a preocupação constante de revisar, avaliar e propor alternativas para um desempenho mais eficaz. Contudo, essa continua sendo um dos problemas mais complicados para se encontrar uma solução satisfatória.<sup>312</sup>

Esse modelo, apesar de suas qualidades, deixa lacunas sérias no que se refere ao acompanhamento personalizado de cada candidato. Além disso, ter na mesma casa jovens de três ou quatro continentes e de doze ou mais nacionalidades também se revela um problema difícil de se administrar.

A interculturalidade, às vezes, pode tornar-se um obstáculo que dificulta ainda mais o processo de assimilação e aprofundamento dos valores cristãos e religiosos. As

---

<sup>312</sup> Até hoje o modelo formativo comboniano consistia em fazer a promoção vocacional acolhendo o candidato que expressa o desejo de ser missionário dando-lhe um acompanhamento pessoal em casa. Após esta primeira fase, se o aspirante demonstra-se interessado e possuindo as motivações e os quesitos necessários ele é convidado a entrar em uma das casas formativas do instituto. O primeiro estágio é o postulante, cada província tem o seu. Superado esta etapa o candidato faz o noviciado a nível internacional (juntam-se candidatos de várias províncias vizinhas). O terceiro e último estágio é o estudo da teologia feito a nível intercontinental.

diferenças culturais facilmente se tornam desculpas para evitar um confronto maduro e aberto, que é essencial no caminho formativo para quem deseja ser padre missionário.

Outro elemento que dificulta o processo formativo são as grandes comunidades. Se a intenção é fazer do próprio candidato protagonista de sua formação, dando-lhe condições para crescer dentro do princípio da liberdade com responsabilidade, é indispensável que as comunidades formativas não sejam muito grandes. Em um grupo de dezoito ou mais jovens, como se vê nesse momento, é impossível trabalhar esse aspecto e facilmente cai-se numa formação de massa.

Para concluir a lista das dificuldades, cita-se aqui, quem sabe, a maior delas: o contra testemunho dos já ordenados. Para muitos, o verdadeiro problema da formação consiste na missão propriamente dita. Pois, os jovens formandos percebem as contradições e incoerências dos seus irmãos maiores e isso lhes tira a motivação de continuar fiéis aos princípios teóricos expostos na casa formativa. Ou seja, a diferença entre o ideal apresentado na formação e os limites encontrados na vivência prática desencoraja qualquer um de prosseguir esse caminho. Por esse motivo é que os padres capitulares, reunidos em 1997, falando sobre as necessidades de mudanças para melhorar a formação, afirmam: “Exigência de uma maior coerência de vida das nossas comunidades”.<sup>313</sup>

## **2.8 INCULTURAÇÃO DEFICIENTE**

Os primeiros combonianos chegaram ao Brasil antes do Concílio Vaticano II. Naquela época, não se falava ainda de inculturação. Pelo contrário, dava-se uma aculturação, em que os missionários imbuídos de sua cultura cristã européia, chegavam prontos para iniciar o processo de implantação da Igreja. Muitas vezes esse processo consistia em transplantar o modelo eclesial europeu para o Brasil. Os missionários chegavam com o conteúdo, com os métodos e com os recursos prontos. Não havia o interesse de um encontro profundo, no qual se daria o conhecimento mútuo e o verdadeiro diálogo. O povo a ser evangelizado tornava-se objeto da evangelização e o missionário o protagonista.

No capítulo primeiro, quando se estudou a história da presença comboniana na província Brasil Sul, constatou-se que missionários vindos diretamente da Europa e

---

<sup>313</sup> **DOCUMENTOS Capitulares 2003.** Op. cit. n. 138, p. 54.

aqueles que vinham da África não encontravam dificuldades em trabalhar juntos, justamente pelo fato de comungarem do mesmo projeto de missão: *'implantatio ecclesiae'*. Havia uniformidade no objetivo e nos métodos utilizados na ação pastoral, não levando em conta a cultura local. A evangelização dava-se em um nível extrínseco, isto é, algo de fora que vem para transformar a realidade interna.

Com o passar dos anos, acompanhando a caminhada da Igreja, os combonianos no Brasil acolhem as novas orientações do Vaticano, das conferências episcopais latino-americanas e das diretrizes dadas pela CNBB. Essas novidades geram divisões no grupo: alguns conseguem assimilar as mudanças no paradigma de missão, outros, por sua vez, conservam o velho método missionário.

Assim o grupo dos 'conservadores' permanecem com a aculturação, enquanto que os 'inovadores' adotam o novo paradigma procurando dar início ao processo de inculturação da fé e do carisma. Na prática, porém, também o segundo grupo logrou poucos avanços nesse campo devido aos vícios adquiridos no passar dos anos. Observa-se que raramente o missionário teve a paciência e o interesse de sentar, de ouvir e de desencadear um verdadeiro diálogo com o povo ao qual foi enviado. Prevalece, consciente ou inconscientemente, a imagem do missionário que vem para trazer a boa nova e os fiéis como receptores que devem acolhê-la.

### 3 LUZES PARA O FUTURO

“Não tenhais medo, pequenino rebanho, pois foi do agrado do vosso Pai dar-vos o Reino”.<sup>314</sup> É com os olhos da fé que se encontra a esperança e a certeza que a missão, apesar de todas as dificuldades vai prosseguir. Deus não abandona seu povo. “Eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos”.<sup>315</sup> “As grandes obras de Deus só nascem ao pé do calvário”.<sup>316</sup> Daniel Comboni, quando escreve estas palavras, verbaliza sua própria experiência. Ele encontra inúmeras dificuldades para implementar a obra de Deus na África Central. Apesar disso, Comboni e sua missão sobrevivem. Então por que hoje, diante das dificuldades presentes, dever-se-ia ter medo? Pelo contrário, a certeza da fé dá ao cristão a coragem de perseverar sempre.

---

<sup>314</sup> Lc 12,32.

<sup>315</sup> Mt 28,20b.

<sup>316</sup> COMBONI, Daniel. Op. cit. n. 2325, p. 759.

As dificuldades existentes não devem desanimar o povo de Deus e muito menos o missionário. Devem sim ser um estímulo a mais para somar as energias na busca de soluções. Lembra-se aqui o provérbio popular que diz: “Não há problema sem solução!” Reconhece-se a presença e o auxílio divino nessa tarefa. Por outro lado, sabe-se também que todos são chamados a colaborar nessa missão. Eis o motivo pelo qual se quer elencar alguns aspectos que poderiam ser trabalhados, para dar um novo impulso para a nova evangelização nesse terceiro milênio.

### **3.1 DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE MISSÃO COMBONIANA**

A diversidade do próprio grupo comboniano, que é composto por membros de vários países, várias culturas, várias etnias e também de diferentes idades e mentalidades, leva naturalmente a um pluralismo fecundo de opiniões e modos diferentes de encarar a missão. Por isso mesmo, deveria haver entre os membros da família comboniana a preocupação de definir alguns valores irrenunciáveis que identifiquem o grupo e que favoreçam o sentimento de pertença ao próprio instituto.

Não se pode pensar em construir um futuro junto sem antes concordar com alguns princípios comuns que sirvam para todos. Uma espécie de ‘decálogo comboniano’ constituído por elementos constitutivos essenciais do próprio grupo. Isso englobaria a aceitação de uma metodologia missionária comboniana, a vivência de uma espiritualidade comboniana e acima de tudo a tentativa de assumir um conceito de missão comboniana. Isso levaria a robustecer a identidade e o espírito de pertença ao grupo, capacitando os confrades a superar os conflitos decorrentes de personalismos, da dispersão e do isolamento.

O conceito de missão comum para os combonianos deve ser encontrado no carisma do fundador. Afinal, é o carisma que identifica a família religiosa. Por conseguinte, os combonianos deveriam voltar às origens de sua história e beber no poço espiritual e pastoral de Daniel Comboni. Ali encontram os princípios norteadores de sua missão que passa a ser a missão de seus seguidores.

Faz parte da tradição comboniana a preocupação com a formação de lideranças locais. “Tornemos as pessoas protagonistas da sua história, caminhemos com o seu passo utilizando meios ao seu alcance”.<sup>317</sup> Essa orientação vem do último capítulo geral

---

<sup>317</sup> **DOCUMENTOS Capitulares 2003.** Op. cit. n. 42.5, p. 24.

e dá a todos os membros, não apenas do Brasil, uma clara indicação de como encarar a missão. Dizendo não ao protagonismo do missionário e sim ao protagonismo dos leigos, dando-lhes voz e vez por meio da formação. Se os combonianos trabalhassem assim, estariam colocando em prática o ideal de Comboni de ‘salvar a África com a África’<sup>318</sup> e, hoje aqui no Brasil, pode-se dizer ‘salvar o Brasil com os brasileiros!’

A missão comboniana deve ser definida nos termos de colaboração. Daniel Comboni elabora um plano missionário onde todos são convidados a participar. “A obra deve ser católica, não espanhola, francesa, alemã ou italiana. Todos os católicos devem ajudar os pobres negros [...]”.<sup>319</sup> Comboni pede a colaboração de outros agentes pastorais. Sentindo profundamente a necessidade de reunir todas as forças interessadas na África, concentra junto de si todas as pessoas que poderiam, de algum modo, contribuir para a regeneração do continente (homens e mulheres, sacerdotes, leigos, religiosos, africanos e europeus). Sempre com esta finalidade, manteve estreitos contatos com muitas instituições, encorajando a cooperação entre elas para aumentar a sua eficácia apostólica.

Por isso, os combonianos precisam manter essa opção clara e decidida pela unidade e pela cooperação por parte de todos os agentes empenhados na evangelização. “À luz do evangelho e fiéis a Comboni, eles procuram cultivar uma atitude constante de abertura à colaboração com todos os agentes que, em âmbitos diversos, têm como meta comum o crescimento do Reino de Deus ou alguns dos seus valores”.<sup>320</sup>

Esse trabalho em conjunto deve ser coordenado pelas igrejas locais, às quais compete a responsabilidade da missão.<sup>321</sup> Recorda-se como no início da presença dos combonianos no Brasil, as decisões tomadas pelo grupo eram discutidas em comum e decididas após ter ouvido o parecer dos bispos interessados. Por exemplo, no momento da abertura em Rondônia,<sup>322</sup> a CNBB é ouvida e sua orientação é acatada. É um momento forte de diálogo e de serviço às dioceses. Com o passar dos anos a impressão que se tem é que o grupo se afasta um pouco da caminhada da Igreja local e se fixa mais em suas próprias inspirações, quer sejam comunitárias ou, muitas vezes, individuais.

---

<sup>318</sup> COMBONI, Daniel. Op. cit. n. 2571, p. 847.

<sup>319</sup> Ib. n. 944, p. 286.

<sup>320</sup> **DOCUMENTOS Capitulares 1997**. Op. cit. n. 74, p. 32.

<sup>321</sup> COMPENDIO DO VATICANO II. **Decreto Ad Gentes**. Petrópolis: Vozes, 1967. n. 20, p. 377. e JOÃO PAULO II. **Redemptoris Missio**. São Paulo: Paulinas, 1991. n. 64, p. 103.

<sup>322</sup> Cf. Cap. I ponto 2.3.4 p. 35.

Esse fato exige dos combonianos uma conversão no modo de agir. Mostra-se imprescindível, portanto, que cada comboniano:

Sem renunciar à especificidade do próprio carisma, mantém-se aberto a assumir como próprias as prioridades da Igreja local e disponível para as realizar. Evita, por isso, criar estruturas paralelas ou tomar iniciativas importantes de um modo individualístico, especialmente se se prevê que será impossível às forças locais assegurar a sua continuidade.<sup>323</sup>

Focalizando a missão comboniana é importante salientar também uma das características essenciais que constituem o carisma de Daniel Comboni, que é a dimensão da vocação *ad vitam*. Hoje, mais do que nunca, o mundo carece de testemunho de pessoas fiéis a uma causa a ponto de doarem a própria vida. O conselho de Jesus continua válido: “Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus”.<sup>324</sup>

A missão exige coerência, fidelidade até o fim, mesmo que isso possa custar a própria vida. Comboni em uma carta escreve: “O dia mais feliz da minha existência será aquele em que eu possa dar a vida por vós”.<sup>325</sup> Essa mesma entrega total ele exige a todos àqueles que querem abraçar a missão na África: “Não será admitido no Instituto nenhum eclesiástico ou secular que não se considere disposto a consagrar-se por inteiro e até à morte à obra da regeneração da Nigéria”.<sup>326</sup> Pede-se ao missionário uma doação total e incondicional a Deus e ao próximo. “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”.<sup>327</sup>

Sabemos que o martírio não é um método missionário, mas a consequência de um estilo de viver a missão. Um estilo de presença que consola e fortifica os fracos em momentos difíceis, que procura a reconciliação e a mediação nos momentos de conflito, que continua a ter esperança quando tudo convida ao pessimismo, que pacifica quando as posições se endurecem e que sabe ser paciente perante a lentidão dos processos.<sup>328</sup>

Essa missão radical torna-se um testemunho que fala por si só. A fidelidade ao Evangelho até o fim transforma o missionário em uma verdadeira testemunha da Boa Nova. O papa Paulo VI escreve: “O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres [...] e se escutam os mestres é porque eles são

---

<sup>323</sup> **DOCUMENTOS Capitulares 1997**. Op. cit. n. 76, p. 32.

<sup>324</sup> Lc 9,62.

<sup>325</sup> COMBONI, Daniel. Op. cit. n. 3159, p. 1014.

<sup>326</sup> Ib. n. 2654, p. 872.

<sup>327</sup> Jo 15,13.

<sup>328</sup> **OS CAMINHOS da missão hoje**. Op. cit. p. 28.

testemunhas”.<sup>329</sup> Eis a eficácia dessa característica constitutiva do carisma de São Daniel Comboni, que todo comboniano deveria assumir.

### 3.2 ELABORAÇÃO DO PROJETO MISSIONÁRIO COMBONIANO

Na primeira parte constata-se a ausência de um projeto comboniano. Isso gera o surgimento de vários projetos pessoais. Ao mesmo tempo, percebe-se que alguns confrades, com uma visão individualista preferem, de qualquer forma, trilhar caminhos independentes. Quando as energias não são canalizadas para o mesmo fim ocorre uma perda de força prejudicando, consideravelmente, a eficácia do trabalho a ser executado.

Para inibir essa prática o capítulo geral do instituto realizado em 2003 declara: “A comunidade é o lugar onde se realiza o discernimento, a opção, a realização e a avaliação do trabalho e do serviço missionário. Tudo isso favorece a continuidade da obra apostólica e ajuda a fazer face aos problemas trazidos pela rotação, pelas doenças e outros imprevistos”.<sup>330</sup>

No entanto, o fato de estar a serviço das igrejas locais, sendo que cada Igreja local, nos diversos continentes, tem uma realidade particular, gera ambigüidade. Em nome da inculturação é praticamente impossível traçar normas específicas que possam servir para todos. Dessa forma torna-se difícil, a nível geral, propor um conceito único de missão. No máximo, para englobar toda a riqueza de todas as regiões onde os combonianos estão presentes, é possível concordar com alguns princípios gerais sobre os quais cada confrade, nas suas respectivas comunidades, vai encontrar os meios mais eficazes para implementá-los.

O processo da *Ratio Missionis*, acima mencionado, seria uma resposta a esse impasse. É uma reafirmação, para todos os combonianos, que a missão é o primeiro e único amor de todo o instituto e que Cristo é o centro do mundo que se quer evangelizar. São dois princípios sobre os quais não se pode discutir. Pode-se dizer que seriam ‘dogmas’ de fé para todos os combonianos em qualquer parte do mundo.

Com essas duas colunas (Jesus Cristo e a missão) sendo aceitas por todos, pode-se dar o segundo passo que contempla a vida do missionário que é chamado a ser santo. Independentemente daquilo que faz e onde está vivendo, o anunciador do evangelho

---

<sup>329</sup> PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Loyola, 1976. n. 41, p. 42.

<sup>330</sup> **DOCUMENTOS Capitulares 2003**. Op. cit. n. 85, p. 41.

deve viver a santidade que leva à perfeição: “Deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito”.<sup>331</sup> A santidade compreende atitudes de humildade, paciência, diálogo, serviço, amor, entre outras.

Um terceiro aspecto constitutivo do projeto comboniano recai sobre o conteúdo. O que realmente os combonianos anunciam? “Anunciamos Jesus Cristo para que se cumpram os valores do Reino. Ele nos convida a denunciar as injustiças que corroem a sociedade, que nos chama a pensar de um modo novo, que nos envolve na reconciliação e abre ao homem horizontes de esperança em um mundo de justiça e paz”.<sup>332</sup> Anunciar novos céus e nova terra, empenhados na promoção humana integral.

O último capítulo geral dos combonianos em 2003 procura trazer luzes sobre o modelo de missão que o instituto é chamado a desenvolver nos dias atuais: “A missão passa hoje através do empenho pela justiça, pela paz e pela integridade da criação, propondo novos modelos de vida para todos”.<sup>333</sup> Assim, os missionários combonianos, como instituto, sentem-se chamados à profecia do anúncio e da denúncia, à formação das consciências, à educação para a paz e justiça, ao envolvimento com todos aqueles que trabalham pela justiça e pela paz.

Os destinatários prediletos da missão comboniana são os mais pobres e abandonados. Os combonianos são enviados *ad gentes* e *ad pauperes*, privilegiando a primeira evangelização entre grupos humanos em situações sociais, culturais, políticas e econômicas, em que a ausência da mensagem cristã e dos valores do Reino impede a vida de fraternidade e liberdade, segundo o plano de Deus. Esse critério orienta os combonianos para onde ir, qual região priorizar e em quais atividades e situações já não é mais necessária a sua presença.

O projeto compreende também a metodologia a ser empregada. Comboni valoriza o protagonismo do africano, confia nele e espera que ele possa, uma vez evangelizado, tornar-se evangelizador do seu próprio povo. Por isso os combonianos deveriam seguir esse exemplo. “No seguimento de Cristo o missionário é solidário com a vida, o trabalho e o caminho do povo, partilhando as suas vicissitudes”.<sup>334</sup> Caminhar com o povo ao qual é enviado, inserir-se na realidade que lhe acolhe, fazer causa

---

<sup>331</sup> Mt 5,48.

<sup>332</sup> OS CAMINHOS da missão hoje. Op. cit. p. 22.

<sup>333</sup> DOCUMENTOS Capitulares 2003. Op. cit. n. 46, p. 26.

<sup>334</sup> REGRA De Vida. Constituições e diretório geral. Roma: Nova Stampa. 1988, n. 60, p. 69.

comum com o seu povo, transformando-se, assim, em uma testemunha visível da compaixão de Deus pela humanidade.

Em linhas gerais, o projeto comboniano já está traçado. Resta a cada membro, na sua comunidade religiosa, em seu contexto específico, tratar de implementar essas orientações. É necessário dar um basta a essa desculpa da falta de projeto comunitário para justificar seus projetos pessoais. É importante aprender com Jesus: “Não a minha vontade, mas a tua seja feita!”<sup>335</sup>

Deve-se levar em conta, no momento de concretizar as opções e ações missionárias, que o discernimento sobre os desígnios de Deus feito em comunidade tem maior probabilidade de ser verdadeiro do que aquele feito sozinho. Conseqüentemente, cada vez mais o individualismo deve ser combatido. Os combonianos são religiosos, vivem e atuam em comunidade, portanto não é possível admitir que depois de tantos exemplos de insucesso alguns membros persistam na prática individualista de agir e de ser missionário.

Por outro lado, uma atenção especial deve ser dada aos confrades em dificuldade. São vários os missionários que por diversos motivos (idade avançada, doença, problema pessoal, afetivo e falta de motivação) encontram-se em uma situação delicada. Eles não podem simplesmente ser deixados à margem. Há a necessidade de encontrar meios concretos para sanar os problemas que têm solução. Constituir comunidades acolhedoras onde os mais fracos também encontrem um espaço onde possam colocar seus dons em comum.

A formação permanente seria um meio eficaz para solucionar muitos desses entraves. Afinal, um grupo que não se atualiza e aprofunda os temas atuais e específicos de seu carisma e da realidade que os circunda, não consegue responder aos desafios contemporâneos. Reside aí, uma das grandes causas da falta de unidade pastoral. É mister o aprofundamento: teológico, bíblico, espiritual, sociológico para poder caminhar junto, defender os mesmos ideais e lutar pelas mesmas causas.

Essas indicações, apontadas acima, só serão eficazes no momento em que todos os missionários compreenderem que a missão não é deles e sim de Deus. O verdadeiro protagonista da missão é o Espírito Santo. Como diz o papa Paulo VI: “O Espírito Santo é o agente principal da evangelização: é ele efetivamente que impele para anunciar o

---

<sup>335</sup> Lc 22,42.

Evangelho, como é ele que nos mais íntimo das consciências leva a aceitar a Palavra da salvação”.<sup>336</sup> A Igreja herda de Cristo a missão de evangelizar todos os povos e os missionários, dentro dela, desempenham um papel importante nessa tarefa. No entanto, “o Espírito Santo permanece o sujeito protagonista transcendente da realização dessa obra no espírito do homem e na história do mundo”.<sup>337</sup> Assim, os missionários enviados pela Igreja assumem uma tarefa de “cooperar para que se cumpra efetivamente o plano de Deus, que constitui Cristo como princípio de salvação para todo mundo”.<sup>338</sup>

Portanto, o projeto comboniano para ser coerente com a ‘*missio Dei*’ deve estar aberto a ação do Espírito Santo: Pois “o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos disse”.<sup>339</sup> Somente nessa perspectiva de docilidade ao Espírito Santo é que o missionário pode sentir-se realizado em sua missão.<sup>340</sup>

### 3.3 RETORNO ÀS FONTES DA ESPIRITUALIDADE COMBONIANA

Acredita-se que a solução de todos, ou de quase todos, os problemas referentes à missão, quer ela em âmbito comboniano ou universal, reside no campo espiritual. É a espiritualidade que dá vida e a razão de viver ao missionário. Uma vez que ela esteja debilitada, inevitavelmente, todo o resto será colocado em cheque. Espiritualidade superficial leva ao individualismo, a passividade, ao desânimo e até a deserção.

Por isso, se se quiser apontar pistas que levem a encontrar luzes para o futuro, é necessário enfrentar o problema da espiritualidade. Sem dúvidas, para os combonianos, esse é o ponto que exige maior atenção. Analisando a vida espiritual do fundador Daniel Comboni, constata-se que ele vive sua vocação procurando sempre conformar sua vida com a de Cristo, bom pastor do coração trespassado. Isso lhe dá a capacidade de

---

<sup>336</sup> PAULO VI. **Evangelii Nuntiandi**. São Paulo: Loyola, 1976, n. 75, p. 87.

<sup>337</sup> JOÃO PAULO II. **Redemptoris Missio**. São Paulo: Paulinas, 1991. n. 21, p. 37.

<sup>338</sup> COMPENDIO DO VATICANO II. **Constituição Dogmática Lumen Gentium**. Petrópolis: Vozes, 1967, n. 17, p. 58.

<sup>339</sup> Jo 14,26.

<sup>340</sup> Il missionário há successo nella misura in cui ‘si assicura lo Spirito’ togliendosi i panni del protagonista e indossando quelli del collaboratore attento e fedele. Solo così egli diventa ‘spirituale’ e può dare una testimonianza efficace. Senza lo Spirito Dio è lontano, il Cristo resta nel passato, il vangelo una lettera morta, la Chiesa una semplice organizzazione, l’autorità un potere, la missione una propaganda, il culto un arcaismo, e l’agire morale un agire da schiavi. Ma nello Spirito il cosmo è nobilitato per la generazione del Regno, il Cristo risorto si fa presente, il vangelo diventa potenza di vita, la Chiesa realizza la comunione trinitaria, l’autorità si trasforma in servizio, la liturgia è memoriale e anticipazione, e l’agire umano viene deificato. PIERLI, Francesco. **Come Eredi**. Verona: Nova Stampa, 1992, p. 348.

entregar a própria vida pelos mais necessitados e abandonados da África, por amor a Cristo.

Voltar às origens da espiritualidade do fundador torna-se uma necessidade urgente, pois é nela que todos os combonianos encontrariam o mesmo alento capaz de fortificá-los na empresa assumida. O fundamento da espiritualidade de Comboni é trinitário, ele está ciente que a missão é de Deus. Ele insiste com seus colaboradores dizendo: “O missionário que não tivesse um forte sentimento de Deus e interesse vivo pela sua glória e pelo bem das almas, careceria de aptidão para os seus ministérios e acabaria por se encontrar numa espécie de vazio e de intolerável isolamento”.<sup>341</sup>

Observa-se que Comboni encontra no mistério do coração de Jesus, bom pastor, a fonte do seu ardor missionário e a origem e o modelo do seu amor incondicional pelos povos da África. Por conseguinte, os combonianos são chamados a assumir: “a sua doação incondicional ao Pai, a universalidade do seu amor pelo mundo e o seu comprometimento com a dor e com a pobreza dos homens. Levando a um empenho pela liberação integral do homem e àquela caridade fraterna que deve ser um sinal distintivo da comunidade comboniana”.<sup>342</sup>

A cruz é outro ícone característico da espiritualidade comboniana. No seu ministério, Comboni encontra inúmeras dificuldades de todos os tipos e ele as classifica como sendo a cruz do missionário. “Já vejo e compreendo que a cruz me é tão amiga e a tenho sempre tão perto, que desde há tempo a escolhi por esposa inseparável e tenra”.<sup>343</sup> Comboni não foge dos obstáculos e das cruces, pelo contrário, os enfrenta com uma sólida perseverança. O comboniano deve, da mesma forma, pôr no “centro de sua vida o Senhor crucificado, ressuscitado e vivente, pois sabe que o poder de Cristo se revela na fraqueza do apóstolo”.<sup>344</sup>

“Daniel Comboni distingue-se pela sua doação total (consagração) à causa missionária. A fonte dessa força era a sua fé inquebrantável e a certeza de que a sua vocação vinha de Deus. Contemplando o coração trespassado, Comboni não podia

---

<sup>341</sup> **RATIO Fundamental** *Institutionis et Studiorum*. Princípios e normas. Roma [s.n.] 1991, n. 58, p. 55.

<sup>342</sup> **REGRA De Vida**. Op. cit. n. 3.2, 3.3, p. 31.

<sup>343</sup> COMBONI, Daniel. Op. cit. n. 1710, p. 540.

<sup>344</sup> **REGRA De Vida**. Op. cit. n. 4.1, p. 32.

alimentar outro amor senão o de dar a própria vida pela infeliz Nigrizia”.<sup>345</sup> “‘Nigrizia ou morte’ será meu grito de guerra até o fim da minha vida”.<sup>346</sup>

A exemplo do fundador, os combonianos são chamados a abraçar esse amor único e definitivo, consagrando-se totalmente à missão e fazendo dela a razão de sua vida. Assim, o missionário permanece constante nas atividades, perseverante nas dificuldades, paciente e forte em suportar a solidão, o cansaço e a aparente inutilidade do trabalho.

Dessa forma, exige-se, para a eficácia da missão, uma espiritualidade fortemente cristológica, existencial, prática e profunda. Comboni não é um homem de teorias abstratas, mas de um amor concreto que o leva a viver na radicalidade. Ele não teve dúvidas que estava fazendo a vontade de Deus e que Deus estava com ele. ‘Se Deus é por nós quem será contra nós?’ Tendo Deus no coração o missionário passa naturalmente a espelhar esse Deus aos demais, como diz o missionário Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim!”<sup>347</sup>

Com o coração cheio de Cristo e transbordando de amor, o missionário converte-se em um homem da caridade disposto a enfrentar qualquer desafio, colocando-se a disposição para os trabalhos e os locais mais difíceis. Ou seja, o amor de Cristo torna-o disponível, obediente, servidor até o fim. Eis a razão pela qual ele deve sempre se manter conectado com essa fonte de graça, que é o próprio Cristo que não abandona seus enviados: “Não temas. Continua a falar e não te cales. Eu estou contigo [...]”.<sup>348</sup>

Para que a missão seja sempre a missão de Deus, é fundamental que o missionário permaneça unido a Ele. “Aquele que permanece em mim e eu nele produz muito fruto; porque, sem mim nada podeis fazer”.<sup>349</sup> Não se pode negligenciar este ponto crucial, não só da missão, mas da própria essência do ser missionário: a espiritualidade. Esta deve ser alimentada e ao mesmo tempo atualizada. “O que faz com que, às vezes, o nosso compromisso seja invadido pelo cansaço, o desânimo, a fragmentariedade e o fracasso é o fato de nos preocuparmos com a renovação de nossa

---

<sup>345</sup> **RATIO Fundamental** *Institutionis et Studiorum*. Op. cit. n. 70, p. 59.

<sup>346</sup> COMBONI, Daniel. Op. cit. n. 3050, p. 983.

<sup>347</sup> Gl 2,20.

<sup>348</sup> At 18,10.

<sup>349</sup> Jo 15,5.

teologia ou de nossa metodologia de trabalho pastoral, e não procurarmos alimentar e renovar nossa espiritualidade”.<sup>350</sup>

### 3.4 VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE COMBONIANA

Viu-se acima como a crise de identidade afeta vários combonianos. Isso gera uma inquietude generalizada e uma dispersão de forças, comprometendo seriamente a eficácia na evangelização. Para o êxito esperado em tal difícil empreendimento requer-se a união dos esforços. Somar e não dividir. “Todo reino dividido contra si mesmo acaba em ruína e nenhuma cidade ou casa dividida contra si mesma poderá subsistir”.<sup>351</sup> Essas palavras contundentes de Jesus não deixam dúvidas da necessidade de procurar cada vez mais a unidade. A CNBB, expressa esta urgência em manter a unidade. “Uma Igreja dividida não seria para o mundo sinal de que nela o Cristo Unificador está presente”.<sup>352</sup> Portanto, eis aí o primeiro ponto fixo da missão de todos os seguidores de Jesus Cristo: a Unidade.

A diversidade pode tornar-se causa de divisão e não de complementariedade. Os cristãos, em especial os missionários, devem compreender que a Igreja verdadeira é aquela que constrói a unidade. Ela é sacramento de Deus entre os homens e “Deus é amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele”.<sup>353</sup> O amor une, é o demônio quem divide.

As diferenças podem e devem, portanto, ser assimiladas de forma positiva e construtiva. Isso será possível mediante um diálogo sério e maduro entre todos os cristãos que juntos, iluminados pela palavra de Deus, procuram a verdade. “Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”.<sup>354</sup>

A tentação do individualismo e do subjetivismo fere o princípio da unidade, colocando em risco a própria identidade do missionário. Eis a razão pela qual se requer muita atenção para evitar esse perigo e criar ao mesmo tempo condições que favoreçam o crescimento do sentido de pertença ao grupo. Os padres capitulares procuram dar

---

<sup>350</sup> MASSERDOTTI, Franco. **Meditações de espiritualidade missionária**. São Paulo: Recado, 1987, p.

7.

<sup>351</sup> Mt 12,25.

<sup>352</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Testemunhar a fé viva em pureza e unidade**. Doc. 1. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1976, p. 30.

<sup>353</sup> I Jo 4,16.

<sup>354</sup> Jo 8, 31-32.

pistas concretas: “Para fomentar um estilo fraterno de vida comunitária, queremos formar comunidades acolhedoras onde, em primeiro lugar, nos aceitamos a nós mesmos com a nossa realidade profunda, com os nossos dons e fraquezas, e aceitamos também respeitosamente o irmão, a sua história e a sua personalidade e cultura”.<sup>355</sup>

### 3.5 MISSÃO POBRE, COM OS POBRES, COMO OS POBRES

Um dos aspectos constitutivo da missão comboniana é a dimensão *ad pauperes*. No início do terceiro milênio, os combonianos são desafiados a assumir, ainda mais incisivamente, a opção pelos pobres. Evitar a tentação de trabalhar para os pobres transformando-se em seus grandes benfeitores, e sim com os pobres, estando com eles, ao lado deles, no ritmo deles. A verdadeira missão de Jesus Cristo, portanto dos combonianos, é a de libertar os homens e mulheres de todas as formas de escravidão e de alienação, dando-lhes a verdadeira dignidade de filhos e filhas de Deus. Os pobres devem ser os protagonistas de sua libertação, o paternalismo e o assistencialismo não libertam, criam apenas dependência.

O mandato de Jesus Cristo aos seus discípulos missionários é explícito: “Não leveis ouro, nem prata, nem cobre nos vossos cintos, nem alforje para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem cajado, pois o operário é digno do seu salário”.<sup>356</sup> A missão cristã baseia-se no anúncio, no testemunho, no amor e não nos bens materiais. “Nem ouro nem prata possuo. O que tenho, porém, isto te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareu, põe-te a caminhar!”<sup>357</sup>

Observou-se, no segundo capítulo desse trabalho, que a missão na Igreja primitiva estava baseada na partilha total dos bens. “Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um”.<sup>358</sup> Os primeiros cristãos partilhavam tudo, não havia necessitados entre eles. A Igreja crescia, todos se amavam, não havia protagonismo de ninguém, a comunidade era unida e o número dos adeptos se multiplicava.

---

<sup>355</sup> DOCUMENTOS Capitulares 2003. Op. cit. n. 75, p. 40.

<sup>356</sup> Mt 10,9-10.

<sup>357</sup> At 3,6.

<sup>358</sup> At 2,44-45.

O instituto comboniano, inspirado pela vivência das primeiras comunidades cristãs, está propondo o caminho do fundo comum, onde os recursos econômicos seriam partilhados entre todos os confrades. E através de um discernimento comunitário decidir-se-ia quando, como e onde gastar esses recursos recebidos para a missão.

O projeto do fundo comum não vai para frente. Ele encontra muita resistência especialmente por parte daqueles que possuem muito dinheiro. Para alguns confrades, é muito difícil partilhar os seus bens. Eles são religiosos, professaram o voto de pobreza, porém, na prática, eles resistem em compartilhar suas ofertas com os demais. Recordase que a história comprova que, em todos os momentos em que a Igreja acreditou no poder do dinheiro, fracassou. Por outro lado, fez sinais extraordinários quando se fez pequena e pobre.

Realmente é custoso entender essa dificuldade que alguns confrades enfrentam em poder sentar juntos, analisar as urgências pastorais, optar por prioridades comuns, partilhar os bens e as responsabilidades e exigir de todos uma participação ativa na vida da comunidade. Enfim, de viver com coerência e radicalidade os conselhos evangélicos em uma vida comunitária sadia.

O tema do dinheiro sempre foi, e continua sendo, muito delicado e de difícil solução. O ideal é olhar ao Mestre Jesus Cristo, que pedia a todos aqueles que queriam ser seus discípulos um ato preliminar da renúncia dos bens. “Vai vende teus bens e dá aos pobres [...] e depois vem e segue-me”.<sup>359</sup> Há um ‘antes’ e um ‘depois’. Antes tem de haver o desapego das coisas; depois o seguimento. Sem o desapego inicial, parece não haver o salto da fé. Aos apóstolos ensinou: “Ninguém pode servir a dois senhores [...] Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro”.<sup>360</sup> “Deus e dinheiro são metas de dois percursos diferentes que nunca se encontram”.<sup>361</sup>

Por outro lado, no campo da missão o dinheiro pode transformar-se em sinal de fraternidade e solidariedade. Como se verifica na parábola do bom samaritano<sup>362</sup>, onde o protagonista usa do seu dinheiro para vencer as barreiras da raça e da religião e ajudar a quem está caído à beira da estrada a recuperar forças e dignidade. Na Igreja primitiva,

---

<sup>359</sup> Mt 19,21; Mc 10,21; Lc 18,22.

<sup>360</sup> Lc 16,13.

<sup>361</sup> MUNARI, João. Op. cit. p. II.

<sup>362</sup> Lc 10,29-37.

encontra-se a passagem onde os apóstolos mandam fazer uma coleta para socorrer irmãos que passam fome.<sup>363</sup>

Conclui-se, assim, que o problema não é o dinheiro, mas sim o uso que se faz dele e o posicionamento de cada um diante do mesmo. Os bens materiais podem causar egoísmo, ganância e morte, mas podem também gerar solidariedade, partilha e vida. A regra de vida indica o caminho evangélico que todo comboniano deve trilhar nesse campo: “Apesar das dificuldades existentes na partilha das condições dos pobres, o missionário assume as suas ansiedades, os seus problemas e a sua defesa. Une-se a eles no esforço para melhorar as suas condições de vida, contra toda a exploração e injustiça”.<sup>364</sup> Em outras palavras, mais do que dar coisas, o missionário é chamado a dar-se aos mais pobres, fazer causa comum com eles.<sup>365</sup>

### 3.6 REVITALIZAÇÃO DA ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA

O específico do carisma comboniano é a missão *ad gentes*. Ir ao encontro dos povos ainda não evangelizados e fazer o primeiro anúncio do *Kerigma*. Pergunta-se, então, o que eles fazem aqui no Brasil, no maior país católico do mundo? Realmente, analisando sob essa ótica, não se justificaria a presença deles nesse país. Qual deveria ser a contribuição comboniana para a Igreja no Brasil? Verifica-se, nas várias assembleias provinciais, que esse tema é constantemente pauta de discussão. A única explicação convincente seria: cooperar no trabalho de animação missionária. Ajudar toda a Igreja brasileira a assumir a responsabilidade missionária, aqui mesmo no Brasil, e, sobretudo, fora, em tantas partes do mundo ainda não evangelizadas.

Os combonianos procuram seguir as orientações da hierarquia quando ela pede aos missionários a colaboração nesse campo específico da animação missionária:

A formação missionária é obra da Igreja local, com a ajuda dos missionários e de seus Institutos, bem como dos cristãos das jovens Igrejas. Este trabalho não deve ser visto como marginal, mas central na vida cristã. Mesmo para a ‘nova evangelização’ dos povos cristãos, o tema missionário pode ser de grande proveito: o testemunho dos missionários mantém, efetivamente, seu fascínio sobre os que se afastaram e os descrentes, e transmitem valores cristãos. As Igrejas locais, pois, insiram a animação missionária, como

---

<sup>363</sup> At 11,27-30.

<sup>364</sup> **REGRA De Vida**. Op. cit. n. 28.2, p. 50.

<sup>365</sup> The model missionary is not one who goes out to conquer, but one who goes out to give himself or herself that others may live. One must be ready for the kenosis, for the paschal mystery. JENKINSON, William; O’SULLIVAN, Helene. **Trends in Mission**. New York: Orbis books, 1991, p.365.

elemento fulcral, na pastoral ordinária das dioceses e paróquias, das associações e grupos, especialmente juvenil.<sup>366</sup>

Por conseguinte, os combonianos são chamados a dar à Igreja no Brasil sua contribuição para ajudar a despertar a consciência missionária, na hierarquia e no povo brasileiro. Reforçando as palavras do documento de Puebla, que diz que já chegou a hora da América Latina assumir com mais empenho a dimensão missionária universal: “É certo que nós próprios precisamos de missionários, mas devemos dar de nossa pobreza”.<sup>367</sup> Os filhos de Comboni que vivem o carisma *ad gentes* são, portanto, incentivados a auxiliar as comunidades cristãs no Brasil a olhar para fora de suas fronteiras. O mandato de Jesus não pode ser ignorado: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura”.<sup>368</sup>

A animação missionária deveria transformar-se, portanto, na prática, a prioridade número um do grupo. De fato na assembléia provincial de 2004 os membros votaram e aprovaram o seguinte texto: “Que no próximo sexênio a nossa prioridade seja a animação missionária, a promoção vocacional e a formação”.<sup>369</sup> Isso, contudo, até o momento, não foi concretizado.

O que os combonianos entendem, afinal, por animação missionária?

Ela é vista como um ministério eclesial de informação, formação e solidariedade que busca abrir horizontes em nível eclesial e social, a partir do carisma comboniano e da realidade da Igreja local. Informação que às vezes se converte em denúncia profética. Formação da consciência missionária do povo de Deus. Fazendo proposta de solidariedade por meio da oração, sacrifícios, ajudas econômicas e apresentação explícita da vocação missionária em todas as suas formas.<sup>370</sup>

O grupo, em geral, acredita que, como missionários, deve prestar um serviço às Igrejas locais, onde as comunidades necessitam ser despertadas e animadas para assumir a missão. Além disso, a animação missionária torna-se o elemento unificador de toda a ação missionária, e é o que melhor qualifica o comboniano como missionário e o torna significativo no Brasil hoje.

Para o êxito desse propósito, o grupo se propõe assumir com clareza sua identidade comboniana e missionária. Caminhar com o povo, criando espaços para que

---

<sup>366</sup> JOÃO PAULO II. **Redemptoris Missio**. São Paulo: Paulinas, 1991, n. 83, p. 128.

<sup>367</sup> CELAM, **Conclusões da Conferência de Puebla**. Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 1979, n. 368, p. 180-181.

<sup>368</sup> Mc 16,15.

<sup>369</sup> NOTICIÁRIO Boletim Provincial Província Brasil Sul. Assembléia 2004. São Paulo. 1981, p. 20.

<sup>370</sup> **PROPOSTA de trabalho da Animação Missionária**. São Paulo. (mimeografado). 2005, p. 4.

o pobre possa se manifestar, tornando-o sujeito de sua própria libertação. Caminhar com a Igreja em uma profunda unidade com a hierarquia e solidariedade com as lideranças laicas. Ter sempre presente na ação pastoral os temas de justiça e paz, que faz parte do carisma e da tradição comboniana.

### **3.7 MUDANÇA DE PARADIGMA NA FORMAÇÃO**

Depois de anos de experiências falidas, torna-se urgente tomar decisões que alteram o modelo formativo atual. Algo deve ser feito para resolver os impasses existentes no campo da formação. O grupo está consciente da problemática. Todavia, falta-lhe ainda a inspiração que aponte a solução definitiva. Assim, enquanto essa revelação não chega, passos concretos estão sendo dados nessa direção.

#### **3.7.1 PROMOÇÃO VOCACIONAL**

É urgente capacitar os confrades incumbidos de formar os novos membros proporcionando-lhes uma formação adequada. Não é suficiente apenas boa vontade. O promotor vocacional deve ter uma preparação que lhe habilite a enfrentar esses entraves e que lhe permita fazer um discernimento, onde somente os jovens idôneos passem para a fase seguinte. Afinal, enviar um jovem problemático para uma estrutura formativa só traz danos, primeiramente para ele mesmo, e depois para todos os demais membros da comunidade.

#### **3.7.2 NOVO PARADIGMA NA FORMAÇÃO**

Diante das dificuldades apontadas acima, no campo da formação, o grupo sente-se animado pelas palavras do fundador Daniel Comboni: “Eu morro mais minha obra não morrerá”. Essa firme convicção de que sua obra é divina e não meramente humana, dá a todos os combonianos a certeza de que, apesar das dificuldades, a missão não vai acabar antes que o Reino de Deus seja implantado em todas as partes do mundo, em especial, entre os mais pobres e abandonados.

Por isso mesmo, aumenta ainda mais a responsabilidade em encontrar a forma mais adequada para organizar a formação dos futuros missionários. É mister continuar nesse processo de avaliação e discernimento. Aprender com as experiências do passado,

positivas e negativas. O caminho se faz caminhando, logo, não se pode ter medo de arriscar, de procurar novos rumos para responder às necessidades atuais da missão.

Que tipo de combonianos o Brasil e o mundo precisam hoje? Esta pergunta todo o instituto e, em especial os formadores, devem fazer-se todos os dias. Formar para a missão! Eis o grande objetivo.

Passos concretos estão sendo dados no intuito de melhorar a formação. O desejo do fundador de “formar elementos santos e capazes”<sup>371</sup> continua impulsionando a criatividade e a audácia em romper com a tradição e criar alternativas novas. Pode-se destacar neste aspecto a decisão de tornar a formação continental.

Por muitos anos, a formação dava-se a nível intercontinental. Agora, os candidatos são preparados no seu próprio continente. Ou seja, os seminaristas africanos são formados na África, os europeus na Europa, os americanos na América e os asiáticos na Ásia. Por conseguinte, as comunidades formativas continuam internacionais, conservando a característica inicial do instituto, porém do mesmo continente. Acredita-se que assim a questão da interculturalidade seja melhor trabalhada. As diferenças não serão mais tão grandes. Vai existir no campo cultural um mínimo denominador comum que é a base continental.

Por outro lado, insiste-se no caminho das pequenas comunidades inseridas no meio popular, junto a uma comunidade apostólica: “Que se promovam experiências novas e formas alternativas de formação mais inseridas na vida de missão”.<sup>372</sup> Em outras palavras, sugere-se que sejam criados pequenos grupos de jovens estudantes vivendo em uma comunidade apostólica diretamente envolvida com a missão. O seminarista é formado em um íntimo contato com os problemas que ele depois vai enfrentar no seu trabalho cotidiano. Um estilo de formação que responsabiliza os candidatos tornando-os participantes ativos e não apenas jovens passivos. A corresponsabilidade nas decisões, nas atividades e também na manutenção é exigida de cada um.

O fato de serem grupos pequenos inibe a presença de jovens que entram na vida religiosa com outras motivações a não ser aquela de servir o povo de Deus. Pois, em uma estrutura pequena não existe a possibilidade de esconder-se. Sendo poucos, cada

---

<sup>371</sup> COMBONI, Daniel. Op. cit. n. 6655, p. 2005.

<sup>372</sup> **DOCUMENTOS Capitulares 2003**. Op. cit. n. 64.3, p. 34.

um é acompanhado, monitorado e formado pessoalmente. Facilmente um candidato que não esteja identificado com os valores propostos é individualizado e, assim, será possível dar-lhe a devida atenção e ajuda. Passa-se do anonimato do grande grupo ao protagonismo do pequeno.

Somado as essas iniciativas, introduz-se também um período de tirocínio pastoral de dois anos após a conclusão dos estudos teológicos. Esta prática, presente já em outros institutos, visa habilitar o jovem missionário a desenvolver suas potencialidades no campo concreto da missão antes da ordenação. Vai ser também uma oportunidade ímpar de colocar o candidato ao presbiterado, dentro de uma realidade de missão onde ele mesmo possa verificar se suas motivações vocacionais condizem com a realidade pastoral que lhe espera. Outro aspecto que justifica esta novidade no itinerário formativo é o de acabar com o automatismo entre estudos acadêmicos e ordenação sacerdotal. O missionário estará pronto para ser ordenado não quando ele terminar os estudos teológicos e sim quando demonstrar maturidade, preparação nos vários níveis e amor pela missão.

### **3.8 INCULTURAÇÃO DA FÉ E DO CARISMA**

Nestes últimos anos o tema da inculturação da fé tornou-se de suma importância na atividade missionária de toda a Igreja. Acredita-se hoje, mais do que nunca, que somente através de uma verdadeira e profunda inculturação é que se pode ser fiéis e eficazes no anúncio do Evangelho de Jesus Cristo.<sup>373</sup>

Encontram-se várias definições de 'inculturação', opta-se, aqui, por utilizar a definição de Mário de França Miranda:

A realização da fé e da experiência cristã numa cultura, de tal modo que não só se expresse com elementos culturais próprios (tradução), mas também se torne uma força que anima, orienta e renova esta cultura (discernimento), contribuindo para a formação de uma nova comunidade, não só dentro de sua cultura, mas ainda como enriquecimento da Igreja universal (síntese).<sup>374</sup>

Observa-se que a inculturação não é algo fácil e nem espontâneo. Pelo contrário, é uma verdadeira arte, que exige do missionário, humildade e inteligência para ir ao encontro do outro. Humildade, pois ele não é o dono da verdade, ele veio não para dar,

---

<sup>373</sup> Para aprofundar esse tema sugere-se a leitura da obra de Mario França Miranda: **Inculturação da Fé**. São Paulo: Loyola, 2001.

<sup>374</sup> MIRANDA, Mario de França. Op. cit. p. 38.

mas partilhar e por isso mesmo deve antes de tudo escutar, observar e conhecer a realidade em que está atuando. É necessário inteligência, pois vai ser exigido dele a capacidade de discernir os valores cristãos já presentes no povo que o acolhe e ter condições de avaliar o que é Evangelho e o que é cultura para conduzir com êxito a evangelização. Pode-se afirmar, portanto, que a inculturação é um processo, lento e gradual composto de três momentos:

Primeiramente a presença e o encontro com outra cultura, que exige nova linguagem, gestos e símbolos para ser significativa; em seguida vem a difícil fase do diálogo, na qual se examina que elementos culturais podem ou não ser assumidos e valorizados pela fé cristã; finalmente chega-se a uma síntese cultural, que não só enriquece a cultura local e a Igreja local, mas ainda contribui para a catolicidade da Igreja.

Deve-se notar, portanto, que não se trata de ‘inculturar’ uma doutrina ou valores do Evangelho, mas permitir que a vivência da fé de uma comunidade eclesial se realize nessa cultura, configurando-a como Igreja Particular. Além disso tenha-se claro que esse processo jamais termina, seja devido à liberdade do Espírito, responsável último pela experiência cristã, seja porque qualquer cultura sofre contínuas transformações de fatores endógenos e exógenos.<sup>375</sup>

A inculturação é indispensável para o bom desempenho da missão da Igreja no mundo inteiro. A diversidade cultural, tanto dos missionários como dos povos a serem evangelizados, torna essa atividade ainda mais complexa. No entanto, não se pode, em nome dos obstáculos encontrados, renunciar à busca de um conhecimento mais profundo da fé cristã (que se anuncia) e da cultura (para quem se anuncia) no intuito de tornar a fé cultura. O papa João Paulo II afirma: “Uma fé que não se torna cultura é uma fé que não foi plenamente recebida, não inteiramente pensada, não fielmente vivida”.<sup>376</sup>

O padre jesuíta Michael Amaladoss, especialista nesse tema assim exprime seu pensamento:<sup>377</sup>

---

<sup>375</sup> MIRANDA, Mario de França. Op. cit. p. 38.

<sup>376</sup> Ib. p. 31.

<sup>377</sup> Success in the task of building the local church – that is, of incarnating the gospel in a particular culture – depends on the freedom and creativity of the local community and on the spirit of kenosis on the part of the preachers of the gospel. The preachers have so far preferred to transplant, or at best to translate. A certain adaptation in externals would even be encouraged today, but there is reticence with regard to what is considered the essentials [...] I wonder whether the task of inculturation can be really called a dimension of mission. The task of a community to express its faith in its own culture is an element of its life. But one could hardly call the task of becoming a local church mission. On the contrary, the Christian community is on mission when it tries to convert and transform culture so that it conforms more adequately to the attitudes and values of the gospel. For this the gospel has not so much to be inculturated as countercultural. It is true that the gospel cannot speak authentically a relevant work if it is not inculturated. But it must not be so inculturated as to lose its distance from culture which makes it possible for any religion to be prophetic and critical. JENKINSON, William, O’SULLIVAN, Helene. Op. cit. p. 368.

A missão, para o padre Amaladoss, não se refere simplesmente ao anúncio do Evangelho, com o intuito de fundar igrejas locais nos ambientes aonde o cristianismo ainda não chegou. Pelo contrário, a missão está a serviço do Reino e a Igreja é apenas um sacramento do Reino de Deus, ou seja, ela não é o fim, apenas um meio. Por isso, quando se fala em autêntica missão entende-se, além do anúncio propriamente dito outras três dimensões: inculturação, diálogo inter-religioso e libertação.<sup>378</sup>

Aqui não se pode aprofundar todos os três aspectos acima expostos (no entanto é bom ter consciência da existência e da importância deles). O intuito deste estudo é compreender melhor como os missionários combonianos tratam o tema da inculturação da fé na sua ação evangelizadora. Constata-se acima (no ponto 2.8) uma inculturação deficiente nestes 53 anos de presença comboniana na província Brasil Sul. Tentar-se-á aqui apresentar algumas idéias que poderiam ser levadas em consideração no trabalho de evangelização dos combonianos, tendo em vista o específico do seu carisma, isto é, a inculturação do carisma comboniano.

Daniel Comboni viveu há mais de 120 anos. O contexto sócio-eclesial em que ele atua é completamente diferente do atual. Suas inspirações são válidas e apropriadas para sua época, porém, é mister atualizá-las. Existe uma preocupação real de todos em responder a esse desafio. Apesar disso, ainda percebe-se que há um longo caminho a ser percorrido neste campo.

Primeiramente, em nível de instituição, deveria haver maior preocupação em introduzir os novos missionários no novo contexto cultural em que vão trabalhar. Atualmente, quando chega um novo missionário na província, ele atende um curso ministrado pelo CENFI.<sup>379</sup> Logo em seguida é destinado a uma comunidade comboniana, onde começa a desempenhar seu ministério. O tempo de escuta, de estudo, de aprendizagem é muito breve. Por isso, seria importante encontrar outros meios para

---

<sup>378</sup> The church is for the Reign of God. It is its sacrament, not simply identified with it. It should never be looked at in itself. The church indeed has to be made present and be built up, but not for its own sake. Once we understand this, then we see inculturation, interreligious dialogue, and liberation in a wider horizon. The Christian community can contribute to the transformation of cultures, of other religions, and of socioeconomic situations, even when these do not become institutionally Christian. On the other hand, one cannot really build up an authentic local church except in the process of an ongoing dialogue with the cultures, the religions, and the socioeconomic and political situations of a particular people. JENKINSON, William, O'SULLIVAN, Helene. Op. cit. p. 365.

<sup>379</sup> O CENFI: Centro Cultural Missionário é um organismo vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com sede em Brasília voltado para os missionários(as) que chegam do exterior para trabalhar no Brasil. Oferece a estes missionários(as) ensino da língua portuguesa e seu aprofundamento; uma introdução aos primeiros elementos das culturas brasileiras e das ações pastorais de evangelização no Brasil. Disponível em: [http://www.ccm.org.br/depar\\_cenfi.html](http://www.ccm.org.br/depar_cenfi.html) acesso em: 26 setembro 2007, 16:30.

auxiliar o recém chegado a inteirar-se, de forma mais plena, na nova realidade que o acolhe.

No passado, na província Brasil Sul, havia o SEPAM (Secretariado de pastoral e animação missionária) que ajudava nesse processo.<sup>380</sup> Atualmente, em nível provincial, não existe um secretariado ou comissão que auxilie os confrades em uma reflexão sobre os desafios contemporâneos da missão, sobretudo no campo da inculturação. Assim, poder-se-ia concluir que as coisas ao invés de melhorar estão piorando.

Por outro lado, nem todos os que chegam à sua nova missão estão conscientes da necessidade urgente de estar abertos ao encontro com outra cultura. Nem todos os missionários têm essa atitude humilde de escuta e de diálogo. Sem isso, não há cursos, encontros, palestras e livros que possam ajudar. A inculturação implica a consciência de que o missionário não está começando uma história, ele é apenas uma página a mais no caminhar de uma comunidade que já está vivenciando a fé. É necessária, portanto, ao recém chegado e a todos os missionários em geral, a convicção de que ele está se inserindo em um processo iniciado antes dele e que vai continuar com ele e depois dele. Em outras palavras, se ele quiser ser um autêntico missionário deverá inculturar-se nessa nova realidade e procurar dar continuidade aos trabalhos realizados e, na medida do possível, colaborar para que outros passos possam ser dados em conjunto.

Neste aspecto, é importante salientar o papel da formação na conscientização sobre a importância da inculturação para os futuros missionários. É inadmissível que, nos dias de hoje, chegue ao campo da missão um jovem missionário que não queira, ou não saiba, da importância fundamental desse processo. Por isso, sugere-se avaliar seriamente como esse tema é tratado durante os anos de formação de base dos candidatos e, caso for necessário, fazer as devidas correções.

Outro elemento importante que não pode ser esquecido é o fato de que o missionário vive em uma comunidade religiosa. A evangelização deve ser comunitária e não individual. Este é o motivo pelo qual uma atenção especial deve ser dada na hora de formar as comunidades religiosas. A fim de facilitar o entrosamento, mostra-se fundamental levar em conta as aptidões e culturas de cada membro. A existência de incompatibilidade de caráter entre os membros de uma comunidade não será benéfica para a missão. Por conseguinte, é fundamental que a direção provincial tenha presente

---

<sup>380</sup> Cf. Capítulo I, ponto 2.3.7, p. 38.

esse dado na hora de compor as equipes e, ao mesmo tempo, evitar as mudanças rápidas dos membros. Ou seja, a estabilidade da comunidade é um outro fator importante para a eficácia do trabalho e facilita o processo de inculturação.

Com o passar dos anos, auxiliados pelo magistério da Igreja, cresce entre os missionários a consciência da necessidade de encontrar métodos mais eficazes para anunciar o Evangelho de Jesus Cristo. O segredo está justamente na valorização da cultura dos povos a serem evangelizados: conhecê-la bem, para poder evangelizá-la com profundidade e “não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até suas raízes”.<sup>381</sup>

Nessa mesma linha, todo instituto comboniano procura encontrar pistas concretas para favorecer uma evangelização inculturada: “Como pessoas interculturais, somos chamados a favorecer o discernimento dos valores e contra-valores das culturas à luz do Evangelho. Esta experiência ajuda-nos a crescer como pessoas e como crentes e convida-nos a ser instrumentos de intercâmbio e de mútuo enriquecimento no seio das diversas culturas em que operamos”.<sup>382</sup>

Na conferência da Aparecida os bispos também reconhecem que: “Com a inculturação da fé, a Igreja se enriquece com novas expressões e valores, manifestando e celebrando cada vez melhor o mistério de Cristo, conseguindo unir mais a fé com a vida e assim contribuindo para uma catolicidade mais plena, não só geográfica, mas também cultural”.<sup>383</sup> E continuam: “Queremos felicitar e incentivar a tantos discípulos e missionários de Jesus Cristo que, com sua presença ética coerente, continuam semeando os valores evangélicos nos ambientes onde tradicionalmente se faz cultura e nos novos areópagos [...] Evangelizar a cultura, longe de abandonar a opção preferencial pelos pobres e pelo compromisso com a realidade, nasce do amor apaixonado por Cristo, que acompanha o Povo de Deus na missão de inculturar o Evangelho na história, ardente e infatigável em sua caridade samaritana”.<sup>384</sup>

Com essas palavras, pode-se concluir que a missão está apenas começando. Muito já se fez, no entanto, muito mais resta a ser feito. O caminho é longo, árduo e complexo. São necessárias a coragem e a ousadia do Mestre Jesus Cristo, o verdadeiro

---

<sup>381</sup> PAULO VI. Op. cit. n. 20, p. 21.

<sup>382</sup> **DOCUMENTOS Capitulares 2003**. Op. cit. n. 112, p. 50.

<sup>383</sup> CELAM, **Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. 2. ed. Brasília: CNBB, 2007, n. 479, p. 216.

<sup>384</sup> *Ib.* n. 491, p. 221.

missionário. É preciso focar as atenções no essencial: o anúncio Reino de Deus. Reconhecer que a missão é de Deus e que todos, homens e mulheres, combonianos ou não, são chamados a colaborar na messe do Senhor. Deixar que o Espírito Santo, o verdadeiro protagonista da missão, ilumine e oriente toda a ação evangelizadora da Igreja. Aprender a trabalhar em conjunto, colocando em comum os dons de cada um, para o bem de todos. Acima de tudo, não ter medo das dificuldades, dos obstáculos e dos falimentos. Manter sempre viva a certeza de que o Senhor está presente todos os dias, em todas as ocasiões e em todos os lugares. Deus espera que todos os cristãos, de maneira especial nesse trabalho pode-se dizer dos missionários combonianos, sejam verdadeiros discípulos e missionários de Jesus Cristo.

## CONCLUSÃO

Neste estudo, muitos pontos foram tratados e muitas interrogações levantadas. Algumas respostas foram dadas e outras tantas permanecem abertas. Desde o início, deixou-se claro que não seria o intuito dessas páginas encontrar solução a todos os problemas da missão da Igreja e sim contribuir na reflexão, buscando luzes para um futuro mais iluminado.

O desafio da evangelização contemporânea é complexo. Multiplicam-se as visões de missão e, conseqüentemente, as metodologias missionárias. Algumas são novidades, outras nada mais são do que repetições de fórmulas do passado. Todas, porém, procuram interpretar a vontade de Deus para os dias de hoje.

O grupo dos missionários combonianos representa o desejo de todos os agentes de pastoral do Brasil e do mundo inteiro, na busca incessante de soluções novas para os desafios atuais da evangelização. Assim, quando se fala dos problemas enfrentados pelos combonianos, pode-se facilmente imaginar que esses mesmos impasses são encontrados pelas demais forças vivas da Igreja.

Teve-se a oportunidade de ver como São Daniel Comboni, o fundador do instituto dos missionários combonianos, desempenhou sua atividade missionária no século dezenove, no território que assumiu como sua missão: a África Central. Nem as dificuldades, nem as resistências e nem os fracassos lhe tiraram o ardor missionário e o desejo profundo de levar a mensagem salvadora e libertadora de Cristo aos irmãos mais abandonados da terra, os africanos.

Comboni deixa um ensinamento a toda a Igreja sobre o segredo da eficácia da missão: doação total, amor incondicional aos mais necessitados, espiritualidade alicerçada no coração de Jesus, espírito comunitário católico e uma fé inabalável em Deus.

Inspirados pelo fundador, os combonianos são chamados a seguir seu exemplo de verdadeiros apaixonados por Cristo, pela Igreja e pelos mais pobres. Eles são convidados a permanecerem fiéis à missão de Deus, que consiste justamente em levar

todos, homens e mulheres, do mundo inteiro, ao conhecimento de Jesus Cristo: Caminho, Verdade e Vida.

Viu-se que, no passar dos 53 anos de presença na província Brasil Sul, esse grupo de missionários procurou com sinceridade ser fiel à missão que lhe foi confiada. Isso, porém, nem sempre aconteceu. Nesses anos, problemas não faltaram: falta de um projeto comunitário assumido por todos, tendência ao individualismo, dificuldades na vida comunitária, impedindo assim a continuidade dos trabalhos assumidos; diversidades teológicas, gerando divergências ao invés de complementariedade; excessiva confiança nos recursos materiais, e, sobretudo, uma espiritualidade debilitada, tirando de Deus o posto central na ação missionária.

Foi importante a contribuição recebida da sagrada escritura, mostrando como no decorrer da história dos descendentes da Abraão o conceito de missão foi evoluindo. O próprio povo de Israel estava confuso sobre seu papel dentro da história da salvação. A dúvida entre exclusividade e universalidade perdurou séculos e, pacientemente, a Trindade foi revelando seu desígnio. Foi com Jesus Cristo que Deus revela-se à humanidade, completa e definitivamente. O Filho é o verdadeiro e único Missionário do Pai. O Mestre deixou claro, desde o início, o motivo pelo qual se encarnou: Veio para implantar o Reino de Deus. Os discípulos aprenderam com Ele o que deveriam fazer.

Mesmo convivendo com o Filho de Deus, permanecem, entre seus discípulos, as ambigüidades na interpretação da Sua vontade. Já no princípio da Igreja, os cristãos convivem com modos diferentes de entender a missão que lhes é confiada. Dessa diversidade, surgem conflitos que geram crises e que levam a todos a rever suas posições e a aprofundar melhor a imagem de Deus que possuem. A Igreja, assim, caminha pela história na busca incessante de interpretar a Palavra de Deus e atualizá-la nas diversas culturas. Às vezes, infelizmente, mais preocupada consigo mesma do que com o Reino de Deus, deixando-se guiar por intuições humanas e não pelo Espírito Santo.

Os documentos eclesiais estudados nesse trabalho ajudam a entender como, nesses últimos anos, a Igreja entende e desempenha sua missão. O Concílio Vaticano II é um marco histórico importante, em que a Igreja faz um esforço especial de renovar-se e tornar-se a comunidade eclesial desejada pelo seu fundador Jesus Cristo.

Um das conclusões mais importantes do Concílio Vaticano II foi a elaboração do novo conceito de Igreja: Igreja povo de Deus. É o fim do clericalismo e o início da era do protagonismo do leigo. Conseqüentemente a missão não é mais exclusividade de alguns especialistas (missionários), mas de todo o batizado. Surge assim a metodologia da comunhão e participação, onde todos os membros da comunidade eclesial são co-responsáveis pela tarefa da evangelização. Termina, assim, a dicotomia entre Igreja e missão. Agora, fala-se em missão da Igreja. Não existem várias missões, apenas a missão que é de Deus. *Missio Dei*.

Na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, o papa Paulo VI declara que a Evangelização deve ser encarnada na vida do povo que se quer evangelizar, de uma maneira profunda e vital, não apenas decorativa. Reconhece que é o Espírito Santo o protagonista da missão e todos os batizados são convidados a colaborar nessa tarefa.

Na encíclica *Redemptoris Missio* o papa João Paulo II afirma que a Igreja está a serviço do reino de Deus, e interpela a todos os cristãos a um novo ardor missionário, em especial em três situações concretas: *ad gentes*, (para os ainda não evangelizados), na pastoral de conservação (dos já evangelizados) e re-evangelização (para aqueles que se afastaram da vivência da fé).

Na carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*, o papa faz um apelo à nova evangelização. Um convite para contemplar a Trindade e a pessoa do irmão, sobretudo aquele que mais sofre. Uma nova espiritualidade deve nascer, a espiritualidade da santidade.

Os documentos das conferências latino-americanas também trazem luzes para a prática missionária da Igreja nesse continente. Com Medellín, a Igreja latino-americana assume sua identidade própria. As fronteiras do *intra* eclesial são superadas e o campo social é assumido como prioritário. Os três elementos constitutivos da Igreja na América Latina são a opção pelos pobres, a teologia da Libertação e as comunidades eclesiais de base. Um novo paradigma de missão surge. Nem todos o assumem. Alguns cristãos tornam-se fiéis defensores e divulgadores desse novo modo de ser Igreja, dimensão profética, até o martírio. Enquanto a outra parte permanece nas esferas eclesiais, recusando-se ao discurso de interação entre fé e vida.

Puebla reforça essa opção pelos pobres e o envolvimento no campo social. A evangelização deve ser libertadora. Reafirma, com veemência, o protagonismo dos

leigos, dando-lhes o devido espaço nos ministérios nas CEBs e também no envolvimento *ad extra*. A Igreja latino-americana deve ser solidária partilhando da sua pobreza com os outros continentes mais necessitados.

Em Santo Domingo, a dimensão social da fé deixa de ser o fio condutor da atividade da Igreja. O tema da inculturação da fé recebe uma atenção especial dos bispos. O espaço aos leigos na evangelização é garantido e apoiado. Jovens evangelizando jovens, crianças evangelizando crianças.

Os documentos da CNBB proporcionam luzes na compreensão da missão da Igreja no Brasil. O compromisso social na dimensão profética é incentivado e as denúncias contra o desrespeito aos direitos humanos são feitas em documentos oficiais da CNBB. Há um apoio às CEBs, que se multiplicam por todo o país. No entanto, com o passar dos anos, observa-se uma diminuição no entusiasmo nas mesmas.

O grupo dos missionários combonianos está inserido nessa realidade. Influencia e é influenciado por esse clima de compromisso com os mais pobres e abandonados. Assume o campo social de forma prioritária, faz sua opção pelos mais pobres e abandonados e direciona sua ação na transformação das estruturas que geram as injustiças sociais.

Percebe-se, assim, que a nível teórico há um nítido compromisso com os valores do Reino de Deus, tanto por parte da hierarquia, como da base. No entanto, constatam-se igualmente limites na prática pastoral da Igreja, que contradizem profundamente os valores teóricos propostos. A incoerência entre teoria e prática, entre escrever e realizar, entre dizer e fazer às vezes é tão grande que o povo acaba não reconhecendo a Igreja como construtora do Reino de Deus.

A partir dessas contradições busca-se elencar alguns pontos que obstaculizam a ação missionária da Igreja, e em especial dos combonianos. Antes de tudo, o problema encontra-se a nível teórico. A multiplicidade no conceito de missão, às vezes até antagônico, leva a práticas contraditórias. A diversidade dos dons, diz São Paulo, deve construir e não destruir. Portanto, aí está a primeira pista concreta para sair desse impasse. É urgente esclarecer melhor qual é a missão da Igreja. Permitir que todos façam o que quiserem, em nome do instituto ou da Igreja, coloca em risco a autenticidade da mensagem. Muitas vezes, fala-se em Jesus Cristo, mas se prega a ideologia do próprio missionário, ou do próprio grupo.

Conseqüentemente, é necessário implementar a idéia de Comboni, a missão não pode ser de um indivíduo, de um grupo ou de uma nação. A missão é católica, de todos, sem distinção de país, cultura e sexo. É de todos para todos. Por isso, no momento em que a Igreja, na sua globalidade, entender que não é mais possível viver dividida em pequenos grupos, onde cada um luta pelos seus próprios interesses, e assumir comunitariamente o projeto de Evangelização, daí sim haverá condições concretas para que as sementes do Reino possam crescer e se multiplicar.

Isto só será possível no momento em que todos tiverem uma espiritualidade verdadeiramente cristológica. É imprescindível ter um denominador comum. Todos os evangelizadores precisam aceitar Jesus Cristo como o Senhor e seguir seu ensinamento. A missão é *Missio Dei* e não *Missio Mea*. Não basta dizer que se está falando em nome de Cristo, ou repetir suas palavras. É essencial praticar seus mandamentos: amar, servir, doar-se. Como já dizia Paulo VI, o mundo precisa de testemunhas, mais do que de mestres.

A espiritualidade profundamente enraizada em Jesus Cristo, inevitavelmente, leva a uma identificação profunda com o Mestre. Uma vez identificados e unidos a Cristo, elimina-se um outro ponto débil, levantado nesse trabalho, que é justamente a crise de identidade. Pessoas desmotivadas são como ramos separados da videira: não conseguem ser sal nem luz do mundo e nem fermento na massa. Portanto, aqueles que querem seguir Jesus precisam unir-se a Ele e assumir essa identidade com radicalidade.

Assumindo a identidade de seguidores de Jesus Cristo, os missionários (todos os batizados) devem fazer como Ele fez: assumir prioridades. Todo o mundo precisa da atenção da Igreja, todas as pessoas deveriam ser atendidas pela sua ação pastoral. No entanto, como Jesus, também eles devem escolher os que mais precisam. Os não evangelizados, os mais pobres e abandonados, aqueles que não têm sua dignidade, de filhos e filhas de Deus, respeitada. Enfim, fazer as mesmas opções que Jesus fez: Amar a todos, servir a todos, mas priorizar os mais necessitados.

Isto exige mudanças profundas na metodologia missionária. O novo paradigma de missão que surge a partir do Vaticano II, (toda a Igreja é missionária), decreta o fim do clericalismo, os leigos podem e devem assumir seu papel de protagonistas. Conseqüentemente, na formação dos futuros padres é indispensável instruí-los nessa direção de cooperação e diálogo. Todas as forças vivas da Igreja precisam somar-se, uns ajudando os outros, sem competição, mas sim colaboração.

A inculturação da fé é um tema importante que deve continuar sendo estudado e aprofundado. O evangelho não se identifica com uma cultura. Ele pode ser vivido em todas sem destruí-las e sim completá-las. Eis o desafio dos missionários: diálogo sincero com as culturas dos povos a serem evangelizados, respeitando os valores culturais locais e acrescentando a esses, os valores evangélicos em um processo que visa à cultura da vida: “Que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10).

Enfim, pode-se concluir este estudo afirmando que a missão está apenas começando. O conteúdo permanece imutável: anunciar Jesus Cristo que é o mesmo “ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8). O desafio consiste em encontrar e aplicar formas eficazes de anunciá-lo e testemunhá-lo entre as nações. Muitos documentos já foram escritos e diretrizes dadas pelo magistério da Igreja. Orientações não faltam. O que carece ainda é uma profunda e verdadeira conversão pessoal, deixando que Jesus Cristo entre no coração de cada um a ponto de reconhecer, como São Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Quando chegar esse momento, com essa espiritualidade viva e verdadeira, nesse espírito comunitário, onde todos trabalham juntos para o Reino de Deus e não para os reinos pessoais, daí sim toda a Igreja pode dizer: “Somos servos inúteis, fizemos apenas o que devíamos fazer” (Lc 17,10).

Há muito trabalho pela frente; inúmeros obstáculos precisam ser superados, até que Cristo seja tudo em todos. Confia-se, ao mesmo tempo, que essa utopia possa ser concretizada. O recente documento de Aparecida fortalece, em todos cristãos, essa esperança afirmando que: “A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. [...]. Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários. Isso não depende tanto de grandes programas e estruturas, mas de homens e mulheres novos que encarnem essa tradição e novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu Reino, protagonistas de uma vida nova para uma América Latina que deseja reconhecer-se com a luz e a força do Espírito” (DA n 11, p.13).

Que este Espírito continue soprando sobre toda a humanidade conduzindo a todos, homens e mulheres, para o conhecimento de Jesus Cristo: Caminho, Verdade e Vida.

# FONTES E BIBLIOGRAFIA

## FONTES

### DOCUMENTOS DO INSTITUTO COMBONIANO

COMBONI, Daniele. **Gli Scritti**. Bologna: Emi, 1991.

COMBONI, Daniel. **Os Escritos**. Lisboa: Além-mar, 2003.

**REGRA De Vida**. Constituições e diretório geral. Roma: Nova Stampa, 1988.

**DOCUMENTOS Fundacionais** Daniel Comboni. Lisboa: Além-mar, 1995.

**DOCUMENTOS Capitulares 1997**. Partindo da Missão com a ousadia do Beato Daniel Comboni. XV Capítulo Geral. Roma: [s.n.] 1997.

**DOCUMENTOS Capitulares 2003**. A missão dos Combonianos no início do terceiro milênio. XVI Capítulo Geral. Roma: [s.n.] 2003.

ATAS DAS ASSEMBLEIAS PROVINCIAIS. Província Brasil Sul dos Missionários Combonianos. São Paulo – 1955-2004.

ATAS DOS CONSELHOS PROVINCIAIS. Província Brasil Sul dos Missionários Combonianos. São Paulo – 1970 – 2006.

NOTICIÁRIO Boletim Provincial Província Brasil Sul. São Paulo, 1981.

FURBETTA, Carlos. **História dos Combonianos no Brasil**.- s.d. (mimeografado).

**RATIO Fundamentalibus Institutionis et Studiorum**. Princípios e normas. Roma [s.n.] 1991.

### DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO UNIVERSAL DA IGREJA

COMPÊNDIO DO VATICANO II. **Decreto Ad Gentes**. Petrópolis: Vozes, 1967.

\_\_\_\_\_. **Constituição Dogmática Lumen Gentium**. Petrópolis: Vozes, 1967.

PAULO VI. **Evangelii Nuntiandi**. São Paulo: Loyola, 1976.

JOÃO PAULO II. **Redemptoris Missio**. São Paulo: Paulinas, 1991.

JOÃO PAULO II. **Novo Millennio Ineunte**. São Paulo: Paulus e Loyola, 2001.

CELAM, **Conclusões da Conferência de Medellín**. 6.ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

CELAM, **Conclusões da Conferência de Puebla**. Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 1979.

CELAM, **Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino Americano de Santo Domingo**. Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 1992.

CELAM, **Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. 2. ed. Brasília: CNBB, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Testemunhar a fé viva em pureza e unidade**. Doc. 1. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1976.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil 1975/1978**. Doc. 4. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1975.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Exigências Cristãs para uma ordem política**. Doc. 10. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil 1979/1982**. Doc. 15. São Paulo: Paulinas [s.d].

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil**. Doc. 25. São Paulo: Paulinas, 1982.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil 1983/1986**. Doc. 28. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Nordeste: Desafio à missão da Igreja no Brasil**. Doc. 31. São Paulo: Paulinas, 1984.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Carta aos agentes de pastoral e às comunidades**. Doc. 33. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1986.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil 1987-1990**. Doc. 38. São Paulo: Paulinas, 1987.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Igreja: Comunhão e missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura**. Doc. 40. São Paulo: Paulinas, 1988.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil 1991-1994**. Doc. 45. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 1995-1998**. Doc. 54. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 1995.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 1999-2002**. Doc. 61. São Paulo: Paulinas, 1999.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas**. Doc. 62. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1999.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Brasil 500 anos diálogo e esperança**. Doc. 65. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Olhando para a frente. O projeto “ser Igreja no Novo Milênio”**. Doc. 66. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Projeto nacional de evangelização (2004-2007). Queremos ver Jesus – caminho, verdade e vida.** Doc. 72. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Evangelização e missão profética da Igreja. Novos desafios.** Doc. 80. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

## **BIBLIOGRAFIA (LIVROS)**

BALLESTRERO, Anastásio. **La vita missionária.** Bologna: Sermis, 1988.

BARTH, Günther. **Evangelização no Brasil Hoje.** São Paulo: Cedi, 1992.

BIBLIA: **A Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 1980.

BOSCH, David J. **Missão Transformadora. Mudanças de paradigma na teologia da Missão.** São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BUTERA, Luis. **A força de um ideal.** 5. ed. Lisboa: Além-mar, 1995.

BRANDÃO, Carlos; et al. **Inculturação e Libertação.** São Paulo: Paulinas, 1986.

CASTRO QUIROGA, Luis Augusto. **Didactica misionera.** Bogotá: Paulinas, 1991.

CASTRO QUIROGA, Luis Augusto. **Invito alla Missione.** Bologna: Emi, 1987.

CHIOCCHETTA, Pietro; et al. **Daniele Comboni: Contemporaneo dell'avvenire.** Verona: Nova Stampa, 1991.

COPPI, Paulo de. **Por uma Igreja toda missionária. Breve curso de missiologia.** São Paulo: Paulus, 1994.

COPPI, Paulo de. **Caminhos da Missão.** São Paulo: Mundo e Missão, 2003.

COSTA, Alcides. Ezequiel Ramin uma vida doada aos pobres. **Missão Sem Fronteiras.** São Paulo: Julho, 2005.

DONDERS, Joseph. **Evangelizar ou colonizar? Experiência africana de Jesus.** São Paulo: Paulinas, 1985.

FRANZELLI, Giuseppe. **Mondo Comboniano.** Bologna: Emi, 2004.

GALILEA, Segundo. **La responsabilidad misionera de América Latina.** México: Misiones culturales de B. C.[s.d.].

GALILEA, Segundo. **A inserção na vida de Jesus e na missão.** São Paulo: Paulinas, 1992.

GILLI, Aldo. **História do Instituto Missionário Comboniano.** Lisboa: Além-mar, 2001.

GONZALEZ, Fidel. **Comboni en el corazon de la mision africana.** Madrid: Mundo Negro, 1993.

JENKINSON, William; O'SULLIVAN, Helene. **Trends in Mission.** New York: Orbis books, 1991.

- KLOPPENBURG, Boaventura. **Para uma nova evangelização**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- LEGRAND, Lucien. **Il Dio che viene. La missione nella Bibbia**. Roma: Borla, 1989.
- LIBANIO, João Batista et al. **América Latina 500 anos de evangelização**. São Paulo: Paulinas, 1990.
- LIBANIO, João Batista. **Olhando para o futuro: Prospectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina**. São Paulo: Loyola, 2003.
- LOZANO, Juan Manuel. **Cristo é anche Nero. La spiritualità di Daniele Comboni**. Bologna: Emi, 1988.
- MARINS, José; TREVISAN, Teolide; CHANONA, Carolee. **América Latina missionária sair ou ficar?** Bologna: Emi, 1985.
- MASSERDOTTI, Franco. **Meditações de espiritualidade missionária**. São Paulo: Recado, 1987.
- MASSERDOTTI, Franco. **Missionários do Reino**. Lisboa: Além-mar, 1992.
- MASSERDOTTI, Franco. **A Missão a serviço do Reino**. São Paulo: Paulus, 1996.
- MASSON, Joseph. **La missione continua**. Bologna: Emi, 1975.
- MESTERS, Carlos. **Eclesialidade e Missão**. Rio de Janeiro: Conferência dos Religiosos do Brasil. CRB, 1992.
- MIRANDA, Mario de França. **Inculturação da fé**. São Paulo: Loyola, 2001.
- MUNARI, João. **O dinheiro na missão**. (mimeografado), 2006.
- OBRAS MISIONALES PONTIFICIAS DE ESPANHA. **La misionologia hoy**. Buenos Aires: Ed. Guadalupe; Navarra: Ed. Verbo Divino, 1987.
- OBRAS PONTIFICIAS MISSIONÁRIAS DE PORTUGAL. **Temas de Evangelização**. Braga: Editorial Franciscana, 1979.
- OLIANA, Guido. **Contemplazione e missione in Daniele Comboni**. Roma: Biblioteca Comboniana, 1999.
- OS CAMINHOS da missão hoje**. (mimeografado), 2006.
- PALEARI, Giorgio. **Espiritualidade e Missão**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- PANAZZOLO, João. **Missão para todos. Introdução à missiologia**. São Paulo: Paulus, 2006.
- PIERLI, Francesco. **Come Eredi**. Verona: Nova Stampa, 1992.
- PIERLI, Francesco; RATTI, Maria Teresa. **Lo spirito effuso dal cuore**. Bologna: Emi, 1998.
- PROPOSTA de trabalho da Animação Missionária**. São Paulo. (mimeografado), 2005.
- RAMAZZOTTI, Bruno. **Comunità e missione**. Bologna: Emi, 1978.
- REVER a Missão renovando-nos a nós mesmos: Síntese da primeira etapa do processo da Ratio Missionis**. Roma: (mimeografado), 2007.
- SANTANGELO, Enzo. **Daniel Comboni Corajoso & Provocador**. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carroll. **Os fundamentos bíblicos da missão**. São Paulo: Paulinas, 1987.

## ARTIGOS DA INTERNET

BETTSCHEIDER, Heribert; FERNANDES, Jorge. **A revolução na Missão**. Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/imprimir.asp?noticiaid=37427> Acesso em: 18 junho 2007, 16:55.

Biografia de Daniel Comboni. Disponível em: <http://www.combonianos.org.br/index.php?refmenu=12&pag=244> Acesso em: 31 dezembro 2006, 20:03.

BOFF, Clodovis. **A originalidade histórica de Medellín**. Disponível em: <http://www.sedos.org/spanish/boff.html> Acesso em: 16 junho 2007, 22:30.

La sorgente di una vocazione missionária Disponível em: <http://comboni.org/index.php?Lingua=IT&ca=10121&CodNews=100017&s=1> Acesso em: 18 dezembro 2006, 10:40.

Le radice di una vocazione missionaria. Disponível em: <http://comboni.org/index.php?Lingua=IT&ca=10121&CodNews=100015&s=1> Acesso em: 18 dezembro 2006, 10:15.

SANTOS, Benedito Beni dos. **Discípulos e missionários de Jesus**. Disponível em: [http://www.cnbb.org.br/documento\\_geral/DiscipulosMissionariosJC.doc](http://www.cnbb.org.br/documento_geral/DiscipulosMissionariosJC.doc) Acesso em: 25 abril 2007, 12:20.

SUESS, Paulo. **Contexto e texto do Decreto “Ad Gentes” revisitado 40 anos depois de sua promulgação**. Disponível em: <http://www.cimi.org.br/?system=news&action=read&id=1682&eid=370> Acesso em: 19 junho 2007, 16:41.

TESCAROLI, CIRILLO. **San Daniele Comboni**. Disponível em: <http://comboni.org/cont/PT/10220/100940> Acesso em: 18 dezembro 2006, 10:45.

CENFI: Centro Cultural Missionário. Disponível em: [http://www.ccm.org.br/depar\\_cenfi.html](http://www.ccm.org.br/depar_cenfi.html) acesso em: 26 setembro 2007, 16:30.

## ANEXOS

O intuito deste trabalho é analisar a prática missionária dos missionários combonianos na província Brasil Sul, os entraves e as luzes para o futuro. No primeiro capítulo tentou-se registrar alguns aspectos do carisma comboniano bem como certos eventos históricos do trabalho dos combonianos na província. As fontes de pesquisa são as atas das assembleias provinciais, dos conselhos provinciais e das correspondências entre a direção geral do instituto em Roma e o provincial no Brasil, ou seja, são fontes oficiais. No entanto, para aprofundar mais o trabalho optou-se também em ouvir os protagonistas da missão comboniana; isto é, os próprios missionários que atuam aqui na província. Por isso foi feita uma série de entrevistas procurando contemplar todas as forças do grupo, no que diz respeito a idade, nacionalidade e também à diversidade de linhas de trabalho. Esses 15 combonianos entrevistados podem ser considerados um espelho de todo o grupo.

A todos foi feita a mesma pergunta: ‘Qual é o teu conceito de missão?’ É, propositalmente, uma questão aberta onde cada entrevistado teve a liberdade de falar muito ou pouco, de ser conciso ou desenvolver mais suas idéias. Isto se evidencia ao ver a extensão de cada depoimento. Quase todas as entrevistas foram gravadas favorecendo assim a espontaneidade e a naturalidade de cada resposta. Se fosse escrita, quem sabe o missionário iria antes pesquisar e encontrar uma definição mais exata e teórica de missão, conseqüentemente, menos pessoal. A idéia é, justamente, deixar o comboniano falar aquilo que sente e que entende sobre o tema indagado. Por isso mesmo, pode-se notar claramente na linguagem, que as entrevistas são marcadas por um linguajar coloquial, português falado, mais do que acadêmico. Lendo as respostas de cada um constata-se essa diversidade conceitual que gera, inevitavelmente, a uma ação pastoral diversificada.

## ENTREVISTAS

### ENTREVISTA I

*NOME: Pe. José Simionato, italiano, com 83 anos de idade, 58 anos de sacerdócio, um dos primeiros combonianos que chegou no Brasil (1955). Entrevistado dia 20 de março de 2007.*

Quando estava me preparando para ser missionário sonhava com a África e quando me ordenei, o padre superior me disse: Você vai para Portugal e depois para o Brasil. Entrei em crise. Mas eu disse: Bom! Eu vou para o Brasil, o Brasil me seduziu, gostei da história, dos brasileiros, tanto que em pouco tempo nem lembrei mais da África. Hoje depois de 50 anos de Brasil, eu gostaria de ter feito uma outra experiência em outra cultura, [...] e isto seria enriquecedor para mim.

Quando cheguei aqui o conceito de missão que nos ensinaram nos dava a impressão que íamos montar uma coisa nova para os brasileiros que não tinham nada e que nós tínhamos tudo. Vínhamos com a idéia de trazer, de ensinar, porque nós tínhamos a experiência de paróquia e de diocese. Eu lembro que um italiano disse: ‘Agora sim temos uma paróquia organizada como uma européia’. Viemos com a mentalidade de montar seminários, fazer filhotes combonianos. No começo achei que era bonito, ajudei a construir o seminário de Ibirapu, São Mateus. Nos primeiros anos eu participei deste projeto, mas, passado pouquíssimos anos, percebi que não era por aí, que nós estávamos iludidos. Eu briguei com alguns companheiros porque não estavam assumindo, não se deixavam permear por valores que estavam aí nos questionando.

Ainda nos anos 70 quando nos deparamos que éramos vários grupos: os pastoralistas, formadores, animação missionária. [...] Animação missionária só pode ser nas paróquias, fazer uma equipe desligada da vivência da pastoral é bobagem. Cada um na sua paróquia devia trabalhar a animação missionária a partir da pastoral. Fomos colocados em minoria, fomos colocados de lado. Primeiro a formação, e depois animação missionária. O provincial escolhia os melhores para a formação e animação missionária. O resto era a infantaria para a pastoral [...]. E nunca se pensou que cada diocese faz a sua pastoral. Hoje essa dicotomia é briga. Animação missionária para um lado e a vivência com o povo nas paróquias para outro.

Eu briguei e apanhei muito, especialmente em Rondônia, porque o pároco que assume uma paróquia fica desligado dos movimentos populares: CPT, MST, pastoral

Indígena, porque o próprio provincial fechou as portas sociais. Ele disse que perdemos colegas e vamos parar com esse negócio de pastoral indígena, por exemplo, vamos parar porque estamos perdendo. Apesar disso, um grupinho, nós continuamos com isso, mas apanhando. Ajudando a organizar sindicato, associação, pastoral indignista, pastoral da terra.

No grupo comboniano tem diversidade de conceitos de missão e isso atrapalha [...]. Eu me identifico com bastante gente, mas também não me identifico com bastante gente (combonianos). Converso muito com João Pedro, Luciano, Benigna, dá para conversar [...] tem alguns que eu não converso, não tem como, ou é para brigar ou para defender posições e isso é perigoso.

## **ENTREVISTA II**

*NOME: Pe. Luigi Andriollo, italiano, com 68 anos de idade, 43 anos de sacerdócio, chegou no Brasil em 1972. Entrevistado dia 20 de Agosto de 2007.*

Para fazer missão hoje, temos que ser como os profetas, fazer análise da realidade, ser analistas de conjuntura. Não pode haver mais missionários de escritório. De hoje em diante só podemos ser missionários de verdade se formos pessoas que são informadas e conhecem a realidade. Caminham com o povo e no meio do povo e conhecem as necessidades do povo, como os profetas.

Para fazer missão, temos que entrar na realidade e ver as causas das injustiças e do sofrimento do povo. Sem isso, não podemos fazer missão. Aliás, sem ver as causas da injustiça em qualquer pastoral, qualquer retiro, etc. Estamos fazendo o jogo do sistema, colaborando e fazendo o interesse do sistema dominante que causa injustiça e sofrimento.

A missão não é neutra. Ou ela apóia um sistema ou apóia um outro sistema. É preciso em nosso trabalho missionário ajudar o povo a refletir sobre isto. E depois substituir o objetivo da missão que não pode ser a Igreja, mas é o Reino.

A este propósito é bom ler ou reler Comblin no artigo que ele escreveu na REB de novembro e, sobretudo no último artigo, na análise que ele faz do Documento de Aparecida (sobre o papel dos leigos). Não somente ler, mas estudar o Documento do V Celam! Em nossas pastorais, cursos e assembléias não vemos as causas, não

aprofundamos as causas. Não fazemos como os médicos que primeiro estudam a realidade, fazem o diagnóstico, estudam as causas das doenças e só depois aplicam remédios eficazes. Aplicamos remédios, mas não são eficazes, porque não estudamos as relações que regem a sociedade de hoje que são relações capital-trabalho.

Devemos ajudar a província: primeiro a ter um projeto de missão. Antes a Comissão de Justiça e Paz era o pano de fundo, o eixo da missão, agora viraram cinco prioridades, isto é, não tem nenhuma prioridade.

O documento de Aparecida nos propõe uma inversão radical do projeto de missão. De acordo com este projeto, tudo (formação, pastoral, retiros, cursos, assembleias, governo, etc.) vai ser orientado para este novo projeto de missão, em que a promoção da justiça deve ser o eixo e a parte constitutiva e integrante da Missão (n. 5 da encíclica Octogésima Adveniens).

### **ENTREVISTA III**

*NOME: Pe. Alessandro Garbagnati, italiano, com 53 anos de idade, 26 anos de sacerdócio, estudou teologia no Brasil no ano de 1977 a 1981, trabalhou dez anos na Itália e os demais no Brasil. Entrevistado dia 20 de Agosto de 2007.*

A missão é o anúncio do Evangelho, sempre renovado, sempre novo. Desde que o Evangelho foi escrito nunca deixou de ser fecundo e de inspirar nos ouvintes e nos praticantes novas interpretações, novas idéias. Para usar uma imagem dos santos padres da Igreja, eles diziam assim: Quando você tira a água de uma fonte, a água sempre é água, mas se a fonte for uma fonte de água viva e não um poço, a água que você pega hoje, não será a água de amanhã. E a água que você pegar amanhã não será a mesma que você pegar depois de amanhã. Isto é, a fonte sempre é a mesma, mas a água é sempre nova. Se o anúncio do Evangelho que dizer a promoção da vida em todos os sentidos, missão é a procura da vida sobretudo aonde a vida é mais pisada, mais frustrada, aonde acontece todas essas coisas que machucam e maltratam a vida.

Para retomar o discurso de Jesus, eu vim para que todos tenham vida e vida plena. Portanto, missão pode ser entendida no sentido estritamente religioso, mas pode ser entendida como tudo aquilo que diz respeito a promoção da vida. É interessante

notar que, se de verdade, além do sentido figurado e poético, de Mateus 25 do juízo universal; nós seremos julgados não pela religião, mas seremos julgados pela maneira que a gente tiver promovido a vida ou não. Então missão é um pouquinho tudo isso daí, com todas as suas nuances, com todas as suas características, com todos estes rios que carregam água para esse grande mar que é a missão. Eu acho que no fundo no fundo ainda não foi esgotado a riqueza de sentido e de conteúdo daquilo que é a missão.[...].

O anúncio do evangelho não se restringe apenas à pregação. Porque pregar sem fazer é tudo outra coisa. O que entra em jogo é o nosso testemunho, nosso estilo de vida, o nosso modo de encarar a missão que nós anunciamos e considerando em última análise tudo aquilo que diz respeito à missão. O tempo da cristandade já terminou, onde a Igreja dizia uma palavra e fim de conversa. Graças a Deus estamos voltando ao tempo da minoria aonde quem quer de verdade se mostrar cristão seja de fato sabendo que a maioria será tudo o contrário. Não por nada Jesus chamou o reino de sal da terra e luz do mundo. O sal dentro da comida é sempre minoria, mas é esse sal que dá gosto, dá sabor, dá significado a todo o resto. Então longe de uma idéia conquistadora, triunfalista da missão, essa missão seja um trabalho profundo e fecundo de minoria. Essa minoria conscientizada, esclarecida e apaixonada pelo Reino, por Jesus Cristo; ou sem chamar diretamente o aspecto religioso, apaixonada pela vida; preocupada eticamente com o bem dos outros, onde a vida é pisada, essa pequena minoria, esse sal da terra será o que dá sentido a tudo quanto é obra da Igreja e fora da igreja, entidades, associações que não pertencem diretamente à Igreja, mas que promovem o evangelho. Isso também é missão.

A nossa é especificamente de cunho religioso; aquelas outras, em nome da solidariedade, em nome da antropologia, de qualquer outra razão, mas isso não tira que seja missão também aquela. Aí podemos entrar no discurso de Igreja diálogo com outras entidades que promovem a vida sem pertencer necessariamente e exclusivamente à igreja. Sabemos individuar, descobrir essas pessoas, essas entidades e grupos com os quais nós podemos criar parceria e ajudar no trabalho para ser melhor e aliviar o sofrimento de muita gente. Porque o centro da questão não é discutir o que é missão, o centro da coisa é arregaçar as mangas e trabalhar para aqueles que mais sofrem.

#### **ENTREVISTA IV**

*NOME: Pe. José Narduolo, italiano, com 71 anos de idade, 45 anos de sacerdócio, trabalhou sete anos na África e 37 anos no Brasil. Entrevistado dia 16 de fevereiro de 2007.*

Quando entrei no seminário tinha em mente uma missão: ir levar a fé aos povos [...]. Este setor de conversão aos infiéis nós não promovemos. Isto para mim é uma frustração enorme. Se eu não estivesse fazendo isso (a Obra do Cenáculo), com certeza eu iria fazer.

Eu quero que todo o nosso povo com quem nós entremos em contato cresça e assuma a missão universal.

O nosso povo que reza e ajuda os missionários, o que você quer mais? Depois as dioceses fazem os projetos delas, tudo bem! Mas que as pessoas rezem uma ou duas vezes por mês e ajuntem um dinheirinho para enviar aos missionários brasileiros lá fora.

O trabalho diferente, na diversidade pode ser complementar na teoria, mas às vezes na prática isso não funciona. Eu vejo que alguns só pensam em um aspecto da missão, por exemplo, na justiça e paz. Estes devem pensar também na missão universal. Não somente no nível da ajuda humanitária. Eles devem querer que a fé chegue ao mundo inteiro. Ele (o cristão) não irá lá, pois deve trabalhar todos os dias, mas deverá dar sinais que está ligado nesta missão. O coração das pessoas deve ser universal.

Qual é a necessidade maior do que dizer: 'Pai eterno que outros te digam Pai'. Dobrar o joelho uma hora por mês [...].

No começo os bispos eram contra este trabalho, (obra dos cenáculos dos apóstolos), agora já começam a entender que por este meio os batizados tomam mais consciência e começam a empenhar-se mais. Isto na Igreja, a nível de bispos e isto é bom. Eu sei que é importante também fazer creches, mas será que ninguém de nós poderia fazer alguma coisa para ajudar nosso povo a assumir mais esta missão?

#### **ENTREVISTA V**

*NOME: Pe. José Amaral Boaventura, português, com 51 anos de idade, 23 anos de sacerdócio, estudou teologia no Brasil no ano de 1979 a 1984, trabalhou sete anos em Portugal e 16 anos no Brasil. Entrevistado dia 16 de fevereiro de 2007.*

Missão: a primeira idéia que me vem é sair. Missão é sair geograficamente, mas, sobretudo, sair de si mesmo; despojar-se de tantas coisas, inclusive da família, do seu país e de sua cultura. O sair tem um motivo, que vem do batismo que está fundamentado numa prática cristã de ir ao encontro do irmão para evangelizar, levar a Boa nova, para conviver juntos, para compartilhar esta mesma fé, este mesmo batismo recebido.

No início de minha vida missionária pensava mais em levar alguma coisa, com o passar do tempo, entendi a missão como um encontro, comunhão de pessoas, partilha de vida.[...]. A missão se realiza num lugar concreto. Por isso, toda a prática missionária deve levar em conta a realidade local em que se vive. No meu caso, que trabalhei na periferia de São Paulo, tive que ouvir o povo, ajudar a despertar lideranças, fazer junto com eles programas pastorais, com muito carinho e atenção. Tendo sempre a consciência de estar aí respondendo a um chamado. Não fui eu que quis vir aqui, estou dando minha resposta a um chamado divino. Senti-me enviado a trabalhar com estas pessoas, de fazer a experiência do crescimento da fé junto com estas pessoas, assumindo o propósito de caminhar junto com elas.

Hoje entendo também a missão como animação missionária. Ajudar aos cristãos a serem missionários também. Sinto hoje que falta muito entre os católicos esta consciência missionária. Por isso, nossa missão é ajudá-los a despertar o interesse para a missão, abrindo-se para a realidade do mundo, vendo os problemas e necessidades de outros povos também. Assim, existe uma missão que se concretiza em várias situações diferentes conforme a realidade concreta em que se vive.

A missão que recebemos no batismo é a mesma para todos, depois conforme a necessidade da comunidade, das pessoas, do momento, esta missão vai tomando características próprias. Por isso, é normal que haja diversidade de modos de ver e encarar a missão, como numa família, cada membro tem uma maneira diferente de ver a vida. Assim, no campo missionário podemos ter visões e práticas diferentes, no entanto, devemos colaborar na grande missão de Jesus Cristo, cada um do seu jeito, na diversidade dos carismas nos complementando um ao outro.

## ENTREVISTA VI

*NOME: Pe. Carlos Faggion, italiano, com 64 anos de idade, 38 anos de sacerdócio, trabalha no Brasil há 27 anos. Entrevistado dia 16 de fevereiro de 2007.*

A missão é gente enviada. O missionário deve tomar consciência que ele foi escolhido e enviado. Foi um preparado desde o seio materno para essa missão que Deus lhe deu e lhe escolheu. Eu sempre sinto isso vivíssimo, especialmente agora que faço uma retrospectiva de minha vida, eu estou vendo que tudo aquilo que estou vivendo agora, fazia parte de um plano de Deus de verdade. Ele me fez nascer numa família extremamente católica, cristã. Fui concebido numa alegria muito grande, recebi muito amor. Cresci numa paróquia com espírito missionário, lá tinham missionários combonianos [...]. A formação que tivemos foi muito boa, continuidade de formadores, linha única, uma certa uniformidade que me permitiu de interiorizar realmente os valores missionários, os valores religiosos e os valores espirituais. [...].

O projeto não é teu, é do pai, o missionário foi escolhido e preparado para isso. [...] A missão você não faz, você recebe e deve ser disponível, com generosidade e Deus te dá tudo.[...]. Eu vejo a missão como trabalho do espírito, é o espírito que te conduz. Você deve estar aberto ao espírito, mas os superiores também devem estar abertos. Também a doação é muito importante. Não é suficiente apenas boa vontade e a espiritualidade, mas é preciso hoje uma faceta de profissionalismo no modo de ser missionário para poder interagir com a sociedade, ter intervenções na Igreja como pastoral. Nós devemos ser mais científicos. Isto é, estar em contato com as grandes linhas de pensamento, com as grandes problemáticas. Portanto, você deve estudar, se informar e depois você deve tomar sua atitude consciente, você e não os outros. Você deve ser o autor de sua vida em base aos conhecimentos, a consciência e a luz. Não basta somente boa vontade. [...].

Eu acho uma falha muito grande quando a coordenação provincial ou diocesana te colocam em situações onde você não tem condições de viver sua missão. Em trabalhos onde você fica esgotado, estressado porque as incumbências são grandes [...] Portanto, deve-se dar condições para poder desenvolver bem a missão em uma comunidade que compartilha a mesma procura, que de coração procure realmente um estudo, uma identificação, um aprimoramento tanto a nível científico como espiritual. Se tem isso as coisas vão. Hoje eu acho que está faltando muito isso, nossa província se preocupa com isso em palavras, mas de fato não vai. Quantas vezes estamos insistindo,

por exemplo, em formação permanente: o que é que está sendo feito de verdade? Nossos retiros são uma lástima [...] Eu vejo que é muito importante haver na missão o discurso da espiritualidade e do profissionalismo. Fazendo assim, ninguém vai se estressar, vai ter um equilíbrio, não vai desanimar porque sabe da complexidade dos problemas que tem. Não vai se culpar se não consegue fazer tudo. Também as metas que se colocam não são impossíveis, justamente porque se dão conta da complexidade da intervenção que tem. Qualquer esforço que se faz com um pequeno resultado dá uma alegria muito grande e quando esta alegria é compartilhada ah! Que coisa bonita. É aí que eu vejo a comunidade de apóstolos.

A comunidade de apóstolos não é identificação eu com o outro, é tão bonito a diversidade, um se encontrando com o outro na busca e não da defesa, na busca e no amor. Outro problema que vejo hoje na missão é o discurso afetivo. Somos todos carentes afetivos, recalcados, castrados, gente que não sabe amar, não sabe amar mesmo. Eu digo assim, porque uma coisa é a boa vizinhança muito exterior, muito cívico. Agora, quem de nós, falo da minha experiência, nunca encontrei uma pessoa para falar dos problemas pessoais e íntimos. É muito fácil a crítica entre nós e depois nós sentimos que muitas vezes nossos confrades estão falando mal disso, criticando o outro e então você pensa: depois ele vai falar mal de mim. Portanto, eu não tenho confiança [...]. Seria muito importante criar uma confiança, uma amizade de verdade, de coração e quanto tiver isso daí tudo bem. Eu vejo também que falhamos na formação, nas nossas comunidades. A missão deve ser vivida também com o coração, não é só ação, não é só luta, não é só oração, mas é também coração. Um relacionamento de amigo, onde você pode confiar.

## **ENTREVISTA VII**

*NOME: Pe. Roberto Sottara, italiano, com 58 anos de idade, 26 anos de sacerdócio, trabalha no Brasil há 15 anos. Entrevistado dia 16 de fevereiro de 2007.*

Missão é tentar formar o Reino de Deus, Jesus não veio implantar a Igreja e sim o Reino de Deus. Ele não veio implantar uma Igreja católica ou Cristã, mas implantar o Reino de Deus. Por isso nossa tarefa é implantar neste mundo o Reino, reino de justiça, de paz, de fraternidade, de partilha, de igualdade, enfim para que todos os direitos humanos sejam respeitados. Por isso que a missão tem que olhar o mundo inteiro, uma

visão global, para que todos os direitos humanos sejam respeitados no mundo todo. Acho que Jesus queria isso.

Para mim existe uma só missão. O Reino de Deus é um, não existe vários Reinos de Deus. Cada missionário tem seus próprios interesses. Segundo a bíblia, a Palavra de Deus, Jesus veio implantar o Reino de Deus, e não parece que sejam vários e sim um. Porém com vários ângulos. Uns dão mais atenção ao lado da justiça, outros dos direitos humanos, outros pela partilha, direitos iguais, outros pelos negros, índios, sem terra, etc. estes são apenas ramos, partes do Reino de Deus que Jesus veio implantar. Depois tem o perigo de cada um olhar pelos próprios interesses, que de um lado pode ser bom que haja vários caminhos, se tudo mundo lutasse apenas por uma coisa não teria sentido, são vários os caminhos que levam a implementação do reino de Deus.

Eu acho importante que hajam pensamentos diferentes, isto na teoria, mas na prática se deveria encontrar um caminho mais ou menos em conjunto para que um missionário não lute contra o outro; que suas idéias sobre o Reino sejam completamente contrárias, mas que um ajude o outro a ampliar, a entender sempre melhor o que é o Reino de Deus, neste sentido é preciso que haja idéias diferentes, as vezes até um pouco contraditórias, mas na prática deveria nos levar a um consenso; o objetivo, a visão deveria ser a mesma, mas como atingir esta visão comum se tem caminhos diferentes? Jesus teve uma visão bem ampla e Ele teve que achar pessoas que o seguissem, e estes não pensavam do mesmo jeito, devido a diversidade de cada um deles, existindo até mesmo contradições entre eles como S. Pedro e S. Paulo. Houve até brigas por causa disso; e às vezes são necessárias estas brigas para chegarmos a entendermos este objetivo, esta visão.

O que há entre nós missionários há também entre o povo, ou seja, esta diversidade. Você não pode dizer que todo o povo pensa nesta dimensão libertadora. Entre eles há vários movimentos; em cada paróquia há os movimentos carismáticos, outros mais extremistas na linha da teologia da libertação. Os dois lados são necessários, o importante é ter um caminho, um lugar para sentar onde pensar e discutir o que vamos fazer em conjunto. Eu penso que os dois lados querem o bem para o povo, para o mundo, o bem para a saúde, para a paz. Podemos dizer que há caminhos diferentes para alcançar isso, mas como conseguir caminhar juntos, este que é o desafio e isto que é importante. Não é tirando alguém que você muda a situação, e sim conversando, dialogando. Missão justamente é este caminho de oração e de diálogo,

mas também da ação. Em todos os níveis, social, político, econômico, eclesial existe estas divergências, mas o objetivo deveria ser claro, a visão deveria ser clara, neste caso a missão de Jesus Cristo. Penso que não há dúvidas sobre qual é a missão que Jesus queria implantar, mas como atingi-la, como chegar lá, penso que há muitos caminhos e as vezes não são fáceis de diálogo, de compreensão, de luta apesar das divergências que há em cada um de nós.

### **ENTREVISTA VIII**

*NOME: Pe. Sandoval Luis Dutra da Luz, brasileiro, com 40 anos de idade, 10 anos de sacerdócio, estudou teologia em Roma, trabalhou no México por 6 anos e 4 anos no Brasil. Entrevistado dia 26 de Setembro de 2007.*

Missão para mim é: Depois desses dez anos de ordenação e vida missionária dentro e fora do Brasil, (fora tanto na Itália enquanto estudante e no México enquanto sacerdote); descobri que missão é mais do que um conceito, é mais do que uma teoria, é sobretudo partilha do amor de Deus que a gente conhece, do amor de Deus que é misericórdia e que sem dúvida tem que ser divulgado e anunciado a todas as pessoas. Porque, mesmo sendo uma verdade universal, nem sempre é aceita e vivida. Então eu acredito que um dos aspectos da missão é esse: anunciar o amor misericordioso de Deus que não quer o sofrimento das pessoas, no caso seus filhos e filhas, mas que possam viver intensamente mesmo diante de tanta miséria, de tanta pobreza espiritual e material; mas poder viver essa misericórdia intensamente na paz interior.

### **ENTREVISTA IX**

*NOME: Pe. Luis Consonni, italiano, 64 anos de idade, 33 anos de sacerdócio, trabalha no Brasil há 16 anos. Entrevistado dia 30 de Maio de 2007.*

Estou convencido que a dinâmica da morte e ressurreição de Cristo é a dinâmica de toda existência bem sucedida, intrínseca em toda cultura. Portanto, do meu ponto de vista, a missão é caminhar humildemente com pessoas de outras culturas, de outros povos, para nos tornar testemunhas e divulgadores da experiência mística do Deus Trindade oferecido pela dinâmica mesma. Assim, a missão, é resposta à exigência de subjetividade, ou seja, do respeito e realização da pessoa na própria identidade cultural

(identidade sempre dinâmica, evolutiva e não estática) e participe daquela unidade e comunhão universal que configura, de maneira contingente porque histórica, a realidade última e definitiva do Reino de Deus.

## **ENTREVISTA X**

*NOME: Pe. Renato Lanfranchi, italiano, 51 anos de idade, 24 anos de sacerdócio, estudou teologia em Chicago, e trabalha no Brasil há 17 anos. Entrevistado dia 30 de Agosto de 2007.*

A minha idéia de missão é muito na perspectiva da construção do Reino de Deus. Eu vejo a categoria do Reino de Deus, assim como a temos nos evangelhos, como a chave para entender a missão. Assim como Jesus veio para anunciar o Reino, instaurar, começar o Reino de Deus, que foi o foco principal da sua pregação. Assim eu acho que ainda a Igreja, e nós missionários, temos essa grande tarefa de promover o Reino de Deus. O que é que isso? Quando os combonianos nos anos 80 fizeram um capítulo e se falou dos valores do Reino, foi quando os combonianos se aproximaram mais dessa idéia. Eu gostava bastante porque era muito inspirado na Evangelii Nuntiandi, depois do Concílio, obviamente, e já com o documento da EN muito aberto sobre a missão, o diálogo, a missão como diálogo, o encontro entre as culturas, como fermento na sociedade, fermento diante de todas as realidades humanas e até política, cultura, religiões; etc. Um conceito muito fértil e os combonianos falaram dos valores do Reino: a justiça, a paz, a fraternidade, a partilha, a solidariedade, o direito humano.

Então esses valores do Reino são realmente o objetivo da missão. Eu vejo a missão nesse sentido. Se o objetivo da missão é salvar as almas eu acho que Jesus não precisava se encarnar. Se Jesus, o filho de Deus, se encarnou na realidade humana é porque a realidade humana tem valor em si, tem valor muito grande, a vida humana, a realidade na terra, o mundo aqui que Deus nos deu, tem valor. Então é aqui que tem um projeto para construir, é aqui que tem um desafio de transformar essa realidade em uma realidade como Deus a deseja. Antes que pensar numa salvação eterna, numa salvação depois da morte, uma salvação além dessa vida, dessa realidade física e humana.

Eu vejo a missão muito nesta perspectiva da construção do Reino de Deus; com uma dimensão profundamente religiosa e uma dimensão profundamente sócio-política que vão juntas. Sempre no Evangelho se fala que Jesus pregava a Palavra de Deus e

curava e expulsava os demônios. Essas duas atividades vinham sempre juntas: A Palavra e a ação. No texto chave de Lucas 4 também a mesma coisa: Eu vim para anunciar a boa nova aos pobres, que é uma boa nova de libertação aos pobres, e libertar os cativos, dar vista aos cegos, etc. anunciar o ano de graça. Essas duas dimensões do anúncio e da promoção humana, digamos assim para usar uma terminologia mais tradicional: o anúncio da boa notícia e também a promoção dos valores humanos na sociedade.

A missão deve atingir todas as dimensões da vida humana e da sociedade e todo o ser humano, não apenas a dimensão espiritual ou religiosa, mas todo o ser humano e todos os seres humanos. Então ali também entram as dimensões sociais, políticas, culturais. A missão toca todas essas dimensões e deve realmente levar o Evangelho como fermento em todas essas realidades. É um grande desafio, o horizonte primeiro da salvação e da missão é a terra, é o mundo, é a vida humana, é a humanidade que existe, é a eternidade, o além, a salvação da alma, tudo isso pertence a Deus e já está certo porque Jesus morreu na cruz por nós. Deus cuida disso, se nós aqui na terra colocamos em prática a sua palavra como insiste muito o evangelho.

Essa é minha perspectiva da missão. E hoje eu vejo que a missão se torna cada dia vez mais urgente, mais imprescindível, porque hoje tem toda a questão ambiental, toda a questão do aquecimento global, da natureza que está em perigo e que acrescenta à missão uma dimensão ecológica e universal que é questão de vida ou de morte, questão de sobrevivência mesmo da vida e da humanidade aqui na terra de forma muito concreta, não é brincadeira mais. Por que é uma questão de décadas que temos pela frente para reverter o quadro ou acabar prejudicando as possibilidades de sobrevivência. O horizonte ecológico é uma dimensão importantíssima da missão além das tradicionais, dos cuidados com os pobres, sem esquecer da dimensão da oração, da celebração da palavra de Deus, do culto, da liturgia, de tudo o que é mais dimensão intra-ecclesial e religiosa. A dimensão social que sempre foi presente numa perspectiva bem política de transformação da realidade, não apenas de caridade. Gosta-se muito de falar de caridade, mas não muito de falar transformação política. Hoje se acrescenta esse desafio da ecologia e outro desafio é do diálogo com as religiões e com as culturas. Certamente os missionários somos a dianteira da Igreja, a primeira linha da Igreja, nesse diálogo, nesse encontro com o diferente, com quem é de outro caminho para Deus, com quem é de outra cultura.

A grande tarefa de criar o entendimento, a paz e o encontro humano ao redor de valores que são comuns e tarefas que são comuns de todos nós a partir cada um de sua tradição religiosa, do seu conhecimento de Deus, de sua experiência de fé. Isto também é missão! Certamente não entendo a missão nos moldes tradicionais de salvar as pessoas introduzindo-as na Igreja. A Igreja é mais fermento, para mim, do que sociedade ou massa que tem que ser onipresente e incluir a todos. Hoje não vai haver mais possibilidade de incluir todos, de que todos se tornem iguais a nós. Isto hoje não existe mais! Hoje o desafio, realmente é conviver nas diferenças não ser todos iguais mas, ser todos irmãos na diferença de cada um.

## **ENTREVISTA XI**

*NOME: Pe. Bruno Nzigiye, ugandês, 38 anos de idade, 8 anos de sacerdócio, estudou teologia em São Paulo e trabalha no Brasil há 8 anos. Entrevistado dia 30 de Agosto de 2007.*

A missão pode ser vista a partir de três elementos, de três pontos: Primeiro: A missão é abertura ao diferente, ao outro. O segundo elemento, a missão deve ser vista como abertura ao universal, esta universalidade da Igreja, missão da Igreja, missão de todos os cristãos, daqueles que são missionários é a abertura ao universal. O terceiro elemento é o serviço à Igreja local. Isto eu entendo a partir da minha experiência. Pelo fato de que eu que venho de uma Igreja que tem uma história, uma eclesiologia e estou a serviço da Igreja local.

## **ENTREVISTA XII**

*NOME: Irmão Matias Martins dos Santos, português, 71 anos de idade, 47 anos de profissão religiosa, trabalhou em Moçambique e no Peru e trabalha no Brasil há 8 anos. Entrevistado dia 30 de Agosto de 2007.*

Missão é anunciar o evangelho. Quando me fiz missionário foi para anunciar o Evangelho, com o testemunho, com o trabalho, com minha doação ao povo ao qual sou enviado.

### ENTREVISTA XIII

*NOME: Pe. Remo Mariani, italiano, 68 anos de idade, 38 anos de sacerdócio, trabalha no Brasil há 25 anos. Entrevistado dia 30 de Agosto de 2007.*

Missão é continuar o trabalho de Cristo. [...] A história da missiologia varia nos tempos, porém no final é divulgar na humanidade o projeto de Cristo e tentar de realizá-lo que é o envio do pai na pericorese no amor eterno que se torna humano. “Como o pai me amou também eu vos amei, amem-se uns aos outros como eu vos amei”. No final a missão é este amor da santíssima trindade que torna possível na humanidade por meio de Cristo. Este amor que é o projeto de Deus, uma humanidade na fraternidade, na solidariedade, na paz. É ir ao encontro do outro, ajudar o outro, quer dizer, descobrir no outro este reino que já acontece, porque não é ensinar.

Masserdotti dizia uma coisa muito bonita: cheguei no Brasil pensando que ia trazer o Cristo, mas depois descobrir que ele já me esperava no Rio de Janeiro de braços abertos. Descobri o Cristo, o espírito que já trabalha nas estruturas, nas pessoas da humanidade, ajudar o outro a descobrir que o Reino de Deus já está presente nele e valorizar esse reino de Deus, esta é a missão. [...]. A missão não é mais territorial, mas frente missionária. [...].

Existem vários conceitos de missão porque existem diferentes visões de Igreja em nossas paróquias: a piramidal, a comunidade fechada e aquela fermento do Reino. [...].

Eu não me preocupo com as conseqüências e sim procurar as causas, e as causas estão nas idéias, na mentalidade errada, uma idéia errada, produz sempre uma conseqüência errada que o cara nem percebe e até defende porque está convencido que aquela idéia está certa. Tem que voltar lá na raiz do problema que é a visão que ele tem de Cristo: um Cristo *light*, um Cristo libertador; uma Igreja fechada ou uma Igreja aberta ao Reino. Por exemplo, os carismáticos, não dá para brigar é ajudar a entender uma nova visão. A visão deles, infelizmente, é um pouco difícil para conciliar com a missão. [...].

O problema é que muitos combonianos se acostumaram a ser párocos e você fica pressionado pelas necessidades imediatas da pastoral: primeira comunhão, confissão, visitas aos doentes que não abrem horizontes, esse é o problema. Não tem maldade, mas

é um costume de pastoral que está sufocando nossos confrades, sobretudo aqueles que tem uma certa idade e não têm nem condições de uma mudança de idéia. [...].

A evangelização exige de viver o Evangelho hoje: O Evangelho hoje é feito de sinais. Não pode ter um animador, ou promotor que não tenha um sinal para mostrar, ou de si ou de outros combonianos, mas sempre nessa grande finalidade que é os valores evangélicos, que é abrir a Igreja local ao mundo, *ad gentes*, porque diz o documento da CNBB n. 40, diz que a missão *ad gentes* não é consequência de uma maturidade da Igreja local, aqui já está tudo certo então posso enviar, mas causa a maturidade na Igreja local. Então se eu quero que a Igreja local cresça eu tenho que trabalhar localmente, mas pensando globalmente; quer dizer, em uma ação social eu tenho que ajudar esse povo, essa Igreja local a ter uma visão mundial da missão e da ação de Deus, se não eu me fecho e só vejo meu pequeno mundo aí. É esse o perigo! Ou é englobante, ou não é evangelização.[...].

O perigo nosso é de roubar a glória de Deus, é nos colocar aí na frente como ideal, e o povo bate palmas, e o povo te elogia e você vê só a si mesmo; isso que é o perigo.[...], vamos aí promover a nós mesmos.

As obras sociais têm essa tentação: são coisas práticas que você vê. Na evangelização e a animação missionária você é o cara que semeia e não vê os frutos, hoje. Tem que ser mártir mesmo! Por isso que ninguém quer fazer animação missionária hoje.[...].

#### **ENTREVISTA XIV**

*NOME: Pe. Arturo Bonandi, italiano, 35 anos de idade, 7 anos de sacerdócio, estudou teologia na Inglaterra, trabalhou 4 anos no Peru e trabalha no Brasil há 3 anos. Entrevistado dia 30 de Agosto de 2007.*

Se eu tivesse que definir a missão eu definiria como a saída do meu mundo para um encontro com um outro mundo, com a finalidade de viver a mensagem evangélica. Isto tem que se traduzir numa disposição de escuta; em uma procura dos valores universais e também na escolha segundo a ótica dos oprimidos, dos excluídos, na escolha dos últimos. Porque para poder viver os valores contidos na experiência da vida de Jesus, que hoje a gente fala dos Evangelhos. Eu acho que a gente deve partir deste ponto de vista; sair de um mundo para um outro mundo, não é simplesmente um viajar;

é realmente adotar uma visão nova da vida, uma crítica nova com escolhas bem concretas e desafiadoras.

## **ENTREVISTA XV**

*NOME: Pe. João Munari, italiano, 57 anos de idade, 28 anos de sacerdócio, terminou os estudos teológicos em São Paulo e trabalha no Brasil há 27 anos e atualmente é o provincial dos combonianos da província Brasil Sul. No seu depoimento ele faz uma síntese do trabalho dos combonianos na província. Entrevistado dia 30 de Agosto de 2007.*

Um grupo veio expulso do Sudão com uma mentalidade diferente de missão que se falava aqui no Brasil. Outro grupo que já antes mesmo do Concílio Vaticano II já estava inquieto pedindo e lutando por reformas, mudanças radicais.

Estes dois grupos sempre tiveram muita dificuldade de conviver. Vivendo no mesmo momento e no mesmo local com perspectivas teológicas diferentes. Isto gerou conflitos no grupo e às vezes na mesma comunidade religiosa de três membros cada um ia por conta sua, com seus projetos pessoais.

Com a Renovação trazida pelo Vaticano II gerou crises de valores e perspectivas teológicas e nem todos puderam ou quiseram acompanhar estes novos ares. Outros o fizeram de maneira lenta, outros ainda se anteciparam ao concílio. Ou seja, o grupo era mesmo heterogêneo. O mais interessante é notar que praticamente todos eram italianos, formados nos mesmos seminários com os mesmos formadores.

Tinha no grupo integralistas de extrema direita e outros de extrema esquerda e no meio um grupo que atirava de todos os lados, sem muita clareza, mais teimosia do que convicção.

Se não bastasse esta crise ideológica e teológica o número de desistências crescia rapidamente, em poucos anos foram dezenas de confrades que por uma razão ou por outra deixavam os combonianos.

A grande dificuldade de construir um projeto comboniano. De um lado chutes de alguns, por outro, teimosia de outros, sem muita clareza e sem apoio dos superiores que na maioria das vezes estavam mais confusos que os próprios súditos.

Neste período tivemos de tudo, santos, profetas, reacionários e até mártir. Tínhamos também um bom grupo de combonianos ‘normais’ que ajudaram a construir a Igreja no seu trabalho pastoral, basta ver a diocese de São Mateus no Espírito Santo, a de Ji Paraná em Rondônia, etc.

Surgiu a discussão sobre por onde andar, enquanto alguns pensavam mais para a Amazônia, outros apostaram suas fichas nas periferias e começaram experiências na periferia de Vitória, depois em São Paulo.

Além desta discussão se deu também a idéia de abraçar o mundo indígena e os afros.

INDIOS: Porque chegaram pedidos aos combonianos para ajudar nesta causa, sobretudo depois de nossa ida a Rondônia. Já existia o CIMI, já existia um trabalho articulado em Rondônia. Portanto, acabaram entrando nesta causa por situações circunstanciais, estavam com eles e com eles fizeram causa comum.

NEGROS: Desde o começo os combonianos legitimaram sua vinda ao Brasil dizendo que nosso carisma é para a África, para os negros e como no Brasil tem muitos negros, portanto estamos no lugar certo. Trabalharemos com eles, com os afro descendentes. Isto é, desde o começo se falava muito sobre isso, mas somente nos anos setenta é que um grupo começou a articular este trabalho de forma concreta. E em 1980 teve a primeira abertura em Salvador (BA) para um trabalho específico com os negros. Nós demos uma contribuição neste campo, quando chegamos já tinha um trabalho sendo levado adiante e quando saímos este trabalho continuou indo para frente sem nós. Ou seja, não fomos os donos, os protagonistas [...]. Por isso não podemos dizer que não deu certo o trabalho com os negros, nem com os índios. Fizemos o que poderíamos ter feito.

Sem dúvida, os combonianos ajudaram em todos os lugares aonde foram a construir a Igreja, refletir e aprofundar algumas questões.

Nos anos noventa se deixa de falar de presenças específicas, mas é o momento em que todo o grupo parte para elas. Uns com os menores, outros numa linha aparentemente sócio-política, mas que na verdade é assistencial assistencialista. Restam nas estruturas tradicionais, paróquias, mas com estas novas atividades e acham que são missionários.

Estas perspectivas diferentes que sempre existiram no grupo muitas vezes vêm acompanhadas de problemáticas pessoais. O trabalho se manifesta como um carisma, mas na realidade por trás tem uma dificuldade, um problema não resolvido. O grupo está cheio disso. Isto pode ser visto numa perspectiva positiva, a capacidade de procurar encontrar respostas para os diferentes desafios, uma riqueza para o grupo, mas às vezes precisa recorrer a psicologia para entender certos entraves.

O problema dos combonianos é que faltou um projeto, e se houve não foi bem explicitado, ou então não foi assumido pelo grupo. Assim cada um foi montando o seu. A direção da província estava absorvida em resolver os projetos pessoais, fechar os buracos. O conselho tenta resolver os problemas e não consegue firmar projetos.

Antes o único que tinha projeto era pe. Rino que era de fundar a Igreja no norte do Espírito Santo, diocese de São Mateus, com uma base de apoio logístico no Sul, São Paulo. E depois seminários (Carlesi projeto dele).

Depois o projeto da província foi tentar compor os projetos pessoais. Um grupo insatisfeito com o andamento da província começou a fazer coisas, periferias, índios, negros, e a província tentou segurar e administrar tudo isso.

Perspectivas de futuro (para a província Brasil Sul): serão estruturas formativas e estruturas de animação missionária, ambas com ou sem paróquia. Mais duas ou três presenças missionárias na Amazônia.

Conceito de missão: Um estado de espírito que se manifesta em algumas atitudes práticas que são: mobilidade, provisoriedade, a capacidade de viver em situações de emergências, fora de estruturas, capacidade de começar de novo. É isto que é missão. É aquilo que nós deveríamos viver e ajudar a Igreja desenvolver para que ela possa assumir suas questões missionárias. Deveríamos ser a alma missionária da Igreja. Para mim não é lugar.

Dificuldades que entrava o trabalho:

1. Heranças históricas, estruturas, conceitos presos ao passado. Não podemos desfazer disso. Pessoas que nasceram, cresceram e trabalham até hoje com conceito pré-vaticano. São colegas nossos e tem direito de viver e trabalhar. As igrejas locais, os bispos e o povo esperam isso dos missionários. É um grande problema. O povo quer que nós façamos o que eles querem, e os bispos são a mesma coisa. Não existe muita liberdade de criatividade.

2. Estamos em mudança de época. Não temos clareza para onde estamos caminhando. Poucos sabem para onde está caminhando o mundo. Temos mais dúvidas que projetos. Vivemos numa época de transição.

3. As perguntas que nós nos fazemos. Não sei se são atuais, ou fazem parte do passado. Dá impressão que faço perguntas dos anos setenta. Às vezes somos saudosistas, gostaríamos voltar nos anos 70. Há uma confusão, dificuldades em trabalhar nesta época, quem sabe seja assim em todas as épocas. O problema de gerações sempre existiu, dificuldade de entender o mundo idem. As gerações jovens já vêm com outra mentalidade, outras perspectivas.